

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ROSELITA LOPES DE ALMEIDA FREITAS

NOTÍCIAS DO BANDEIRANTE

O Jornalismo de Rádio e TV na Bandeirantes

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ROSELITA LOPES DE ALMEIDA FREITAS

NOTÍCIAS DO BANDEIRANTE

O Jornalismo de Rádio e TV na Bandeirantes

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação como requisito parcial para obtenção do título de Doutora no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. José Coelho Sobrinho.

São Paulo

2008

São Paulo, _____

Orientador Prof. Dr. José Coelho Sobrinho

Banca Examinadora

EPÍGRAFE:

“Sou um liberal. Pela democracia, não pela baderna.
Pelo centro, em que o homem trabalha”.

João Saad

AGRADECIMENTOS:

Ao meu orientador Prof. Dr. José Coelho Sobrinho, pela oportunidade, apoio e orientação neste trabalho.

Às Instituições ESPM, CÁSPER LÍBERO e PUC, que me permitem o exercício da docência, apoiado por excelentes condições.

Ao Prof. e Pesquisador Milton Parron, coordenador do CEDOM, Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes.

À Nonô, filha de Saad, que muito se parece com o pai em humildade e competência.

Ao Dr. Ricardo Ares, por acreditar, se encantar e incentivar este projeto, que fala de seu grande amigo.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Sr. João Saad, que me inspirou para esta pesquisa.

E também:

- aos meus pais Florizia e José (*in memoriam*), que sempre me incentivaram a estudar e verdadeiramente se alegraram a cada conquista minha,
- a meu marido Maurício, e aos filhos Lucas e Victoria,
- aos meus sogros Yara e Toninho, sempre presentes.

RESUMO

A trajetória dos meios de comunicação no Brasil está intimamente ligada ao exercício da política e do poder. Quase todos, senão todos os empresários dos meios de comunicação nacional são políticos ou parentes muito próximos de políticos, e detêm empresas de rádio, televisão e jornais impressos em todo o território nacional.

Contrariando essa tendência, João Saad, não desenvolveu carreira política, nem se dedicou à mídia impressa. Ele que inicia sua carreira no ramo, como administrador de uma das empresas de seu sogro Adhemar de Barros – termina sua vida como um dos quatro maiores empresários de Comunicação do Brasil. Esta pesquisa é uma documentação histórica do jornalismo brasileiro veiculado pela empresa de Rádio e Televisão Bandeirantes, desenvolvida paralelamente a um perfil de João Saad, que segundo nossa hipótese, a partir de uma posição política apartidária, transitava pelos mais diferentes meios, inovando e apoiando formatos pioneiros de comunicação que geraram novos rumos para o rádio e telejornalismo brasileiro.

Palavras-chave: Radiojornalismo, Rádio, Rádio Bandeirantes, Televisão, TV Bandeirantes, Jornalismo, História, João Saad.

ABSTRACT

Means of communication in Brazil have taken a path that is closely linked to political and power relations. Virtually all national communication entrepreneurs – if not actually all of them – are politicians or their very close relatives – the owners of radio and television stations, as well as printed press enterprises throughout the national territory. Contrary to this trend, João Saad did not follow a political career, nor did he dedicate time to the printed media. He initiated his career in the field by administratively running one of his father-in-law's (Adhemar de Barros) companies, and towards the end of his life, he was one of the four greatest entrepreneurs in the communications area in Brazil. This research aims at historically documenting the Brazilian journalism promoted by the company known as *Rádio e Televisão Bandeirantes*, whilst, at the same time looks into João Saad's profile, considering that, according to our hypothesis, he ran this company by not adhering to any political party, and had means of access in a number of different areas, innovating and supporting communication pioneers – leading to new paths for both the radiojournalism and the telejournalism in Brazil.

Keywords: Radiojournalism, Radio, *Rádio Bandeirantes*, Television, *TV Bandeirantes* [Bandeirantes Broadcasting Association], TeleJournalism, History, João Saad.

Introdução

Os meios de comunicação sempre tiveram fundamental importância no desenrolar histórico, social e cultural do mundo. Com o Brasil não foi diferente. Desde o evento da transmissão radiofônica no centenário da independência do Brasil, em 1922, essa mídia eletrônica mostrou-se fortemente atraente aos políticos, intelectuais e artistas.

Das intenções educativas de Roquette Pinto e Henri Morrisse, o rádio passou por sistemas políticos e comerciais que mudaram seu perfil inicial, mas não deixou de ser igualmente importante, no que diz respeito à formação de opinião dos ouvintes. No começo do século passado, num país com alto índice de analfabetismo como o nosso, não foi de se estranhar que essa mídia ganhasse milhares de adeptos diariamente e, portanto, tenha se tornado alvo de manipulações políticas e foco para investimento comercial; tendo esse fenômeno também ocorrido com a TV.

Temos, ao longo do desenvolvimento de nossas mídias, homens como Paulo Machado de Carvalho, Victor Costa, Assis Chateaubriand, Roberto Marinho e tantos outros que tiveram grande importância nos acontecimentos passado recente do país. Dentre estes, escolhemos João Saad para este estudo, em primeiro lugar, porque Saad, com sua posição política pluralista, colaborou em termos de formato, linguagem e conteúdo com o processo de expansão e aprimoramento da transmissão de informação radiofônica e televisiva brasileira, participando, com suas empresas, de importantes momentos da história do país e, em segundo lugar, porque não existe até o momento, nenhum documento formal que aborde esse assunto..

Trabalhei na TV Bandeirantes, em São Paulo, de 1983 a 1987, e, depois, de 1996 a 2001, na TV Band Vale – em São José dos Campos. Durante esses períodos, todos nós, funcionários,

conhecíamos o presidente da empresa como “Seu” João e, fora algumas exceções que possam existir, todos nutriam por ele respeito, e não “medo”, como é comum na relação patrão-empregado.

A possibilidade para o desenvolvimento deste trabalho surgiu quando fizemos duas longas reportagens em vídeo com o Sr. João Saad para a TV Band Vale, uma em 1998 e outra em 1999, e deparamo-nos com um indivíduo extremamente bem sucedido profissional e comercialmente, mas que se mostrava muito humilde. Já idoso e acometido de câncer, mantinha ainda o vigor juvenil, daqueles que sonham em dar sua contribuição para a melhoria do Brasil, falando sobre cidadania, valores apartidários e ética.

Ao planejar a realização deste projeto, tivemos antes que exercitar um distanciamento afetivo, para que uma visão científica se apresentasse.

Devemos acrescentar que, além do aspecto ético que nos inspirou inicialmente, este trabalho também se justifica por outras ações de Saad, que é criador da primeira rádio brasileira 24hs no ar, em 1950. Ainda em 1954, sob sua orientação e apoio, um novo tipo de programação noticiosa foi lançado pela Rádio Bandeirantes, que revolucionou e influenciou o mercado, colocando no ar um intensivo de noticiário em que a informação, com um minuto de duração, entrava a cada 15 minutos e, nas horas cheias, havia boletins de três minutos. Essa programação trabalhou com uma nova linguagem jornalística – lançando mão de sonoplastia, vinhetas artísticas e de um jornalismo opinativo com a maior cobertura possível dos fatos da cidade e do país, num momento em que o que se ouvia no ar era um jornalismo ainda calcado nos moldes do “Repórter Esso” e de seu formato rígido.

Saad também padronizou a medida de tempo de três minutos para intervalos comerciais, em 1955. Na Rádio Bandeirantes, empreendeu ainda a “Cadeia Verde Amarela – Norte /Sul do Brasil”,

em 1958. Em 1961, Saad apoiou a volta ao Brasil e a posse de João Goulart na Presidência da República, conectando a Bandeirantes à Cadeia da Legalidade, mesmo estando sob o risco de ameaça de intervenção militar. É também o co-criador dos programas noticiosos, "Titulares da Notícia" e "Primeira Hora" em 1962, e inaugurou a primeira geração simultânea de programação entre o Rio de Janeiro e São Paulo.

Durante o rigor militar da ditadura, nos anos 70, Saad permitiu que falassem, na TV Bandeirantes, Luiz Carlos Prestes e Leonel Brizola.

Na década de 1980, a TV Bandeirantes colocou no ar o "Canal Livre", um dos programas jornalísticos mais representativos da história da televisão brasileira. O surgimento desse programa de entrevistas, coincidiu com o processo de abertura política do país, e caracterizou-se como uma tentativa de levar para a TV um jornalismo mais crítico, opinativo e independente.

Desde 1982, a TV Bandeirantes já fazia debates entre candidatos aos governos estaduais e coube à emissora realizar o primeiro debate da história do Brasil entre candidatos à Presidência da República na televisão. Essa iniciativa, que se perpetua até hoje, mostra ao eleitor os candidatos discutindo sobre assuntos de plano governo e muitas vezes, contribui para a definição da disputa.

Em 1984, a TV Bandeirantes mostrou, pioneiramente, os comícios das Diretas-já, quando isso significava ameaça de corte de sinal e cassação de concessão. Em 1992, foi a única Rede que divulgou, desde o começo, a CPI do caso Collor, mesmo havendo a possibilidade de não ter participação na receita de investimentos nas campanhas publicitárias do futuro governo federal.

Com relação a inovações tecnológicas, ainda sob a direção de João Saad, em 1972, a TV Bandeirantes foi a primeira emissora brasileira a transmitir imagens em cores, ainda que em caráter experimental e, em 1989, a Rádio Bandeirantes foi a primeira rádio brasileira a gerar sinais via satélite.

O objetivo aqui proposto é pesquisar e documentar o desenvolvimento e a linguagem do rádio e telejornalismo das emissoras Bandeirantes de 1948 a 1999, entrelaçando a vida e o posicionamento político de João Saad no contexto histórico da radiodifusão brasileira.

No início deste projeto de doutorado, houve questionamentos a respeito do valor científico que ele teria, mas, apoiando-nos na definição formal do termo história – como “*o ramo da ciência que se ocupa de registrar cronologicamente, apreciar e explicar os fatos do passado da humanidade em geral, e das diversas nações, países e localidades em particular*”¹ – quanto mais nos aprofundávamos no tema, mais nos certificávamos do valor de documentar a vida de Saad, com suas ações e pontos de vista.

Ao pesquisar, fomos percebendo melhor sua importância no contexto histórico recente do Brasil, bem como as contribuições em termos de linguagem radiofônica e/ou televisiva que, sob sua tutela, foram possíveis de se desenvolver .

Sim, este trabalho é científico e abrange várias áreas do saber. De certa forma, é biográfico; sob outro aspecto, é histórico ou, ainda, um estudo de Comunicação Social sobre as linguagens de rádio e telejornalismo na Bandeirantes; pode também ser incluso em alguma área da Psicologia, sobre a construção da personalidade; e talvez possa até ser incluso em algum estudo da área da Administração de Empresas, no campo de empresas familiares. Sim, este trabalho é híbrido.

Como todo escrito sobre a construção de uma vida, Boas (2007, p. 14) afirma:

Assim como a biografia é uma categoria indivisível por si, o trabalho do biógrafo é uma especialidade em si. Para biografar, ninguém precisa ser necessariamente jornalista,

¹ <http://michaelis.uol.com.br> Acesso em 03/02/2007

antropólogo, astrônomo, físico ou historiador. Basta ser biógrafo, o que já não é fácil. As exigências são também específicas. Conforme o caso, o autor será levado a descumprir protocolos metodológicos de seu campo de formação.

Como se vê, são muitas as áreas do saber envolvidas num projeto como este.

Para que houvesse um ponto mais afinado com o departamento de Jornalismo, ao qual propusemos nosso projeto, resolvemos, neste vasto universo, afunilar o objeto de estudo num só ponto, e o problema que surgiu como fio condutor trouxe a seguinte questão: João Saad interferia no conteúdo jornalístico de suas emissoras, buscando vantagens pessoais, prendendo-se a algum partido?

Nossa hipótese é de que não. O ponto de vista de Saad permitia que se mostrasse pluralidade, mesmo quando isso poderia significar correr riscos.

Tecnicamente, propomos, para esta tese, a hipótese da seguinte forma: se houve liberdade de expressão no conteúdo jornalístico das emissoras de Rádio e TV Bandeirantes, durante a gestão de Saad (1948 – 1999), então houve pluralismo e apartidarismo.

A hipótese proposta é do tipo relacionada à “ligação causal”, baseada na afirmação de Lakatos e Marconi (2000, p.148), que definem como hipótese desta categoria *“aquela que pode afirmar que um acontecimento ou característica específica, é um dos fatores que determinam outra característica ou acontecimento”*.

Para comprovar nossa hipótese, a metodologia aplicada foi realização de 19 entrevistas, análises de programas de áudio e vídeo, pesquisas bibliográficas e estudos de publicações da imprensa, que, de algum modo, citavam Saad e/ou suas empresas.

Após a conclusão de captação de informações, procuramos imparcialmente os resultados, e aqui os apresentamos em ordem cronológica.

Com o intuito de estudar a relação do empresário, seu ponto de vista político e ações, serão apresentados, no primeiro capítulo, as origens, nascimento e ações na juventude e durante o casamento.

No capítulo dois, teremos a criação da PRH 9 – a futura Bandeirantes, para em seguida mostrar os precursores do radiojornalismo no Brasil. Depois iremos para o início da gestão de Saad na Bandeirante e o processo que a tornaria uma rede de Rádios – a Bandeirantes, no plural . No capítulo oito, mostraremos as contribuições de Saad para o rádio no Brasil. Os capítulos nove e dez abordam a situação política mundial e seus reflexos no Brasil. A seguir, o tema será a inovação em jornalismo e, depois, a criação da TV Bandeirantes, nesse contexto. Dando seqüência, os temas serão o telejornalismo na Bandeirantes e em outras emissoras, a época dos incêndios, a TV colorida, o posicionamento político de Saad durante as transições políticas e a conclusão a que chegamos após essa análise.

Em seguida da bibliografia, temos os apêndices com as entrevistas integrais de Saad, e os anexos.

A existência de algumas notas de rodapé no presente trabalho ocorre em razão da necessidade de se esclarecerem dados biográficos de pessoas citadas ou aspectos gerais que julgamos fundamentais para o conhecimento do contexto.

Outro aspecto importante a ser pontuado, diz respeito à baixa qualidade de resolução que, inevitavelmente, apresentam algumas fotos. Consideramos essa questão, mas preferimos deixá-las nesse padrão em vez de simplesmente não publicá-las. Tal decisão foi tomada em razão do ineditismo das imagens, reproduções de uma obra rara e desgastada pelo tempo, datada de 1951, que dão a este trabalho um valor inestimável.

1. João Saad

João Jorge Saad nasceu em 22 de julho de 1919, em Monte Azul, interior de São Paulo. Teve quatro irmãos e é descendente de árabes. O pai Jorge, veio da Síria, e chegou ao Brasil em 1910, e a mãe, Raquel Ayruth, brasileira – de descendência libanesa.

É costume das famílias do Oriente Médio², homens, sozinhos ou com algum amigo, irem morar em outros países, para aprender o idioma, trabalhar, instalar-se, e, depois, trazer a família e os conterrâneos. Foi o que aconteceu com a família Saad em relação ao Brasil.

Segundo depoimento de Saad (1998), a chegada de seu pai ao Brasil não foi diferente da de outros imigrantes:

“Ele veio em 1910 da Síria, desembarcou em Santos, não sabia falar português, tinha uma libra esterlina no bolso e, de lá, tinha uma passagem reservada para ele, e ele foi dar lá em Bebedouro, que fica perto de Monte Azul, onde ele foi parar, despejou lá na casa de um tio dele. Chegada de quem veio do oriente depois de muitos anos: festa e banquete. Três dias depois tiveram uma conversa, ele disse:

- Eu não vim aqui bem para fazer banquete, nem vim aqui para passear, o que eu faço?

- Primeiro você vai ao sertão de Rio Preto, que era Monte Azul.

-Você não sabe nem falar a língua, então vai treinando. Você vai ser mascate.

Arrumou um cavalo bom para ele montar, dois burros com mercadorias que meu tio cedeu para ele, e ele saiu pelas fazendas vendendo. Trabalhou com um tio meu, irmão dele,

² Segundo CARVALHO, (2007) considera-se árabe todo morador da região do Oriente Médio, na península arábica, entre o Golfo de Áden, no Iêmen até o Golfo Árabe Pérsico, bem como de todo o norte da África, conhecido como Magreb. Os povos árabes são descendentes dos povos semitas que habitam a região há pelo menos 4 mil anos. O que chamamos hoje de mundo árabe engloba 22 países e uma população em torno de 350 milhões de pessoas.

trabalharam muito, foram para guerra. Depois da guerra, trouxeram a família toda para o Brasil, não mais para Monte Azul e sim para São Paulo”.

Segundo Ares (2005), em 1924, aos cinco anos, João Saad veio para a capital paulista estudar. O pai era mascate e logo montou uma loja de atacado de comércio de tecidos que se chamava “M. Saad” – em homenagem ao avô, que se chamava Michel Saad³.

Segundo o próprio João Saad, em depoimento durante evento à ADVB (1997),

“Quando eu tinha 14 anos, garoto, eu gostava do comércio. Já aos 16 anos, abandonei os meus estudos, meu curso, apesar dos apertos do meu pai, para me dedicar totalmente ao comércio. Eu não queria esperar e fazer meu curso superior. Eu tinha sede de trabalhar, eu tinha sede do comércio. Então eu passei a trabalhar, na casa de papai, que era na Rua 25 de Março”.



João Saad aos 11 anos de idade⁴

Ares (2005) informou que João sempre foi um garoto fisicamente maior que a média de seus colegas, e quando Saad tinha 14 anos de idade, o pai de Ares, Adibo, que era funcionário de Jorge

³ Essa loja era na Rua 25 de Março, no. 617, esquina com a ladeira Porto Geral. Esse comércio existe até hoje com o nome de “Casa Fátima” e vende tecidos, mas não pertence mais à família ,foi vendido em 1969.

⁴ Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Leonor Saad

Saad na loja da 25 de março, sugeriu ao jovem filho do patrão que usasse calças compridas – ao invés de curtas – como era o padrão da época para crianças daquela idade, já que ele constantemente estava na loja de tecidos, e até porque aparentava mais idade do que possuía de fato. E João, assim o fez: arrumou um par de calças longas e se foi para a loja.

Segundo o entrevistado, o pai que era muito rígido, ao ver o garoto com calças longas deu-lhe um grande puxão de orelhas e uma séria reprimenda, que foi temporizada por Adibo Ares que argumentou com o pai que o rapaz era jovem de fato, porém de corpo formado, e com grande interesse pelo comércio, e que calças longas lhe caíam melhor, para ficar na loja.

Contrariado, Jorge acabou por concordar, e João, agora de calças longas, tinha uma de suas primeiras incursões no mundo dos adultos, solucionada.

A vivência com outras pessoas, de diferentes culturas e regiões, e, claro, uma tendência natural de caráter, despertaram desde cedo, grandes interesses e questionamentos políticos em João.

Segundo Ares, certa vez, aos 18 anos, ainda no primeiro mandato do então presidente Getúlio Vargas, preocupou-lhe o fato de não ter uma posição definida com relação à política. Foi então que, em meio à suas dúvidas, decidiu tomar um ônibus com direção ao Rio de Janeiro, à época sede da capital nacional, e procurar pessoalmente Getúlio na intenção de que este o orientasse politicamente.

Com seu tamanho de homem feito e postura alongada, chegando ao Palácio do Catete, não deu nenhuma explicação aos seguranças do local e foi andando, firmemente, em direção à sala do presidente, apenas afirmando aos que o questionavam que estava lá para falar com o presidente.

Por sua autonomia e aparência, não ocorreu a ninguém pará-lo ou duvidar de que ele tivesse um encontro marcado com o governante. Chegando à sala de Getúlio sem maiores dificuldades,

explicou ao presidente surpreso, que simpatizava com sua política e queria uma orientação, um direcionamento de raciocínio. Conta-nos ARES, que Getúlio se encantou com a firmeza de propósitos do jovem rapaz e, assim, dedicou quase uma hora de sua atenção conversando e trocando idéias com Saad.

Ao voltar para São Paulo, seu pai chamou-lhe duramente a atenção ao saber da sua aventura. Mas isso não foi suficiente para intimidar seus interesses no universo da política.



João Saad aos 21 anos de idade⁵

Ares (2005), que acredita que na loja da Rua 25 de Março, foi se transformando, pouco a pouco, o jovem rapaz, filho de imigrante, num homem com conceitos e caráter bem definidos. Diz o entrevistado: *"Suas idéias sobre política eram abertas. Em suas ações, mostrava-se uma valorização mais da pessoa e seus feitos, que da sigla política"*.

Um fato que certamente contribuiu para a formação de João foi o próprio ambiente da Rua 25 de Março nos idos dos anos 30 e 40, em São Paulo, na atmosfera comercial da loja do pai.

Saad (1998) em entrevista à autora, discorre sobre esse ambiente de forma muito positiva – como uma grande escola – e descreve sua visão da região na época, em entrevista à autora:

⁵ Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Leonor Saad

“Eram as grandes firmas atacadistas que vendiam para todos os estados brasileiros. A maioria era de aves e granjas. Os produtos deles eram muito semelhantes entre si, dividiam a mesma parede. A concorrência era grande, mas não era ferrenha, não era de ódio. Era uma concorrência normal, quando eu não tinha o produto, falava:

- Vá a tal casa que você encontra. À noite, nós nos encontrávamos, fazíamos uma grande amizade, uma grande sociedade, não comercial. Aprendi a respeitar meus colegas, respeitando os direitos deles, e eles também respeitavam o meu”.

Na época, essa região era o depositário, o mercado que abastecia São Paulo todo, o escoadouro comercial de São Paulo para o Brasil, próximo ao Rio Tietê, até pouco tempo navegável.

Segundo Monteiro (2007):

“...com o prefeito Prestes Maia⁶, a cidade assumiu sua opção pelo rodoviarismo, implantando-se um anel de avenidas que envolveram o centro histórico e transformaram o Parque do Anhangabaú em parte de um corredor viário que cruzava a mancha urbana no sentido Norte-Sul.

O Rio Tietê foi retificado em seu percurso urbano e recebeu avenidas expressas em suas margens”.

Em 1940, Saad aos 21 anos, adquiriu seu carro e tornou-se caixeiro-viajante, representando a loja do pai em cidades do Sul (Santa Catarina e Paraná), além de Minas Gerais e interior de São Paulo; e manteve-se nesta função até 1948.

Em depoimento à autora, Saad (1998) afirma:

“Comecei a viajar por esse interior afora, por todos os estados. E fui aprendendo. Aprendi a trabalhar. Eu era muito

⁶ Foi nomeado prefeito da Capital Paulista de maio de 1938 a novembro de 1945, e posteriormente, foi eleito em 1961, cumprindo o mandato até 1965. O fato citado dá-se em seu primeiro mandato.

trabalhador, eu trabalhava muito. Eu gastava um carro por ano, eu não parava, viajava muito”.

E continua:

“Eu saí por esse interior afora representando a casa de papai, mas já sai com automóvel, era um Ford 38. Comecei por perto, pelo Sul de Minas, era um sertão danado. Você saía de Bragança, todas as estradas, inclusive a de São Paulo, eram de macadame, asfalto não existia...Quando você passava a fronteira de Minas, aí você via que a vida era dura, tempo de seca, e você olhava e pensava:

-Meu Deus, quando começar a chover, como vai ser para passar por aí? Eu não vou conseguir passar. Mas quando vinha chuva, a gente passava assim mesmo, com enxidão no pára-choque do carro. E a gente passava por aquilo tudo, dormia na estrada e aquilo, para mim, além de ser um trabalho e um meio de vida, era uma aventura, eu gostava. Quando encontrava um ou outro colega naqueles hotéis do interior de Minas, eu ouvia as queixas deles, longe da família... Não era o meu caso, eu era solteiro. Para mim, tendo uma cama limpa estava bom”.

Em depoimento a Parron (1996), Saad mostra um panorama do que era a rádio-transmissão da época:

“Eu saía de São Paulo, o rádio não pegava, era um radinho pequeno que eu levava no carro, e não tinha alcance, estamos falando em 1938, isso era antes da guerra. O Brasil já vinha com aquele equipamento todo obsoleto. Não tinha transmissor que tivesse alcance, você só ouvia pipoca. Com o barulho do motor, chegando a Santo Amaro você já não ouvia mais nada”.

1.2. O casamento

Jorge, o pai de Saad, como no costume árabe, pouco a pouco trouxe ao Brasil os irmãos, primos e tios do Líbano. Um dos tios – Issa Saad – cresceu junto a João. Ambos tinham pouca diferença de idade, e todos imaginavam que fossem irmãos, mas na verdade eram tio e sobrinho, e foi ele o responsável pelo primeiro encontro de João com sua futura esposa.

Em depoimento à autora, Maria Leonor Saad, filha de João Saad – a Nonô Saad (2007) – define a mãe, como uma mulher muito discreta, que apoiava o pai em tudo, mas que não gostava de participar muito da vida social.

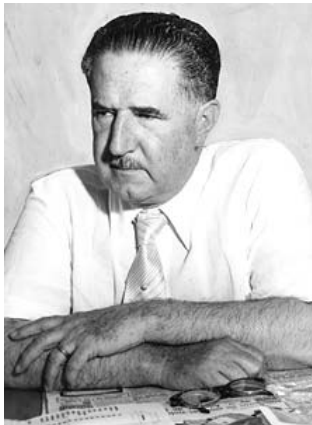
Ainda segundo Nonô Saad:

“Ela era muito familiar e o curioso da personalidade dela, de ser assim, é que ela é filha do Adhemar de Barros, político, viveu a vida inteira aquela bagunça de gente, de tráfico de influências e tudo mais, mas, talvez por isso, ela tenha ficado mais recolhida, mais em casa, mais família e com o papai também. Papai gostava muito da vida familiar, de viajar fim de semana com os filhos, com a mulher e ela era muito, muito companheira dele nisso. Ela criou os cinco filhos e saía pouco, mas o esteio de todo esse sonho, o apoio de coragem ela deu muito para ele a vida inteira.”

A união de Saad com Maria Helena viria a mudar o curso de vida profissional do filho daquela família de imigrantes.

Segundo depoimento de Ares (2005), amigo de infância de João Saad e atual assessor da presidência do grupo Bandeirantes de Comunicação, o primeiro encontro entre Maria Helena e João Saad deu-se por intermédio desse tio – Issa Saad – simpatizante de Adhemar de Barros⁷ e amigo da esposa do político – Leonor de Barros.

⁷ Adhemar Pereira de Barros nasceu em Piracicaba (SP) no dia 22 de abril de 1901. Bacharelou-se médico em 1923. Ingressou no Partido Republicano Paulista (PRP) para concorrer às eleições de outubro de 1934 para a Assembléia Constituinte do estado de São Paulo. Eleito, participou em 1935 da elaboração da Constituição de São Paulo e permaneceu na Câmara Estadual durante a legislatura ordinária subsequente. Em 1936, desligou-se do Executivo estadual para dedicar-se à articulação da sua



Adhemar de Barros⁸

Na época do governo de Getúlio Vargas, Adhemar de Barros era interventor do Estado, com forte prestígio na comunidade árabe, que tinha como ponto de encontro o clube Monte Líbano.

Relata Ares (2005):

“Um dia, num evento beneficente da comunidade, Leonor de Barros falou a Issa:

– Pois é, vocês são uns ótimos árabes, porque você não arruma uma pessoa da comunidade para apresentar para a minha filha que é muito tímida.

Então, Issa respondeu:

– Eu tenho um sobrinho formidável, João. Acho que é a pessoa ideal para apresentar”.

candidatura para a presidência da República nas eleições previstas para janeiro de 1938. Com o Estado Novo, os estados voltaram a ser governados por interventores federais nomeados pelo presidente da República. Entre abril de 1938 e 1941, Ademar foi interventor do governo de São Paulo. Foi proprietário das rádios Bandeirantes e América e dos jornais *A Época*, *A Platéia*, *Jornal de São Paulo* e *O Dia*, em São Paulo, e de *O Dia*, do Rio de Janeiro.

De 1947 a 1951, foi eleito governador de São Paulo. Sua administração caracterizou-se pela realização de grandes obras públicas. Disposto a retornar ativamente à política, começou a articular sua candidatura à prefeitura de São Paulo, e foi prefeito de 1957 a 1961. Logo depois de assumir o governo paulista, em 31 de janeiro de 1963, Adhemar começou a projetar seu nome nacionalmente, tendo em vista as eleições presidenciais de 1965. Assumiu, então, a posição de defensor intransigente dos valores tradicionais da sociedade brasileira, que estariam ameaçados pela "comunização do país". Desfraldando a bandeira da ameaça comunista representada pelo governo federal, no início de 1964, Adhemar radicalizou suas declarações, freqüentemente misturadas com apelos de ordem religiosa, chegando a pregar publicamente a intervenção das forças armadas na luta contra João Goulart.

⁸ Fonte: www.efem.com.br



João Saad aos 26 anos de idade⁹

Dona Leonor de Barros organizou um jantar informal e Issa convidou João para o evento, porque queriam conhecê-lo. Nada foi mencionado sobre o tal "encontro programado".

Em resposta ao convite de Issa, João questionou o motivo do jantar, achou estranho, mas compareceu.

Durante o jantar, João Saad foi apresentado à Maria Helena.

Ares afirma que João Saad fazia sucesso na comunidade libanesa feminina por seu porte, simpatia e beleza física, além de ter um dom especial para conversar e contar histórias, como confirmaremos mais à frente nas citações de Clark (1991).

Durante o jantar, tudo foi programado discretamente para que os dois jovens não percebessem a articulação do encontro e também para que tivessem momentos a sós para conversar.

Ares afirma que Saad lhe confidenciou, depois, que, ao poucos, ele e Maria Helena perceberam que, de fato, tinham grandes afinidades culturais e estéticas, além de vários amigos em comum.

Depois de alguns "encontros casuais", o entrevistado afirma que João confessou a seu tio Issa, que estava gostando daquela moça.

Rapidamente, no papel de cupido, Issa levou a novidade à Leonor, a mãe de Maria Helena, que se alegrou com a possibilidade de um genro da comunidade árabe.

⁹ Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Leonor Saad

Juntos, depois de outros novos encontros, a empatia do jovem casal continuou crescendo e resultou em um casamento celebrado em 1947. João Saad e Maria Helena tiveram cinco filhos: João Carlos, Ricardo, Maria Leonor, Márcia e Marisa.

Segundo Nonô Saad (2007):

“Ele era um pai maravilhoso, muito carinhoso, bravo também - quando precisava. Sempre colocou muita disciplina na gente e sempre muito próximo, muito perto. A gente contava os problemas para ele, conversava muito com ele e com ela foi uma relação muito boa”.



Maria Helena e João Saad 1965¹⁰

Depois de casado, João continuou a trabalhar na loja do pai.

Adhemar de Barros – que nessa época, em 1947, foi eleito governador do Estado de São Paulo – logo percebeu no genro a habilidade com os negócios.

Com o desenvolvimento de uma grande empatia, o sogro passou a querer uma aproximação maior do genro, tentando, então, auxiliar o jovem em seu futuro profissional.

Segundo Conti (1999, p.521), Adhemar de Barros, na época, possuía dois cartórios para distribuir em São Paulo. Os dois últimos. Um deveria ir para um correligionário e, o outro, o governador queria que ficasse com o genro. Mas, para a surpresa de todos, João Saad não aceitou a oferta.

¹⁰ Em 1965, na Rádio Guanabara. Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Leonor Saad

Diante da recusa, Adhemar, surpreso, pediu ao genro que pensasse um pouco mais nas vantagens para o futuro da nova família e respondesse depois de melhor analisar a questão.

Como pai preocupado com o jovem casal, dirigiu-se então à filha, tentando persuadi-la a falar com o marido sobre o cartório, para que este não desperdiçasse a grande oportunidade.

Como eles estavam começando a vida, Maria Helena questionou o marido sobre o porquê de tal negativa, ao que Saad respondeu:

“-Mas o que eu iria falar aos patrícios? Que dei o golpe do baú?”.

E Saad ficou sem o cartório.

Essa definição de conceitos e valores iria guiá-lo em toda a sua trajetória.

Saad sabia muito bem o que queria, era um bom administrador, e queria sucesso – mas sem favores.

2. A PRH 9 – Bandeirante

O início da Rádio Bandeirantes não foi diferente do começo de outras emissoras no Brasil. Novidade tecnológica da época, o Rádio era o sonho de consumo de todo aquele que gostasse de música e tivesse algum bom dinheiro para investir.

Em São Paulo, para o Maestro José Nicolini¹¹ e um grupo de amigos, o sonho da criação de uma estação de rádio acabou quando durante uma primeira e calorosa reunião, os pretensos sócios chegaram à conclusão de que o capital de que dispunham para investir era pouco para levar a idéia adiante.



Maestro José Nicolini ¹²

Nicolini continuava com seu sonho de ter uma emissora de rádio; até que, certo dia, visitando o amigo José Pires de Oliveira Dias¹³, o Maestro percebeu que este estava inclinado a investir capital em algo para o futuro.

¹¹ De origem italiana, maestro e compositor, Nicolini atuou em São Paulo, na década de 1930, com uma orquestra que, além de apresentações em teatros e casas de espetáculos, fez acompanhamentos de gravações na gravadora Columbia; foi um dos primeiros parceiros de Adoniram Barbosa no início da carreira.

¹² José Nicolini. Fonte: *Almanaque do Rádio*

¹³ Emergente empresário da indústria farmacêutica de São Paulo.

Nicolini apresentou ao industrial, seu projeto de uma emissora, explicando as vantagens do novo empreendimento. Um inflamado discurso foi o suficiente para que Dias se entusiasmasse também.

Tempos depois, numa tarde quente de outono de 1937, foi discutida entre os dois a efetivação de uma parceria numa emissora de Rádio.

Dias empolgou-se muito com a idéia, afinal, Getúlio Vargas, desde 1932, já havia liberado a veiculação e o investimento de propaganda¹⁴ nas rádios, e isso lhe pareceu um excelente negócio.

Nicolini agilmente, propôs uma reunião com os outros interessados e futuros sócios.



José Pires de Oliveira Dias¹⁵

Segundo Pires (1951, p.26), numa outra tarde da semana seguinte, deu-se a reunião do grupo de interessados e, regada a muito cafezinho, começou a concretizar-se a idéia de uma emissora

¹⁴ A propaganda foi instituída como ferramenta de apoio às ações do governo Vargas, por meio da criação do DOP – Departamento Oficial de Propaganda – logo após a instalação do governo revolucionário, em 1930. Esse órgão materializou-se na produção do programa diário “Hora do Brasil”. Em 1934, o DOP foi substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural e a “Hora do Brasil” tornou-se “A Voz do Brasil”. Em 1939, depois do advento do Estado Novo, surgiu o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda-, que trazia em seu bojo a criação da Agência Nacional, responsável pela produção do programa oficial de rádio.

¹⁵Fonte: www.sindusfarma.com.br

que transmitisse “programas elevados, instrutivos e religiosos”, em um prédio na Rua São Bento, no. 365; onde havia um estúdio com auditório para 40 pessoas.

Em 6 de maio de 1937, numa quinta feira, inaugurou-se a “Sociedade Bandeirante de Rádio Difusão” – a PR H9. Segundo Pires (1951, p.17), o primeiro presidente foi o próprio José Pires Ribeiro Dias, o superintendente foi Jorge Gomes Guimarães, José Nicolini, diretor geral, Octávio Ferraz Camargo, tesoureiro, Raul Freire Barretos, secretário, Antônio Cardoso Terra Neto, técnico e Enéas Machado de Assis ficou na direção de programação.



primeira logomarca da rádio PRH 9¹⁶

A primeira equipe de locutores era formada por Joaquim Carlos Nobre, Tito Lívio Fleury Martins, Mário de Carvalho Araújo e Plínio Freire Campello, apoiados pela Orquestra regida pelo maestro Miguel Izzo.

Foram alguns meses de muita satisfação para os acionistas da PRH 9, mas a alegria e realização não foram suficientes para manter o orçamento da empresa. As audições (principalmente as religiosas) não receberam o necessário apoio do comércio e os patrocinadores não apareceram.

Dias, negociante experiente, logo se deu conta da possibilidade de prejuízo e chamou o amigo Nicolini para discutir uma saída da

¹⁶ Fonte: Almanaque do Rádio - 1951

crise. Depois de algumas conversas, os sócios perceberam que faltava uma direção artística mais “profissional” para a PRH 9. Convidaram, então, o primeiro diretor experiente para a emissora - Otávio Gabus Mendes¹⁷, um jovem diretor de rádio - criativo e inovador.



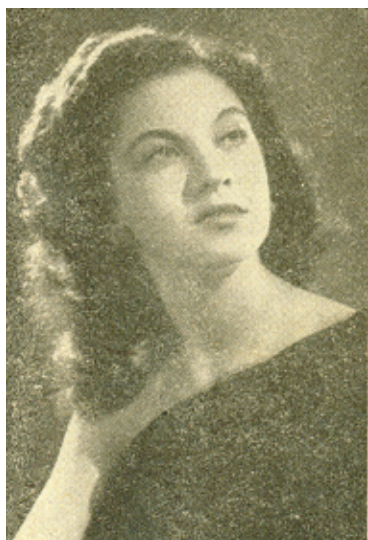
Octávio Gabus Mendes, em 1951¹⁸

Assumindo o cargo, em novembro de 1937, o novo diretor iniciou, imediatamente, uma grande transformação na programação, os discos de música erudita foram substituídos por música popular, as crônicas religiosas cederam lugar para as românticas e peças radioteatrais trouxeram vários artistas populares para a companhia: Lolita Rodrigues, Sagramor de Scuvero, Alcides Viana, Otávio França, Arnaldo Lima, Tilde Serato, Zezinho Cutolo, Zita Martins, Yara de

¹⁷ Octávio Gabus Mendes (1904-1954) começou no cinema em São Paulo, escrevendo sobre os filmes exibidos na cidade para a revista *Paratodos*, em maio de 1925, e, posteriormente, na revista *Cinearte*, em 1926. Desde o princípio, mesclava às observações sobre os filmes comentários sobre as salas de exibição e suas condições. Na Rádio Cruzeiro do Sul, sua primeira experiência em rádio, lançou o “Jornal Falado Untisal”, cujo comentarista era ele mesmo, analisando as principais notícias dos jornais; criou também um departamento de cinema na emissora; produziu matinês nos cines República e Olímpia com a intenção de despertar nas crianças o gosto pela “sétima arte”. Mas não é só no departamento artístico da Rádio que ele inovou, criou os “testemunhais” ou textos com apelos comerciais que, diluídos em meio ao roteiro artístico, pareciam, às vezes, aconselhamentos ou, no caso de se dirigir a um público mais seleta, informações culturais pertinentes à programação. É o advento do *merchandising* que chegava ao rádio paulista. Fonte: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br> BARBOSA FILHO, Prof. Dr. André. Os Gêneros no Rádio Paulista. Do Pioneirismo ao Advento da TV.

¹⁸ Octávio Gabus Mendes. Fonte: Almanaque do Rádio - 1951

Aguiar e Rosália Ferraro. O ano de 1938 iniciou-se com novas perspectivas de lucros para a PRH 9 – a Rádio Bandeirante.



Lolita Rodrigues, em 1951 ¹⁹



Zezinho Cutolo, em 1951 ²⁰

¹⁹ Lolita Rodrigues. Fonte: Almanaque do Rádio - 1951

²⁰ Zezinho Cutolo em 1951. Fonte: Almanaque do Rádio - 1951



Zita Martins, em 1951 ²¹



Yara de Aguiar, em 1951 ²²

Às vésperas da Segunda Grande Guerra Mundial, o jornalismo foi o outro foco importante de atuação de Otávio Gabus Mendes, que criou os programas “Bandeirante Repórter” e “Síntese”, com as principais notícias ocorridas na semana.

Em setembro de 1939, explodiu o conflito na Europa e a Rádio Bandeirante, oportunamente, colocou no ar o informativo “Panorama da Guerra”, em que Edmur de Castro Cotti, redator da McCann Erickson e radialista, apresentava num programa de cunho pacifista, a crônica “SOS”.

²¹ Zita Martins. Fonte: Almanaque do Rádio - 1951

²² Yara de Aguiar em 1951. Fonte: Almanaque do Rádio- 1951

A reação do público aos novos artistas e aos programas de jornalismo foi muito boa.



Anúncio da PRH 9²³

São Paulo deliciava-se com as novas atrações da Bandeirante e seus locutores anunciando música e notícias, mas junto com a audiência e o reconhecimento público, veio também uma enorme folha de pagamento, e três meses de sucesso foram suficientes para que Paulo Machado de Carvalho, o presidente de uma das empresas concorrentes, a *Rádio Record*, percebesse a força de ação e visão do jovem diretor artístico Gabus Mendes e, assim, com uma boa proposta de salário, o convidou a ir para a Record.

Otávio Gabus Mendes, saindo, deixou vago o cargo de diretor artístico na Bandeirante e, de herança, uma grande despesa que só outro bom diretor poderia administrar.

Novamente preocupado com o novo investimento, Oliveira Dias, o maior acionista da rádio, recorreu ao amigo e sócio Nicolini para buscar uma saída para a situação e, na falta de bons profissionais disponíveis no mercado, o maestro assumiu as duas posições: direção comercial e artística da rádio.

²³ Fonte: Almanaque do Rádio, 1951

Deu-se início, então, a outra boa fase da Bandeirante, com programas muito aceitos pelo público, como “Aquarela”, com música popular brasileira – idealizado por Alcides Viana, por exemplo.

A PRH 9 possuía, na época, duas orquestras: “Porfírio Adamasceno e seu Conjunto de Ritmos” e “Zezinho Nicolini e sua Orquestra”, e, assim, foi ganhando mais e mais projeção, com artistas nacionais e estrangeiros e o cognome de “A mais popular emissora paulista”.

Mas com a dupla direção de Nicolini, que ainda exercia a profissão de maestro, a audiência recomeçou a cair, a ponto de a Rádio não mais ser um bom investimento. Não podendo administrar as despesas e receitas da emissora, Dias, Nicolini e os outros sócios menores, decidiram repassar a empresa a Paulo Machado de Carvalho, na metade dos anos de 1940.

A Bandeirante virou parte do grupo denominado “Emissoras Unidas”, com a Record e Rádio Cultura, passando a trabalhar com melhores acomodações, em um prédio à Rua Líbero Badaró.

Porém, nesse grupo, a audiência caiu ainda mais, figurando a PRH 9, por muito tempo, não mais no rol das grandes emissoras, pois os melhores artistas convidados para trabalhar no grupo iam para a Record – que, a essa altura, com um transmissor mais potente – já possuía grande aprovação e simpatia popular, e, portanto, para Carvalho, era prioridade em investimentos.

Em 1º. de julho de 1948, Paulo Machado de Carvalho vendeu a PRH 9 - Bandeirante para um político em ascensão: Adhemar Pereira de Barros, eleito Governador do Estado, que já conhecia muito bem o alcance e repercussão do veículo rádio e tinha como foco as eleições para presidente em 1950.

Segundo Moreira (1998, p.42), no final da década de 1940, o então Ministro da Fazenda, Correia e Castro, publicou um manifesto-denúncia de irregularidades e pedia a intervenção federal no estado de São Paulo.

A autora afirma:

"Adhemar, estrategicamente, convocou uma cadeia de rádios para responder pessoalmente às acusações. Em seu discurso de defesa, o governador mostrou-se calmo, superior e sensato, e, num tom paternal, aconselhou o opositor a tomar cuidado e não confiar em certos assessores e informantes, pois, por causa de seu cargo importante no ministério, ele deveria ser cauteloso e prudente ao acusar o governo do estado mais poderoso da União. O resultado do discurso de Adhemar foi a deposição do ministro em 48h".

3. O Início Do Radiojornalismo No Brasil

Notícia, segundo o dicionário "Larousse", é: "Conhecimento, informação, novidade. Escrito de pouca extensão sobre um assunto qualquer. Anúncio. Nota, observação, apontamento".

Segundo José Luis Albertos, *in* Ortriwano (1985, p.90): "notícia é um fato verdadeiro, inédito e de interesse geral que se comunica a grandes massas, depois de haver sido interpretado e avaliado".

Como fato, é a representação de uma realidade que consiste na capacidade de compilar informações e organizá-las numa narrativa útil e interessante ao receptor, mas quase nunca de forma integral. Isto se dá por conta da construção da realidade social, ou seja, as possibilidades de construção.

Devido aos valores-notícia, ou "faro para notícia", Traquina (2005, p.47) afirma que os jornalistas acabam por formar "hábitos mentais" ou "maneiras de ver" bipolares em que o mundo é estruturado em opostos: o bem e o mal, o pró e o contra, etc.

Afirma Traquina (2005, p.17);

Quando se afirma que as pessoas têm interesse em versões diferentes de acontecimentos, que qualquer acontecimento pode ser construído das mais diversas maneiras e que se pode fazê-lo significar as coisas de um modo diferente, esta afirmação de algum modo ataca ou mina o sentido da legitimidade profissional dos jornalistas, e estes resistem bastante à noção de que notícia não é um relato, mas uma construção.

Concluimos que as notícias representam aspectos da realidade resultados de um processo de construção, envolvendo fatores sociais,

ideológicos, culturais e tecnológicos. Este aspecto fragiliza a chamada “objetividade” da notícia.

Parada (2000, p.29) define uma boa rádio jornalística, como aquela em que a reportagem envolve desde o dono da emissora até quem não está diretamente ligado à função de produzir e captar notícias. Este é o conceito: “todos os funcionários são repórteres”. A idéia é de ter o compromisso se levar para a redação aquilo que se vê na rua.

A notícia vem sendo transmitida por meio do rádio no Brasil, praticamente, desde o nascimento dessa mídia em nosso país, em 1922.

Segundo Ferraretto (2000, p.101), na década de 1920, o jornalismo de rádio era feito simplesmente com a leitura de notícias dos jornais impressos, no intervalo entre uma música e outra.

Na mesma página, o autor apresenta um depoimento de Maria Beatriz Roquette Pinto Bojunga, filha do pioneiro da radiodifusão, que expõe como era apresentado o “Jornal da Manhã” – o primeiro programa de cunho jornalístico de Rádio do Brasil:

“Ele (Roquette Pinto) fazia o Jornal da Manhã de uma maneira muito original. Pegava todos os jornais, com lápis grande – sempre andava com um lápis vermelho na mão – e riscava todas as notícias que achava interessante para a Rádio (...) Ele tinha um telefone direto para a Rádio Sociedade. Então, mandava o João Lado Junior, que era o técnico: “Você pode pôr a estação no ar!”. E ele mesmo falava sobre cada assunto”.

Nos primórdios do Rádio no Brasil, as notícias veiculadas eram a respeito de eventos culturais, morte ou nascimento de pessoas públicas ou importantes para a sociedade. Porém, com o passar do tempo, o conteúdo das informações transmitidas foi se modificando

de acordo com as necessidades e características da sociedade e dos ouvintes, que cresciam em números vertiginosos.

Maria Elvira Bonavita Federico *in* Ferraretto (2000, p.101), afirma:

Por volta de 1925, a Rádio Sociedade já emitia, além do “Jornal da Manhã”, efetivado por Roquette Pinto, que comentava as notícias dando um cunho de jornalismo interpretativo, pois se reportava ao evento comentado historicamente, fazia um apanhado geral da situação da época e preconizava sobre as tendências dos acontecimentos; o “Jornal do Meio-dia”, o “Jornal da Tarde” e o “Jornal da noite” já eram acompanhados de suplementos musicais e abrangiam páginas literárias, agronomia, esportes, seção feminina, doméstica e infantil.

Outras rádios foram nascendo no Brasil, e junto com elas novos programas jornalísticos apareceram divulgando fatos regionais e nacionais.

3.1 Getúlio Vargas e o Rádio

Considerando o poder na nova mídia, em 02 de julho de 1931, o então presidente Getúlio Vargas criou o Departamento Oficial de Propaganda – (DOP). Este órgão, vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, constituía-se numa espécie de apêndice da Agência Nacional e atuou basicamente no setor de radiodifusão. De resto, sua atividade limitava-se ao fornecimento de informações oficiais à imprensa.

Em 1932, Vargas decretou a liberação de investimento publicitário em rádio. Rapidamente, o padrão comercial substituiu o ideal educativo da inauguração da mídia no Brasil. As ondas sonoras

mostraram-se além de um excelente negócio, uma grande e atraente vitrine para os políticos da época.

Ainda em 1931, no mesmo espírito nacionalista, iniciou-se a primeira experiência de transmissão em rede de rádios no Brasil.

Segundo Moreira (1991, p.25), o ex-secretário da Rádio Educadora e empresário, Alberto Byington Jr. inaugurou a Rádio Cruzeiro do Sul – a PRB-6, a primeira de uma cadeia de rádios, batizada como “Rede Verde-Amarela”. Ao comando do radialista Mário Ferraz Sampaio, fizeram parte dessa rede, seis emissoras: as rádios Cruzeiro do Sul de São Paulo (1932) e do Rio de Janeiro (1933); a Rádio Clube do Paraná; a Rádio Sociedade de Juiz de Fora, em Minas Gerais; a Cultura de Campos -RJ (1934) e Clube do Brasil (1935). Apesar do esforço no empreendimento, a Rede foi extinta por falta das condições técnicas exigidas para suporte do modelo adotado, durando apenas três anos.

Moreira (1991, p.25) afirma que Getúlio Vargas²⁴ estava atento para a formação de redes de rádio e seu uso por outras correntes

²⁴ Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja (RS), em 1882. Bacharel pela Faculdade de Direito de Porto Alegre (1907), elegeu-se, pelo Partido Republicano Rio Grandense. Deputado Estadual, Deputado Federal e líder da bancada gaúcha, entre 1923 e 1926. Foi Ministro da Fazenda de Washington Luís (1926-27) e governador do Rio Grande do Sul (1927-1930). Em 1929, candidatou-se à presidência da República na chapa oposicionista da Aliança Liberal. Derrotado, chefiou o movimento revolucionário de 1930, por meio do qual assumiu, em novembro desse mesmo ano, o Governo Provisório (1930-34). Durante esse período, Vargas deu início à estruturação do novo Estado, com a nomeação dos interventores para os governos estaduais (dentre estes estava Adhemar de Barros), a implantação da justiça revolucionária, a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e a promulgação das primeiras leis trabalhistas. Em novembro de 1933, instalou-se a Assembléia Nacional Constituinte, responsável pela promulgação da nova Constituição e pela eleição de Getúlio Vargas como presidente da República, em julho de 1934. Apesar de algumas medidas tomadas, como a definição de uma data para as eleições, a anistia, a liberdade de organização partidária, e o compromisso de fazer eleger uma nova Assembléia Constituinte, Vargas foi deposto em 29 de outubro de 1945, por um movimento militar liderado por generais que compunham seu próprio ministério. Candidato à presidência da República pelo PTB, em 1950, Getúlio Vargas derrotou os candidatos, Eduardo Gomes (UDN) e Cristiano Machado (PSD), elegendando-se com 3.849.000 votos. Seu segundo período de governo foi marcado pela retomada da orientação nacionalista, cuja expressão maior foi a luta para a implantação do monopólio estatal sobre o petróleo, com a criação da Petrobrás e pela progressiva radicalização política. Vargas enfrentava oposição cerrada por parte da UDN, em especial do jornalista Carlos Lacerda, proprietário do jornal carioca *Tribuna da Imprensa*. O atentado realizado contra Lacerda no início de agosto de 1954, no qual foi morto o major-aviador Rubem Florentino Vaz, detonou a crise final do governo, pelo envolvimento da guarda pessoal de Vargas no episódio. Para a investigação do que ficou conhecido como Atentado da Toneleros, foi instaurado um inquérito policial-militar, pelo Ministério da Aeronáutica. Pressionado pelas Forças Armadas, durante reunião ministerial realizada na madrugada de 23 para 24 de agosto, Vargas viu-se confrontado com a iminência da renúncia ou da deposição, e suicidou-se com um tiro no coração, deixando uma carta-testamento em que acusava os inimigos da nação como os responsáveis por seu suicídio. Fonte: <http://www.cpdoc.fgv.br/>

políticas e para evitar problemas, negou a Alberto Byington Jr. a liberação de canais em ondas curtas, o único meio disponível na época para formação de uma cadeia radiofônica de alcance nacional.



Getúlio Vargas²⁵

3.2. O Movimento de 1932

Com o Movimento Constitucionalista de 1932, a radiodifusão paulista consolidou-se, tornando-se a grande estrela da revolução. Tota *in* Moreira (1998, p.23) afirma:

“O Rádio talvez tenha sido a grande arma secreta da oligarquia para seduzir a população. Grande arma na medida em que aglutinou interesses antagônicos: de um lado a oligarquia cafeeira, de outro, grande parte da população paulista, juntas pelo mesmo ideal”.

Durante a revolução, duas emissoras paulistas passaram também a ser ouvidas no Rio de Janeiro e destacaram-se das demais, eram elas: a Cruzeiro do Sul, na voz de Celso Guimarães e a Rádio Record, de Paulo Machado de Carvalho, na voz de César Ladeira.

²⁵ Fonte: <http://www.cpdoc.fgv.br/>

Segundo Moreira (1998, p.23), no dia 23 de maio de 1932, um grupo de estudantes invadiu os estúdios da Rádio Record e valendo-se da grande audiência da rádio, lançou o seguinte manifesto:

“Nós, os abaixo assinados, declaramos que invadimos, à valentona, os estúdios da Rádio Record e conclamamos o povo para que se mude a situação política existente no Brasil”.

Liderado por São Paulo, o movimento de 1932 resgatou símbolos caros ao espírito desse estado, que ajudaram a reforçar a consolidação de uma radiodifusão paulistana.

Paulo Machado de Carvalho, aderindo ao movimento, abriu os microfones de sua emissora aos revoltosos e adotou o *slogan* “A Voz de São Paulo”. Em julho do mesmo ano, César Ladeira leu no ar um texto oficial da revolução, segundo Moreira (1998, p.23):

“Renovação de ideais e de protesto, renovação política e social. Toda uma geração retemperada nos sacrifícios e nos heroísmos da mais sublime jornada, que levanta portadora de um só pensamento e uma só vontade para dar ao Brasil dias melhores, de maior justiça e fartura. Não há como contê-la nem desviá-la do caminho traçado pelo civismo, porque não a animam interesses regionais, ódios de classe, ambições partidárias ou conveniências pessoais. Aprendendo nas escolas, labutando nas oficinas, lidando no comércio, trabalhando nos campos, empenhando a inteligência ou trabalhando a matéria, a mocidade do Brasil marchará de hora em diante na vanguarda da nacionalidade”.

A autora ainda afirma que depois dessa primeira transmissão, a Record entrou em rede com outras emissoras paulistas, conseguindo furar o bloqueio determinado pelo governo federal, que pretendia impedir que circulassem informações sobre o movimento paulista em outras regiões.

Na Rádio Cruzeiro do Sul, os boletins da revolução também eram transmitidos em inglês e espanhol.

O envolvimento das emissoras paulistas na Revolução Constitucionalista serviu para demarcar novas fronteiras para a utilização do rádio, que passou de uma programação elitista para outra mais popular, divulgando valores, crenças e interesses entre as várias classes sociais.

Na intenção de criação de uma forma mais sistemática de propaganda oficial, que abrangesse outros veículos de comunicação de massa, a partir de abril de 1934, coube ao diretor da Imprensa Nacional, Francisco Antônio Rodrigues de Sales Filho, o encargo de fazer experimentalmente um serviço dessa natureza.

Em 10 de julho do mesmo ano, avaliados os resultados positivos da fase experimental do projeto, Vargas criou o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural - (DPDC), através do Decreto-Lei nº. 24.651, que extinguiu o DOP. Esse novo órgão atuava perante a imprensa oficial e era o responsável pelo rádio, cinema e cultura geral; continuando subordinado ao Ministério da Justiça, sua direção geral foi entregue ao jornalista e escritor sergipano Lourival Fontes.



Lourival Fontes ²⁶

²⁶ Fonte: <http://uol.educacao.com.br/lourival>

Em 1935, foi criado o programa radiofônico *"Hora do Brasil"*, como uma prestação de contas do governo para o povo, com grandes discursos de Getúlio Vargas.

3.3. O Movimento de 1936

Em 1936, foi a vez do movimento integralista utilizar-se do rádio como portador e divulgador de seus ideais. A Rádio Transmissora do Rio de Janeiro, na voz de Plínio Salgado, apoiava o Estado Novo que viria no ano seguinte, fazendo homenagens a Vargas em comícios e desfiles e mantinha entre suas atrações programas de cunho nazi-facistas.

Em 1937, o Estado Novo acabou com o movimento integralista, que ensaiou ressurgir em 1938, com uma tentativa sem sucesso de ocupação do Palácio do Governo e de derrubada do presidente. Porém, já com o modelo de governo autoritário de Vargas implantado, Plínio Salgado é obrigado a partir para o exílio em Portugal.

3.4. Novas Ações de Vargas

Em 1938, o DPDC foi reorganizado e mantendo como diretor Lourival Fontes, criou-se o Departamento Nacional de Propaganda – (DNP), especificamente para difundir as políticas varguistas e sua ideologia no seio da classe operária, assumindo diversas funções: editar a *"Hora do Brasil"*; realizar a personalização da propaganda; fazer a abertura da Sessão de Cinema (que tinha como objetivo divulgar aspectos positivos do Brasil no estrangeiro e no interior do país); criação da Sessão de Turismo (com o propósito de receber visitantes brasileiros, editar cartazes e folhetos sobre o país). Mas sua função principal era a de realizar a educação cívica.

Segundo Souza (2007), o DNP era destinado à formação educativa dos operários. Era uma espécie de manual pedagógico, elaborado pelos intelectuais do governo Vargas e ministrado pelos líderes do movimento sindical dos trabalhadores conformados com a política. O operário deveria ser instruído, dentro e fora de seu local de trabalho, para viver incondicionalmente para o trabalho.

Com o objetivo de aperfeiçoar e ampliar ainda mais as atividades do Departamento Nacional de Propaganda, Vargas criou, em 27 de dezembro de 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda – (DIP), extinguindo o DNP.

A direção geral do novo departamento novamente permaneceu nas mãos de Lourival Fontes, diretor do antigo órgão. A partir da criação do DIP, todos os serviços de propaganda e publicidade dos ministérios, departamentos e estabelecimentos da administração pública federal e entidades autárquicas passaram a ser executados com exclusividade pelo órgão, que também organizava e dirigia as homenagens a Vargas, constituindo o grande instrumento de promoção pessoal do chefe do governo, de sua família e das autoridades em geral.

Com o DIP, iniciou-se uma das mais intensas campanhas de propaganda ideológica realizada no Brasil, na intenção de mascarar os conflitos internos, disfarçados em forma de uma ilusória unanimidade nacional.

Além de interferir nas programações radiofônicas, o DIP também censurava peças de teatro, livros, jornais e revistas, dificultando o acesso do público a muitas produções culturais.

3.5. O Radiojornalismo e o Final da Década de 1940

De 1939 a 1945, o jornalismo no rádio passou a ter muita importância em razão da Segunda Guerra Mundial. O principal assunto era o que estava se passando nos *fronts* de batalha.

Segundo Moreira (1998, p.35)²⁷:

“Entre 1940 e 1945, a Rádio Nacional assimilou o formato de rádio imposto pelo DIP, colaborando para que ‘entre os inúmeros e grandes serviços prestados ao Brasil pelo regime militar inaugurado em 1937’, o rádio ajudasse ‘a combater os regionalismos, símbolos da desagregação, e exterminar os germes das lutas civis, que as divergências facciosas e os programas partidários fomentavam’, podendo o governo, então, ‘coordenar as energias brasileiras num terreno seguro e fortalecer os laços dessa unidade, por meio de contatos diários, em todos os planos de ação nacional’.

3.6 Novas Linguagens

Considerando-se a realidade do analfabetismo da época, o rádio veio abrir um mercado maior de consumidores de notícias irradiadas, assim, os jornalistas produtores de notícias, acostumados com os jornais impressos, sentiram a necessidade de adaptarem-se à mídia rádio – cada vez mais presente no dia-a-dia da população.

Na década de 40, as agências internacionais de notícias trouxeram a idéia de “síntese” para o rádio brasileiro, que começava a produzir uma linguagem jornalística específica para o veículo, ou seja, tentar transmitir o máximo de informação em menos tempo, com textos específicos para rádio.

²⁷ Entre aspas retirado de “Atividades do DIP”. Cultura Política, Ano IV, dezembro de 1944, p. 115, em MOREIRA

4. A Adequação da Linguagem Radiojornalística

Conforme afirma Squirra (1993, p.68), observando a recepção de notícias no fenômeno da leitura de jornais impressos, percebemos que os olhos têm a liberdade de ler e reler o texto quantas vezes forem necessárias, até o entendimento total do assunto, enquanto, na audição de rádio, o processo é diferente; há a necessidade do entendimento imediato. Pois o locutor, num mesmo momento, não irá repetir a notícia. A audição do rádio é mais exigente: ou se entende a mensagem de imediato, ou não se entende nada ou quase nada. Não é possível voltar e ouvir de novo.

Outra diferença essencial que se mostra, é que num jornal impresso, uma notícia de 20 linhas é considerada curta; em rádio, ocorre justamente o oposto. O jornalista, nesse caso, tem de ter completo domínio da língua culta e saber o significado exato de cada palavra ou expressão a fim de comunicar, em frases curtas, todo o conteúdo necessário. Por essa razão, esse texto, precisa ser ágil, claro e objetivo.

Squirra (1993, p.65), ao citar Carlos Drummond de Andrade: "Escrever é cortar palavras", acrescenta que, na transmissão radiofônica, cada palavra eliminada pode aumentar a clareza do conteúdo a ser transmitido, assim, ainda se ganha tempo para mais informações.

Outro raciocínio interessante de Squirra (1993, p.66), é sua afirmação de que "O ouvido tem menos paciência do que os olhos, e ficam desorientados quando contamos a eles uma história de forma monótona ou rica demais em detalhes".

O autor sugere que, em notícias irradiadas, tente-se sempre usar não só frases curtas na ordem direta, mas, também, palavras curtas. A concisão e a objetividade são fundamentais.

Segundo Baumworcel *in* Moreira e Del Bianco (2001, p.110), a evolução do radiojornalismo no Brasil ocorreu a partir de três momentos históricos no Brasil:

- na década de 1940, quando foram criadas as primeiras regras com base no modelo norte-americano; - na década de 1960, quando o rádio investiu no gênero informativo como alternativa para continuar a existir frente à concorrência da TV;

- e na década de 1980, como opção para as emissoras AM sobreviverem à hegemonia das FM.

4.1 Os Pioneiros do Novo Formato Noticioso Radiofônico

No início da Segunda Guerra Mundial, três programas jornalísticos já estavam à frente das outras emissoras brasileiras na irradiação dos fatos, eram esses o “Repórter Esso” – transmitido inicialmente pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e também pela Rádio Record, em São Paulo, sob a direção de Paulo Machado de Carvalho e “O Grande Jornal Falado Tupi”, sob a tutela de Assis Chateaubriand e “Comandos Continental”, sob a direção de Gagliano Netto.

A década de 1940 foi um período fértil de construção de uma linguagem nacional própria do Rádio para a transmissão de notícias.

4.2. O Repórter Esso

No clima da aproximação brasileira com os Estados Unidos, “O *Repórter Esso*”, surge no mesmo formato que já existia em outras capitais de países para onde se voltava também o interesse do esforço de guerra norte-americano.

Buenos Aires, Santiago e Havana também tinham suas versões do programa, bem como, logicamente a matriz do formato, transmitida de Nova York. Todos patrocinados pela Esso – companhia de petróleo, e com o noticiário da United Press international (UPI), segundo Ferraretto (2000, p.127), as transmissões iniciavam suas

aberturas com uma vinheta musical e um dos seguintes textos abaixo:

“-Prezado ouvinte, bom dia. Aqui fala O *Repórter Esso*, testemunha ocular da história, apresentando as últimas notícias da UPI”.

Ou:

“-Prezado ouvinte, bom dia. Aqui fala O *Repórter Esso*, porta-voz radiofônico dos revendedores Esso, apresentando as últimas notícias da UPI”.

Ou:

“Prezado ouvinte, bom dia. Aqui fala O *Repórter Esso*, o primeiro a dar as últimas”.

Estreando no dia 28 de agosto de 1941 às 12h55, na Rádio Nacional, permaneceu no ar durante 27 anos e consagrando a voz de Heron Domingues, que assumiu o posto de locutor exclusivo em 03 de novembro de 1944. Com suas edições extraordinárias, anunciadas ao som de clarins, tentava um novo formato de se fazer notícias em rádio.

Segundo a jornalista e radialista Paranhos (2008), “ O *Repórter Esso*” também lançou no Brasil o primeiro guia impresso para orientar radialistas na preparação do noticiário. O “Manual de Produção” destacava três regras básicas cumpridas com rigor pelo programa:

- O *Repórter Esso* é um programa informativo;
- O *Repórter Esso* não comenta notícias;
- O *Repórter Esso* sempre fornece as fontes da notícia.



Heron Domingues²⁸

Segundo o Ferraretto (200, p.127), a grande contribuição de “O Repórter Esso” para o radiojornalismo do Brasil, foi a introdução de um modelo de texto linear, direto e corrido, apresentado em um noticiário ágil e estruturado.

Para KLÖCKNER (2001),

“Durante a cobertura da Segunda Guerra, percebe-se, no texto de “O Repórter Esso” a presença de adjetivos; alguns valorizando os feitos Aliados como: *poderosas* forças, *vigorosa* luta, *tenaz* batalha, *histórica* resistência, *gigantesco* orçamento, *graves* resoluções, *sábia* política da boa vizinhança de Roosevelt; ou atribuindo qualidades depreciativas aos inimigos como: *tragicômico*, *sanguinário* fascismo; além de outros adjetivos como *sensacional*, *grande*, *maior*, quando se referiam aos norte-americanos. Também podem ser observados rótulos como: *vermelhos* ou *inimigos*, para se referir aos comunistas; e expressões como *último baluarte* ou frases de efeito como *a história humana jamais esquecerá este nome, o mundo se encontra ante uma verdadeira encruzilhada, em esferas responsáveis, reina a impressão*. Outra técnica utilizada era criar tensão, apreensão, ao preceder à última notícia com as palavras de *atenção*, *urgente*, *urgentíssimo* ou ainda: *e agora o último telegrama*”.

²⁸ <http://www.folhadesaopaulo.com/2008/01/reprrter-esso-o-primeiro-dar-as-ltimas.html>

Klöckner (2001) exemplifica sua observação, com vários recortes dos textos do programa, abaixo, selecionamos três:

1. O ataque à base norte-americana no Pacífico, em 7 de dezembro de 1941, determinou a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra:

“E atenção, atenção ouvintes do Repórter Esso.//Washington, urgentíssimo.// Aviões japoneses atacaram de surpresa esta madrugada a base naval norte-americana de Pearl Harbor”.

2. Durante reunião, realizada no Rio de Janeiro, em 23 de janeiro de 1942, os países americanos reafirmaram sua solidariedade continental, recomendando o rompimento imediato das relações com as nações do eixo nazi-fascista.

“Foi a maior derrota diplomática do nazi-fascismo, literalmente batido nas suas investidas de infiltração num continente tão visado pela sua política agressora de espaço vital. A sábia política de boa vizinhança preconizada por Roosevelt, e tão bem compreendida pelos demais estadistas do Continente, recolhe os seus frutos mais concretos, e as Américas declaram-se unidas, condenando em declaração histórica, os agressores mundiais”.

3. A Segunda Guerra Mundial consolida o seu final com três notícias, divulgadas pelo *Repórter Esso* em 1945:

- 9 de maio

E atenção, atenção ouvintes do Repórter Esso.//

A Alemanha assinou a sua rendição incondicional.///

- 6 agosto

E atenção, atenção ouvintes do Repórter Esso.//

Aviões atômicos lançaram nova e poderosa arma sobre a cidade japonesa de Hiroshima. / Os efeitos da bomba atômica fizeram com que Hiroshima fosse varrida do mapa.//

- 14 de agosto

E atenção, atenção ouvintes do Repórter Esso.// De bordo do encouraçado norte-americano Missouri, urgentíssimo.// O Japão rendeu-se incondicionalmente”.

Outra característica fundamental que marcou o programa era o fato de que se houvesse uma notícia importante a ser dada, qualquer programa que estivesse no ar seria interrompido, para dar lugar à transmissão da mensagem.

Segundo Tapajós *in* Ferraretto (2000, p.128):

“O Repórter Esso foi o noticiário de maior importância naquele tempo. (...) Ele interrompia qualquer programa para dar uma notícia que fosse considerada de alta necessidade. Interrompia-se qualquer coisa: programa de música, programa de teatro, o que fosse. Se a notícia merecesse

realmente isso, ele interrompia. Daí o fato, de o *Repórter Esso* ter criado uma credencial tão grande que, quando a segunda guerra acabou – a Rádio Tupi inclusive foi ao ar, anunciando que a guerra tinha acabado – mas ninguém acreditou, porque o *Repórter Esso* não deu.”

Com essa fórmula importada, o *Repórter Esso* alcançou grande credibilidade e abrangência na época de sua transmissão que durou até 1962 na Rádio Nacional, sendo depois transmitido pela Rádio Globo, até 31 de dezembro de 1968.

4.3. O Grande Jornal Falado Tupi

Este jornal também surgiu na época da Segunda Guerra Mundial, era comandado por Corifeu de Azevedo Marques²⁹ e Armando Bertoni, que criaram o primeiro radiojornal brasileiro. Com um fundo musical característico, o som subia e descia de volume, conforme se iam apresentando as manchetes.

Transmitido às 22h, “O Grande Jornal Falado Tupi” reproduzia a estrutura comum à imprensa escrita, devido às influências de Coripeu de Azevedo Marques, que era um homem do jornalismo impresso. No início, havia a identificação do noticiário como o *lead* de um periódico impresso. Depois, com a marcação da sonoplastia, as manchetes reproduziam a capa de um jornal e, da mesma forma como faziam os periódicos com seus editoriais, “O Grande Jornal

²⁹ Coripeu de Azevedo Marques nasceu em 20 de maio de 1907. Foi um jornalista combativo defensor das reivindicações municipalistas, um idealista de causas nobres e um apaixonado por sua criação maior, “O Grande Jornal Falado Tupi”. Durante 23 anos, desde o 1º de abril de 1942, Corifeu de Azevedo Marques sempre esteve a frente do programa que revolucionou a concepção de noticiários transmitidos pelo rádio. Para não abandonar seu programa de rádio, ele renunciou a diversos cargos como o de diretor-superintendente da “Rádio Tupi” e de gerente da “Rádio Difusora”, de assistente da direção nacional dos “Diários Associados” e de diretor da Agência Meridional, além de recusar as Secretarias do “Diário da Noite” e “Diário de São Paulo”. Com o objetivo de tomar contato com o público, criou duas seções dentro do grande “Jornal Falado Tupi”: “Pessoas desaparecidas” e “O povo reclama”, verdadeiros serviços públicos beneficiando principalmente as pessoas humildes e desamparadas. Faleceu em 29 de agosto de 1965. Fonte: www.radiorc550.com.br/sobre_radio_datas.php

Falado Tupi” seguia com as notícias agrupadas em blocos – política, economia, esportes, etc.

4.4. Comandos Continental

Em 31 de julho de 1948, o radiojornalismo brasileiro moderno ganhou um grande impulso com a Emissora Continental, do Rio de Janeiro. Antiga Rádio Clube Fluminense, de propriedade de Paulo Beviláqua, a Continental foi comprada por Rubens Berardo em 1948. Berardo confiou a Gagliano Neto³⁰ a estruturação da emissora, que criou um formato radiofônico novo baseado em sua experiência de locutor esportivo: o de música-esporte-notícia.

Embora a Rádio procurasse concentrar-se mais em esporte e notícia, foi por meio da cobertura do carnaval que a Continental criou a introdução da reportagem no rádio brasileiro, com operadores e rádios-repórter sempre tentando falar direto do palco de ação da notícia, o que aproximou um pouco mais o rádio dos ouvintes. Essa informação é confirmada por Carlos Alberto Vizeu *in* Bespalhok (2007) quando afirma que a música “entrava para tampar buraco” e era interrompida a qualquer momento para a veiculação de informação.

Segundo Moreira (1991, p.67), chefiando a “Seção de Comandos e Reportagens” da emissora estava Carlos Palut, que é apontado como o responsável pelo início das transmissões das reportagens, inspirado pelas coberturas que a emissora passou a fazer do carnaval.

Em Vizeu *in* Bespalhok (2007), encontramos o seguinte depoimento:

³⁰ Locutor esportivo, que dez anos antes havia realizado a proeza de transmitir, em cadeia nacional e direto da Europa a Copa do Mundo de 1938. Fonte: <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br>

“Foi ele [Palut] que trouxe essa coisa da reportagem, da cobertura de carnaval e que foi o embrião, a cobertura de carnaval na verdade foi o começo, foi o primeiro passo para o que ele queria fazer que era fazer a cobertura dos grandes acontecimentos, que depois foi feito”.



O repórter Paulo Caringi³¹ entrevistando o presidente Juscelino Kubitschek³²

Da Radio Continental, o formato estendeu-se para vários pontos importantes do Rio de Janeiro, como hospitais e delegacias com coberturas noticiosas transmitidas dos locais.

Para Moreira (1991, p.67), a experiência de reportagem desenvolvida por Palut e pela Continental foi uma das bases para o estabelecimento do tipo de radiojornalismo que temos na atualidade. A autora acredita que a reportagem volante de Carlos Palut foi mais um passo na consolidação do radiojornalismo nacional, para a agilidade, com as “transmissões de externas”.

Segundo Bespalhok (2008):

“Os carros RC-1 e RC-2 circulavam diariamente pela cidade. Um ficava encarregado de cobrir as pautas previamente

³¹ Radialista, Jornalista, foi repórter da rádio Continental. Caringi foi o quem informou em “primeira mão” o suicídio do Presidente Getúlio Vargas.

³² Fonte: arquivo pessoal de Paulo Caringi, apud BESPALHOK

agendadas e o outro percorria a cidade em busca do inusitado e do inesperado. A ordem de Palut era a de que os repórteres procurassem por assuntos de interesse da cidade e prestassem um serviço ao cidadão falando de incêndios, assaltos, desabamentos ou enchentes”.



O repórter Paulo Caringi transmitindo do RC 2³³

Ainda nessa época, a chegada do transistor começou a diminuir o tamanho dos aparelhos receptores, fato que criou também a possibilidade de mobilidade na transmissão, facilitando a portabilidade e fazendo com que os carros pudessem acolher a mídia rádio com muito mais alcance e qualidade, aumentando, assim, novamente o espectro de ouvintes.

Portátil, o rádio foi para as ruas, para as mãos do trabalhador que carregava o seu radinho de pilha numa nova dinâmica de difusão das informações.

³³ Fonte: arquivo pessoal de Paulo Caringi, apud BESPALHOK

5. A PRH 9 – Bandeirante e o Projeto de se Impor no Mercado Radiofônico

Na Rádio Bandeirante, sob o comando de Adhemar de Barros, instalou-se uma nova diretoria afinada com o governo provisório, e criaram-se programas que buscavam divulgar a música brasileira em larga escala – indo ao encontro do apelo nacionalista de Getúlio.

A fim de tocar seu novo empreendimento, Adhemar entregou a direção artística a Rebello Júnior, que também ficou responsável pela locução esportiva e adotou o apelido “o homem do gol inconfundível”.

Segundo Soares (1994, p.64), Rebello foi o primeiro a anunciar o gol com uma emissão longa de voz, o “gooooooooooooooooo”, esticando o grito para ganhar tempo e descobrir o autor do lance. Esse estilo foi incorporado mais tarde por outros narradores esportivos.



Rebello Júnior, em 1951 ³⁴

Rebello vinha de uma sólida carreira como locutor esportivo, tendo passado por outras grandes rádios da época, como as Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo; depois foi para a Rádio Cosmos, e em seguida para a Rádio Difusora também de São Paulo, mantendo um bom relacionamento com artistas e investidores, e, no cargo de

³⁴ Rebello Júnior. Fonte: Almanaque do Rádio

diretor artístico, investiu em contratações de artistas para a rádio PRH 9.

Com ele, vieram do Rio de Janeiro Gilberto Martins, responsável pelo lançamento da primeira novela do rádio brasileiro, "Em busca da Felicidade", da Rádio Nacional, e de São Paulo, das próprias Unidas – de Paulo Machado, Murillo Pereira Leite, para cuidar do departamento comercial. Na direção geral, encontrava-se o economista prof. Antenor da Silva Negrini.



Murilo Pereira Leite, em 1951 ³⁵

A partir daí, deu-se outra retomada de crescimento da PR H9, que contratou também Ivani Ribeiro, Lucilia Freire, Gessy Fonseca, Izaura Marques, Iara de Aguiar, Diva Camargo, Dárcio Ferreira, Rui Lemos, Armando Peixoto, Geraldo Blota, Wilson Roberto, Walter George Durst, Bruno Sobrinho, Walter Júnior e Lauro D'Avila.

³⁵ Murilo Pereira Leite. Fonte: Almanaque do Rádio



Ivani Ribeiro, em 1951 ³⁶



Dácio Ferreira, em 1951 ³⁷



Walter Júnior, em 1951 ³⁸

³⁶ Ivani Ribeiro. Fonte: Almanaque do Rádio

³⁷ Dácio Ferreira. Fonte: Almanaque do Rádio

³⁸ Walter Júnior. Fonte: Almanaque do Rádio



Wilson Roberto, em 1951 ³⁹



Walter George Durst, em 1951 ⁴⁰

Os investimentos de Rebello em elenco não se limitaram a nomes nacionais, como afirma Muniz *in* Pires (1951, p.23):

“...Está mais do que visto que Rebello Jr. Está disposto a tudo para manter em nítida escala ascendente a sua fase à testa da PRH-9, Rádio Bandeirantes. E os ‘cartazes’, daqui ou de fora, sempre foram um dos pontos básicos de atração para uma emissora eminentemente popular. Vai daí, Rebello Júnior estar sempre alerta, contratando ‘cartazes’ de vanguarda nacional ou internacional e provocando, para a Rádio Bandeirante; esses frenesis de auditório que dão à PRH-9 um gostoso lugar de vanguarda no cenário nacional”.

³⁹ Wilson Roberto. Fonte: *Almanaque do Rádio*

⁴⁰ Walter George Durst. Fonte: *Almanaque do Rádio*

Segundo Moreira (1998, p.43), quando ainda estava no comando da Bandeirante, Adhemar de Barros chegou a participar de um movimento liderado por empresários do rádio paulista para fazer frente à expansão dos domínios de Assis Chateaubriand, que adquiriu a Rádio Difusora Paulista para criar uma rede de rádios – as Emissoras Associadas – lideradas pela Rádio Tupi do Rio e São Paulo. O grupo que pressionou Chateaubriand era liderado por Paulo Machado de Carvalho, da Record, e incluía as rádios São Paulo, Cultura, Bandeirante e Pan-Americana. O movimento, de curta duração, levou o nome de Rede das Emissoras Unidas.

5.1. A retomada de crescimento da Bandeirante

Com a nova equipe, ainda sob o comando de Adhemar de Barros, a reconquista de audiência deu-se muito rapidamente, e a H9 voltou ao topo das emissoras mais ouvidas pelo público paulista.

O prédio ocupado na Rua Líbero Badaró tornou-se pequeno, a Bandeirante, então, trocou novamente suas acomodações para receber os freqüentadores de auditório num espaço maior, à Rua Paula Souza, no. 181.

A PRH 9 era popular, mas, novamente, a despesa era muito maior que a receita, para desalento de seu proprietário Adhemar de Barros, que investiu na rádio, pensando apenas no apoio a campanhas políticas que esta geraria. Faltava, portanto, trabalhá-la melhor comercialmente, para que ela pudesse se manter entre as eleições.

Em entrevista a autora Saad (1998) apontou que Adhemar reclamava:

“Comprei uma rádio, com pretensões à Presidência da República, a campanha que vem vindo aí, e eu tenho lá dois homens extraordinários, um é profissional de rádio, conhecido, que é o Rebello Junior e o outro é o prof. Antenor da Silva Negrini, que é um economista excelente e competente. Mas

tem um impasse: um vem e fala que ela está na pior. O Negrini diz: 'Está pessimamente administrada, tem gente demais, dá prejuízo e vai quebrar'. Vem o artista e diz que ela '...está indo muito bem, está indo cada vez melhor'. E eu não sei o que eu faço, só sei que todo mês eu tenho que desembolsar muito dinheiro na Rádio".

O fato é que diretor artístico e o administrativo não chegavam a um consenso, enquanto isso, as outras rádios cresciam em qualidade e credibilidade, sobretudo com seus programas jornalísticos.

6. Saad Gerencia A Rádio Para Adhemar De Barros

Diante da dificuldade financeira que a Rádio PRH 9 se encontrava, Adhemar pediu ajuda ao genro, que era de sua total confiança e já se mostrava habilidoso como homem de negócios.

Ares (2005) relembra e conta:

“Com o passar do tempo, a relação com o sogro se fortaleceu, até o dia em que Adhemar disse ao genro:

– João, eu preciso de você para algo que me é fundamental. Você sabe, tenho a Rádio Bandeirante, e a utilizo só durante as campanhas políticas. Quero que você assuma aquilo, porque só tenho prejuízo.

João respondeu:

– Dr. Adhemar, o que eu entendo de comunicação? Nada! Meu negócio é tecido.

– Mas vire-se, porque eu não agüento mais perder dinheiro, disse Adhemar.

– Está bem, eu vou - só que não é o meu negócio e eu não pretendo ficar, se o Sr. tiver alguma intenção, desista. Eu não vou ficar. Vou dar umas horas lá e volto para os meus negócios. Não sei o que ganha, acho que não ganha quase nada - disse João”.

João Saad assumiu a Rádio Bandeirante (ainda no singular) no dia 1º de julho de 1948.



João Saad em 1947, com 28 anos de idade ⁴¹

Na época, os problemas da PRH 9 – Bandeirante começavam com a potência da transmissão e estendiam-se a um desencontro de objetivos entre a direção comercial e o departamento artístico, tendo como resultado a instabilidade financeira.

Segundo depoimento à autora, Saad (1998) afirma:

“E encontrei de fato isso, o economista revoltado com o artístico, que era quem ficava lá e não providenciava nada, nem ao menos contabilidade e, mesmo assim, contratou os melhores artistas que havia naquela ocasião, Ivani Ribeiro, Mario Lago, Dias Gomes, Gilberto Martins, uma porção, vários deles. Outra coisa, é que, naquele tempo, nós éramos uma estação pequena, tínhamos só cinco quilowatts de transmissor, lutando com poderosos como a Record, como a Tupi, que tinham dois grandes comandantes, meus amigos, mas eles tinham 100 quilowatts”.

João Saad (1998) relata o cenário da época:

“Quando eu fui dar uma olhadinha na Bandeirante, na Rua Paula Souza, o lugar, a meu ver, não era apropriado. Era uma rua de cereais, de atacadistas, você, para por o seu carro lá, não podia, porque tinham aqueles caminhões que carregavam e descarregavam, e pediam para gente tirar o carro, senão

⁴¹ Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Helena Saad

eles amassavam. De noite, aquilo era um deserto... fechava, era um sertão, até hoje, você vai a Rua Paula Souza - de noite - você não vê ninguém, ninguém te vê. Não era lugar para uma rádio”.

Havia entre Rebello e Negrini um grande e visível desentendimento. O primeiro passo de Saad foi marcar uma reunião com os dois funcionários para tentar uma reconciliação.

A primeira reunião entre os três foi tumultuada. Na mesma entrevista Saad (1998) aponta:

“Eu disse:

- Como vai isto aí?

O economista me disse:

- Tem um gasto enorme e tem uma venda nula.

O outro dizia:

- Eu estou com os melhores artistas do Brasil.

E eu retruquei:

- Mas, como é que você paga esse gente?

Ele disse:

- Bem, isso é que é o difícil”.

João argumentou e tentou fazer com que os dois se entendessem. Segundo Saad (1998), esta foi sua proposta:

“ -Olha, o Dr. Adhemar não quer a estação para ele. Ele é um político, quer ser presidente; ele vai querer usar isso para esse fim. Me pediu para dar uma olhada, eu vou ajudar no que for possível; mas se entendam, se acertem. Cada um tem que dar de si o que tiver de melhor, para levantar isso. Tenho certeza que, depois da campanha, ele não vai querer mais a Rádio, vai dar para vocês”.

Passou-se o tempo e não houve jeito, os dois diretores não se entendiam, culminando com a saída de Negrini que se demitiu.

Rebello continuou na Rádio, mas no mesmo ritmo – sem participar das reuniões administrativas e, portanto, ausente dos problemas financeiros. João, cumprindo seu papel de administrador, pressionava Rebello, que insistia em gastos excessivos com o departamento artístico e, ante às cobranças de Saad, freqüentemente, ameaçava pedir demissão e, no início de 1950, de fato, saiu da empresa.

Saad (1998) relata-nos o incidente:

“E um dia ele consumou mesmo - até de uma maneira brutal e pediu demissão. Me deixou lá, fiquei com um medo desgraçado, mas eu tinha os meus brios, achei que era uma coisa feia que ele havia feito - respeitei, mas pensei: ‘tudo bem, mas ele não volta mais’. Procurei então pessoas que pudessem me orientar. E a orientação que recebi de amigos foi que eu melhorasse o equipamento. Nós tínhamos bons artistas o Dias Gomes, o Mário Lago; eles podiam fazer o melhor programa - mas não passava da esquina, não passava do quarteirão”.

João Saad queria melhorar o equipamento, mas as fábricas nacionais na época – pós-Segunda Guerra – não tinham equipamento disponível para pronta entrega. A solução foi importar um transmissor melhor. Segundo Saad (1998), era o que havia de mais moderno no mercado da época:

“Em 1948, havia três anos que tinha acabado a guerra, não havia equipamentos; todos pararam de produzir tudo para fazer canhões, aviões e outros produtos para a guerra. Não havia transmissores novos e modernos. Naquele tempo, o transmissor que eu tinha era refrigerado à água. Ele funcionava três horas e precisava parar por uma hora e meia para poder refrigerar...à noite, precisava ficar desligado. Então, comprei um ‘General Eletric’ lindo, comparado com os fabricados aqui, que eram completamente diferentes. Os

transmissores daqui trabalhavam algumas horas e você precisava parar, e refrigerar as válvulas, refrigeradas à água. Era um ventilador, que tinha que ficar na água que umedecia e esfriava. Esse já era um transmissor novo, que não precisava de água, era a ar mesmo”.

Saad (1998) relata que estranhou o novo universo de pessoas para o qual passou a se dirigir.

Seu costume de boa relação com a vizinhança da Rua 25 de março, como foi mencionado por ele anteriormente, não era exatamente o mesmo cenário que agora se apresentava. Saad (1998) relata:

“Mudei de ramo, passei a conviver com todas as classes. No Rádio tem gente boa e tem gente ruim. Na época, havia excelentes pessoas, de um caráter fantástico, e havia cafajestes, como têm em toda parte”.

Como nova estratégia na rádio, a direção artística foi para as mãos de Dárcio Ferreira, locutor e escritor, que já fazia parte da emissora, e que convidou para a Bandeirante o programador Luiz de Oliveira; Murilo Pereira Leite mantinha-se como diretor comercial.

Com a direção de veia dramática de Ferreira, a Bandeirante entrou no clima dos folhetins e a esposa de Dárcio, Ivani Ribeiro, poeta, locutora, radioatriz e cantora, ganhou um programa diário de radioteatro chamado “Teatro Ivani Ribeiro”.

Tempos depois, é lançado outro radioteatro de muito sucesso, a “Família Encrenca”, que tinha como intérpretes principais Walter Foster, Rosália Ferraro, Maria Estela Barros e Bruno de Lucca.



Walter Foster, em 1951 ⁴²



Maria Estela Barros, em 1951 ⁴³

Com a nova programação, melhorou a audiência, mas a receita e a despesa da rádio ainda não estavam em situação de lucro.

Em entrevista à autora, João Saad (1998) conta que certo dia chegou à Rádio e pediu para Alberto Saad (que tinha o mesmo sobrenome, mas não era seu parente) diagnosticar a situação comercial do empreendimento. Com o levantamento feito, ficou claro que a despesa era muito maior que a receita e Adhemar teria ainda de cobrir as diferenças.

Ao analisar também a programação da Bandeirante, João percebeu, ainda, que a rádio tocava pouca música, pois o maior espaço era reservado à leitura dos “reclames” – nome dado antigamente aos comerciais.

⁴² Walter Foster. Fonte: Almanaque do Rádio

⁴³ Maria Estela Barros. Fonte: Almanaque do Rádio

Constatou que, após uma única música, havia aproximadamente 15 minutos de “reclames”, seguidos de mais uma música, e, novamente, outra infinidade de reclames. Avaliando comercialmente, observou também que o custo das chamadas comerciais era muito barato.

João, então, resolveu inverter: dividiu o valor arrecadado pelo total de chamadas por seis e estipulou o preço dos comerciais, resultado da divisão, em apenas uma chamada. A idéia era manter poucas chamadas e mais músicas, para, assim, aumentar a audiência.

Em entrevista a Parron (1996), Saad afirma:

“Não havia tempo para você por dois, três mil textos, eu podia por 500, 600, no máximo, então fui procurar os anunciantes e disse:

- Olha aqui, nós estamos vendendo para vocês dois mil textos, mas eu não estou pondo dois mil textos.

Eles disseram:

- Nós sabemos disso, todos vocês do rádio vendem, dois, três mil textos, mas vocês não põem, por isso nós não pagamos, levamos vários meses para pagar

Eu disse:

- Pois é, eu vou poder te dar só 600 textos, 500, 550, mas é tudo anotadinho, e eu não vou vender pelo preço de dois mil, eu quero mais, mas eu vou te dar isso.

Começamos a dar respeitabilidade para a própria rádio, e para o próprio radialista. Até então, eles não confiavam na gente, e o procedimento era esse”.

Foi uma grande revolução no mercado e os clientes anunciantes da Bandeirante, obviamente, não gostaram do grande aumento no custo.

João, com um bom argumento, convenceu os anunciantes a ficarem no novo formato durante um mês, sem custo, para que

avaliassem suas vendas. Se o resultado fosse positivo, eles começariam a pagar no mês seguinte.

No segundo mês, todos pagaram e ele começou a fazer a rádio crescer.

Por um tempo João ainda trabalhou na loja do pai, e manteve as duas funções. Mas, depois, foi chamado por Adhemar de Barros para gerenciar e dedicar-se apenas à Rádio.

Em 1950, Saad fez a Rádio Bandeirante participar da campanha eleitoral. Gravou os *jingles* da chapa apoiada por Adhemar – Getúlio Vargas para presidente e Lucas Nogueira Garcez para governador, que foi eleita.

Em entrevista cedida à autora, ocorrida durante evento em São José dos Campos, em outubro de 1998, Saad considera o formato de apresentação dos programas:

“Era tudo ao vivo e eu me apaixonei por esse universo. Foi uma luta bonita. Eu vendi uma empresa minha, e com o dinheiro resolvi só fazer rádio. Da Rede, a primeira Rádio que eu comprei foi a de São José dos Campos”.

A Rádio Bandeirante, já muito bem equipada, crescia rapidamente e, obviamente, apoiando politicamente Adhemar de Barros, não podia pedir apoio de órgãos públicos para financiamento de mais equipamento.

Saad afirma a Parron (1996), que a resposta do governo era clara:

“Nós não podemos dar verba para você porque consta que a estação é do Dr. Adhemar de Barros, então, se nós formos dar é um negócio ilícito, é uma proteção”.

E continua:

“...então não davam porque ele era o governador, e isso não seria muito ético, e eu fui buscar no comércio, na indústria, onde eu tinha o meu relacionamento, e comecei a vender para eles e entregar o que de fato eu vendia: não aquela barbaridade de coisas... começamos a importar artistas, trazer temporadas, começamos a fazer muitas coisas, a rádio começou a crescer, a ter seu conceito... Aí veio a campanha, que foi uma coisa bonita, nós apoiamos Getúlio, Garcez, apoiamos o César Vergueiro para senador e foi uma vitória espetacular do líder Adhemar de Barros”.

Passada essa fase de eleição, Saad foi ao sogro cobrar por seu trabalho, pois até aí não havia recebido nada da Rádio, ao que Adhemar respondeu que não pagaria ao genro com dinheiro, mas, sim, com a própria rádio.

A única imposição do sogro era que o genro o apoiasse com a mídia, quando houvesse eleições. Saad ainda questionou, mas, depois, aceitou a condição.

Segundo Saad (1998), assim foi o diálogo entre os dois:

“Procurei o meu sogro e disse:

- “Agora eu volto para os meus negócios, e está aqui a tua estação, era uma porcaria quando peguei, me deu uma dor de cabeça e eu não tinha a paciência de ir lá buscar as verbas com o senhor. Agora está aqui a estação. Está em ordem. Eu me arrumei sozinho. Agora ela já é uma estação conceituada, o senhor. pode ficar com ela e me dá essa parte que eu pus, está aqui”.

E continua:

“Ele disse:

- “Nós vamos fazer um negócio, eu não quero rádio, não preciso de rádio, eu não te pago isso que você pôs, mas, em compensação, te dou a rádio inteirinha, mas em troca eu sou político toda vez que houver campanha você me apóia”.

Eu disse:

- “Não, é o pior negócio do mundo fazer isto, o senhor faria o melhor negócio da sua vida, numa campanha dessa, o senhor tira o valor de duas vezes. Não faço”.

Mas como era meu sogro e eu tinha muito carinho por ele, mudei de idéia e lhe disse:

- “Vai ser o contrário, você vai fazer o melhor negócio da sua vida, eu vou ficar com ela sim”.

E, de fato, com a venda que eu tinha feito, de outras coisas minhas, de meus negócios, eu parti da Bandeirantes e fui comprar outras estações, a primeira foi São José dos Campos, que eu tenho até hoje, comprei Lorena, comprei Jacareí, Minas, para matar as saudades, que foi lá que eu comecei minha vida, comprei Lavras, Pouso Alegre, Mato Grosso, fui comprando uma porção de estações de rádio, então, quando tinha uma campanha eu não dava para meu sogro uma campanha de uma estação de rádio, eu dava de uma rede, e dizia:

-“Tá vendo, o senhor fez o melhor negócio da sua vida”.

7. Saad Torna-Se O Dono Da Bandeirante

A partir de 1951, a Rádio Bandeirante cresceu muito comercialmente, sendo a primeira emissora no Brasil que conseguiu formar uma rede de rádios no país, a chamada "Cadeia Verde Amarela", chegando a ser composta de 90 emissoras, todas em ondas curtas. Deste evento surge o novo batismo das emissoras – agora no plural: Bandeirantes, com “s”.

Com a instalação da Rede, a entrada de verba para a empresa dava-se através das mídias regionais, mais os resultados dos investimentos em propaganda nacional.



Anúncio da Rádio PRH 9, em 1951⁴⁴

Ainda no mesmo ano, em 1951, João Saad procurou Getúlio Vargas, conforme relatou a Parron (1996):

“Eu pedi a Getúlio que me desse espaço em ‘ondas curtas’, e aumento de potência - com isso eu poderia cobrir todo o Brasil com a rádio, e queria também um canal de televisão. Já em 1950, tinha sido inaugurada a televisão de Assis Chateaubriand, e eu pedi então o canal. E ele, muito político, disse ‘vou ver’, e, de fato, três anos depois saiu no *Diário Oficial* a concessão de uma onda curta, de outra, de outra, e depois da televisão... E com a onda curta, nós cobrimos todo o

⁴⁴ Fonte: Almanaque do Rádio em 1951.

Brasil, estamos falando em rádio, e a rádio cresceu mais ainda porque ela cobria o interior de São Paulo, aumentou sua potência, eu equipei-a melhor ainda, mudei de local e então comecei a pensar em televisão.”

Mas a TV Bandeirantes teria de esperar mais um pouco para sua estréia, pois Saad ainda não tinha verba suficiente e também encontrava resistência política dos concorrentes.

7.1 Outros Investimentos

A carreira empresarial de João Saad, no entanto, não se limitou ao ramo das comunicações. Ainda nos anos 50, com o sogro Adhemar de Barros, João Saad começa a investir em loteamentos em São Paulo. Depois toma frente neste negócio e parte para sua independência na área.

O local onde hoje é a sede do grupo Bandeirantes de Comunicação era parte de uma área que pertencia a Adhemar de Barros que, posteriormente, a negocia com Saad para tocar o projeto⁴⁵.

O acesso à fazenda era difícil e só era possível percorrê-lo a cavalo. Saad vinha então de carro até a marginal Pinheiros e subia o morro em um cavalo, para cuidar das obras de terraplanagem e loteamento, que à época estavam a cargo do Engenheiro Oscar

⁴⁵ Segundo jornal na web da Construtora e Incorporadora Lopes Imóveis, a história do bairro do Morumbi inicia-se em 1815, quando o inglês John Rudge comprou cerca de 700 alqueires de terra que pertenciam a dona Benedita de Jesus e a suas filhas religiosas do Convento Santa Clara, de Sorocaba. Em 140 anos, a Fazenda Morumby trocou sete vezes de proprietário. Como tantos latifúndios paulistanos, a propriedade de Rudge passou por vários outros donos e foi retalhada. Posteriormente, a antiga fazenda pioneira foi vendida para uma imobiliária, criou-se a Companhia Imobiliária Morumby, formada para urbanizar a área. Entre os acionistas estavam algumas das mais ilustres famílias da alta sociedade paulistana, como a de Eptácio Pessoa, do conde Andrea Matarazzo, dos industriais Walter Moreira Salles e Francisco Scarpa, do engenheiro Henrique Dumont Villares e dos comerciantes Horácio Lafer e Gastão Vidigal. Na década de 40 a Companhia Imobiliária fez a divisão dos últimos lotes da grande fazenda. Em 1948, o engenheiro Oscar Americano adquiriu grandes glebas e iniciou um processo de urbanização do local, abrindo e asfaltando ruas, implantado serviços de água, luz, saneamento básico e transporte coletivo. Adhemar de Barros e João Saad adquiriram também parte da terra. Fonte: <http://www.lopes.com.br>

Americano, responsável pela consultoria para formatação dos projetos de construção. Saad negociou parte do pagamento dos serviços de Oscar Americano em dinheiro e, parte, em terra.

Após a divisão do espaço e terraplanagem, João montou um estande de vendas (no local onde hoje é a avenida Morumbi próximo a hoje chamada rua Radiantes), para comercializar a área.

Sua participação neste empreendimento rendeu-lhe terras e lucros. Como São Paulo crescia novos bairros surgiam. Atento ao mercado imobiliário, Saad começou a incorporar grandes áreas e terrenos. Nasceram assim, entre outros, os bairros Cidade Adhemar e Jardim Leonor, uma homenagem aos pais de sua esposa.

8. Contribuições de Saad para o rádio no Brasil

Várias foram as contribuições importantes de Saad para o rádio no Brasil, uma delas foi a abertura dos microfones e transmissores da Bandeirantes por 24hs, em 1950.

Com o evidente resultado dos “reclames” que havia captado, o interesse em inovar, e sua astúcia em negócios, João percebeu que à noite havia outro universo de possíveis ouvintes, o que significava maior número de investidores e, assim, ele decidiu não fechar mais a rádio.

Saad (1998) relata à autora:

“Então eu fui buscar um transmissor novo, refrigerado a ar, que era uma revolução. Aquilo me permitia funcionar a rádio tempo todo e eu fiquei de tal maneira entusiasmado, que não desliguei mais o transmissor. Foi a primeira vez no mundo, creio eu, que uma rádio trabalhou 24 horas. Isso foi em 1951. Desde esse ano, a Bandeirantes nunca mais saiu do ar. Hoje em dia, todo mundo faz isso, mas, naquela época, não existia. Como é que eu ia achar cliente para anunciar nesse novo horário, se até de dia já era difícil? Mas fomos procurar o homem e a mulher da noite e acabamos descobrindo um mundo novo, interessante”.

A nova ação é um sucesso absoluto, mas, novamente, o mercado radiofônico apresenta-se com mudanças.

Nesse início de década, tinha ocorrido a inauguração da TV no Brasil e, aos poucos, o rádio foi obrigado a mudar.

8.1. Os Speakers

Em 1950, quando a TV Tupi foi ao ar, simultaneamente ao auge do sucesso do rádio, suas imagens eram captadas por apenas 200 receptores. Aos poucos, esse panorama foi mudando. Mais pessoas

tiveram acesso à tecnologia de um aparelho de TV. O Público migrou e a verba de propaganda também.

A evasão dos investimentos publicitários impôs ao rádio uma nova política de economia. Houve cortes substanciais nos quadros funcionais e programas desapareceram das grades de programação. Ocorreu a inserção dos *speakers*. Nessa época, a nova moda era um locutor que cativasse o público pessoalmente – falando com todos, mas especialmente com cada um. As músicas deixaram de ser produzidas ao vivo por orquestras e passaram a ser tocadas em vitrolas.

Segundo Tinhorão *in* Ferraretto (2000, p.136),

“A partir de meados dos anos 50, os programas com público presente começaram a sofrer a concorrência dos horários de *disc-jockeys* e seu *hit parade* – estava surgindo a era do *rock ´n roll*, e esse próprio acúmulo de nomes estrangeiros mostrava que uma nova realidade estava se impondo: o rádio passava pouco a pouco de teatro do povo para veículo sonoro de expectativas de ascensão social de novas camadas de classe média emergente, mais ligada às subliminares mensagens econômico-culturais da nova era da integração no universo do consumo internacional do que da pobre realidade brasileira”.

O novo meio foi, aos poucos, provocando uma perda de público e anunciantes, que abandonaram as emissoras de rádio, obrigando o veículo a buscar novas alternativas de administração, programação e estética.

As emissoras partiram para a segmentação, com uma programação adaptada. A miniaturização de peças e aparelhos também mudou o conceito do ouvinte.

A Bandeirantes, com Saad à frente, também buscou suas saídas.

8.2. Criações Em Jornalismo E Programas

Em 1954, ele decidiu investir em música e jornalismo, e inovou com a implantação de um modo original de informar, veiculando pequenos boletins de 1 minuto a cada 15 minutos de programação e, nas horas cheias, boletins de 15 minutos. Outra ação foi a contratação de *disc-jockeys*.

Em 1958, na Rádio Bandeirantes, um grande sucesso de público foi o programa *"Pick-up do Picapau"*, apresentado por Walter Silva (2005), que nos diz em depoimento:

"Eu fui chamado pelo Murilo Leite. Eu tinha idéia de ir para Rádio Piratininga, que era uma sócia da Rádio Bandeirantes. Mas aí o Murilo falou:

- Não, não, não! Você vem para Bandeirantes!— que era a importância do rádio naquela época. Aí eu não tinha título para o programa ainda, e me encontrei com o J. Antônio Dávila e o Hélio de Araújo, na Avenida São João, na hora do almoço e eles me ofereceram o título 'Pick-up do Pica-Pau,' que era para fazer um programa humorístico do Ronald Golias, na Rádio Nacional. Ele não aceitou, eu peguei. A estréia foi no dia 1º de dezembro de 1958. E foi um sucesso, um negócio muito feliz".



Elis Regina e Walter Silva em 1970 ⁴⁶

Walter Silva (2005) relembra a programação:

⁴⁶ Fonte: Arquivo pessoal de Walter Silva

"Eu começava com "Pick-up do Pica-pau", primeiramente foi de 10 às 11h30, porque a Bandeirantes tinha um programa esportivo na hora do almoço, 11h30, que eles não queriam mexer, e tal. Mas aí acabaram mexendo, porque o "Pick-up" invadiu e foi até o meio-dia. E às 13h tinha o Enzo de Almeida Passos com "O Telefone pedindo bis", que ia até às 14h. E aí as 14h30 entrava "Campeões do Ouvinte", que tocava as mais votadas. Às 15h tinha "É disco que eu gosto", com Henrique Lobo, que era diretor artístico da rádio. Depois ia até às 16h, às 16h tinha "Vitrola Mágica", uma idéia que o Edson Leite teve: comprou uma Jukebox e botou lá na Eletroradiobrás, na Avenida Celso Garcia, parece que era 1.000 (mil). E o ouvinte ia à loja e escolhia a música na Jukebox. E ele falava: 'J45', e o cara já sabia na técnica que 'J45' era 'tal' música e colocava a música, e o freguês pensava que tava tocando ali, e não era, era já na rádio. Uma idéia muito boa. Não sei por que não tem hoje ainda. Depois, às 18h, tinha "Os brotos comandam", com Serginho Galvão. Programa de *rock*, aquelas coisas... Ele era bonitinho, então, era ídolo, a juventude gostava muito dele. Depois vinha "A hora do Brasil", às 19h, depois vinha programa esportivo, a noite esportiva que eles faziam futebol. E quando não tinha futebol, entrava o Moraes Sarmiento. Programa de música brasileira antiga, tudo muito bonito".

E mais:

"A Bandeirantes era um negócio fantástico, à meia-noite tinha 'Varig é dona da noite', com o Fausto Canova. Ele apresentava e recebia visitas, a turma da noite, que ia lá, era um movimento incrível. Todo dia, incrível. A Bandeirantes foi a primeira emissora a quebrar a hegemonia da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A Rádio Nacional era ouvida no Brasil inteiro. Dominava o Brasil inteiro. Getúlio Vargas montou a Rádio Nacional do Rio com transmissores mais potentes do que das outras emissoras. Ele proibia qualquer emissora de ter

mais potência do que a Rádio Nacional do Rio. Enquanto as daqui tinham 15 kw, ela tinha 25, 40, 60. Não tinha jeito de competir. E aí a Nacional dominava cidade por cidade do Brasil, era primeiro lugar nas pequenas cidades do interior e nas grandes cidades da capital. Aí a Bandeirantes com essa programação de estúdio foi crescendo, crescendo, crescendo... chegou um ponto, que, na Copa do Mundo de 62, a Bandeirantes tinha primeiro lugar absoluto em todo o Brasil. E de futebol com o Mário Morais, Edson Leite, Pedro Luis, ... não dava para competir, não! Ela foi o primeiro lugar em 62. Dominou totalmente a Rádio Nacional do Rio. Você ia... fazia pesquisa do Ibope, dava: 1º lugar – Bandeirantes. 2º lugar – Emissora local. 3º - Nacional do RJ. Bateu todo mundo!".

Para driblar a concorrência da televisão, muitas rádios se transformaram apenas em "tocadoras de música", ou em "vitrolão" – palavra usada em alusão aos aparelhos que tocavam discos gravados em vinil, com forte influência americana. Nessa época, quem investiu em informação ganhou credibilidade e fidelidade do público.

Foi o que aconteceu com a Rádio Bandeirantes, que vinha com Hermínio Sachetta na direção do departamento de Jornalismo da empresa, desde 1955, e investiu forte em conteúdo e em criação de novos formatos jornalísticos.

Em relação à personalidade de João Saad, Walter Silva (2005) observa:

"O João Saad falava com todo mundo, ele corria a rádio toda, mexia em tudo... e queria saber, e tal. Estava sempre por dentro de tudo. Um dia, depois que inaugurou a televisão, eu estava com ele no switcher e ele falou pra mim:

- 'Não entendo nada de televisão. Mas vou entender'.

E aprendeu tudo. Ele andava com um molho de chaves, com a chave de toda a televisão. Uma vez o Walter Clark tava reunido lá com a porta fechada - não teve conversa - ele abriu com a chave dele e foi entrando. O Walter falou: 'Mas como que o senhor entra assim? - 'A casa é minha' - ele falava".

8.3. O Primeiro Edifício Brasileiro Criado Para Rádio E TV

Em 1961 iniciou-se, a construção do atual edifício Grupo Bandeirantes de Comunicação, o Edifício Radiantes - a primeira construção brasileira planejada para abrigar empresas de radiodifusão, que se finalizaria somente em 1965.



A nova sede da Bandeirantes na década de 60⁴⁷

Segundo Walter Silva (2005), a população de São Paulo organizava excursões para conhecer o prédio da Bandeirantes. Os ouvintes mais assíduos se inscreviam na rádio e ganhavam a “carteirinha” do clube RB, para concorrerem a prêmios e lotavam ônibus que iam do centro da cidade de São Paulo até o Morumbi, para uma visita.

A sede para a Rádio Bandeirantes e a futura TV ficou com o total de vinte mil metros de área, num prédio especialmente construído para esse fim.

8.4. O envolvimento de Saad com São Paulo e a CMTC

Segundo o Ares (2005), João Saad era apaixonado pela capital, e assim, aceitou o desafio do sogro Adhemar de Barros, prefeito da cidade de São Paulo (1957 – 1961), para presidir a Companhia

⁴⁷ Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Leonor Saad.

Municipal de Transportes Coletivos, a CMTC em 1960. Ares (2005) conta à autora um dos episódios da administração:

“Na empresa, Seu João percebeu que muitos pneus novos eram comprados sem que os antigos realmente estivessem gastos. Ao buscar informações, flagrou um desvio de pneus dos ônibus e demitiu todo o departamento de compras. Os pneus novos eram comprados e, passados alguns dias, durante a noite, eram trocados por velhos de companhias particulares. Com essa ação, João criava adversários políticos, inclusive o sogro, com quem novamente viria a se desentender mais tarde. Ainda na CMTC, onde atuou por seis meses, Saad reformulou aspectos do transporte da cidade, recuperou ônibus, criou linhas e reduziu o tempo dos percursos.”

Primeira experiência política convencional de Saad, sua administração caracterizou-se por uma administração apartidária. Segundo Néilson Lara Cruz em depoimento à Revista Imprensa (1988, p.18), quando então era secretário-geral da Companhia:

“Saad foi um bom presidente. Comprou 300 Mercedinhos, renovou a frota e foi muito criticado, mas na época, salvou o transporte público da cidade. E administrou de forma apolítica”.

Cruz (1988, p.18) afirmou que Saad teve muitos problemas com o sogro - Adhemar de Barros, a quem recusou pedidos de apadrinhamento. Para piorar as discordâncias com o sogro na época, Saad conseguiu ainda para a empresa, verba com o então governador Jânio Quadros – opositor declarado de Adhemar de Barros.

Cruz (1988, p.18) também relata um diálogo presenciado por ele, entre Saad e um indivíduo indicado por Adhemar de Barros para uma vaga na CMTC:

“Disse o indivíduo:

- O Prefeito me mandou voltar aqui e não sair enquanto o senhor não me nomear para o cargo.

Respondeu Saad:

- Mas, o senhor não tem *curriculum* e quer ganhar mais que meus diretores. Se o prefeito disse isso mesmo, é melhor nomeá-lo presidente da CMTC de uma vez, porque eu não vou fazer isso”.

Com seu estilo próprio de administração, Saad durou pouco na presidência da CMTC – apenas seis meses.

9. O Perfil Da Situação Política Mundial

Politicamente, nos anos 50, o mundo vivia sob um clima muito tenso. Os comunistas haviam atravessado o paralelo 38, houve a Guerra da Coréia, que se estendeu até 1953. Apenas dois pontos de vista ideológicos eram perceptíveis nessa época: o capitalismo, que fomentava o mercado livre e o socialismo, amparado pelo comunismo. Havia uma polarização político-ideológica bem delineada; de um lado, os Estados Unidos; do outro, a União Soviética.

No Brasil, em outubro de 1955, Juscelino Kubitschek foi eleito e, em seu programa de governo, prometia estabilizar o bem-estar do país e superar todas as suas dificuldades, realizando “50 anos em cinco”. Sua proposta prometia também a instalação da indústria automobilística no país e a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para o Planalto Central.

Em 1956, numa demonstração de força, a União Soviética esmagou a rebelião anticomunista da Hungria e, três anos depois, Fidel Castro venceu a revolução cubana.

Na Alemanha Oriental, de governo comunista, a construção do muro de Berlim marcava fisicamente a divisão do mundo, em 13 de agosto de 1961.



Construção do Muro de Berlim, em 1961⁴⁸

⁴⁸ Fonte: Google Images

Economicamente, as superpotências dedicavam-se ao controle das fontes de petróleo.

Ao final da década de 1950, soviéticos e norte-americanos realizaram os primeiros testes para a conquista do espaço, numa representação do que havia se transformado a Guerra Fria: um esquadrão de pesquisadores que desenvolvia tecnologias de ponta e um batalhão de espiões que tentavam descobrir os segredos do adversário.

A conquista do espaço representava, entre outras coisas, o desenvolvimento de foguetes capazes de atingir, com ogivas nucleares, outros continentes, ameaçando a segurança das duas principais nações da Terra.

A então União Soviética lançou o primeiro satélite artificial do mundo, em 1957: o Sputnik I e, no mesmo ano, mandou o primeiro ser vivo rumo ao espaço: a cadelinha Laika.

Ao longo da década, as notícias denunciavam o comunismo como agressor mundial e os Estados Unidos conclamavam as “nações livres a lutar com armas, materiais e tropas”.

No Brasil, os noticiários nacionais transmitiam um clima de esperança e, na transmissão das notícias internacionais, divulgavam-se fatos que mostravam conflitos políticos ancorados na opinião de analistas mundiais que previam a possibilidade de uma Terceira Guerra; mas tudo parecia ainda um pouco distante, tudo acontecia aparentemente “do outro lado do mundo”.

Coerente com seu patrocinador americano, o Repórter Esso dedicava grande espaço para apontar a agressão e utopia comunista.

Klößner (2007) pontua:

“Na pesquisa sobre o Repórter Esso, vemos nos intervalos de tempo das notícias duas fases semelhantes, especialmente, as que se referem aos dois primeiros decênios, com predomínio de assuntos externos. Nos anos 40, a Segunda Guerra predomina com a totalidade dos 12 textos. No decênio seguinte, o suicídio do

Presidente Vargas, de certa forma, monopoliza as atenções internas (quatro dos oito textos), mas as notícias internacionais ainda levam vantagem (23), com destaque para a Guerra da Coréia, a construção do Muro de Berlim e a questão petrolífera internacional”.

9.1. Traçando O Futuro Do Radiojornalismo Na Bandeirantes

João Saad gostava de jornalismo, política e futebol, isso justifica que esses tenham sido os pilares da programação da Rede Bandeirantes, desde seu início.

Segundo CONTI (1999, p.520),

“Saad estava acostumado a lidar com políticos. Para horror de seu pai, dono de uma loja na rua 25 de março, em São Paulo, militou no Partido Comunista Brasileiro⁴⁹ na juventude. Desiludiu-se com seu ídolo, Luis Carlos Prestes, quando o Cavaleiro da Esperança, recém saído da prisão, apoiou Getúlio Vargas, que enviara a mulher dele, Olga Benário, para a Alemanha, onde ela morreu num campo de concentração”.

Desde 1955, quando contratou Hermínio Sachetta⁵⁰ para dirigir o departamento de jornalismo, Saad não se incomodava como fato de que Sachetta fosse um jornalista conhecido como líder da Quarta

⁴⁹ Em 03 de setembro de 1938, a IV Internacional foi fundada numa conferência em Paris com delegados de dez países: URSS, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Polônia, Itália, Grécia, Holanda, Bélgica e EUA e mais um delegado da América Latina, o brasileiro Mário Pedrosa. Em resposta aos céticos, que afirmavam que a fundação da IV era “artificial” e que só “grandes acontecimentos” poderiam criá-la, o Programa de Transição, aprovado na conferência, afirmava: “A IV Internacional já surgiu de grandes acontecimentos: as maiores derrotas do proletariado na História”. (fonte: <http://www.midiaindependente.org> por Wiliam Felipe)

⁵⁰ Hermínio Sacchetta (1909-1982), brasileiro, nascido em São Paulo, iniciou sua carreira na imprensa, como revisor, no Correio Paulistano. Engajou-se na luta revolucionária através do Partido Comunista Brasileiro, em 1932, onde atuou no setor de agitação de propaganda chegando a secretário do Comitê Regional de São Paulo; foi ainda um dos principais editores do jornal A Classe Operária até 1937 (órgão central do PCB), quando foi expulso da organização sob alegação de dissidência trotskista. Preso político durante o Estado Novo, após sua libertação, em novembro de 1939, participou da fundação do Partido Socialista Revolucionário, seção brasileira da IV Internacional nos anos 40 e 50 impulsionando o jornal Orientação Socialista. Perde o contato com os agrupamentos internacionais que reivindicavam o trotskismo com a crise em 52/53 e o fim do centralismo democrático na IV Internacional. Posteriormente atuou na Liga Socialista Independente, de tendência luxemburguista e, nos anos 60, no Movimento Comunista Internacionalista. Mestre do jornalismo colaborou na formação de inúmeros profissionais e contribuiu com a imprensa diária e a de divulgação política. Fonte: www.marxists.org/portugues/sachetta

Internacional⁵¹, pois, segundo CONTI, Saad considerava o Trotskismo “a linha mais radical e honesta do comunismo”.



Hermínio Sachetta⁵²

Em entrevista a Parron (1996), Saad afirma:

“Então eu fui buscar o Sachetta, que era um grande jornalista que nós tínhamos aqui em São Paulo, que a gente respeitava muito, apesar de o pessoal dizer na rádio que ele era bolchevique, anarquista, mas era um grande profissional, e fui pedir a ele que olhasse o Jornal da Bandeirantes, ele veio e fez do nosso jornal uma formosura, uma perfeição, e foi daí que nós começamos”.

Nessa época, a inovação ficou com a Rádio Bandeirantes, de São Paulo, que gerou uma programação diferenciada com noticiário intensivo a cada 15 minutos e nas horas cheias, muitas vezes, com entradas de externa ao vivo. A idéia foi desenvolvida por Carlos

⁵¹ Fundado em 25 de março de 1922 por, entre outros, Astrojildo Pereira, contando então com 73 militantes e ideologicamente baseado em Marx e Engels; e de organização apoiada nas teorias de Lênin. Seu símbolo, segundo seus estatutos, “é uma foice e um martelo, cruzados, simbolizando a aliança operário-camponesa”. Um de seus dirigentes mais conhecidos foi Luis Carlos Prestes. O nome de fundação do partido é “Partido Comunista do Brasil” e foi mantido até 1960, quando decide instituir uma campanha para a conquista da legalidade, o que o faz, inclusive, adequar-se juridicamente, alterando sua denominação de Partido Comunista do Brasil para Partido Comunista Brasileiro, mas mantendo a sigla PCB. Posteriormente, o nome Partido Comunista do Brasil, com a sigla PCdoB, é restaurado por uma dissidência interna, que cria, em fevereiro de 1962, uma outra organização política.

⁵² Fonte: www.marxists.org/portugues/sachetta. Foto sem data

Pedregal, o "Professor Baskaran", um argentino visionário, sob o comando de Hermínio Sachetta, que levou a Bandeirantes à liderança de audiência a partir de 1955. Era um esboço do formato seguido nos anos 90 pioneiramente pela TV Band News: notícias 24 horas por dia.

Ainda em 1955, a Bandeirantes trabalhou com inserções de rádio-jornalismo ao vivo, que podiam entrar durante as 24 horas do dia, para em seguida, investir em esportes para diferenciar a rádio das demais.

A escolha realmente fez a diferença, e com a transmissão em 1958 da Copa do Mundo da Suécia, o Brasil tornando-se campeão, e com som potente, mais forte que o das suas concorrentes, com a equipe esportiva que tinha Pedro Luiz, Edson Leite e Mário Moraes, a rádio alcançou a audiência de 90% dos aparelhos ligados, marca jamais atingida por qualquer outra emissora.

Mas o estado de alegria e leveza que a conquista da copa na Suécia trouxe ao país logo foi pontuada por momentos de tensão que a dinâmica da política internacional impôs.

Precisamente em janeiro de 1959, um grupo de jovens guerrilheiros tomava o poder em Cuba, ilha do caribe, localizada a apenas 90 milhas do litoral da Flórida. A revolução Cubana rompeu com os laços que fizeram desse país quase que uma extensão dos EUA ao longo do século XX. Inteiramente subordinado aos interesses norte-americanos, o Estado Cubano comportou-se de forma subserviente durante todo o período pré-revolucionário, aceitando imposições humilhantes e revelando com freqüência a fragilidade de sua soberania. A vitória de Fidel e de seus camaradas, no final dos anos 50, e a juventude dos líderes guerrilheiros exerceram rapidamente enorme influência no imaginário de todos aqueles que, no mundo, lutavam contra a opressão e o imperialismo capitalista. E não poderia ser de outra forma, afinal, o encerramento da ditadura pró-EUA significou uma brusca ruptura na longa e trágica história de

submissão do continente aos interesses geopolíticos elaborados nos elegantes salões da Casa Branca.

A partir desse evento, o bloco comunista fortaleceu-se ainda mais.

A segunda metade dos anos 50, que foram marcados por uma crise do moralismo rígido, já prenunciava os anos 60, com a literatura *beat*, o *rock* de garagem, à margem dos grandes astros do rock, somados aos movimentos de cinema e de teatro de vanguarda, inclusive no Brasil.

Em 1960, o medo de que o comunismo tomasse conta do mundo era uma questão muito discutida.

O sistema capitalista americano ia se expandindo e o comunismo, aparentemente, também se espalhava.

Nessa época teve início uma grande revolução comportamental, como o surgimento do feminismo e dos movimentos civis em favor dos negros e homossexuais. O Papa João XXIII abre o Concílio Vaticano II e revoluciona a Igreja Católica. Surgem movimentos de comportamento como os *hippies*, com seus protestos contrários à Guerra Fria, à Guerra do Vietnã e o racionalismo. Falava-se em contracultura. Fidel Castro estava no poder em Cuba. Começaram também a descolonização da África e do Caribe, com a gradual independência das antigas colônias.

A década de 60 representou, no início, a realização de projetos culturais e ideológicos alternativos lançados na década de 50, e não mais permitia espaço para leviandades.

10. O Brasil Nos Anos 1960

No Brasil, a cidade de Brasília havia sido inaugurada em 21 de abril de 1960, como a nova capital da República Federativa.

Aqui, o panorama cultural não era diferente do resto do mundo. Uns ouviam *Beatles*, *Rolling Stones* e *The Who*; enquanto os mais radicais já buscavam as músicas de protesto de Bob Dylan e Joan Baez. A música brasileira desenvolvia a Bossa Nova e começava a conhecer os mineiros Milton Nascimento e os Irmãos Lô e Márcio Borges; enquanto Elis Regina brilhava com a interpretação de “Arrastão” – de Edu Lobo. A sigla MPB – Música Popular Brasileira – começava a despontar.

No final dos anos 1960 o Brasil rural, transformou-se aos poucos num Brasil mais urbanizado devido ao grande número de migrações feitas do interior para as capitais, e a TV ganhava cada vez mais força.

Segundo Leandro Narloch (2005):

“Até o início dos anos 1970, o número de livros impressos passaria de 43 milhões para 191 milhões, a venda de discos cresceria 800% e a televisão viraria profissional, com antenas mais potentes, tecnologia para gravar programas e um aumento de 500 mil casas com televisores por ano. Percebendo a reviravolta, um grupo de comunicação resolveu se modernizar para virar empresa. Em 1963, contratou quase 100 funcionários num só dia – entre eles Chico Anysio e Gianfrancesco Guarnieri – e começou a fazer novelas diárias. Não, essa empresa não era a Globo. Era a TV Excelsior”.

Com o golpe militar de 1964, a TV Excelsior teve muitas dificuldades com os militares, sofrendo retaliações financeiras, pois seu proprietário Wallace Simonsen, usava abertamente a televisão

para apoiar o presidente João Goulart. Em 1969, a emissora encerrou suas transmissões.

Outra grande potência da época, em termos de emissora de TV brasileira, era a TV Tupi, que devido a negociatas e ameaças políticas, entrou em declínio, falindo efetivamente em 1979.

"Os militares queriam uma empresa com visão moderna e que fosse parceira da expansão da televisão pelo país", afirma a psicanalista e estudiosa de televisão Maria Rita Kehl *in* Narloch (2005).

O autor afirma ainda,

Em 26 de abril de 1965, 3 anos após ganhar a concessão do então presidente Goulart, o dono do jornal O Globo levou ao ar o canal 4 do Rio de Janeiro. Em poucos meses deu para ver as novidades. A grade de atrações era conhecida do público e não mudava de repente, como na Tupi, na Excelsior ou na Record. Outra inovação: os anúncios publicitários, que apareciam ao longo do dia todo, mas em breves intervalos.

O formato e apuro técnico da TV Globo, vinha da associação de Roberto Marinho com o grupo americano Time-Life, num contrato assinado em 1962, que previa que 30% dos lucros advindos da emissora fossem repassados ao grupo americano.

Com a divulgação do acordo Globo/Time-Life, houve uma CPI para apurar o caso.

Sobre o caso, Narloch (2005) afirma:

O acordo virou escândalo nacional. A lei proibia que grupos estrangeiros fossem sócios de empresas de comunicação. Uma CPI foi instalada para apurar o caso e o governo podia até ordenar o fechamento da emissora – mas como uma legítima CPI brasileira, tudo terminou em pizza. Em 1969, insatisfeita com a rentabilidade do negócio, a Time-Life desistiu do contrato.

10.1 Política - A Renúncia De Jânio Quadros

Em 1961, Jânio Quadros era o presidente da República e João Goulart⁵³ era o vice.

O ministério recém-nomeado pelo presidente caracterizou-se pelo antigetulismo e pela orientação ortodoxa em matéria econômica.

Diante desse contexto, Jango constatou a impossibilidade de construir um bom relacionamento com o presidente, mantendo-se afastado dos acontecimentos; enquanto Jânio perdia o apoio de aliados por causa de contradições em seu esquema político.



João Goulart – “Jango”⁵⁴

⁵³ João Belchior Marques Goulart nasceu em São Borja (RS), no dia 1º de março de 1919. Desde criança recebeu o apelido de Jango, comum no sul do país. Com o fim do Estado Novo em outubro de 1945, Getúlio Vargas, chefe do governo deposto, retornou a São Borja, sua cidade natal, e passou a viver em sua estância de Itu, onde fortaleceu os laços de amizade com Jango, seu assíduo visitante. Passadas as eleições, Getúlio começou a introduzir Jango na política, percebendo claramente seu potencial de liderança, expresso pela grande popularidade de que desfrutava no município e por sua facilidade de relacionamento com as pessoas humildes. Jango intensificou sua militância política em 1946, ao ser lançado por Getúlio candidato a deputado estadual para as eleições de janeiro do ano seguinte. Em março de 1952 foi reeleito presidente da comissão executiva estadual do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) para o biênio 1952-1954 e, dois meses depois, assumiu a presidência do diretório nacional do partido. Transferiu-se para o Rio em maio de 1952, onde reassumiu sua cadeira na Câmara dos Deputados. A despeito do acordo, Kubitschek não estava conformado em depender de Goulart para relacionar-se com as questões trabalhistas, procurando construir desde logo sua própria alternativa para os sindicatos, com os quais estabeleceu uma aliança direta sob a alegação de que os trabalhadores não precisavam de intérpretes. Para diminuir a intermediação de Goulart nas questões sindicais, Juscelino não abriu mão de negociar nomes de sua própria confiança para ocupar o Ministério do Trabalho. No dia 29 de agosto o Congresso Nacional rejeitou o pedido de impedimento apresentado contra a posse do vice-presidente e começou a discutir uma solução conciliatória. Em 1º de setembro Jango desembarcou em Porto Alegre, sendo recebido com enorme manifestação popular. No dia seguinte, o Congresso aprovou a Emenda Constitucional que instalou o parlamentarismo, limitando os poderes presidenciais. Nesse mesmo dia Goulart embarcou para a capital federal, cercado de um rigoroso esquema de segurança. Finalmente, no dia 7 de setembro de 1961 foi empossado na presidência da República. Fonte: www.cpdoc.fgv.br/

Nessa época, o ex-assessor de imprensa de Jango, Raul Ryff, relatou a José Aparecido de Oliveira, secretário do presidente, que Goulart tinha recebido um convite oficial para visitar a República Popular da China, sugerindo que Quadros integrasse o vice-presidente na delegação econômica que seria enviada ao Leste Europeu e ao Oriente, inclusive Pequim. Jânio aceitou a idéia e, em 5 de julho, a Câmara dos Deputados aprovou o projeto que autorizava a viagem de Goulart, iniciada no dia 28 seguinte.

Em Paris, ele juntou-se aos demais integrantes da missão: quatro representantes do Congresso (os senadores Franco Montoro e Antônio de Barros Carvalho, e os deputados Dix-Huit Rosado e Gabriel Hermes), além de Evandro Lins, Dirceu de Pasca, João Etcheverry, Raul Ryff e os componentes da missão comercial.

Depois de percorrer os países previstos no programa, a comitiva chegou à China, onde visitou Hanchow, Cantão e Pequim, e foi recebida pessoalmente por Mao Tsé-Tung. Em 25 de agosto chegaram a Cingapura, onde João Etcheverry recebeu um telegrama da Associated Press, informando sobre a renúncia do presidente Jânio Quadros na manhã daquele dia e solicitando a volta do vice-presidente ao Brasil. Avisado, Jango telefonou para Ernani Amaral Peixoto, presidente do PSD, com quem obteve a confirmação do ocorrido.

Os ministros militares pretendiam impedir o retorno de Goulart ao território nacional e, por meio de um voto formal do Congresso, ratificando a ausência do vice-presidente e seu impedimento, manter o Presidente da Câmara dos Deputados, Paschoal Ranieri Mazzilli⁵⁵ na

⁵⁴ Fonte: <http://www.pdtrs.com.br/jango.asp>

⁵⁵ Paschoal Ranieri Mazzilli nasceu em Caconde, no interior de São Paulo, em 27 de abril de 1910. Ingressou na política em 1942, quando atuou como diretor do Tesouro Público Nacional. Exerceu o cargo de secretário-geral de Finanças da Prefeitura do Distrito Federal (1946), diretor da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro (1947) e do banco da Prefeitura do Distrito Federal (1948). Exerceu um mandato como deputado federal pelo PSD (Partido Social Democrático) de São Paulo, entre 1951 e

chefia interina do governo até a realização de eleições extraordinárias dentro de 60 dias.



Paschoal Ranieri Mazzilli⁵⁶

Segundo Campos (2007):

“A Direita brasileira (conservadores, liberais udenistas, ativistas anticomunistas e neofascistas) vinha há muitos anos articulando um golpe militar que pusesse um fim definitivo na república populista. No seu acervo conspirativo e golpista, constava a tentativa de impugnação da eleição de Getúlio Vargas, em 1951; a pressão pela deposição de Getúlio Vargas em 1954 (golpe que foi sustado pelo impacto que seu suicídio causou na opinião pública); a tentativa de impedir a posse de Jucelino Kubitschek, em 1955; os levantes de oficiais da FAB em Jacarecanga⁵⁷ (Fortaleza - CE), em 1956, e em Aragarças⁵⁸, (GO) em 1959; e, por último, no veto a que João Goulart assumisse a presidência em 1961”.

1966, e durante este período, assumiu a presidência da Câmara dos Deputados (1959 - 1965). Com o título de presidente da Câmara, Mazzilli assumiu a presidência da República em diversos momentos devido à ausência do presidente e do vice, principalmente em 1961, com a renúncia do então presidente Jânio Quadros e 1964, ano do golpe militar que depôs João Goulart. Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u81.jhtm>

⁵⁶ Fonte: <http://www.imaculada.org> . Foto sem data.

⁵⁷ A revolta de Jacarecanga ocorreu em 11 de fevereiro de 1956, duas semanas após a posse de JK. Persistiam sérios focos de descontentamento entre os setores militares derrotados nas eleições de 11 de novembro. Desse ressentimento nasceu a revolta iniciada pelo major-aviador Haroldo Veloso e o capitão-aviador José Chaves Lameirão. Estes acreditavam que os antigetulistas da Marinha do Exército só esperavam uma ocasião para pegar em armas contra o Governo. Eles dominaram Jacarecanga, Santarém, Belterra, Itaituba e Cachimbo, com o auxílio de uns poucos caboclos e índios da região. A própria Aeronáutica, em nota oficial, reagiu com energia, apontando o movimento rebelde como uma "ação indisciplinada" de dois oficiais. Fonte: <http://www.30anosdehistoria.hpg.ig.com.br/aragarcas.htm>

⁵⁸ A rebelião de Aragarças, iniciada em 3 de dezembro de 1959, foi a reedição, igualmente fracassada, do levante de Jacarecanga. Liderada pelos mesmos oficiais da FAB, identificados com a corrente mais radical do lacerdismo, como Haroldo Veloso e Burnier. Aragarças teve por estopim a indignação com o fato de Jânio Quadros haver renunciado à candidatura presidencial, postulada pelas oposições. Os rebeldes denunciavam também "a conspiração comunista em marcha", que seria inspirada pelo então governador gaúcho Leonel Brizola. Os oficiais prometiam, ainda,

"paredão para os que tripudiavam sobre a miséria do povo". Não conseguiram comover, sequer, seus principais aliados. O próprio Lacerda, instado a apoiar o levante, preferiu denunciá-los. O movimento, que contou com a participação de apenas 10 oficiais da Aeronáutica, 3 do Exército e uns poucos civis, iniciou-se com o seqüestro de um avião - o primeiro no país - e foi debelado em apenas 36 horas. Fonte: <http://www.30anosdehistoria.hpg.ig.com.br/aragarcas.htm>

10.2 A Cadeia da Legalidade

No mesmo ano de 1961, durante 12 dias entre agosto e setembro, o rádio voltou a funcionar no Brasil, como forte meio de resistência política, da mesma forma como atuara na revolução de 1932.

O principal foco de resistência a esse projeto localizou-se no Rio Grande do Sul, onde o governador Leonel Brizola, cunhado de João Goulart, contando com o apoio do general José Machado Lopes (comandante do III Exército), iniciou uma campanha de alcance nacional pela posse de Goulart. A ocupação militar das estações das rádios Guaíba e Farroupilha permitiu ao governo gaúcho formar a "Cadeia da Legalidade", rede de informações que integrou 104 emissoras dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e passou a transmitir os sucessivos discursos de Brizola, exortando a população a se mobilizar em defesa da posse de Goulart.



Leonel Brizola falando na Cadeia da Legalidade⁵⁹

Segundo Moreira (1998, p.57),

⁵⁹ Fonte: <http://www.projetomemoria.art.br/JK/indice/indice02.html>

“Durante quase duas semanas, uma equipe de jornalistas, radialistas e políticos revezaram-se em funções variadas nos estúdios improvisados da Rádio da legalidade, instalada nos porões do Palácio Piratini (sede do governo gaúcho). Era dali que saíam as informações sobre o movimento de resistência que se espalhava por todos os estados. Mensagens de mobilização eram irradiadas para todo o País e até para o exterior, pelas ondas da Rede da Legalidade. Voluntários se apresentaram para fazer versões de todo o material informativo, divulgado regularmente nos boletins em francês, inglês, espanhol e alemão”.

A Cadeia da Legalidade irritou profundamente os militares que não queriam a posse de Jango, cogitando-se até a possibilidade de um bombardeio do Palácio Piratini, segundo afirma Oswaldo França Jr. *in* Moreira (1998, p.60):

“...o comandante do meu esquadrão nos reuniu e disse: ‘Acabamos de receber uma ordem para silenciar Brizola. Vamos tentar convencê-lo a parar com esse movimento de rebeldia. Se ele não parar com essa campanha, vamos bombardear o Palácio e as torres de transmissão da rádio que ele vem usando para fazer a Cadeia da Legalidade. Vamos fazer tudo às seis da manhã. Vamos tentar dissuadir Brizola até essa hora. Se não conseguirmos, vamos bombardear.’ ...Dezesseis aviões foram armados para a operação. Pelos meus cálculos, a gente ia pulverizar o Palácio do Governo”.

Graças a um movimento de alguns oficiais da Aeronáutica, que não concordaram com a ação e esvaziaram os pneus dos aviões, o ataque não se realizou, fortalecendo ainda mais Brizola e àqueles que o apoiavam.

10.3. Saad E A Posse De João Goulart

No dia 25 de agosto de 1961, João Saad estava hospedado na casa de uma prima em Barretos, interior de São Paulo, onde tinha ido assistir à festa do Peão Boiadeiro. Durante o evento, disseram-lhe que Jânio havia renunciado. Ele liga para a Rádio Bandeirantes e confirmam a notícia.

Conti (1999, p.523) afirma que no dia seguinte, o governador da Guanabara ligou para ele na casa de sua prima, informando-o de que os militares haviam invadido a Rádio Bandeirantes do Rio de Janeiro, mas que ele não se preocupasse, pois o governador arcaria com todas as despesas referentes ao prejuízo, o que, de fato, ocorreu.

De volta a São Paulo, Saad acompanhou a resistência militar à posse do Goulart que estava na China. Telefonou, então, ao governador de São Paulo, Carvalho Pinto, que, segundo Conti (1999, p.523), disse-lhe:

“Governador, isso que o Brizola está fazendo no Sul, a Cadeia da Legalidade, é o correto, é o que deve ser feito, pois a Constituição manda que o vice tome posse, como o senhor sabe. Pegue a idéia de Brizola, governador. Comece a Cadeia da Legalidade a partir de São Paulo, faça com que o vice-presidente desembarque aqui. Apareça o senhor como o fiador de Jango. Ninguém irá contra o senhor. E o Jango terá que lhe agradecer. Estou a seu dispor com as nossas emissoras. Só que isso tem que ser feito agora, hoje”.

Carvalho Pinto prometeu que ia pensar e que lhe daria uma resposta em breve. A resposta não veio.

Saad tentou ligar inúmeras vezes, sem sucesso. O governador não tornou a atendê-lo.

Desistindo de esperar a resposta, Saad conectou as emissoras da Bandeirantes à Cadeia da Legalidade de Brizola, tirando-a do isolamento gaúcho.

Ligando para Jango, em Paris, Saad sugere ao vice-presidente que volte pela porta de entrada, pelo Rio de Janeiro. Ao que Jango lhe responde que teme que seu avião seja alvejado pelos militares.

Mas Saad novamente o encoraja, dizendo-lhe que o povo estava com ele.

João Goulart volta então pelo Rio Grande do Sul, concordando com a proposta de dividir o poder executivo com um primeiro-ministro indicado pelo Congresso, conforme afirma Campos (2007):

“Entrementes, políticos e militares do centro do país negociavam uma solução constitucional que evitasse uma guerra civil e superasse a crise. Destacava-se, entre eles, Tancredo Neves, hábil parlamentar mineiro que tinha livre trânsito entre as partes conflitantes (Tancredo Neves era um político conservador, mas fora ministro da justiça de Getúlio Vargas, em 1954). Com esse fim, aprovou-se a chamada solução parlamentarista. Por meio da emenda constitucional nº 4, aprovada às pressas em 02 de setembro de 1961, alterava-se o regime republicano brasileiro, substituindo o presidencialismo pelo parlamentarismo. João Goulart foi informado que poderia ser empossado desde que aceitasse dividir o poder executivo com um primeiro-ministro indicado pelo Congresso. O vice-Presidente, que estava retornando ao Brasil via Uruguai, concordou com a proposta em nome da paz política e para evitar derramamento de sangue. Voou então de Porto Alegre para Brasília para assumir um cargo com poderes podados. Numa emocionante cerimônia realizada no Congresso Nacional no dia 7 de setembro de 1961, ele finalmente conseguiu receber a faixa presidencial”.⁶⁰

⁶⁰ Anexo: Faixa 01 do CD 01, com trecho do discurso de posse de João Goulart

Pouco depois da posse de Goulart, o presidente chamou Saad a Brasília e, na sua frente, assina o decreto outorgando-lhe novamente as concessões que haviam sido tiradas por Jânio.



Brizola apóia João Goulart em sua volta ao Brasil, em 1961.⁶¹

Em entrevista cedida a Parron (1996), Saad afirma que, certa vez, Jango estava numa praia de Santa Catarina descansando e em ligação por telefone agradeceu a ele e à Rádio Bandeirantes por tê-lo ajudado a vencer as resistências e tomar posse em 1961.



Desfile de Posse de João Goulart, em 1961.⁶²

⁶¹ http://www.pdt.org.br/personalidades/brizola_historia_1.asp

⁶² Fonte: <http://ofalacia.net/jango.htm>

10.4. Final De 1961 - A Saída De Sachetta Do Jornalismo Da Rádio Bandeirantes

Depois de um ano tenso e tumultuado, ocorre uma importante mudança no jornalismo da Bandeirantes: Sachetta informou ao patrão seu desligamento da empresa, pois concluiu que seu negócio “era o papel, era por a mão na tinta”. Prometeu, no entanto, que deixaria um garoto que ele havia treinado em seu lugar: Alexandre Kadunc.

João Saad (1998) fala a autora sobre a entrada de Kadunc:

“O Alexandre Kadunc veio, e era um talento, um gênio, fantástico, genial mesmo, amante do jornalismo, amante da verdade, preparado; e nós fizemos uma equipe maravilhosa, foi um jornalismo que fez escola, fez academia, sem falsa modéstia. Nós fizemos uma escola de jornalismo”.

Alexandre Kadunc - discípulo de Hermínio Saccheta - assumiu a direção de jornalismo da Rádio Bandeirantes em 1962, e numa tentativa de se colocar lado a lado com a Rádio Tupi, líder de audiência em termos de noticiário, com o seu “Grande Jornal Falado Tupi”, colocou no ar o “Jornal Falado Primeira Hora”, transmitido simultaneamente para o Rio de Janeiro e São Paulo e inovou o setor, colocando em vez de um, quatro locutores para apresentar o jornal. Todos eles tinham vozes graves, bonitas, que se destacavam no rádio naquela época. Além disso, apresentava textos de bons redatores e, assim, o jornal logo despontou e passou a liderar em São Paulo.

Em entrevista a Parron (1996), Saad afirma:

“No jornalismo, nós estreamos o nosso jornal Primeira Hora e pusemos os locutores que faziam o horário nobre da noite para de manhã, às sete horas, e foi o jornal que ganhou de todos, um dos mais famosos jornais que existiam naquela época. Fomos buscar o patrocínio do Bradesco, o jornal tem uns 30 e tantos anos, 34 anos, então nós estreamos e esse foi

de fato, e é um grande jornal, limpo, independente, sem participação”.

Com relação aos feitos de Adhemar de Barros, na mesma entrevista (1996), Saad afirma:

“Então nós crescemos independentes, politicamente, ele foi governador, foi prefeito, e quando ele fazia alguma coisa errada eu não impedia que o meu jornalismo criticasse, para muita estranheza, até dele, mas era assim que o jornal pode ter, e teve o seu conceito”.

Os avanços tecnológicos que vieram com os anos 60 possibilitaram a sobrevivência do rádio, baixando o custo da produção de informação. Os textos criados para rádio, a partir dessa década, utilizaram-se de recursos expressivos que conotavam uma impressão de realidade mais naturalista, tentando certa espontaneidade no discurso mais improvisado.

Nesse momento de desenvolvimento da linguagem jornalística radiofônica, introduziu-se também a “sonora”, que permitia uma variação de vozes que quebrava o tom monocórdio, valorizando as “declarações”, em vez do puro relato do fato. O resultado disso foi a pluralidade de vozes, a agilidade e também uma maior credibilidade com os depoimentos.

Na gestão Kadunc, na década de 60, além do ‘Primeira Hora’, criaram-se ainda na Bandeirantes, os programas “O Trabuço”, “Titulares da Notícia” e “O Correspondente Renner”, todos com novas linguagens e formatos, que possuíram grande audiência, e que certamente serviram de inspiração ou referência para programas de outras emissoras.

Entrevista à autora, José Paulo de Andrade (2007) afirma a autora que em 1962, a Bandeirantes contrata Kadunc. Andrade pontua:

“Eu trabalhei por muito tempo com o Alexandre Kadunc – que foi um revolucionário tanto no rádio como na TV. Ele tinha uns lances até de louco e muita gente o considerava louco, ele punha no ar, por exemplo, expressões do candomblé (“na tonga da mironga do kabuletê”), umas coisas que só quem era praticado ou iniciado é que entendia e, para irritação do Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, que muitas vezes falou com o João Saad e pediu pra tirar aquelas expressões que eram de umbanda, alguma coisa até de macumba que ele fazia ... ele era místico. Mas o Seu João deixava”.

10.5 O golpe de 1964

Da posse do presidente João Goulart em diante transcorreram alguns momentos de calma, mas a situação política no Brasil com o parlamentarismo, ainda exigia mudanças.

Na noite de 15 de março de 1964, Leonel Brizola discursa no “Comício da Reforma”, na Central do Brasil, RJ, pedindo um governo popular-nacionalista e uma Assembléia Nacional Constituinte. No mesmo evento, o presidente João Goulart em discurso inflamado defende as reformas de base, pregando a desapropriação de latifúndios improdutivos, a encampação das refinarias de petróleo, o tabelamento dos aluguéis e a reforma tributária.

A manifestação desagradou profundamente os conservadores que articulam o golpe e o clima torna-se ainda mais tenso quando Marinheiros e Fuzileiros amotinam-se no Rio em 26 de março do mesmo ano, na intenção de acuar o Ministro da Marinha, Sylvio Borges de Souza Motta, que impedira um pronunciamento do comandante dos Fuzileiros Navais, o almirante Cândido Aragão.

O exército intervém, prendendo os revoltosos. Frente ao impasse e utilizando como interlocutores os dirigentes do Comando

Geral dos Trabalhadores (CGT), João Goulart propõe uma solução conciliatória, libertando os amotinados e destituindo o ministro.

Para os militares, o presidente havia posto em xeque a hierarquia e a disciplina, fato este que convenceu os últimos opositoristas ao golpe militar.

No dia 31 de março, tropas de Minas Gerais e São Paulo marcham em direção ao Rio de Janeiro, onde estava o presidente. Jango viaja para Brasília e depois para Porto Alegre, enquanto os golpistas ganham terreno.

Oportunamente a oposição faz uma manobra e consegue declarar vaga a Presidência da República.

Segundo Ferraretto (2000, p.150), no Rio de Janeiro as Rádios Nacional e Mayrink Veiga, e no Rio Grande do Sul, a Rádio Farroupilha, ainda tentaram reeditar a 'Cadeia da Legalidade' exultando o povo para aguardar orientações de Leonel Brizolla e João Goulart, mas Jango prefere evitar uma guerra civil e não se pronuncia.

Na tomada do governo, os militares começam suas ações cassando os direitos políticos dos derrotados e na seqüência, iniciam-se uma série de repressões, prisões, torturas, censuras e cassações de concessões de radiodifusão, iniciando-se com o lacre dos transmissores da Rádio Mayrink Veiga, que ainda conseguiu retardar a ação dos militares, mas que em 03 de novembro de 1965, foram lacrados definitivamente.

Segundo Moreira (1998, p.70):

"O governo militar não queria a Mayrink Veiga no ar e, para isso, resgatou uma lei do período Vargas, alegando irregularidades na operação de transferência da rádio pelos Mayrink Veiga ao grupo Leuzzi. O texto legal que os militares usaram como base continha inúmeras distorções, entre elas a que permitia ao governo federal declarar como vencida qualquer concessão para exploração dos serviços de

radiodifusão, ao mesmo tempo em que se desobrigava de qualquer indenização o concessionário atingido”.

Na Rádio Nacional, assume o radialista Mário Neiva Filho, que rapidamente tratou de afastar os que defendiam a Cadeia da Legalidade e pôs sob suspeita e investigação todos os funcionários restantes.

A evolução da tomada de poder pelos militares, distribuindo censuras, vigilância e prisões, tornou-se ainda mais forte com a divulgação do Ato Institucional no. 5 (AI - 5)⁶³, em 29 de setembro de 1969.

O Brasil vive os anos de chumbo da ditadura militar entre 1969 e 1974.

Em novembro de 2002, o ex-embaixador dos EUA no Brasil na época da posse de João Goulart, Lincoln Gordon, esteve aqui no país, para lançar um livro sobre o período de 1964, em que admitiu que a Agência Central de Inteligência (CIA) americana financiou as eleições parlamentares de 1962, usando cinco milhões de dólares de verba secreta.

Em 01 de janeiro de 2007, o jornal O Globo divulgou uma matéria em que expõe a intenção da família de Jango de processar o governo americano pela ajuda da CIA ao golpe, quando tiveram grandes danos morais e materiais. Ainda em julho de 2007, o "Fantástico", da Rede Globo, divulgou o trabalho do pesquisador, Carlos Fico⁶⁴, com documentos comprovando que, na época, havia uma frota americana na nossa costa, a Operação Brother Sam.

⁶³ Ver texto anexo 01

⁶⁴ Carlos Fico é professor de Teoria e Metodologia da História e coordenador do Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ. Foi durante vários anos coordenador do CNRH (Centro Nacional de Referência Historiográfica), na UFOP. Autor de vários trabalhos sobre a história da Ditadura Militar, como Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil (Fundação Getúlio Vargas, 1997) e Como eles agiam. Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política (Record, 2001), coordena jovens pesquisadores no "Grupo de Estudos sobre a Ditadura Militar, na UFRJ. Também é autor de Ibase: usina de idéias e cidadania e A história do Brasil (1980/1989): elementos para uma avaliação historiográfica. Fonte: <http://www.digestivocultural.com>

Segundo matéria publicada em 31 de março de 2004 pelo jornal "O Diário de Pernambuco", com o título "Especial Golpe de 64":

"Informado da conspiração em detalhes, o governo norte-americano despachou para o Brasil um porta-aviões, seis destróieres, quatro petroleiros, navio para transporte de helicópteros, esquadrilhas de aviões. O nome oficial da operação: Brother Sam (Irmão Sam). Todos os documentos dessa manobra estão hoje à disposição do público, na Biblioteca Lyndon Johnson, no Texas. Quem primeiro os revelou foi a historiadora norte-americana Phyllis Parker, em 1976, no livro U.S. Policy Prior to the Brazilian Coup of 1964 (publicado no ano seguinte no Brasil, com o título 1964: o papel dos Estados Unidos no golpe de Estado de 31 de março. A operação Brother Sam foi articulada em conjunto com os setores brasileiros que organizavam o golpe".

Segundo Nonô Saad (2007):

"Meu pai era muito preocupado com combate à corrupção, à violência, ao terrorismo. Ele não tinha um partido político, não era fiel a nenhum partido. Acho que ia conforme o bom senso, a integridade do candidato, ia mais nessa linha do que linha político-partidária".

Nesses termos, podemos ver duas vertentes: uma que superficialmente poderia crer que Saad apoiou o candidato, tendo em vista o sucesso de Jango na presidência e, conseqüentemente, garantiria reaver a concessão de TV, perdida durante o curto governo de Jânio Quadros; e outra que acredita num efetivo posicionamento político de João Saad, apoiando o que considerava ser o correto constitucionalmente e politicamente para o país; ainda que desta forma, ele tivesse que se expor aos riscos que pudessem advir, como perda de concessão, perseguições, ou até mesmo desentendimentos

no âmbito familiar, visto que Adhemar de Barros, seu sogro, também era contra a posse de Goulart.

Como citamos anteriormente, em nota de rodapé neste trabalho, Adhemar de Barros, seu sogro, chegou a “pregar publicamente a intervenção das forças armadas na luta contra João Goulart”.

Saad sabia também que os militares eram totalmente contra a posse de João Goulart, a quem julgavam incapaz e de esquerda.

Outra questão de risco de que Saad tinha ciência, era a forte possibilidade de um golpe militar e de tomada de poder por parte destes, podendo incorrer em uma aversão política dos dirigentes militares com relação a ele - o que poderia lhe causar danos morais e/ou materiais - como a perda de uma ou de várias concessões das Rádios espalhadas por todo o país, como aconteceu com a Mayrink Veiga, além de represálias pessoais.

Segundo Saad (1999) em entrevista à autora:

“Construímos, felizmente, empresas sólidas, capazes de manter através dos anos uma posição clara de defesa dos interesses nacionais e sempre consciente de sua responsabilidade social e política. Jamais nos afastamos do compromisso de defender as instituições, de ajudar a consolidação da democracia, de promover o desenvolvimento econômico, de incentivar a educação, de defender a reforma do estado, bem como, de criticar sem temor os que ousam ofender os interesses da coletividade”.

11. Os Programas Jornalísticos Inovadores Na Rádio Bandeirantes Na Década De 60

Segundo três grandes nomes do radiojornalismo nacional, Andrade (2007), Éspér (2007) e Cury (2008), a liberdade com que Saad deixava Kadunc trabalhar permitiu com que este criasse e colocasse no ar várias experiências em termos de linguagem e formatos jornalísticos.

11.1 O Jornal Falado Primeira Hora

Em 1962, o programa “Primeira Hora”, conforme já foi afirmado anteriormente, já estreou com uma grande novidade no mercado, pelo fato de ter sido transmitido para São Paulo e Rio de Janeiro simultaneamente.

Na época isso era difícil, porque não havia instalações técnicas adequadas e a telefonia era uma coisa muito limitada, pois não existia a EMBRATEL. Foi uma revolução nos jornais matutinos.

Além das informações sobre política, economia e transformações sociais, o ‘Primeira Hora’ ainda proporcionava para os moradores de São Paulo e Rio, entre 7h30 e 8h, a previsão do tempo, índices do mercado financeiro, condições dos aeroportos, do trânsito e das estradas, com participação ao vivo dos repórteres que circulavam pelas ruas e sobrevoavam a cidade. Na época, tinha sido inaugurada a ponte aérea Rio-São Paulo, que virou então, a ponte de notícias.

José Paulo de Andrade muito elogia os redatores da época, como Edmundo Ferreira Maciel, o Ed Maciel, que foi chefe da Agência UPI em São Paulo e que foi responsável pelo “Jornal Falado Primeira Hora”, com Júlio Prestes, que, para Andrade (2007), era o que mais se aproximava de Kadunc em estilo de texto; páreo duro, pois

segundo o entrevistado: “O Kadunc tinha um texto irrepreensível, maravilhoso”.

Na época, a exigência estética de locução era de vozes graves e impostadas, mas Kadunc entrou com outro ponto de vista em locução: “O importante é comunicar!”, e, apesar de não ter a voz padrão dos locutores noticiosos da época, decide entrar no ar com o comentário das notícias.

Segundo Andrade (2007):

“Aquilo ‘dava um baile’ na concorrência. Deixou para trás o ‘Grande Jornal Falado Tupi’ – que era o líder de audiência nas manhãs radiofônicas - sem improviso, com locutor de voz impostada, com um texto revolucionário e ainda o Kadunc resolveu também ele aparecer com os comentários – por sinal muito bem feitos – sobre atualidades. ‘O Primeira Hora’ era o sonho de todo locutor noticiário. O ‘Primeira Hora’ sempre foi o xodó do João Saad, sempre foi. Ele gostava muito do Kadu. Ele tinha até uma relação conflituosa com o Kadu, porque o Kadu tinha grande personalidade e afrontava, enfrentava o João Saad e discutia, mas acabavam se entendendo. O Kadunc era uma cria do Sachetta”.

11.2 O Trabuco

Outro grande marco no jornalismo da Rádio Bandeirantes, foi a contratação do jornalista Vicente Leporace⁶⁵, em 1962, para apresentar um programa de criação sua: “O Trabuco”, que ficou no ar durante dezesseis anos seguidos e só acabou com a morte de

⁶⁵ Talentoso artista paulista, notabilizado na década de 50 por comandar o programa Grande Gincana Kibon, ao lado de Clarice Amaral, pela TV Record de São Paulo. Atuou também como comediante no cinema, tendo participado do segundo e do terceiro filme na carreira de Mazzaropi, Nadando em Dinheiro, em 1952, e Sai da Frente, no mesmo ano. Atuou ainda no primeiro filme policial da Companhia Vera Cruz, Na Fenda do Crime, em 1954. No mesmo ano, foi considerado pela crítica um dos melhores comediantes de São Paulo, por sua participação no programa Vale Quanto Pesa, transmitido pela Rádio Record e onde personificava um hilariante chofer de táxi que submetia a passageira a um interrogatório indiscreto. Pela Rádio Record, também produzia e apresentava o programa Por Falar em Discos, fazendo comentários inteligentes em torno das gravações surgidas no mercado em 1956. Em 1958, Leporace era um dos animadores do programa de variedades A Dona de Casa É a Dona da Casa, pela TV Record. Com provas de auditório e atrações circenses, ele dividia o palco com Durval de Sousa, Randal Juliano, Pimentinha, Hélio Ansaldo e Lúcia Lambertini.

Leporace que ocorreu em 16 de abril de 1978, de edema pulmonar aos 66 anos de idade, quando contabilizava 45 anos de profissão.



Vicente Leporace no estúdio⁶⁶

Segundo Cosso, Andrade e Bianchini (2003, p.18), Leporace nasceu em Franca - SP. Aos 16 anos foi trabalhar em uma loja de equipamentos eletrônicos para rádio, onde fez amizade com os funcionários da Rádio Clube Hertz; já nesta idade, demonstrava grande interesse pelo rádio.

Segundo os autores citados, certa vez na falta de um funcionário da Rádio, um produtor que ficou amigo de Leporace o chamou para uma substituição na tarefa de fazer os anúncios e trocar os discos. Depois dessa experiência, Vicente acabou sendo convidado para integrar a equipe da Rádio amadoramente.

Entusiasmado com a nova função, Leporace logo deixou a loja e foi trabalhar na Hertz, onde ficou por dois anos.

Durante a revolução de 1932, sua família mudou-se para Santos, e em 1934, Leporace ingressou na recém inaugurada Rádio Atlântica de Santos, onde fazia locução comercial e radioteatro.

⁶⁶ Fonte: NETO, Antonio Leão da Silva. "Astros e Estrelas do Cinema Brasileiro", Ed. Loyola, SP: 1998. Foto sem data

Depois, na década de 50, já em São Paulo, foi para a TV Record fazer televisão.

Antes de sua entrada na Rádio Bandeirantes AM, Leporace já tinha grande bagagem profissional, foi redator, locutor, programador, discotecário, radioator, apresentador de televisão (Gincana Kibon com Clarice Amaral - Canal 7 - SP), ator de cinema e televisão. Mas Leporace afirmava que não gostava de televisão, seu negócio era o rádio.

Seu programa na Rádio Bandeirantes AM, "O Trabuco", estreou em 1º de abril de 1962, e era um informativo matinal que consistia na leitura diária das notícias veiculadas nos principais periódicos do país, seguidas de comentários e críticas sobre as mesmas. O teor desses comentários eram sempre ácido, onde através de considerações inteligentes e com acentuado teor cômico ele abordava diversas situações sobre o comportamento dos políticos na época.

A esta altura, Leporace já era famoso como locutor e apresentador, e com a entrada na Bandeirantes aumentou ainda mais sua grande popularidade.

O programa atendia perto de dez ouvintes por dia e recebia quase 300 cartas por semana e era transmitido diariamente, exceto aos domingos, das 8 às 9 horas da manhã, tendo como slogan: "Dar um tiro nos assuntos nacionais".

Certa vez, Leporace apelidou o ex-ministro do Planejamento Roberto Campos de Bobby Fields, e surpreendeu-se quando um dia, o próprio ministro entrou nos estúdios com o programa no ar. A brincadeira acabou numa entrevista que durou quase duas horas.

Com relação à inauguração da segunda pista da via Dutra, famosa pelo número de acidentes, comentou: Ótimo: agora se morre na ida e na volta.

O radialista também era procurado por gente da periferia e atendia queixas das mais diversas: denúncias de falta de luz e

buracos na rua, problemas de aposentados, dificuldade no trânsito, e assim por diante.

Leporace fazia questão de deixar bem claro que assumia a inteira responsabilidade pelos conceitos e críticas que fazia sempre mordazes, contundentes e temidas, transformando-se num autêntico defensor dos menos favorecidos, que tinham no radialista um bravo, um lutador obstinado por um Brasil melhor, principalmente no aspecto político, social e econômico.

O nome do programa segundo Salomão Éspier, em entrevista a autora, diz que o próprio Leporace afirmava se tratar não somente da alusão à arma de ataque e defesa, mas também a um povoado da terra de seus pais, a Calábria que, estando dominada por tropas invasoras, mantinha a comunicação de seus habitantes pelo método de boca a boca, originando o neologismo "trabuque", "entre boca", ou o que não podia ser dito em voz alta.

11.3 O Trabuco E A "Justiça"

Na década de 70, o ponto de vista da autoridade militar passou a valer como se fosse o fato. Era a época da censura e as notícias precisavam de cuidado especial na transmissão para não ferir o militarismo e sua ditadura, sob pena de severas reprimendas por parte do governo.

Mesmo durante o regime militar, Leporace manteve seu estilo contundente e irônico, o que lhe causou diversos transtornos com os representantes da censura em exatamente vinte e seis processos por calúnia e difamação, além de algumas prisões.

José Paulo de Andrade (2007) afirma:

"O Leporace era inigualável! Hoje para as novas gerações é difícil a gente passar o que era o Leporace, porque ele não era somente um jornalista, ele era um artista no microfone; fazia interpretações, brincava, era um "self made men" e um

profissional assim que você não encontra. Era excepcional, mas criava alguns problemas. Certa vez, ficou detido na Polícia Federal porque antecipou uma alteração no câmbio dizendo que a moeda brasileira ia ser desvalorizada, na época em que o Delfim Neto era o Ministro da Fazenda e aí o Ministro da Justiça que era o Gama e Silva pediu para enquadrarem o Leporace; e ele ficou sentado três dias na Polícia Federal, não incomodaram, mas ficou lá. No fim saiu de lá sem saber o porquê de ter ido, mas de qualquer maneira foi uma “dor de cabeça” para o João Saad. Mas ele gostava desses desafios. O João Saad era uma personalidade única também e ele gostava desses desafios. Gostava de estar no centro de tudo o que acontecia. Ele não se ausentava de responsabilidades”.

Há depoimentos que afirmam que nesta época, várias vezes ele apresentou seu programa de rádio com uma arma dos militares apontada para sua cabeça.

Segundo Nonô Saad (2007):

“O Leporace teve muitos problemas com os militares. Inclusive ele foi preso aqui. Nós morávamos na Higienópolis com Itacolomi, e o Leporace ficou preso na Itacolomi naquela prisão da Polícia Federal. Eu cheguei a ir lá com o papai, levar manta para ele. Mas ele não agüentava, ele cutucava os militares, era irresistível”.

Salomão Éspér (2006) e José Paulo de Andrade (2007), seus colegas de Rádio, em entrevista a autora, afirmam que Saad o ajudava quando ele tinha problemas com a justiça, e concordam em afirmar que seu prontuário no “Arquivo do Estado” é bem extenso⁶⁷.

Segundo anexo em material transcrito, em entrevista no Programa Vox Populi da TV Cultura, em novembro de 1977, Leporace evita levar a sério as perguntas do repórter sobre a censura e diz:

⁶⁷ Vide anexo 2, 3 E 4, com algumas páginas do prontuário de Vicente Leporace no Ministério da Justiça.

“Os problemas que eu tive com a censura foram insignificantes em relação ao meu volume de trabalho. A única exceção foi uma detenção de 72 horas na polícia Militar, onde fiquei incomunicável, em virtude de uma ordem mal interpretada. Foram dizer ao Ministério da Justiça que eu tinha feito uma referência desairosa ao Brasil. Apesar disso, quando tudo ficou esclarecido, o fato acabou nem figurando no prontuário oficial.”

Na mesma entrevista, o repórter pergunta à Leporace se ele é Arena ou MDB, ao que ele responde: “Não sou da Arena, nem do MDB, sou Corinthiano!”

Sob outro ponto de vista de “Justiça”, em entrevista à Cosso, Andrade e Bianchini (2003, p.36), José Paulo de Andrade, apresentador do Programa “O Pulo do Gato”, no ar a mais de trinta anos pela Rádio Bandeirantes, ao falar sobre Leporace e seu “O Trabuco”, pontua:

“Eu observava coisas que eu acho que ele devia apurar melhor, porque ele era muito emotivo e comprava história dos outros. Então, por exemplo, vinha uma pessoa que ele nem conhecia e contava uma história triste, e ele já comprava aquela história. Comprava, já ia para o ar e arrebetava com a outra parte atingida. Ele acreditava nas pessoas, entendeu? Ele pecava, muitas vezes, por essa boa fé dele. Você contava uma história triste e ele chorava com você.”

Para Salomão Éspier (2006), um dos locutores mais antigos da empresa ainda vivo, que também participou do “Jornal Falado Primeira Hora”, e entrou com o Jornal Gente após o falecimento de Leporace, o radialista era uma pessoa sedenta de justiça, que mesmo quando errava, exercia uma sinceridade que ninguém imaginava condenar.



Salomão Éper, em 1951⁶⁸

Ainda segundo Éper (2006):

“Ele era um sujeito íntegro. Tanto que morreu pobre. Ele podia ter sido candidato a muita coisa, amarrar o cavalo na sombra como muito político faz, mas ele ficou fiel as suas origens.”

Com relação ao jornalismo praticado na Rádio e TV Bandeirantes, João Saad afirmou em entrevista a autora (1998):

“Por aqui passaram grandes homens, grandes nomes do jornalismo, e já não era só o jornal da manhã, como era o jornal das sete horas; das oito horas; das doze horas, que depois passou para as treze horas; das dez para as sete, antes da hora do Brasil, e das onze e meia. Então em jornalismo nós éramos imbatíveis, uma grande audiência, tínhamos grandes jornalistas.”

Essa liberdade para trabalhar que João Saad dava aos jornalistas, também era pontuada com muita atenção e proximidade.

⁶⁸ Fonte: Almanaque do Rádio

Em depoimento à autora, Éesper (2006) define Saad também como um homem que sempre participou de tudo:

“Em 1961 é que eu comecei a trabalhar na Bandeirantes. João Saad prestava muita atenção nas coisas que lhe pertenciam. Uma da manhã ele aparecia na rádio e cumprimentava o apresentador, numa surpresa - como também telefonava às 4 da manhã. Era uma atenção constante. Nos últimos tempos, já exacerbado com tanto trabalho, ele utilizava até um gravador, com as coisas que ele ouvia que mereciam reparo, observação, apoio, crítica, ou aconselhamento. Ele ligava o gravador e ia lembrando, e ia falando...”

Éesper (2006), em entrevista, discorre sobre a liberdade de expressão que João Saad permitia, e cita o caso de Vicente Leporace e o seu Programa “O Trabuço”:

“O Leporace, que era irreverente, falava o que queria, é muito difícil você aceitar que o patrão não tenha permitido isso, por mais importante que seja o jornalista para a casa.”

No início dos anos 70, Leporace também participou da versão para televisão do programa “Titulares da Notícia”, como comentarista.

11. 4 Os Titulares da Notícia

Segundo Salomão Éesper (2008), o nome do programa surgiu numa inspiração de Kadunc com relação ao *casting* da emissora, que entre orquestra, equipe do rádio-teatro, locutores, apresentadores de musicais e jornalistas, possuía também um grupo de música popular brasileira muito famoso na época: os “Titulares do Ritmo”.

Ésper complementa:

Eles eram um conjunto de cegos que se movimentava na Rua Paula Souza em todos os lugares, nos shows, com uma facilidade extraordinária pra quem era desprovido da visão. Andavam pelos nossos corredores e a qualquer cumprimento, eles respondiam com o nome da pessoa que cumprimentava, então é fácil imaginar a admiração e o respeito que todos tinham por esses cantores e músicos.

Ainda segundo o entrevistado a seleção de redatores para compor a equipe do "Titulares" foi tão criteriosa que valorizou muito a qualidade dos textos, segundo ele, *"havia textos que eram até disputados para a leitura, a gente tinha prazer de ler os textos pela redação boa, criteriosa"*.

Outro radialista contemporâneo, Muibo Cury (2008), dá seu depoimento:

"Os Titulares da Notícia" foi criação de uma grande cabeça, de um homem que já se foi, chamado Alexandre Kadunc, ele era meio gênio viu, Alexandre, criou os Titulares da notícia na década de 50 ainda quando estávamos na Paula Souza. Ele botou "O Uirapuru" para a abertura do noticiário, e contou inicialmente com vozes lindas, maravilhosas como o Antônio Pimentel, já saudoso; Humberto Marçal, também não esta mais em nosso convívio; o Franco Neto e outras vozes que passaram assim de viagem pelos Titulares da Notícia, que não ficaram muito tempo".

A contribuição jornalística da Rádio Bandeirantes quando criou os "Titulares da Notícia" com a participação de Vicente Leporace e Humberto Marçal, entre outros, foi tentar uma nova linguagem, lançando mão da sonoplastia, das vinhetas artísticas e de um jornalismo opinativo e com a maior cobertura possível dos fatos da cidade e do país, num momento em que estes artifícios ainda não eram usados pelas outras rádios.

11. 5 O Correspondente Renner

O programa "O Correspondente Renner", de certa forma se parecia com o formato do "Repórter Esso". Na época, o formato de jornalismo em rádio, quando na locução de uma notícia, chamava o nome do local de ocorrência do fato, antes do texto que se seguiria. Como por exemplo: "Rio de Janeiro: O carnaval..."

Com "O Correspondente Renner", o diferencial criado por Kadunc se deu na construção do texto que criou uma emenda entre uma notícia e outra, feita por uma única palavra. Saindo do formato quadrado, duro, tenso que até então era tido como padrão.

Segue um exemplo fictício: "...No desembarque da seleção brasileira de futebol na cidade do Rio de Janeiro, houve grande festa com a torcida no aeroporto. E no aeroporto de Congonhas em São Paulo inicia-se a reforma da nova pista de aterrissagem..."

Segundo Andrade (2007):

"O Kadunc revolucionou a linguagem do rádio. Ele lançou aqui em São Paulo, o "Correspondente Renner", que marcou época no jornalismo, onde o texto era leve e fazia coincidir o final de uma notícia com o começo da outra. Então ele terminava com uma palavra que começava a outra notícia. Então era um encadeamento de notícias e com um locutor de voz extraordinária que era o Antônio Carlos Pimentel. Foi uma revolução no Rádio Jornalismo".

11.6 A consolidação do crescimento da Rádio Bandeirantes

A década de 60 foi a fase em que a Rádio Bandeirantes consolidou seu crescimento e com o incentivo de Saad, seus profissionais tiveram liberdade para criar e experimentar novas linguagens e formatos .

Em Tavares (1999, p. 200), o autor pontua o sucesso da Rádio Bandeirantes na época:

“Nestes ricos anos 60, registrem-se os nomes dos produtores Irvando Luiz (“Bom à Beça” e “Pequenas Coisas de um Grande Futebol”, uma reconstituição dos jogos do passado) Thalma de Oliveira (“Patrulha Bandeirantes”) e os irmãos Ricardo e Fausto Macedo, este coordenador do “Clube RB”, dirigido aos ouvintes, que recebiam carteirinhas e participavam de sorteios durante a programação.

Vemos também Alexandre Kadunc, no rádio jornalismo, discípulo de Emílio Saccheta, que criou inesquecíveis noticiosos sob a égide dos “Titulares da Notícia”, como “Primeira Hora”, em 1962, uma revolução no rádio e o “Correspondente Renner” – depois- “Nosso Correspondente”, para a voz inconfundível de Antonio Pimentel e depois, Franco Neto”.

Ainda nesta década, Saad que não descuidava de seu tino comercial, mandou fabricar na China 20 mil radinhos de pilha com apenas uma sintonia no dial, apenas a estação Bandeirantes.

O novo aparelho, que só sintonizava a Bandeirantes, virou um brinde da emissora e foi distribuído principalmente nos locais com grande circulação de pessoas: bares, restaurantes, açougues, mercadinhos, barbeiros; multiplicando assim o número de ouvintes. Onde houvesse muita gente, lá estava o pequeno rádio, sintonizado na Bandeirantes.

Isto foi uma grande novidade na capital paulista e lhe rendeu a audiência do maior público ouvinte reconhecida até o momento.



Rádio Exclusivo da Bandeirantes ⁶⁹

O fim do “radinho da Bandeirantes” só se deu quando a diretoria da SICAM e do SDDA⁷⁰ percebeu que poderia cobrar os direitos autorais da ação; ao que Saad, obviamente preferiu desistir do projeto.

A Bandeirantes também foi a única rádio que transmitiu uma luta pelo título mundial de boxe do Japão para a América do Sul, com a participação nosso campeão brasileiro da época, Eder Jofre.

O pugilismo nos anos 50 e 60 era popular e Éder Jofre era o grande campeão brasileiro na modalidade.

Éder disputou e foi derrotado pelo japonês Masaharu “Fighting” Harada.

Nesta época, o experiente Edson Leite era o locutor que narrava os jogos de futebol e lutas de boxe e mantinha o primeiro lugar em audiência.

⁶⁹ Aparelho para foto gentilmente cedido pelo Prof. Carlos de Campos

⁷⁰ Antes da criação do ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição) em 1973, existiam no Brasil duas máquinas arrecadoras de direitos autorais de execução pública: de um lado o extinto SDDA (Serviço de Defesa do Direito Autoral), com sede no Rio de Janeiro, do qual faziam parte a UBC, a SBACEM, a SADEMBRA e a SBAT, como sócias, e a SOCINPRO, como conveniada; e, do outro lado, a SICAM, sediada em São Paulo. A existência de dois organismos de arrecadação, competindo entre si, gerava perplexidades, dúvidas e muita confusão, levando boa parte dos usuários, alguns por desinformação e outros por má-fé, a se furtar do pagamento dos direitos autorais. Fonte: <http://www.socinpro.org.br>

Alberto Saad, o homem dos números, cuidava no departamento comercial da rádio, e ia a todos os lugares vender anúncios.

12. A Criação Da TV Bandeirantes

A TV Bandeirantes de São Paulo (canal 13), obteve sua concessão em 1954, pelas mãos de Getúlio Vargas, que deu a João Saad duas concessões de ondas curtas e um canal de televisão em São Paulo. Getúlio governava em aliança com Adhemar de Barros.



Anúncio da chegada da TV Bandeirantes ⁷¹

Nesta época, apesar do sucesso da Rádio Bandeirantes, Saad não tinha o capital suficiente para tamanho investimento. Para poder pôr a emissora no ar seriam necessários financiamentos e empréstimos dos bancos e das instituições governamentais.

Durante todo o governo JK (1956 - 1961), Saad não instalou a TV, perdeu o prazo, e por isso teve a concessão cassada.

Segundo Conti (1999, p.522),

“Horácio Lafer, o ministro da Fazenda, disse a Saad que não pedisse nada ao Banco do Brasil e o aconselhou a montar a estação de televisão mais tarde. Garantiu que não haveria problemas em ultrapassar a data-limite estipulada na concessão. Entrementes, Getúlio se suicidou, Juscelino tomou posse, cassou a concessão da Bandeirantes por estar vencida

⁷¹ Fonte: Anuário da Propaganda, em Fevereiro de 1953

e entregou a televisão a um amigo. Saad tentou falar com o presidente, que o evitou. Amigos comuns lhe explicaram que Juscelino gostava dele e estava envergonhado do que fizera. Saad foi ao Palácio do Catete sem se anunciar. Foi entrando, e chegou à sala de JK, que assinava um documento numa cerimônia. O dono da Bandeirantes se postou atrás da cadeira dele. Juscelino percebeu, fingiu que não viu, mas voltou atrás, abriu um sorriso e o cumprimentou. Sorrisos e cumprimentos, sim; mas reaver a concessão, não”

Ainda segundo o autor, Saad processou o governo, alegando que não montou a emissora porque o próprio governo, na voz de Horácio Lafer, não quis.

Mesmo com a Justiça dando lhe ganho de causa, não havia aí a obrigatoriedade de o presidente da República lhe conceder outra emissora, ainda mais com a publicidade que o caso teve, e Juscelino decide não lhe conceder o benefício.

Conti (1999, p.522) descreve ainda que, diante de tal situação, com muita insistência, Saad procura João Goulart, candidato a vice-presidente. Em reunião a portas fechadas, Goulart sabedor da liderança pública da Rádio Bandeirantes na época, propõe a Saad que o apóie e faça campanha para ele; se eleito, Goulart conseguiria que Juscelino assinasse o decreto concedendo outra concessão. Saad aceitou a proposta, e apoiou, com suas emissoras de rádio, os candidatos Lott para presidente e Jango para vice nas eleições de 1960. Na época, a constituição permitia que candidatos à presidente e vice-presidente fossem de partidos diferentes.

Segundo Conti (1999, p.523), o jingle “É Jango, é Jango, é Jango”, foi gravado na emissora Bandeirantes.

Segundo Conti (1999, p. 523), questionado por um amigo do por que do aceite, ele responde: “Gostei do Jango, da maneira franca como ele falou”.

Essa importância dada à palavra, mais do que ao papel, é costume árabe e característica de João Saad em toda sua carreira profissional.

Embora tivesse bem estabelecido com as Rádios, e comprovado sua astúcia com os negócios em comunicação, para obter um canal de TV, João Saad tinha ainda que vencer a resistência política de uma nova concessão em televisão, pois genro de Adhemar de Barros estava na linha de frente em oposição a Jango. Adhemar de Barros era do PSP (Partido Social Progressista)⁷², Getúlio Vargas e João Goulart, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

Naquela época existiam apenas três grandes nomes consolidados na comunicação brasileira: Chateaubriand, o maior na América do Sul, em segundo lugar, Paulo Machado de Carvalho, proprietário da Record, e, em terceiro, João Saad e a Bandeirantes.

Desde 1948, a loja de tecidos tinha ficado para trás. A visão de João Saad que já estava muito experiente em rádio, dirigia-se agora a outro meio de comunicação - a televisão.

Na visão de Saad, o veículo, que chegara ao Brasil em 1950, se tornaria essencial à sociedade brasileira e um grande investimento. A partir daí, várias viagens ao exterior foram realizadas para pesquisar o que havia de mais moderno nos Estados Unidos da América e na Europa.

Com Goulart eleito, a promessa foi cumprida, e Jango conseguiu com que JK antes de deixar o governo, assinasse o decreto de concessão de uma emissora de televisão em São Paulo, em 1960.

No curto governo Jânio Quadros, 31/01 a 25/08/61, a concessão foi mais uma vez cassada. Razões óbvias: Saad apoiara os

⁷² Segundo texto publicado na Internet pelo Colégio São Francisco, encontramos "...nas eleições para presidente de 1950, O PSD, dividido entre as dissensões internas e a ingerência de Dutra, que, segundo depoimento de vários pessedistas, queria impor a candidatura de Bias Fortes, retardava-se na escolha de seu candidato. Isto fortalecia a candidatura de Getúlio Vargas, já bastante robustecida em decorrência da aliança firmada entre o ex-ditador e o governador de São Paulo Ademar de Barros, do Partido Social Progressista (PSP), o que gerou a aliança PSD-PSP".

adversários de Jânio e não instalou a emissora antes de terminar o governo JK.

Mas Saad continuou fiel a Jango e a Brizola.

Quando Jango foi empossado presidente da República, assinou nova concessão a João Saad para uma emissora de TV em São Paulo.

Seis anos depois, em 1967, finalmente a Rede Bandeirantes de Televisão entra no ar, num sábado de temperatura amena na capital paulista.

Um discurso de João Saad, seguido de show dos cantores Agostinho dos Santos e Cláudia, abriram as transmissões. Presente à solenidade estava o presidente Costa e Silva, o governador de São Paulo, Abreu Sodré, o prefeito Faria Lima, diversos ministros e secretários de Estado.

Em frente à emissora foi montado um parque infantil e um circo gratuito para famílias pobres. Durante dois dias houve gincanas e brincadeiras, com distribuição de brindes comemorativos. Para transportar os visitantes, a TV Bandeirantes fechou acordo com a CMTC e a empresa privada "Breda", para transporte gratuito que ia do Vale do Anhangabaú ao Morumbi.

Nestes mesmos dois dias, sábado e domingo, as câmeras da nova TV só mostraram imagens institucionais – como por exemplo: as novas instalações e tecnologia de ponta, a missa solene de benção da estréia, e imagens externas – rodadas em videotape sobre um pedágio feito em pontos importantes da cidade, promovido pela Bandeirantes para arrecadar com os motoristas passantes, dinheiro para a construção de casas para mães pobres, com o apoio da Igreja Católica.

Com dois transmissores potentes para a época – cada um com 316 quilowatts, a imagem da TV Bandeirantes inicialmente já chegou perfeita em grandes distâncias (entre Bauru e Santos, ambos em São Paulo), dispensando os rebatedores de sinal para estas regiões.

A nova TV estreou com 12 câmeras, carros de externa para captação de videotapes, quatro estúdios, sendo o maior deles com 45 m de comprimento e 12 de largura; e um sofisticado equipamento de iluminação.

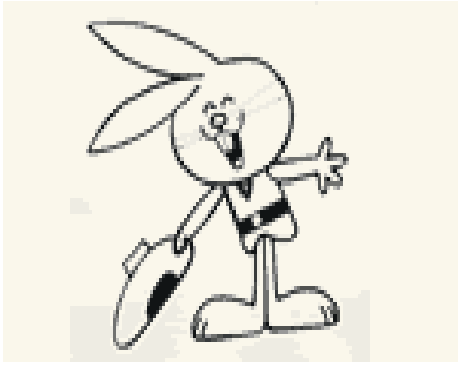
É interessante pontuar que o crescimento da Rede Bandeirantes de Televisão ocorreu sem ajuda do capital internacional, como o caso de outras emissoras ou de capital de emissoras associadas, como a extinta TV Tupi e os Diários Associados.

A programação planejou aumentar o horário infantil com relação ao das outras emissoras, ficando então das 16.30h até às 19.15h. Também se preparou a transmissão de programas infantis ao vivo, feitos em estúdio. E, para a noite, novelas e filmes, tendo entre cada programa, noticiários com três minutos de duração, totalizando cinco por noite, seguido do anúncio da hora certa. Às 22.35h, entra o noticiário “Os Titulares da Notícia”, com vinte minutos de duração. Para ilustrar o programa jornalístico – imagens obtidas em acordo com a agência internacional de notícias: United-Press.

Uma das novidades com relação às outras emissoras, é que inicialmente não houve intervalos puramente comerciais na emissora, que diferente das outras emissoras da época, programou suas “propagandas” para serem inseridas dentro do período dos programas, mesmo assim, nunca excedendo dez minutos de duração.

Segundo determinação da Contel (Conselho Nacional de Telecomunicações), desde aquela época, o tempo máximo de exibição de comerciais durante um programa de uma hora, era de 15 minutos.

Por fim, a separação das atrações era sempre feita com a exibição do “coelho bandeirante”, mascote da nova emissora.



Primeira logomarca da TV Bandeirantes ⁷³

Com base no seu trabalho em rádio, Saad ressaltou que a programação da TV seria a melhor possível, não demasiadamente clássica, pois o povo pedia algo mais simples. Teria como base jornalismo, esporte e entretenimento, como filmes, programas de auditório, e musicais.

A TV Bandeirantes comandada pelo radialista Murilo Leite teve a força, a energia e o entusiasmo de um pequeno grupo de homens que só trabalharam em rádio, não tinham sido instruídos, não conheciam o novo meio de comunicação, mas trabalharam e aprenderam sozinhos, na prática.

Estavam na coordenação inicial da TV Bandeirantes, Murilo Leite – superintendente; Sérgio Andrade – o Arapuã – diretor artístico; Álvaro Moya – programação e técnica e Amarílio Nicéias, como diretor de produção.

Em entrevista ao jornal “O Estado de São Paulo” (1967), Leite afirmou que aprendeu a trabalhar com TV, olhando as outras emissoras:

“-Verificamos primeiro, onde estavam as falhas das outras televisões e precisávamos encontrar uma fórmula que valorizasse a publicidade e o interesse do público para os programas. Também achamos que não se pode repetir no vídeo o que se faz há anos no rádio. Sentimos que hoje há um desrespeito ao telespectador quanto a observação dos

⁷³ Criação de Urano Lima. Fonte da imagem: Arquivo da Empresa

horários, aquela história de “um minuto só para o próximo programa”, faz o telespectador esperar às vezes mais de dez minutos”.

Segundo os Estudos Marplan *in* Reimão (1997, p. 30), em 1967, a TV Bandeirantes fecha o ano com a proporção de audiência da seguinte forma:

EMISSORA	Ano - 1967
TV CULTURA	03%
TV TUPY	17%
TV GLOBO	17%
TV RECORD	29%
TV EXCELSIOR	29%
TV BANDEIRANTES	14%



1967

Logomarca da empresa em 1967⁷⁴

⁷⁴ Fonte: Arquivo da empresa. Marca criada por Cyro Dell Nero



75

Como produções iniciais, cronologicamente, citam-se: em 1967 “Os Miseráveis”, “A Moça do Sobrado Grande”, “Além, Muito Além do Além” (série) e “Sítio do Picapau Amarelo”.

O seriado “Sítio do Picapau Amarelo” estreou em 12 de dezembro de 1967, trazendo Júlio Gouveia e Tatiana Belinky como Pedrinho e Narizinho num patrocínio do Bolo Pullman. Esta série possuía o cenário de um sítio de verdade e ganhou um tema de abertura assinado por Salatiel Coelho, sendo uma das primeiras experiências na TV nacional em usar o recurso do videotape. Cada episódio tinha 30 minutos e a série ficou no ar por dois anos, até 1969.

Temos ainda em 1968, as séries “Ricardinho - Sou Criança, Quero Viver”; em 1969 – “Era Preciso Voltar” e “O Bolha”.

Em depoimento à autora, o cenógrafo Cyro Dell Nero (2006), relata que o maestro Júlio Medaglia lhe contara que em certa ocasião, tendo dado carona para João Saad até o aeroporto de Congonhas, questionou-o durante o percurso:

“– João, qual dos dois filhos ficará com a TV Bandeirantes quando o senhor morrer?

Ele respondeu:

– Nenhum. Eu vendo antes.”

⁷⁵ (utilização 1967 – 1973) Fonte: Arquivo da empresa. Marca criada por Cyro Dell Nero

Na verdade, a atuação dos filhos na empresa Bandeirantes, não é nem um pouco casual. Segundo Nonô Saad (2007):

“Fui fazer História e ele queria que eu fizesse Direito. Para o ramo dele, eu acho que ele orientou os dois filhos homens – o Johnny e o Ricardo – para aprender Administração e Economia - para ter uma base e depois fazer o que quisesse. Sempre ele nos deu muita liberdade também. Orientava, mas dava liberdade”.

Para os que trabalhavam com João Saad, a descrição que fazem a seu respeito é quase sempre a mesma de Dell Nero:

“Seu João era um homem bonito, simpático, afável e com as características do Oriente Médio. Na cultura árabe, dada a palavra, é cumprida a palavra. Outra valorização que o árabe faz diz respeito quanto à amizade. O amigo para o árabe é fundamental. O árabe é da empatia, ele se torna amigo seu por empatia.”

O período de 1964 a 1975, que corresponde à segunda etapa de desenvolvimento da televisão brasileira, caracteriza-se como sendo a fase em que esta, deixando de lado o clima de improvisação dos anos cinquenta, sem os percalços que o pioneirismo colocou à frente da Rede Tupi, a TV brasileira adota os padrões de administração norte-americanos e torna-se cada vez mais profissional, com uma estrutura administrativa e financeira mais sólida adaptada à etapa de expansão do capitalismo brasileiro, criando grandes ídolos adorados por milhares de telespectadores.

13. Os Precusores Do Telejornalismo No Brasil

Segundo Squirra (1993, p.67) a televisão no Brasil esteve sob o formato de linguagem de produção aplicados ao rádio, diferentemente da televisão norte-americana, que se desenvolveu apoiando-se fortemente na indústria cinematográfica, a brasileira teve que se submeter à influência do rádio.

Com a linguagem jornalística, não foi diferente.

13.1 Imagens Do Dia

Em 20 de setembro de 1950, a pioneira TV Tupi inaugurava seu primeiro telejornal: *Imagens do Dia*. A viação Cometa, de ônibus rodoviários foi a patrocinadora do programa.



Logomarca do telejornal⁷⁶

Segundo Resende (2000, p.105), a pequena equipe formada pelo apresentador Maurício Loureiro Gama, pelo redator e também apresentador, Ruy Resende e os cinegrafistas Jorge Kurjian, Paulo Salomão e Afonso Ribas, produzia todas as noites um noticiário que era resumidamente uma seqüência dos acontecimentos locais, ilustrado com filmes 16mm produzidos sem som direto, normalmente com imagens do dia anterior de algum coquetel ou da posse de

⁷⁶ Fonte: <http://www.epoint.com.br>

alguma autoridade. O horário de entrada do programa, não era fixo e ficava entre as 21h30 e 22h, e sua duração estava vinculada a quantidade de material fílmico ou fotos referentes ao assunto e disponíveis de serem televisionadas. O formato de texto utilizado no jornal era descritivo narrativo.

13.2 Telenotícias Panair

Em 1952, a mesma emissora lançou um segundo telejornal diário – o Telenotícias Panair, que substituiu o “Imagens do Dia”. Com o patrocínio da extinta companhia aérea Panair, este jornal ainda seguia com as mesmas características de linguagem do anterior, mas devido ao compromisso com o patrocinador, já se apresenta com horário fixo: às 21h e era apresentado por Toledo Pereira.

Precário em termos de linguagem, este noticiário, transmitia os fatos com locuções em tom forte e vibrante (como nas comunicações radiofônicas), e em termos visuais, o cenário limitava-se a uma cortina ao fundo, uma mesa e uma cartela exposta com o nome do patrocinador. Embora tivessem grande mérito como pioneiros, o “Imagens do Dia” e o Telenotícias Panair” tinham como fator negativo, a demora na revelação e montagem dos filmes, que resultava num atraso na divulgação da notícia. Assim sendo, durante este período, o rádio continuava com sua agilidade e instantaneidade, a manter a liderança na audiência.

13.3 O Repórter Esso

Alguns meses depois do Repórter Esso já estar famoso no rádio, é que este migrou para a versão TV, substituindo o “Telenotícias da Panair”, iniciando em 01 de abril de 1952 na TV Tupi do Rio de Janeiro e no ano seguinte, estreando também na TV Tupi de São Paulo, firmando-se durante muitos anos no horário nobre da

noite, com um conteúdo que abrangia o noticiário nacional e internacional. Com um patrocinador de grande porte e a associação com a agência de notícias norte-americana United Press International (UPI), ocorreu a possibilidade de um noticiário ilustrado com mais imagens, e muitas em movimento, utilizando-se de filmes de 16mm.

A liderança do telejornal Esso deu-se entre outros motivos pela facilidade com que este programa obtinha material de reportagens internacionais com ilustrações audiovisuais.

Com uma vinheta musical em estilo "*fortissimo*" na abertura do programa, este telejornal trabalhava com o impactante, dramático, eloqüente e dinâmico, carregando assim um formato persuasivo de informação, levando o telespectador à aceitação dos fatos narrados como sinônimos de seriedade e compromisso com a realidade.

Segundo Mraz (1989, p.81):

"A imagem da verdade do "Repórter Esso" aliada à prestação de serviços na TV, não só buscava chamar para si a atenção do telespectador, acostumado aos noticiários divulgados pelas rádios e pelos jornais impressos, mas também marcava como postura clara diante dos fatos, passando a imagem de uma empresa multinacional preocupada com as suas possibilidades de crescimento e aceitação, num mercado que iniciava seu processo de entrada na explosão desenvolvimentista e consumista".

A característica de linguagem do "Repórter Esso" é sem dúvida o formato estrutural e inspirador do que vemos até hoje nos telejornais contemporâneos, guardadas as devidas proporções de avanços tecnológicos e culturais.



Logomarca do telejornal ⁷⁷

13.4 O Jornal de Vanguarda

No ar a partir de setembro de 1962, criado e dirigido por Fernando Barbosa Lima, no Rio de Janeiro, o jornal driblava a censura com total informalidade, cheio de ironia e criatividade, com visual dinâmico. Possuía também vários locutores e quadros, como o do misterioso "Sombra" (interpretado pelo irmão de Cid Moreira – Célio Moreira), que dava as notícias confidenciais apenas mostrando sua silhueta, fazendo a leitura dos textos em "*off*".

Este telejornal que ia ao ar ao vivo, às dez e meia da noite, veio com muitas novidades, sendo a principal delas – a participação de jornalistas como produtores, somando-se também o fato de os apresentadores das notícias, serem cronistas especializados – cada um em sua área.

Segundo Lima (2007, p.142):

"O Jornal de Vanguarda tinha desenhistas como Borjalo, Appe e Millôr Fernandes; humoristas como Sergio Porto (Stanislaw Ponte Preta) e Don Jose Cavacas; grandes comentaristas políticos como Villas-Bôas Corrêa e Tarcísio Hollanda, e o comentarista internacional Newton Carlos; Gilda Muller, fazia a parte feminina, e havia cronistas como Ricardo Amaral, Maneco Muller, Ibrahim Sued, José Lewgoy e Reynaldo Jardim; além de incríveis locutores como Luiz

⁷⁷Fonte: <http://www.epoint.com.br>

Jatobá, Cid Moreira, Célio Moreira, Fernando Garcia, Jorge Sampaio e Moacyr Lopes. Cada um fazendo sua parte naquele grande espetáculo.”

Cid Moreira (iniciando-se na televisão), fazia a abertura, introduzia as matérias e encerrava a atração.

Em razão da maneira aprofundada de se comentar as notícias, muitas matérias do Jornal de Vanguarda eram enviadas, em videoteipe, para outros telejornais de emissoras coligadas à Excelsior, iniciando a idéia de telejornalismo em rede nacional.

A informação instantânea em rede nacional seria concretizada seis anos mais tarde, por meio dos satélites de comunicação.

Toda a criatividade e competência de *O Jornal de Vanguarda* esbarraram, porém, no golpe de 1964, e apesar de ainda resistir por algum tempo. Ora no ar, ora fora do ar, ora na Excelsior, ora em outras emissoras, o Jornal de Vanguarda durou até 1968, quando seu diretor resolveu tirá-lo definitivamente do ar (na TV Tupi-Rio) em virtude do total cerceamento dos informativos da TV e do Rádio, causado pelo Ato Institucional n. 5⁷⁸, da ditadura militar.

Nascido a 13 de dezembro de 1968, o AI-5 foi publicado durante o governo do general Artur da Costa e Silva, servindo de base jurídica ao endurecimento do regime autoritário, dando amplos poderes ao presidente, permitindo o fechamento do Congresso, a cassação de políticos e a suspensão das garantias individuais, possibilitando a perseguição aos inimigos do regime.⁷⁹

Diante do rígido controle político, por meio da censura, o telejornalismo brasileiro assume de vez sua inspiração no formato americano, novamente dispensando-se a figura dos jornalistas como apresentadores e voltando a figura central de locutores como

⁷⁸ Vide anexo texto do AI -5, na íntegra

⁷⁹ Em 1988 a Rede Bandeirantes contratou Fernando Barbosa Lima para refazer o seu "Jornal de Vanguarda", que durou até o início da década de 90, apresentado por Dóris Giesse.

transmissores das notícias. Apesar dos avanços tecnológicos da época, no final da década de 1960, usavam-se mapas e fotos como ilustração das notícias, e raramente o videotape.

Paralelo a esse movimento, curiosamente, ainda nos anos 60, os produtores de TV descobriram a fórmula de exploração da miséria humana, mascarada de jornalismo, para transformá-la em show.

Na TV Excelsior, com a apresentação de Jacinto Figueira Jr., ia ao ar “O Homem do Sapato Branco” – que com um modesto *cachet* contratava pessoas simples do povo, para entrevistas de cunho emocional apelativo e às vezes até constrangedora, garantindo assim boa audiência.

Dentro deste mesmo raciocínio, a TV Record inicia o programa “Quem Tem Medo da Verdade?” – com produção e mediação de Carlos Manga que, com o auxílio de oito personalidades num júri, entrevistava e julgava um convidado famoso do meio sociocultural. O apelo do programa ficava por conta de tentar emocionar ao máximo o entrevistado, que às vezes chegava às lágrimas.

Em janeiro de 1969, num momento de endurecimento do regime de ditadura militar, o Brasil ingressava na era da comunicação espacial. As ligações por microondas e as transmissões via satélite possibilitavam a integração nacional e a aproximação com o restante do mundo, desde que o assunto interessasse ao sistema governamental.

Com esse panorama, em setembro de 1969, estréia, pela TV Globo – o Jornal Nacional – transmitido simultaneamente para Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, e claro, para a nova capital: Brasília.

Como contrapeso às virtudes de linguagem e tecnologia de que este telejornalismo fez uso em sua inauguração, Resende (2000, p.110) aponta o estigma que a estréia desse programa viria a conter durante muitos anos: a afinidade da TV Globo com o regime militar.

Segundo o autor:

“Na edição de estréia, o locutor Hilton Gomes anunciava, como manchete do dia, que o governo do país passava temporariamente o controle aos três ministros militares, por causa da doença do presidente da república – General Costa e Silva. O acaso evidenciava o que para muitos significava mais que uma simples coincidência. A integração pela notícia, via Jornal Nacional, e o endurecimento da ação do governo militar começavam no mesmo dia.”

Segundo Temer e Monteiro *in* Reimão (1997, p.48), em 1970, a exploração do gênero telejornalismo, numa leitura da média das produções de todas as emissoras de TV brasileiras, representava apenas 4,2% das produções, frente ao valor de 16,8% de produções de telenovelas.

13.5 O Advento do Videotape e as Novas Possibilidades de Produção

Os anos 60 trouxeram profundas modificações ao telejornalismo brasileiro. Aliados à mentalidade de que a notícia era uma grande atração e se beneficiando da utilização da técnica do videotape (gravação de som e imagem), os programas tiveram maior movimentação tanto dentro quanto fora do estúdio, na produção de matérias externas e reportagens que tornassem os telejornais menos lidos, mais imediatos e com maior participação e interferência nos fatos. Para discutir os acontecimentos, vários programas de debates apareceram, nos quais as questões podiam ser esclarecidas com a presença dos responsáveis.

O videotape trouxe também a idéia da programação em rede, permitindo que um programa gravado seguisse para outra capital. Neste formato e logística, surgiu também a idéia da “matéria fria”, ou

não datada, que pudesse ser transmitida em outras praças posteriormente.

O uso do videotape possibilitou também as novelas diárias e ainda a implantação de uma estratégia de programação horizontal, com a veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana criando o hábito de um público assistir televisão rotineiramente, prendendo a atenção do telespectador e substituindo o tipo de programação em voga até então, de caráter vertical, com programas diferentes todos os dias.

Ainda segundo Resende (2000, p.107), com a inauguração de Brasília, nos anos 60, o videotape foi encomendado pelo governo para chegar ao Brasil no momento exato de facilitar o registro do grande acontecimento nacional, e assim, os telejornais libertaram-se da linguagem radiofônica e começaram a buscar sua própria fórmula de comunicação audiovisual.

O símbolo dessa mudança foi "O Jornal de Vanguarda", na TV Excelsior.

14. O jornalismo na TV Bandeirantes

João Saad era um homem de informação, atento aos acontecimentos do país, apesar de não ter formação na área; era segundo Mitre (2007): *"Um jornalista típico que sabia como ninguém dimensionar os fatos"*, portanto, a vocação jornalística da TV Bandeirantes se deu desde seu início.

Sergio Andrade – o Arapuã – que dirigiria o início do gênero na emissora de TV, afirmou em matéria publicada no jornal "O Estado de São Paulo" (1967), que a imagem seria o ponto forte dos noticiários da TV Bandeirantes.

Para o diretor não haveria *"-...nada de se colocar um locutor falando atrás de uma mesa, porque isso seria repetir o rádio"*. Andrade (1967) pontua ainda:

"Para se ter um idéia do quanto estamos caprichando e ao mesmo tempo fazendo pesquisas de melhores efeitos, gastamos no dia 03 de abril – 18 horas para gravar um noticiário de dois minutos para servir de piloto. Já no dia seguinte, gravamos três em apenas uma hora. Hoje, (01/05/1967 – dia da entrevista), já é quase direto".

A estréia se deu em 1969 do filhote de "Os Titulares da Notícia", programa que herdou o mesmo nome do que fazia sucesso na Rádio, sob o comando de Alexandre Kadunc.

Inicialmente com 16 minutos diários, o ponto de vista da abordagem do fato era o elemento que dava ao telespectador a oportunidade de conhecer os vários aspectos que o envolviam, e também sua causa e conseqüência, mantendo uma relação crítica, tanto nos casos mais regionais, quanto nos de abrangência nacional e internacional.

Apresentado por jornalistas de peso como Maurício Loureiro Gama (ex-Repórter Esso e primeiro apresentador de telejornal da América Latina), Vicente Leporace, Salomão Éspere, Murilo Antunes Alves, Julio Lerner, Lourdes Rocha e depois José Carlos de Andrade, esse telejornal tinha a proposta de ser predominantemente voltado para a realidade brasileira.

Com grande número de matérias ilustradas, toda notícia era esclarecida por comentários, com intenção de crítica velada ao sistema político-social vigente.

Um dos atrativos do noticiário era a presença da na época, popular dupla sertaneja “Tonico e Tinoco”, que atuavam na apresentação das informações relativas ao interior do estado de São Paulo.

Em termos de linguagem, o “Titulares” também inovou com a exposição no cenário - atrás dos apresentadores - várias fotos sobre um mesmo assunto iam se sucedendo, enquanto as outras emissoras usava-se apenas um slide.

Saindo Kadunc e entrando Gabriel Romeiro na direção do programa, outra experiência telejornalística em que a equipe inovou, foi, dar vez ao depoimento popular (povo fala); bem como, selecionar para ir ao ar, repórteres que não eram exatamente o padrão de voz ou estética da época, porém que ganhavam a tarefa de divulgar as notícias.

Esses dois fatores deram maior credibilidade ao programa, pois quem aparecia no vídeo era o mesmo repórter que participava diretamente da cobertura dos acontecimentos – e não mais, um locutor muito produzido e distante, em estúdio.

Com a situação política do país desfavorável, e sendo visado pelos mentores do AI-5, o jornal começou a suavizar mais suas opiniões e só permaneceu no ar até meados dos anos 70.

Segundo o jornal “Folha de São Paulo” (1969), a TV Bandeirantes trouxe muitas novidades em termos de linguagem audiovisual jornalística para a época:

“No jornalismo, a novidade da TV Bandeirantes, é a substituição de slides por “tapetops”, processo pelo qual as fotografias se sucedem, provocando mais interesse do espectador. Outra, é a inserção de notícias ao pé da tela, sempre que o fato justificar, e sem interromper o programa a que se está assistindo. Há ainda outras novidades, como por exemplo, a que diz respeito ao futebol, cuja transmissão se fará com grande emprego de “closes” e “takes” isolados, objetivando dar ao aficionado, não só o espetáculo em si, mas a capacidade de acompanhá-lo em todos os lances”.



Maurício Loureiro Gama, em 1951⁸⁰

Neste cenário, a Rede Bandeirantes de televisão tentando se posicionar no mercado popular, como a rádio já há tempos o fazia, procurava manter-se de forma apartidária politicamente, não conivente com o sistema, característica esta muito presente na forma

⁸⁰O cronista e comentarista político iniciou sua carreira na Rádio Bandeirante em 1935. Fonte: Almanaque do Rádio

de atuar na gestão de Saad, o que dava mais credibilidade a seus programas jornalísticos.

Segundo Mitre (2007), o posicionamento político de Saad não se misturava com o conteúdo jornalístico de suas empresas. Afirma o jornalista:

E isso explica a credibilidade do jornalismo da Band - que é um negócio enorme. Por quê? Porque a notícia é respeitada aqui. A opinião não se mistura, entendeu? O que é opinião é opinião, o que é editorial é editorial. No noticiário, você jamais como telespectador da Band, vai ficar desinformado sobre qualquer assunto ou sobre qualquer pessoa. Essa é a diferença.

No mesmo sentido, afirma ainda Muíbo Cury (2008):

O João Jorge Saad nunca obsteu nada com referência a noticiário na Bandeirantes, absolutamente nunca ele influenciou a equipe de jornalistas da Rede Bandeirantes, a equipe de produtores e nem a equipe de locutores absolutamente. Ele vinha cumprimentar a equipe sempre que apresentava alguma coisa inusitada, uma reportagem especial.

No que diz respeito à equidistância política da emissora e às críticas que iam ao ar, e que nem sempre eram tão agradáveis ao sistema da época, Saad (1999) cita Leporace, que com sua anuência e jeito espontâneo próprio, emitia opiniões que por vezes lhe causaram problemas com os militares.

Diz Saad (1999) em entrevista:

“Vicente Leporace era irreverente, me dando às vezes dores de cabeça incríveis, mas era autêntico e ele era apoiado.”

A maior preocupação da censura de televisão na época da ditadura militar no Brasil, recaía sobre cenas que desrespeitassem a

moral familiar. Porém, com a promulgação do Ato Institucional nº5, a vigilância militar recaiu sobre o conteúdo total das informações, acabando com a força de expressão de todo programa jornalístico de cunho político.

Ainda assim, durante a ditadura, a TV Bandeirantes exibiu entrevistas de políticos de esquerda, como Leonel Brizola, Luiz Carlos Prestes, Luís Inácio Lula da Silva.

Várias situações ocorridas durante o regime militar denotam o posicionamento de João Saad. Segundo Nonô Saad (2007) nos anos 70, quando o jornalista Samuel Weiner⁸¹ tendo sido perseguido pela ditadura, na volta de seu exílio em Paris e com seu patrimônio completamente dilapidado pelo sistema, sentindo-se novamente em risco de segurança, procura Saad e este o socorre.



Samuel Weiner⁸²

⁸¹ Jornalista judeu brasileiro (1912 – 1980) da Esquerda não-comunista, que teve uma importância inegável na história do jornalismo brasileiro; sendo foi o único jornalista brasileiro a cobrir o Julgamento de Nuremberg. Entrevistou Getúlio Vargas durante a campanha presidencial de 1950, formando com ele uma amizade política, que viria a resultar em apoio com crédito do Banco do Brasil para a criação do Jornal *Última Hora*. Participaram deste jornal importantes intelectuais da época, como Nelson Rodrigues e Paulo Francis, entre outros. Sendo brasileiro naturalizado, e não nato, Wainer estaria, nos termos da lei, impedido de ser proprietário de um jornal. A campanha contra Wainer - que combinava direitismo antigetulista e um toque de anti-semitismo - levou a uma longa batalha judicial que prolongou-se para além do suicídio de Vargas em 1954 e terminou com a absolvição do jornalista da acusação de falsidade ideológica. Wainer permaneceu uma figura jornalística importante no pré-1964 brasileiro, permanecendo ligado ao populismo e contando com a simpatia dos presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart.

⁸² Fonte: www.calendario.blogger.com.br/wainer.jpg. Foto sem data

Nas palavras de Nonô Saad (2007):

“Na época da Ditadura houve uma perseguição ao jornalista Samuel Wainer que cutucava o governo e meu pai ajudou a escondê-lo numa fazenda nossa, no Vale do Paraíba, por mais de seis meses”.



Nonô Saad, em 2007⁸³

⁸³ Fonte: Arquivo Pessoal

15. A Fase Dos Incêndios Nas TVs

Em 1969, vários incêndios atingiram as emissoras de TVs de São Paulo incluindo Record, Globo, Cultura e a própria Bandeirantes.

O jornal "Folha de São Paulo" (1969), em sua edição extra notícia:

"Sessenta e quatro horas depois de terem sido consumidas pelas chamas, na tarde e noite de domingo, o teatro da TV Record, Canal 7, e as instalações da TV Globo, Canal 5, a Rádio e a TV Bandeirantes, Canal 13, incendiou-se hoje, as 9.30h, no Morumbi".

Na manhã do dia 13 de julho de 1969, num domingo de tempo nublado, o Teatro Paramount, sede da TV Record - de Paulo Machado de Carvalho - pegou fogo.

Poucas horas depois no mesmo dia, foi a vez da TV Globo – canal 5 de São Paulo, arder em chamas em um incêndio na Rua das Palmeiras, bairro de Santa Cecília, em São Paulo.

Nesta época, Walter Clark⁸⁴ que dirigia os programas de Silvio Santos, Chacrinha e Dercy Gonçalves, programas feitos ao vivo pela

⁸⁴ Walter Clark Bueno (São Paulo, 1936 — Rio de Janeiro, 24 de março de 1997) foi um importante produtor e executivo da TV brasileira. Começou a trabalhar com comunicação aos 16 anos na Rádio Tamoyo, no Rio de Janeiro. Em 1956, foi para a TV Rio, onde ficou até 1965, para ser diretor-geral da Rede Globo, na época com menos de um ano de existência e muito longe de ser a potência que é hoje. É talvez o maior responsável pela "cara" que adquiriu a emissora ao longo desses mais de quarenta anos de história, aquilo a que se convencionou chamar de "Padrão Globo de Qualidade". Trouxe à TV a noção de continuidade - uma atração puxa a outra - criando o esquema "novela das sete/Jornal Nacional/novela das oito". Além desses programas, ainda criou o Fantástico e o Globo Repórter. Clark também foi responsável pela contratação de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, que por muitos anos formava com ele a dupla "Boni e Clark", alusão à dupla do cinema "Bonnie & Clyde". Quando foi demitido, em 1977, Boni assumiu o seu lugar. Clark nunca escondeu que se sentiu traído por ele. Após a demissão, trabalhou na Bandeirantes (1981 a 1982), voltou à TV Rio (1988) e foi presidente da Fundação Roquette Pinto (1991 a 1992). No seu currículo, consta ainda uma passagem pelo Clube de Regatas do Flamengo, do qual foi vice-presidente à época da conquista do Mundial de Clubes, em 1981. Em 1991, publicou sua autobiografia, "O campeão de Audiência", em parceria com o jornalista e crítico Gabriel Priolli. Também foi um breve produtor de cinema, produzindo poucos mas relevantes filmes como A Estrela Sobe (1974), de Bruno Barreto e Guerra Conjugal (1975), de Joaquim Pedro de Andrade, ambos em associação com Luiz Carlos Barreto e Eu Te Amo, de Arnaldo Jabor. Clark casou-se quatro vezes (inclusive com a atriz Ilka Soares) e teve cinco filhos - com cinco mulheres diferentes. Homem poderoso e galanteador, conhecida figura da noite carioca, namorou, entre tantas, Dina Sfat e Sônia Braga. Para esta, produziu em 1981 o filme "Eu te Amo", com cenas gravadas no apartamento cinematográfico onde morava. Alguns afirmam que a neurótica história de amor e sedução contada no

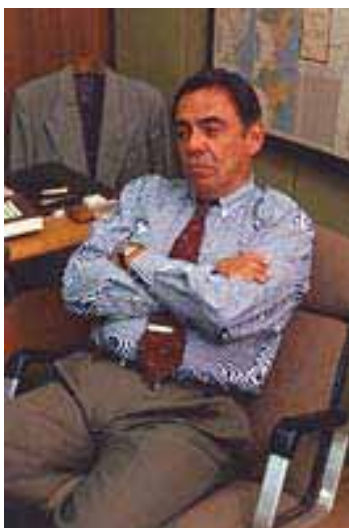
TV Globo, para o público de São Paulo, conseguia ótimos índices de audiência para a emissora e, diante das ruínas em que os estúdios da Globo se transformaram, a alternativa que Clark e José Bonifácio Sobrinho pensaram, foi em tentar a sorte na TV Bandeirantes, querendo alugar um dos estúdios do Morumbi, que tinha espaço de sobra para montar o auditório que os três programas precisariam.

Boni que em outros tempos já havia trabalhado com Saad e continuava seu amigo, portanto, no mesmo dia do incêndio da Globo, foi com Clark a empresa Bandeirantes que solidariamente ofereceu ajuda na hora.

Segundo Walter Clark (1991, p.145):

“Saad sempre conviveu muito bem com os concorrentes, talvez porque seu projeto original fosse fazer uma TV alternativa, e não uma estação para liderar o Ibope.”

filme seria a verdadeira história do romance entre Clark e Sônia (com Paulo César Pereiro o "interpretando"). Teve problemas com o alcoolismo (dizem que esta foi a causa de sua demissão na Globo) e faleceu de infarto em 1997, solitário, naquele seu apartamento, aos 60 anos. Ele disse, numa entrevista à revista Isto É que não foi publicada, que "Roberto Marinho me entregou a Globo em estado pré-falimentar e eu disse a ele, vou construir um império que vai sobreviver a mim e ao senhor". Com a morte de Roberto Marinho em 2003, sua profecia se realizou. Participou do polêmico documentário Muito Além do Cidadão Kane (1993), produzido para a televisão britânica e proibido no Brasil pelas Organizações Globo, uma obra que expõe as relações promíscuas da Rede Globo com o governo e com a sociedade. Ele analisa de forma franca e crítica a sua participação na emissora e a postura de seus ex-patrões. Numa das falas mais interessantes do filme, Walter, ao ser indagado se Roberto Marinho pode ser considerado um "Cidadão Kane", diz: "Eu acho só que ele não tem um 'Rosebud'".



Walter Clark, em 1982⁸⁵

Mas a generosidade de Saad, não pode durar muito, pois no dia 16 de julho de 1969, três dias depois do incêndio da Globo, numa quarta feira, foi a vez do incêndio da TV Bandeirantes.

Segundo o jornal "Folha de São Paulo" (1969), o funcionário do departamento de segurança da empresa, Tenente Oswaldo Pelegrina, foi uma das primeiras pessoas que se deu conta do perigo, ao ouvir quatro fortes explosões em pontos diferentes da empresa.

Segundo o mesmo jornal, o repórter Fernando Solera, que estava no ar, apresentando o programa "Patrulha da Cidade" no momento do início do incêndio, chamou o Corpo de Bombeiros através da própria rádio no ar, e estes chegaram em 15 minutos.

Mas, apesar da agilidade dos bombeiros, o fogo não foi pode ser debelado de imediato, devido à falta de água que ocorria no bairro do Morumbi no dia.

Agravou-se ainda mais a situação, quando tendo sido usada toda a água disponível nos carros dos bombeiros, a chegada de mais água também ficou dificultada pelo imenso transito que se formou no local.

⁸⁵ Fonte: <http://www.terra.com.br/istoe/cultura>

Em pouco tempo, o prédio da Radiantes ficou com dois terços completamente destruídos. Toda a maquinaria, técnica, seção de videotape e cenografia foram consumidas pelo fogo.

Segundo o jornal Folha de São Paulo (1969), no total, dez pessoas ficaram feridas pelas chamas; sendo oito pessoas ligadas ao Corpo de Bombeiros e Força pública e dois funcionários da empresa.

Na época, a Folha (1969) estimou que 15 bilhões de cruzeiros velhos eram o resultado do prejuízo do incêndio, que destruiu 10.000 metros quadrados, dos 13.000 de área construída da empresa, num total de 43 departamentos.

Segundo informação do coronel Dagoberto Vetri do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo, em declaração ao jornal "Folha de São Paulo" (1969), o fogo se iniciou em dois pontos diferentes: um no subsolo – na carpintaria, e outro na discoteca, três andares acima. Em anexo, foto mostra um frasco de "coquetel molotov", retirado das instalações da TV durante o sinistro.

O mesmo jornal citado, afirma que em dado momento, no meio das chamas, Saad inesperadamente subiu uma das escadas dos bombeiros, ao saber que seu filho João Carlos - o Johnny - estava lá dentro tentando salvar algum equipamento.

Dez minutos depois ele retorna, já mais calmo e junto ao filho João Carlos, na época com dezessete anos, que se encontrava segundo o jornal "Folha de São Paulo" (1969): *"com os olhos vermelhos da fumaça, todo sujo de fuligem e com uma calça de veludo vermelha toda manchada de barro"*.

O incêndio na Bandeirantes começou quando a TV estava no ar, com um filme que antecederia a apresentação do lançamento da Apolo-11.

Com a interrupção da transmissão causada pelo fogo, segundo o jornal "Folha de São Paulo" (1969) uma equipe foi para um caminhão de "externa" que se encontrava no pátio da emissora, ligou

uma câmera e passou a transmitir ao vivo as imagens do incêndio que se alastrava.

A Rádio Bandeirantes, só voltou ao ar às 10.50h do mesmo dia, através de um estúdio improvisado na Rádio América, onde os locutores começaram a trabalhar sob forte comoção.

Segundo Éspér:

Em 1969, a Bandeirantes foi convidada a indicar um jornalista para participar com a equipe de cobertura da “Voz da América” do relato do histórico voo do Apollo 11, quando pela primeira vez que o homem pisou na Lua, e eu fui incumbido pela emissora de ir aos Estados Unidos. Estava lá, quando recebi da diretora a autorização para participar como integrante da equipe de cobertura da “Voz da América”, podendo entrar no ar a qualquer momento para dar as impressões de um brasileiro no meio daqueles especialistas que estudavam todas as condições do voo. Quando eu já estava antecipando o êxito da minha missão pelas facilidades que me foram oferecidas, a mesma diretora me entrega um telegrama noticiando o incêndio pavoroso aqui nas instalações da Bandeirantes. Na hora da consagração - essa notícia triste - e eu imaginei que estivéssemos praticamente fora do ar, mas não tivemos esse ato. Havia deficiências claro na transmissão, mas não saiu do ar.

Às 14h, a TV voltava ao ar, precariamente, transmitindo imagens de seu Teatro na Av. Brigadeiro Luiz Antonio, nº 1.401; teatro este, que a empresa havia adquirido um ano antes do antigo Cine Arlequim, e agora utilizava para seus programas de auditório.

Às três horas da tarde, Saad, aparentemente calmo mas todo enlameado, comia um sanduíche e dizia desconhecer as causas do incêndio. Saad dizia estar reconfortado pelo fato de não ter havido vítimas até o momento.

Do local do incêndio, Saad declarou ao jornal “O Estado de São Paulo” (1969):

“Nossa luta prosseguirá. Estamos tranquilos pois temos confiança inabalável no destino de nosso País. Os nossos mais sinceros agradecimentos ao Corpo de Bombeiros, aos nossos funcionários que enfrentaram as chamas no afã de salvar alguma coisa, às autoridades que aqui compareceram, aos nossos amigos e clientes. A Rádio Bandeirantes, como podem observar, ficou fora do ar apenas das 9h às 10.15h, passando a transmitir ato contínuo, desses jardins, para permanecer, como sempre, 24h ao dia irradiando. A Televisão Bandeirantes entrará em seu horário normal, hoje, do Teatro Bandeirantes, na Rua Brigadeiro Luiz Antonio. Temos a certeza de que, com nossa equipe, ressurgiremos mais fortes”.

Clark (1991, p.153), afirma em sua obra, que acreditava que ações terroristas produzidas por grupos de esquerda ao sistema militar, colocavam um frasco de napalm⁸⁶ atrás de um cenário do auditório das emissoras, e quando a temperatura atingia um certo ponto com o calor das luzes, o frasco explodia e rapidamente estava tudo queimado.

Confirmando em parte, as teorias de Clark, o jornal “Folha de São Paulo” (1969), afirmou:

“O Coronel Dagoberto Veltri, do Corpo de Bombeiros, afirmou ter apurado, com funcionários da emissora que, desde anteontem, a Rádio e TV Bandeirantes vinha recebendo telefonemas anônimos e ameaçadores. Segundo o Coronel apurou, estes telefonemas avisavam de que um incêndio seria provocado – como realmente o foi – esta manhã, na emissora”.

⁸⁶ Napalm é um produto inflamável utilizado como armamento militar. Consiste em um tipo de gasolina gelificada, feita através da mistura de gasolina com polímeros especiais que a deixam com a consistência de um gel altamente inflamável. Essa arma foi inventada em 1942 durante a Segunda Guerra Mundial pelos Estados Unidos. Diversos lançadores foram desenvolvidos para seu uso, culminando nas armas lança-chamas utilizadas contra os exércitos vietnamitas no final da década de 60.

A situação política no país estava muito delicada e os militares estavam no poder.

Ainda segundo Clark (1991, p.154):

“Nós da Globo sabíamos disso, o Paulinho Machado de Carvalho também, o João Saad idem, e da mesma forma a polícia. Só que ninguém podia fazer nada. Nós das emissoras porque tínhamos contratos de seguro que não previam sabotagem e não tinham cláusulas garantindo a cobertura de sinistro nesse caso. E a polícia, porque era tempo de censura, não podia ser divulgado que a guerrilha urbana tinha incinerado três televisões em menos de 48 horas – aliás, com grande precisão, o fogo começando em duas delas logo após os programas de auditório. Era uma demonstração de força da esquerda que o regime não poderia tolerar. Com isso, ficou todo mundo de bico calado, sustentando a versão absolutamente fantasiosa de que os incêndios, apesar da coincidência, eram acidentais. Ninguém acreditou, obviamente, mas ficou elas por elas, porque ninguém podia divulgar o contrário.”

Recomeçar a construir estações de TV do zero, em instalações improvisadas poderia desanimar qualquer pessoa de TV, não fosse a rica indenização de milhões de dólares que as emissoras receberam, e que assim, acabaram por dar um grande impulso tecnológico nessas empresas – que compraram equipamentos muito melhores do que os incinerados, e acabaram por alcançar um padrão de qualidade muito melhor do que antes.

Sem querer, os jovens idealistas de esquerda que queriam destruir as grandes emissoras “manipuladoras das cabeças da massa popular”, deram um grande impulso para a modernização de toda a tecnologia usada em TV na época, e lhe facilitaram um grande salto.

15.1 A Reconstrução da TV Bandeirantes

Não se deixando abater pelo incêndio e coberto pelo seguro que possuíam os equipamentos, João Saad tira partido de sua má sorte e remonta a emissora de TV com equipamentos ainda mais modernos.

Segundo o jornal "O Estado de São Paulo" (1969), do próprio local do incêndio, Saad afirmou: "Vamos reconstruir, nossa fé é inabalável"; e o processo de reconstrução foi comandado pessoalmente por ele, passo a passo.

A tragédia na Bandeirantes, destruiu os estúdios e grande parte de seu patrimônio, comprometendo severamente a programação da emissora. Como medida de emergência para sobreviver, os "seriados americanos" e filmes, passaram a chefiar a programação. Neste período, a TV Bandeirantes segmentou-se como uma simples exibidora de produções estrangeiras. No entanto, curiosamente, não perdeu a simpatia dos telespectadores, nem dos investidores do mercado publicitário.

Mesmo sem estúdios, com poucos equipamentos e programação voltada para exibição de filmes e "seriados enlatados", a TV Bandeirantes ainda produzia, artesanalmente, alguns programas especiais.

Em 04 de maio de 1970, já demonstrando grandes sinais de crescimento, a TV Bandeirantes associada à TV Globo, inaugurou uma nova antena do tipo "quadrante", instalada no topo da torre de 110m no Pico do Jaraguá, medindo 25m de altura, com a vantagem de ter a mesma potencia em qualquer direção, e com um poder vinte vezes maior do que as das concorrentes. Isto significa uma cobertura de um raio de 200 km de distancia, podendo partindo da cidade de São Paulo alcançar a cidade de Ribeirão Preto com imagem direta.

O sinal da nova antena estreou com o programa jornalístico "Os Titulares da Notícia", e afora a qualidade de imagem que se revelou superior; a TV Bandeirantes também inova no formato,

abrindo seus telefones durante o programa, possibilitando ao telespectador, uma intervenção direta para comentários.

Ainda na década de 70, sua programação demonstrou sinais de recuperação, voltou a produzir programas musicais e um jornalismo mais analítico, que situou a TV Bandeirantes em uma trajetória respeitável, voltada para um público diferenciado.

Saad, com a percepção de que a produção telejornalística deu mais credibilidade à emissora, em 1975, investe mais no setor, e tem em sua programação de TV, 18,5% em produção de telejornalismo e o mesmo valor para produções de telenovelas.

16. A Passagem de Saad pela ABERT

A ABERT - Associação das Empresas de Rádio e Televisão surgiu em 1962, tendo principais objetivos, a defesa da liberdade de expressão, em todas as suas formas, bem como dos interesses das emissoras de radiodifusão, suas prerrogativas como executoras de serviços de interesse público, assim como seus direitos e garantias.

João Jorge Saad, foi presidente da associação entre os anos de 1970 e 1972, depois de ter vencido a eleição contra os poderosos da época – Globo e Tupi. Esta foi sua segunda e última participação política formal. (A outra foi a presidência da CMTC)

Em 29 de agosto de 1972, em conferência na Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Saad respondeu a perguntas feitas pelos presentes sobre a Censura Oficial, que conforme informação do jornal “Folha de São Paulo” (1972), afirmou:

“A censura oficial deve e precisa existir, para a defesa da família, das instituições e do menor, mas a inexistência de censura aos veículos de comunicação de massa não é o que determina o maior ou menor nível educacional brasileiro, e sim a concorrência entre as várias emissoras”.

Na discussão sobre a tolerância da censura da época em relação aos programas de rádio e TV, Saad considerava-a até tolerante, principalmente com relação a programas de auditório, como por exemplo: Chacrinha, Silvio Santos e Flávio Cavalcanti.

Vale lembrar, que na época (assim como hoje), usava-se quase tudo para se conseguir audiência – desde humilhar pessoas em público a se “receber um santo” no ar⁸⁷.

Segundo o jornal acima citado, Saad (1972) afirmou:

⁸⁷ Silva Jr. (2001), afirmou que certa vez, o apresentador Chacrinha, no afã de conseguir audiência a qualquer custo, realizou em seu programa ao vivo pela TV Globo, uma sessão de “macumba” com a incorporação de uma entidade chamada “Seu Sete da Lira”.

“A censura é obrigada a intervir junto à produção desses programas, pois recebe apelos freqüentes da Imprensa, da Igreja e de outros órgãos, mas quase sempre ela é ponderada em seus julgamentos”.

Com relação à censura em novelas, Saad afirmou:

“Sem o triangulo ele, ela e o outro, não há novelas, e sua permanência no ar é única e exclusivamente determinada pelo índice de audiência. Quanto maior a audiência, mais as novelas são espixadas, e por isso, o maior cuidado da censura”.

Na opinião do dirigente, o nível da TV brasileira era muito melhor do que o nível das TVs européias - na maioria, estatais; considerando-se entre outros aspectos, a diversidade de programação.

No evento, Saad afirmou que as TVs Educativas deveriam restringir-se a educar, deixando o espaço popular, como por exemplo, os programas de auditório, para as TVs comerciais.

O conferencista ressaltou ainda o poder e a responsabilidade dos veículos de comunicação de massa principalmente o rádio e a TV, bem como a necessidade de uma “boa convivência” com o governo, já que é dele que depende a liberação de concessões de emissoras.

17. A TV Colorida

No início dos anos 70, com sua visão de investimento, João Saad viu em Porto Alegre outra grande possibilidade, sua nova ambição: a TV em cores.

Ares (2005) afirmou em entrevista:

“A ‘TV Capuchinho’, de Porto Alegre, de propriedade da Igreja Católica, conseguiu, durante o governo Médici testar a TV colorida na Copa do Mundo de 1970. Os padres foram os primeiros da América do Sul, a possuir um teste de TV em cores. O que faltava era o capital para desenvolvê-la e implantá-la no país.”

Diante desta situação, João Saad decidiu comprar a emissora.

Em 1972, a Bandeirantes se tornaria a primeira televisão brasileira a transmitir sua programação em cores em caráter experimental; mas é a TV Globo que põe no ar comercialmente as primeiras imagens coloridas em rede, no mesmo ano, com a cobertura da Festa da Uva de Caxias, no Rio Grande do Sul.

Para estreiar sua transmissão em cores, a Rede Globo exhibe o longa-metragem “O Cardeal”, de Otto Preminger. Com o perfil de líder em audiência nacional, soava bem ao regime vigente – a TV Colorida - um tom nacional de progresso.

Com as perdas do incêndio e graças aos novos equipamentos Bosch comprados na Alemanha, preparados para trabalhar em cores, em 1972, a Bandeirantes realizou suas experiências e adotou o slogan: “TV Bandeirantes, a imagem colorida de São Paulo”.

Em exposição nas lojas, os modernos e cobiçados televisores em cores viviam sintonizados em programas como “A Cozinha Maravilhosa de Ofélia”, “Xênia e Você”, “A Hora do Bolinha”, deixando os consumidores fascinados.

No embalo da novidade, a TV Bandeirantes escolheu um nova logomarca que pudesse simbolizar seu avanço tecnológico, e a figura de um pavão multicolorido passou a ser usada pela emissora nesta época.



Marca utilizada pela TV na estréia da programação colorida, em 1972⁸⁸



Marca utilizada de 1973 a 1980.⁸⁹

⁸⁸ Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Leonor Saad

⁸⁹ Fonte: Arquivo da empresa

18. A TV Bandeirantes Durante A Ditadura Militar

Saad mantinha uma boa e prudente relação com os militares. Mas também tinha suas críticas pessoais.

Segundo Ares (2005), o primeiro programa “Canal Livre” teve como entrevistado Tancredo Neves⁹⁰, e o então Presidente João Figueiredo, não gostou do espaço de mídia que a Bandeirantes deu ao político. Ares (2005) relatou o ocorrido:

“Uma das coisas mais gostosas que eu já vi, foi quando neste programa, a maioria do pessoal da Arena apanhava do pessoal do MDB. Apanhava culturalmente. Numa dessas, eu estava na sala dele (do Sr. João), eu ia direto na sala dele, e aí a Hilda, que era a secretária, falou:

- “Sr. João, o Presidente da República, o Figueiredo, quer falar com o senhor”.

O João falou:

- “O que será que ele quer?”

Ele atendeu ao telefone e o Figueiredo disse:

- “Olha, você está me sacaneando...”

Disse o João:

- “O que foi presidente?”

- “Mas você não ouviu domingo, o que você está pensando? Você só bate nos meus meninos...”

E era o Canal Livre, a diferença de qualidade era brutal.

- “Mas Doutor Presidente, eu não tenho nada contra o senhor. Agora, o senhor quer comparar a cultura de um Tancredo, a cultura de um Ulisses, com esse pessoal da Arena? Olha, eu

⁹⁰ Tancredo Neves nasceu no dia 4 de março de 1910 em São João Del Rei, Minas Gerais. Diplomou-se em Direito pela Universidade de Minas Gerais e iniciou sua carreira política em 1933, quando filiou-se ao Partido Progressista. Com a decretação do Estado Novo getulista, em 1937, interrompeu sua carreira, voltando à política em 1945, com a queda do Estado Novo. Foi eleito deputado federal em 1950 e em 1953, com o apoio de Juscelino Kubitschek, foi ministro da Justiça. Exerceu também os cargos de Primeiro-Ministro no governo de João Goulart e de governador do Estado de Minas Gerais em 1982. Tancredo aceitou o desafio de se candidatar à Presidência da República e, com o apoio de Ulysses Guimarães venceu as eleições, sendo eleito o primeiro Presidente civil em mais de 20 anos, no dia 15 de janeiro de 1985. A posse estava prevista para o dia 15 de março mas, na véspera, Tancredo foi internado no Hospital de Base, em Brasília, com fortes dores abdominais e José Sarney tomou seu lugar interinamente. Depois de sete cirurgias, veio a falecer em 21 de abril de 1985, aos 75 anos de idade, vítima de infecção generalizada. Fonte: <http://www.senado.gov.br/comunica/historia/tancredo2.htm>

não ponho pauta, nada, eu só dou o horário para eles discutirem. Agora, o senhor é que tem que melhorar a qualidade dos seus políticos. O senhor precisa melhorar a qualidade quando envia políticos para ir para o ar”.

E o Figueiredo “ficou uma arara”. A partir daí, a Bandeirantes não teve mais publicidade do governo, por mais de um ano”.

Ares (2005) finaliza seu ponto de vista sobre Saad:

“Ele tinha uma personalidade, uma diretriz de idoneidade, porque o Sr. João, se quisesse, teria um poder de comunicação enorme, se ele fosse corrupto. Enorme. Porque ele podia ir trocando, para direita, para esquerda... mas ele tinha aquele princípio, e dizia: “Não saio disso”.

Segundo Silvia Jafet (2007), sobrinha de Saad e diretora de jornalismo da TV Bandeirantes nos anos de chumbo da ditadura militar no Brasil, a firmeza de caráter e serenidade davam à Saad, o equilíbrio necessário para lidar com estas situações:

“Acho que a característica principal do Seu João era que quanto maior a crise, mais tranquilo ele ficava. Quanto pior a situação, mais baixo o Seu João falava, ele ia diminuindo o tom da voz, então isso transmitia calma pra todos nós. Ou seja, é uma crise? ‘Não adianta agravar a crise, nós vamos com calma porque nós vamos resolvê-la’. Era essa a sensação de segurança que ele transmitia aos seus funcionários e que era uma coisa muito boa porque eram, via de regra, fatores contra os quais nós não poderíamos lutar, só ele poderia. Então a gente meio que olhava para ele como ‘paizão’, ‘salvador da pátria’ e pensava: ‘ele vai dar um jeito nisso’. Essa característica do temperamento, do traço humano, da personalidade dele pra mim, sempre foi a mais marcante, desde que

eu 'abri os olhos' para o mundo e o vi ali olhando para mim, até o dia em que ele morreu”.

No final do governo de Figueiredo, uma ocorrência jornalística causou o lacre dos transmissores da Rádio. Segundo Jafet (2005), houve uma greve dos trabalhadores de postos de gasolina. Na época, não se podia usar a expressão “greve”, no máximo poder-se-ia usar a expressão “paralisação”, pois “greve” - “abalava os alicerces da soberania nacional”, e a Rádio Bandeirantes noticiou a “greve”.

No mesmo dia veio a ordem de lacre dos transmissores por 24h.

Jafet (2005) também relata a situação de censura da época e o posicionamento de Saad:

“Censura daquelas de ligar três, quatro vezes por dia dizendo não pode isso, não pode aquilo. Quantas vezes a gente nem sabia que tinha acontecido alguma coisa e ligava o censor que avisava a gente. Lembro de um caso específico: “Não pode dizer que estourou uma bomba na frente do Consulado Americano”! E nós: “Por quê, estourou?” A gente não sabia...Ele (Saad) dava uma liberdade! Ele acreditava em liberdade”.

Jafet (2005) afirma ainda:

“O Seu João teve ousadia que nós, jornalistas, não tínhamos. Ele mandava a gente fazer certas coisas às vezes que eu até falava pra ele: “Você tem certeza que é pra fazer isso? De repente vão lá e caçam uma concessão...” e ele falou: “E eu perguntei alguma coisa? Estou falando alguma mentira? Então vamos fazer assim, assim, assado...” E a gente fazia e depois vinha a ‘bomba’. Sempre vinha, tudo tem um preço e o Grupo

Bandeirantes pagou preços altíssimos por ter independência editorial e pela coragem do Senhor João Jorge Saad, como por exemplo, cancelamento da concessão para poder operar em Brasília que já estava pronta pra sair e alguém não leu o Jornal porque eu era responsável, inclusive pela Editora dos Órgãos Oficiais. Alguém falou alguma coisa que alguém de Brasília não gostou. Pronto, corta a concessão!"

18.1 A Rádio Bandeirantes Durante A Ditadura Militar

Em 02 de abril de 1973, entrou no ar pela Rádio Bandeirantes "O Pulo do Gato", levando as manchetes das principais notícias do dia às 6h da manhã, com meia hora de duração.

Em 1977, o programa passou a ter uma hora. Mesclando informações sobre trânsito, tempo, estradas, aeroportos, hora certa, mercado financeiro e reportagens da área esportiva e policial.

Em 1973, o horário das 6 horas era ocupado pela conhecida dupla de música caipira Tônico e Tinoco, que precisou antecipar o programa para a transmissão do "Pulo do Gato".

O projeto nasceu da intenção de se antecipar o noticiário e as informações gerais. A idéia original foi de Gióia Junior, que apresentou o programa durante os dez primeiros dias. Por motivos particulares, Gióia Júnior precisou sair do programa e assumiu José Paulo de Andrade, que já estava há 10 anos na casa, no departamento esportivo da emissora.

Em entrevista à pesquisadora Bianca Ordas (2007), Andrade pontua:

"Quando começou, não se sabia bem a que público se dirigia. Na época o horário das seis horas era considerado "horário da madrugada", e as emissoras dedicavam este horário à programas sertanejos. Aos poucos, com o produtor Gualberto Curado, já falecido, se fez uma espécie de laboratório e fomos aperfeiçoando o esquema. Primeiro eliminando as

participações mineira e gaúcha e as músicas. Em seguida criando "seções", das quais a única que permanece até hoje é a da "Previdência Social", às quintas-feiras. Tivemos "Parapsicologia, com Frei Albino Arese", "Psicologia, com Dr. Roque Theóphilo", "Ministro das Crianças, pediatra Luiz Gustavo Barbosa Eng", "Filatelia, com o jornalista Américo Tozzini", "Pesca e Campismo, com os jornalistas Armando Cury e Bene Baruk", "Trabalhismo", "Horóscopo" e mais alguma, que o tempo apagou. Enfim, imaginação não faltou, e de acordo com a repercussão fomos excluindo o de pouco retorno, até chegarmos ao esquema atual. Prevaleceu o que é utilidade pública, como defesa do consumidor e do contribuinte."

A origem do nome do programa diz respeito ao primeiro patrocinador do programa, e que ficou durante muito tempo, a marca de pilhas "Eveready", que tinha por *slogan* "A pilha do gato", o que justificaria o título concedido ao programa. "Acho que, no caso do nome, uniu-se o útil ao agradável", sugere o apresentador em depoimento a autora.



José Paulo de Andrade⁹¹

Segundo Manzano (2003, p.101):

⁹¹Fonte: Site da Radio Bandeirantes

“Em seu início, a transmissão funcionava em *pool* com mais duas emissoras de rádio, a Rádio Independência de Belo Horizonte (MG) e a Rádio Difusora, de Porto Alegre (RS). Para justificar a participação das duas emissoras na transmissão – e cativar os ouvintes daquela cidade – havia duas entradas de repórteres dessas rádios, com as informações mais relevantes para as cidades. No entanto, a direção da emissora, cada vez mais, entendia que “O Pulo (...)” deveria adotar um caráter essencialmente paulistano e a participação das emissoras foi cancelada. Logo a direção de produção chegou à conclusão de que o formato havia sido feito para São Paulo, uma nova metrópole que acordava cedo, que não era o caso de Porto Alegre e Belo Horizonte, em que eram cidades bem menores.”

Segundo Andrade (2007),

“Desde o início – assim como hoje – a audiência é formada majoritariamente por operários das indústrias, trabalhadores, donas de casa que acordam cedo e alguns pequenos empresários. O que os une em um sentido ordenador é uma necessidade cada vez mais premente de se sair de casa informados sobre as condições da cidade e das notícias”.

O programa se inicia pioneiramente para o horário, com as informações de clima, trânsito, aeroportos e estrada, além de outros assuntos como horóscopo, consulta a psicólogos, parapsicólogos, pediatras, tudo recheado de comentários.

Desde o seu princípio, uma das preocupações do programa foi colocá-lo o mais perto possível do ouvinte e, assim, dar também espaço para a participação de quem ouvia o programa.

O quadro mais antigo do programa – e que vai ao ar até hoje – é o de consulta sobre Previdência Social. Ouvintes participam, por meio de perguntas direcionadas à assessoria de comunicação social do INSS.

O programa nasceu sob o domínio da ditadura militar e das limitações que o AI-5 impôs às comunicações de modo geral no Brasil, no período mais duro do regime militar, a "era Médici", com censura férrea, que exigia cuidados no conteúdo transmitido. Mesmo assim, conseguiu emplacar um formato que não deixava de mostrar que nem tudo eram flores, sem se expor à riscos.

Um dos quadros do programa – “Boca no Trombone” – era uma espécie de resistência sutil ao ideal de um Brasil progressista e desenvolvido, como queria propor ideologicamente o governo Médici.

O ouvinte participava do programa, com o objetivo de fazer suas queixas cotidianas, o que acabava por desmontar a idéia de uma nação-potência que pairava no imaginário popular. A vida cotidiana – instância em que o rádio, por sua natureza sempre atuou – desmentia isso.

Segundo José Paulo de Andrade (2007):

“Na medida em que a sociedade brasileira ganhou autonomia e conquistou a liberdade de expressão perdida na ditadura, o programa devia abrir espaço para novas discussões e para os ouvintes. O apresentador, então, deixou de ser um oráculo para ser um porta-voz do ouvinte.”

19. A FM - FREQUÊNCIA MODULADA

Com o fim do ciclo ufanista do governo de Médici, em março de 1974 e seu “Milagre Brasileiro”, o governo seguinte, comandado pelo General Ernesto Geisel, iniciou com um discurso que apontava para um governo mais brando dos militares.

Foi durante esse governo que o Ministério das Comunicações verificou que já existiam no Brasil 104 emissoras transmitindo em frequência modulada (FM), das quais, segundo MOREIRA (2001), 37 não tinham licença para operar. No total, 130 rádios entre AM e FM – estavam em situação de flagrante irregularidade técnica.

Segundo Del Bianco, *in* Moreira (1998, p.78):

“Ao estabelecer uma política de ampliação do setor de radiodifusão através de sua reorganização, a começar pelo recadastramento e exame das condições técnicas de cada emissora, o governo militar decidiu que era o momento de investir na distribuição de canais de FM.”

Sendo a Rádio FM de baixo alcance geográfico e baixa potência, os militares entendiam que ela seria menos perigosa ao sistema, pois sendo mais fácil de controlar, se encaixava na política de segurança nacional, explicitada pelo General Golbery.

Assim, o incentivo às emissoras de FM no Brasil foi taticamente planejado pelos militares, fortalecendo também a indústria de radiodifusão, que no final dos anos 70 estava em colapso. Ainda, segundo a autora acima, de 1975 a 1980, a indústria nacional produziu 22 milhões de aparelhos de rádios. E em 1977, a Bosch, a maior fabricante de auto-rádios, parou de produzir aparelhos que só captassem AM.

O rádio FM se estabeleceu como frequência de mais fácil controle, incentivador da indústria e elemento de segurança nacional.

Segundo Poole *in* Moreira (1998, p.80):

“Durante 15 anos, entre 1964 e 1979, a censura aos meios de comunicação transformou o serviço brasileiro da BBC de Londres, por exemplo, em uma das principais fontes de informação sobre o que acontecia no País. A BBC cobria o Brasil de uma maneira que a imprensa brasileira não podia cobrir. Ela divulgava os relatórios sobre os desrespeitos aos direitos humanos, notícias sobre tortura e desaparecimento de presos; em todo aquele período da ditadura a BBC teve uma audiência muito alta no Brasil.”

Para dificultar o acesso da população a esse tipo de transmissão radiofônica internacional, o governo do general Médici havia criado em 1971 a Rádio nacional da Amazônia, com cobertura total da Região Norte, e parcial das regiões Centro-Oeste e Nordeste.

Mais tarde, o governo Geisel, além de incentivar a implantação das FMs, implementou outra medida que visava o cumprimento restrito a doutrina de segurança nacional – foi criada a Radiobrás – Empresa Brasileira de Radiodifusão, que a partir de então, em Brasília, administrava e operava as rádios e televisões do governo federal, com transmissores de altíssima potência que tentavam vencer a invasão eletrônica de emissoras estrangeiras.

Segundo Moreira (1998, p.78), a ampla distribuição de canais de frequência modulada e reestruturação dos sistemas de radiodifusão oficial foram dois componentes importantes para que o governo Geisel fechasse um ciclo de renovação dos meios de comunicação colocados à disposição do poder para a manutenção da propaganda oficial do regime militar, que estava em sua etapa final.

O jornal "Unidade" (1977) noticia em sua vigésima edição um diálogo ocorrido entre as redações da TV Cultura e da TV Bandeirantes:

"Liga a TV Bandeirantes:

- Vocês já receberam um aviso de censura sobre notícia de Brasília a respeito de recesso do Congresso Nacional e coisas do gênero?

A resposta era não, mas nesse momento toca outro telefone:

- Alô aqui é da Polícia Federal, quero passar uma censura.

- Pois não, quem está falando?

- É a agente Solange. Está proibida a divulgação de qualquer fato referente à decretação do recesso do Congresso Nacional e manifestações decorrentes dele na área política. Só pode sair a nota oficial. Até logo.

O companheiro da Bandeirantes ainda estava na outra linha.

- Alô, TV Bandeirantes. Aqui também já chegou, enviada pela agente Solange.

- É a mesma que nos censurou. Até logo, obrigado".

O Jornal "Unidade" (1977) faz um pequeno comentário pelo ocorrido e chama a atenção do leitor para o fato de que em casa, o público não teria a menor idéia do transtorno que essas censura de última hora causavam nas redações.

Pontua ainda o periódico, a questão de que tais ligações poderiam ser utilizadas como brincadeira de mau gosto, daí a necessidade das redações de diferentes veículos certificarem-se sobre a censura.

Na mesma matéria, comenta o jornalista Carlos Lemos - na época diretor da rádio Jornal do Brasil - que para não cometerem enganos, seguro seriam as redações confirmarem a censura oficial, ligando para a Polícia Federal, mas isso ninguém faria, pois com esta

ação os jornalistas estariam legitimando as restrições da liberdade de informar.

Carlos Lemos, afirma na entrevista ao "Unidade" (1977), que o fato das rádios não noticiarem fatos importantes na íntegra, desprestigiavam essas mídias e criavam uma perda de credibilidade, pois pelo fato do rádio atingir 96% do território nacional, quando o ouvinte lia nos jornais notícias que não foram divulgadas na véspera, este teria uma reação de desconfiança do rádio como um órgão informativo. E isso seria ainda mais grave, na medida em que os vetos incidiam sobre os principais episódios políticos de cada dia, justamente aqueles que deveriam obter maior destaque.

Nesta época a FM Bandeirantes investe forte em jornalismo. Saad havia comprado viaturas com o sistema de irradiação para transmissão direta, e havia no ar os programas: "Primeira Hora", com duração de 50 minutos; "Repórter da Tarde" e "Repórter da Noite"; com duração de sete minutos cada um; "Jornal da Manhã" às 23.30h, com duração de 25 minutos; e durante as 24h do dia, edições de "O Mundo inteiro e você" a cada meia hora, com duração de um minuto e meio. Além disso, entravam flashes de repórteres sobre os fatos pontuais de última hora na cidade, no país e no mundo. Mas, apesar da tentativa de se fazer um trabalho sério, ainda havia o filtro da censura.

20. O Crescimento E Posicionamento Da TV Bandeirantes

Em dezembro de 75, para dar início à formação de uma Rede de Televisão, João Jorge Saad compra a TV Vila Rica, transformada em "TV Bandeirantes de Belo Horizonte". Em sete de julho de 1977, inaugurou-se no Rio de Janeiro, a "TV Guanabara", canal 7.

A programação de TV, antes voltada apenas para a capital paulista passaria a ser transmitida a partir de então para outras áreas do Brasil, depois da inauguração de sua afiliada carioca.

Nessa época, outras 12 pequenas estações espalhadas pelo Brasil compunham a Rede, que crescia.

Segundo Mattos (2002, p.35), de acordo com a ABINEE (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica), em 1978, o total de aparelhos de televisão no Brasil era de 14.825.000, para uma população de 115,4 milhões de habitantes, um número que justifica grandes investimentos no setor.

Mas a política da TV Bandeirantes com 100% de capital nacional, mantinha-se a mesma: não visar a liderança de audiência, mas sim, o crescimento da rede.

Segundo o diretor de produção e programação da rede, Cláudio Petraglia, em entrevista ao jornal "Folha de São Paulo" (1977):

"A gente quer é ser a gente mesmo, com os defeitos e qualidades, estamos à procura de nosso caminho. E o que se quer é fazer um trabalho honesto e verdadeiro. É por isso mesmo que eu acho que o sucesso já está garantido".

Em entrevista ao jornal, o diretor afirma a intenção de se estimular a produção regional, liberando-se 30% da programação, para ser produzida na própria cidade. Esta medida seria uma maneira de valorizar os elementos regionais, evitando-se a massificação das emissoras menores pelas mais fortes.

Quando questionado se esta porcentagem não seria pequena, o diretor responde:

“Esta porcentagem não é pequena. Para fazer os 30% locais, o investimento já é muito grande. E 70% têm que ser realmente produzido em São Paulo por problemas de mão de obra especializada e concentração de aparelhamento técnico”.

20.1 Questionamentos Públicos Sobre A Bandeirantes

Em 11 de dezembro de 1977, o jornal “O Estado de São Paulo”, noticia em matéria intitulada “Censura interna prejudica telejornalismo no canal 13”, a demissão do diretor de telejornalismo Gabriel Romeiro. No periódico, a jornalista que assina a matéria, Liane C. A Alves, elogiou o trabalho que a TV Bandeirantes vinha desenvolvendo na área, como sendo:

“...uma interpretação fiel, sem rebuscamento de imagem, colocando um peso suficiente para sublinhar a linha dos assuntos políticos ou reivindicações de diversos sindicatos – momento exato em que estes temas eram esquecidos em outros telejornais”; para em seguida citando a demissão do colega, acusar a emissora de “...passar para o lado vergonhoso do jornalismo servil e oportunista”⁹²

Segundo a mesma matéria, o Jornal “Unidade”, órgão oficial do Sindicato dos Jornalistas profissionais do Estado de São Paulo, publicou uma “lista” de proibições internas baixadas por Saad, que vetava qualquer matéria sobre os assuntos: Constituinte, Anistia, Sindicalismo ou reclamações de bairro. Segundo “O Estado” (1977), o jornal do sindicato sugeriu uma possível relação entre as proibições e

⁹² Transcrição textual das palavras da jornalista.

o interesse de Saad, *"...que necessitaria urgentemente de favores governamentais para um maior número de concessões de canais em outras cidades do país, para ampliação de sua rede de emissoras"*⁹³.

Na mesma matéria, que no título se refere claramente somente à TV Bandeirantes, o foco na emissora se dilui citando em proporções bem maiores, problemas de censura interna com as outras emissoras da época: Globo, Cultura, Tupi e Record, fragilizando desta forma, a escolha do título da matéria de "O Estado".

Na produção este trabalho, encontramos o exemplar do "Unidade" de dezembro de 1977, onde uma pequena coluna realmente discorre sobre as proibições de Saad, e citam a opção de Gabriel Romeiro pelo afastamento do cargo de diretor de telejornalismo da emissora há três anos. O que nos chama atenção, é a diferença de tom do discurso do jornal do sindicato e do "Estado" (1977).

No periódico "Unidade" (1977), o tom do artigo é muito direto, sem agressões e pontua:

"Exatamente no momento em que se anunciam diálogos, reformas, aberturas, enfim, novas perspectivas, o diretor de telejornalismo da empresa Gabriel Romeiro, viu-se obrigado a se afastar do cargo. O diretor-presidente da Bandeirantes, João Jorge Saad, baixou uma série de proibições que tornavam impossíveis a elaboração de um jornal com a mesma dignidade que o caracterizava até então...A mudança de posição da empresa, em relação ao telejornalismo, ocorre precisamente no instante em que a emissora se lança na formação de uma rede, com a necessidade portanto de um maior número de concessões de novas estações por parte do governo".

⁹³ Transcrição textual das palavras da jornalista.

Questionado sobre censura, o radialista Salomão Éspér (2006) afirma em entrevista à autora que nunca ouviu de Saad ordens que lhe pedissem para "*falar de fulano*", ou "*não falar de sicrano*". Segundo Éspér (2006), "*Ele tinha o poder de veto, mas nunca me fez dizer o que eu não queria*".

Em entrevista, Mário Chamie (2008), advogado, poeta, professor universitário e ex-secretário de cultura da Cidade de São Paulo que teve um programa na emissora em 1982 (A Realidade é o Espetáculo) em parceria com o ator e diretor Antonio Abujamra, pontuou sua percepção sobre a época citada e a emissora:

"Era um ponto de vista, eu diria, quase consensual de que para a Bandeirantes o que contava era a informação em si. Não havia, por exemplo, discriminação de conteúdo. E isso para a área de *cultura* é básico, é fundamental. Nesse sentido a Bandeirantes se apresentava democrática...Até onde eu trabalhei com a Bandeirantes, enquanto *secretário* ou enquanto protagonista de algum programa que viesse a ser veiculado, não havia nenhum impedimento e nenhum embaraço prévio ou pré-condição".

Na edição de outubro de 1975, o jornal "Unidade" havia publicado uma entrevista/debate com os três responsáveis pelo que o periódico considerava ser os telejornais de maior audiência em São Paulo: Paulo Mansur (Jornal Nacional - Rede Globo), Silvio Senna (Factorama - TV Tupi) e Gabriel Romeiro (Titulares da Notícia - TV Bandeirantes), enquanto ainda trabalhava na emissora .

Na matéria intitulada "Telejornalismo: no ar, pouco, ou quase nada" – as questões foram criadas e distribuídas aos três participantes, que por motivo de agenda não puderam se encontrar, e o resultado com as respostas, foi editado em formato de debate. O assunto girou em torno da censura da época, e uma das questões colocadas pelo periódico "Unidade" (1975), foi com relação a auto-

censura praticada dentro das redações, afirmando que na televisão isso era mais acentuado que na imprensa. Em sua resposta, Romeiro em nenhum momento afirma claramente que isso ocorreu na TV Bandeirantes; enquanto Silvio Senna (Factorama - TV Tupi) responde claramente *"...então, os donos, os que exploram essa concessão, eles têm muito medo, evidentemente, e as informações são muito mais filtradas do que num jornal impresso"*.

O representante da Rede Globo, Paulo Mansur sobre a mesma questão expõe:

"A televisão não tem realmente condições de fazer pressão. O jornal tem. "O Estado" de São Paulo repicou Camões durante um tempão e depois conseguiu sobreviver. A televisão se fizesse aquilo que fez "O Estado", faria um dia só. Sairia do ar".

Por fim, respondendo ainda a mesma pergunta, Gabriel Romeiro afirma:

"A chave da questão é essa mesmo: a concessão. Mesmo que, teoricamente, você admita que um dono de televisão esteja disposto a defender com coerência seu tipo de pensamento – digamos, os Mesquitas defendem com coerência o deles, enfrentam as brigas deles – se um dono de televisão, se os Mesquitas tivessem uma televisão e partissem pra isso, eles estariam jogando com a possibilidade de perder a empresa deles, porque concessão é concessão e um dia tiram deles. E os donos de televisão tem essa espada suspensa na cabeça e chamam a atenção dos seus jornalistas para esse tipo de problema".

Quando na entrevista, o jornal "Unidade" (1975) questiona sobre a censura prévia, Romeiro responde:

“Não existe na redação, mas existe a censura telefônica. Um dono de jornal, que não esteja interessado em colaborar com os censores, diz que não aceita, se quiserem que mandem o censor lá rabiscar as coisas. Agora, no dia em que o dono de televisão fizer isso, no dia seguinte ele não é mais dono de televisão”.

E ainda:

“Existe outra coisa de que eu estou me lembrando agora e que é muito importante: sobre as televisões pesa, além da Lei de Imprensa, o Código Nacional de Telecomunicações, que é um pouco mais pesado. Quer dizer: você pode fazer as coisas que a Lei de Imprensa não tenha nenhum motivo para te processar, mas fica o problema a nível do Código Nacional de Telecomunicações”.

Com as afirmações acima, feitas pelo próprio Gabriel Romeiro, e pelo fato do debate no periódico do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, ter ocorrido num espaço de tempo próximo a demissão de Romeiro, não nos parece que houvesse uma exigência de Saad para que seus diretores cobrasse um “jornalismo servil e oportunista”, como nas palavras da jornalista Liane C. A Alves, para “O Estado” (1977). O que nos parece, em uma análise fria, é que realmente, na intenção de manutenção e expansão de suas empresas, devido ao fator “concessão” - Saad tenha tentado manter um bom “relacionamento” com o governo.

Como acima afirmou o próprio Romeiro: *“...os donos de televisão têm essa espada suspensa na cabeça e chamam a atenção dos seus jornalistas para esse tipo de problema”*.

Compartilhando de nossa opinião, José Paulo de Andrade que assumiu a direção de jornalismo da Rádio Bandeirantes em 1977, afirmou em entrevista à autora (2007):

“Assumi a chefia do Departamento de Jornalismo e peguei exatamente aquela fase da chamada abertura política, ou ‘distensão política’, porque depois veio a abertura com o Figueiredo. Isso era na época do Geisel ainda. Peguei aquele pacote de Abril de 1977, aquele texto de fazer a reforma do Judiciário que até hoje não foi feita, trinta anos depois. Foi uma fase rica da vida política brasileira; havia aquele sopro de abertura política, mas ainda muito incipiente. Foi a fase final da censura, com aquelas ligações de fim de tarde para indicar assuntos que não deveriam ser tratados. Neste época, em 1978, surgiu o sindicalismo do ABC, e eu peguei essa fase do novo sindicalismo que surgia com o Lula e com o Marsílio também que era de Santo André.”

Mário Chamie (2008), expõe mais um pouco de sua leitura sobre Saad e a Bandeirantes no período do regime militar:

“Olha, no período do regime militar, era difícil a qualquer emissora não tentar uma convivência razoável com o regime. Provavelmente em termos internos com abandono de idéias, renúncias, de iniciativas. Isso todas as emissoras da época acabavam fazendo, a menos que fosse um jornal como o *Estado de São Paulo* que publicava receitas, publicava poemas de Camões, que indicava um sinal de que havia uma censura, e a censura era ali conhecida, estampada, de um modo indireto, mas estampada. Nas emissoras de televisão, a coisa era um pouco mais *intramuros*. Era mais de bastidores. Tanto é que essas coisas ficaram mais conhecidas depois que acabou a ditadura militar no Brasil. Mas de qualquer modo, a Bandeirantes, a imagem que ela tinha, era de uma certa dignidade visível. Não havia uma sujeição ou, vamos dizer assim, uma concessão excessiva à vontade da censura”.

20.2 A Cobertura Jornalística Do Início Das Greves Trabalhistas No Abc

Em 1978, os trabalhadores da Scania, uma montadora de veículos em São Bernardo do Campo, região do ABC Paulista, num gesto corajoso para a época, realizou uma greve por reajuste salarial. O movimento desafiou a Lei de Greve, imposta pelo regime militar. O regime respondeu com dureza a ousadia dos metalúrgicos. Depois disso, muita coisa começou a mudar no País.

No início de março de 1979, o Presidente Ernesto Geisel extinguiu o AI-5.

Em 15 de março do mesmo ano, assumiu outro presidente - João Baptista Figueiredo - que no mês de agosto seguinte, prometendo restaurar a democracia no país, sancionou a Lei da Anistia.

A partir de então, brasileiros exilados começaram a voltar par o Brasil. O governo modificou também a legislação eleitoral, restabelecendo o pluripartidarismo e começou a libertar os presos políticos.

Saad, precursoramente no Brasil, inicia uma liberação de espaço para os então exilados políticos brasileiros em sua emissora de TV, mostrando mais uma vez seu apartidarismo político, conseguindo manter a integridade e independência da Rede Bandeirantes, durante a ditadura militar.

Ainda em 1979, o correspondente da emissora na Europa, Roberto D`Avila, ligou para João Saad dizendo que Luiz Carlos Prestes, exilado em Moscou, se dispunha a viajar para Paris a fim de lhe dar uma entrevista. Saad concordou. Pouco tempo depois, D`Avila voltou a telefonar, dizendo que Brizola, que estava em Lisboa, também queria dar uma entrevista.

Segundo Conti (1999, p.524), quando Saad foi à Brasília, para se despedir de Ernesto Geisel que estava terminando seu mandato de presidente e saindo do governo, e também cumprimentar João

Figueiredo, escolhido para sucedê-lo, na despedida, Saad contou a Geisel, que a Bandeirantes apresentaria em breve entrevistas com Prestes e Brizola, ao que Geisel perguntou: “Como está o velhinho? A cabeça dele está funcionando bem?”, quis saber Geisel. Quando foi cumprimentar João Figueiredo e contou a este sobre as entrevistas, diferente do colega, Figueiredo ficou mudo e emburrado.

Segundo Nonô Saad (2007):

“Papai chegou a ponto de arriscar a concessão da televisão mandando uma equipe à Paris pra entrevistar o Luís Carlos Prestes. Ele avisou o Ministro da Justiça da época, que ele ia colocar a entrevista com o Luís Carlos Prestes no ar, e o Ministro falou ‘João, você não pode fazer isso. Eu vou tirar a sua emissora do ar, eu vou cassar a sua emissora’. Ele respondeu: ‘Olha, minha emissora é independente, isso é jornalismo, o político está lá exilado e ele vai para o ar’. E esse programa chamou ‘Encontros com a Imprensa’ e foi para o ar”.

Segundo o “Jornal do Brasil” (1979), ainda no encontro para cumprimentar a posse do General João Batista Figueiredo, Saad comunica ao novo dirigente do país, o crescimento de sua rede de emissoras, e sua intenção de colocar no ar novamente o “Jornal da Bandeirantes”, em Brasília.

O programa da TV Bandeirantes era transmitido pela TV Nacional, vinculada à Radiobrás, que cancelou o noticiário em novembro do ano anterior, devido ao fato de divulgação de comentários e notícias que desagradaram ao planalto. Segundo matéria do “Jornal do Brasil” (1979), Saad declarou: *“nossos escalões estão discutindo o assunto com a Radiobrás, e o “Jornal da Bandeirantes” deverá voltar à TV Nacional nos próximos dias, sem alterar sua linha editorial”*.

Segundo o jornal “Folha de São Paulo” (1981):

“A TV Nacional vinha demonstrando, nos últimos tempos, uma inquietação crescente com a linha de programação da TV Bandeirantes, calcada em um jornalismo agressivo e aberto às críticas da oposição. Isso preocupava vários setores do governo federal, que pressionaram a Radiobrás para que rompesse o acordo”.

Como afirmado desde o início deste trabalho, o jornalismo sempre foi um dos pilares do trabalho de Saad em sua empresa.

No final dos anos 1970, o Brasil vivia os reflexos da crise do petróleo e da elevação da taxa de juros no mercado internacional. O quadro interno do país era de recessão, desemprego, queda de produção e declínio do poder aquisitivo dos trabalhadores. A inflação era de 113% ao ano e a dívida externa era de 40 bilhões de dólares, sinais evidentes de que o “milagre econômico” tinha chegado ao fim.

Em maio de 1979, uma equipe sob o comando do comentarista econômico da casa – Joelmir Betting – para ir ao Iraque, pesquisar e documentar a missão da Petrobrás naquele país. O programa especial foi ao ar em três partes, e para a situação político-econômica da época, mostrou-se no mínimo, curioso.

O sindicalismo do ABC paulista fortaleceu-se, apoiado pela organização das Comunidades Eclesiais de Base, estimuladas pela Igreja Católica e por um movimento popular contar a carestia.

Nesta fase, a Rede Bandeirantes, sob o comando de Saad, deu espaço para as novas correntes políticas que despontavam.

Saad poderia pessoalmente até discordar em um ou outro ponto de vista dos movimentos sindicalistas, mas suas empresas, como veículos de informação, mantiveram-se íntegros e imparciais na divulgação dos fatos.

O movimento sindical dos metalúrgicos do ABC, em São Paulo, mostrou-se com intenção e força para lutar por mudanças políticas e sociais. Neste contexto iniciou-se um movimento crescente de greves

de trabalhadores, sendo a maior em abril de 1980, mobilizando 330 mil metalúrgicos no ABC paulista. Polícia Militar e Exército comandaram uma operação repressiva ao movimento, culminando com intervenções nos sindicatos e prisão de líderes, entre os presos, estava o atual presidente da República Luís Inácio Lula da Silva. Tudo acontecia com muita visibilidade, porém falar sobre o assunto em rádios e TVs, poderia incorrer em riscos.

A Rede Bandeirantes começou fazer a cobertura das atividades sindicalistas numa demonstração de que a ditadura já não estava agradando e que havia movimentos de resistência. Obviamente não teria sido possível, se João Saad não tivesse dado o aval.

Andrade (2007) afirma em entrevista a autora, que os radialistas e jornalistas tinham medo de falar no ar sobre o assunto “metalúrgicos do ABC”, por terem medo das repressões políticas; mas a Bandeirantes seguia presente nos eventos; fazendo inclusive vigílias com repórteres dormindo no sindicato e assumindo até o risco de prisões. Segundo o entrevistado:

“No Departamento de Jornalismo o que nós visávamos era o lado jornalístico apenas, independente do lado político-ideológico, mas o Saad como empresário poderia ter dado um ‘chega pra lá’ nessa cobertura e não o fez. Ele teve o reconhecimento do Lula, muitas vezes, gritando que a Bandeirantes era a única que estava lá os acompanhando naqueles momentos difíceis. Devido a repressão ninguém punha a cara, e a Bandeirantes ia, e punha no ar”.

Isto mostra a independência do jornalismo de rádio e TV da emissora.

Ainda segundo Andrade (2007);

“O Seu João nunca chegou pra mim e disse: ‘Olha, vamos parar com esse negócio aí do Lula’. Porque na época, todos os nossos companheiros de rádio evitavam fazer

cobertura de greve, enquanto nós fazíamos até plantões; foi quando teve aquela ameaça da prisão do Lula, que acabou se consumando”.

21. O Jornalismo Na TV Bandeirantes No Final Da Ditadura Militar

Nesta época, a programação da TV Bandeirantes era estruturada basicamente sobre dois jornais: o “Jornal da Bandeirantes” e o “Atenção Informação”.

A TV Bandeirantes inova em termos de linguagem telejornalística, trazendo em Joelmir Beting, a figura do âncora em rede, para todo o país. Segundo Camossa Jr. apud Tondato e Carrara *in* Reimão (1997, p.77): “*Em nível de telejornalismo nacional, Joelmir Beting esboçou a função pioneiramente ainda em 1980*”.

21.1 O Canal Livre

Em plena ditadura militar, coincidindo com o processo de abertura política no país, é criado por Fernando Barbosa Lima junto a Roberto D’Ávila, o programa “CANAL LIVRE”, em 17 de agosto de 1980, às 22h15, numa tentativa de levar para a TV, um jornalismo mais crítico, opinativo e independente. Esse objetivo era explícito inclusive no encerramento, quando a voz de Sargentelli era ouvida em *off* na leitura dos Direitos Humanos.

Roberto D’Ávila apresentou no programa de 1980 a 1983, depois foi substituído por Belisa Ribeiro, que ficou de 1983 a 1986; tempos depois, foi a vez de Marília Gabriela ficar em 1987. Esta foi também substituída por Silvia Poppovic, que ficou no programa entre 1988 e 1989, seguida depois pelo médico e escritor Flávio Gikovate, entre 91 e 1993.

O programa fez um intervalo em suas apresentações, voltando em maio de 2002, com a apresentação da jornalista Márcia Peltier que ficou até 2003.

Atualmente, o programa tem a presença constante de quatro jornalistas: Fernando Mitre, Joelson Beting, Marcelo Parada e Antonio Teles.

Durante cerca de 12 anos, passaram pelo programa as figuras mais importantes do cenário nacional e internacional, como Tancredo Neves , Ulysses Guimarães , Jorge Amado , Caetano Veloso , Darcy Ribeiro , Tom Jobim , Chico Buarque , Alceu Amoroso Lima , Vargas Llosa, Daniel Ortega e um dos líderes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - José Rainha. Segundo Mitre (2007):

“Idéia do senhor João. Falou: “-Traga esse *Zé Rainha* aí que precisamos saber o que ele pensa”. Ao invés de censurar ele abriu espaço”.

Inovando na época em termos de linguagem audiovisual, num estúdio construído especialmente para o programa, os jornalistas e o entrevistado ficam numa mesa redonda sob o foco de três câmeras cruzadas. Além disso, as imagens eram registradas por uma quarta câmera móvel num trilho circular.

Ainda no ar, o programa desde sua criação, mantém uma linha que permeia informação com comentários improvisados dos apresentadores, e tem como resultado um programa jornalístico descontraído, sem entretanto descuidar-se do tom formal que trata de temas de dimensões nacionais, como por exemplo atualmente, a transposição do Rio São Francisco, a legalização do aborto, a reeleição presidencial e a descriminalização do uso de drogas.

Os convidados são sempre personalidades ligadas à política, cultura e economia brasileira, como nas recentes entrevistas com o ministro da Saúde José Gomes Temporão, o Senador Renan Calheiros e o ex-chefe da Casa Civil José Dirceu, entre outros.

“A Band sempre fez um jornalismo com coragem, e o Canal Livre é um símbolo disso”, ressalta Fernando Mitre (2007), diretor nacional de jornalismo da emissora.

Em outubro de 1980, foi ao ar um “Canal Livre” entrevistando a atriz Dercy Gonçalves, que com sua forma descontraída de ser, falou no ar inúmeros palavrões, fez comentários jocosos e não poupou xingamentos a tudo que lhe desagradava. Mas estando o Brasil ainda em clima de censura, a Censura Federal pediu à TV Bandeirantes uma cópia da fita do programa transmitido, para que o conteúdo fosse averiguado formalmente.

Segundo o jornal “Folha de São Paulo” (1980): *“O objetivo dos censores foi o de averiguar o possível desrespeito a normas de linguagem na televisão”.*

Para surpresa de todos, quando se esperava uma posição submissa e de cautela da emissora, frente aos agentes da Censura Federal e ao Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel), o diretor do programa Fernando Barbosa Lima, com o apoio da direção de Saad, colocou no ar no domingo seguinte um “Canal Livre” especial, com trechos de programas que tinham ido ao ar (inclusive de Dercy Gonçalves), intercalados por uma sondagem de opinião popular.

O resultado de tal sondagem que a maioria dos entrevistados ressaltou acima de tudo a espontaneidade do depoimento de Dercy e o desenho honesto de seu perfil humano. Mais ainda, os telespectadores mostraram compreenderem e estarem dispostos a sustentar qualquer espaço na TV que lhes garantisse a discussão séria, livre e democrática dos problemas nacionais.

Para o jornal Folha de São Paulo (1980),

“O “Canal Livre” saiu reforçado desse confronto com a censura, e com o episódio conseguiu consolidar uma posição que vinha perseguindo desde sua estréia: o de ser um programa polêmico, de distender ao limite as possibilidades de um jornalismo politizado no vídeo,...demonstrando que o “Canal Livre” não é apenas resultado da chamada “abertura política”, mas quer ser parte desse processo. ...Neste projeto de abertura também apara o vídeo, o programa é didático ao mostrar as contradições entre o “discurso organizado” dos políticos , que pretendem falar não apenas por si, mas por muitos, e a franqueza dos outros entrevistados que não tem por obrigação defender bandeira nenhuma, além da própria”.

22. Os Anos 80 - Mudanças Sociais E Culturais

Em 1980, Carlos Augusto de Oliveira, assume a direção de produção e programação da Bandeirantes, dando início a uma nova fase, cujo marco foi a produção da novela "Cara a Cara", de Vicente Sasso, dirigida por Jardel Mello.

Segundo Chaves e Belfante *in* Reimão (1997, p.55):

"Em sua visita ao Brasil, em julho de 1980, o Papa João Paulo II levou às ruas multidões de fiéis. A televisão, que atingia então diariamente um público de 50 milhões de telespectadores, mostrou-o várias vezes. Neste ano, foram vendidos um milhão de aparelhos de TV em cores. O país já contava com 113 emissoras de TV e 20 milhões de televisores, o sexto no *ranking* mundial em número de televisores, com uma audiência nacional de 100 milhões de compradores potenciais de produtos. Neste mesmo período, a participação da TV nos investimentos publicitários era da ordem de 62%."

A briga pela audiência tornou-se cada vez mais acentuada em São Paulo com a entrada do SBT no ar, em 1981.

Um ano depois, a audiência da Rede Bandeirantes caiu para a quarta colocação - O SBT crescia consolidando o segundo lugar, seguido pela Record, em terceiro, tendo a Rede Globo em primeiro lugar.

Aparentemente preocupada com sua expansão, em vez de audiência, a Rede Bandeirantes investe cada vez mais em um público diversificado em todo o país, investindo muito nas emissoras regionais.

Nesta época, já eram 24 emissoras da Bandeirantes espalhadas pelo País.

Para realizar os planos de continuar crescendo como Rede, houve uma dificuldade técnica para a Bandeirantes, pois a Embratel

só possuía dois canais para os Estados com menor densidade populacional e que já estavam ocupados por Tupi e Globo.

Em agosto de 1981, a Rede Bandeirantes de Televisão assinou contrato com a Telesp – Telecomunicações do Estado de São Paulo, que permitiu à emissora utilizar a linha auxiliar de microondas da Telesp e levar sua imagem aos 571 municípios do Estado de São Paulo. Saad já havia assinado contratos semelhantes em outros Estados brasileiros – em Minas, com a Telemig; na Bahia, com a Telebahia. Em outros Estados como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, já havia transmissão da Rede em grande escala. Mas a ação em São Paulo, permitiu atingir o segundo maior mercado brasileiro: o interior do Estado.

22.1. A Experiência Com Walter Clark

Numa tentativa de reação ao aparecimento do SBT, João Saad procura Walter Clark, o profissional que no final de 1965, foi chamado por Roberto Marinho para tentar levantar a TV Globo, que estava então sem faturamento, apesar de já estar a seis meses no ar. Não era este o caso da Bandeirantes, a empresa ia bem, mas precisava reciclar.

Este mesmo profissional foi o criador do Padrão Globo de Qualidade; da programação baseada em telenovelas e telejornalismo; do programa Fantástico; do programa Globo Repórter; das primeiras transmissões em rede; das fórmulas comerciais; da transmissão em cores, etc. Por estar afastado da Rede Globo desde 1977 e disponível no mercado, Saad pensava que Clark certamente teria muito de sua experiência a oferecer para a TV Bandeirantes.

Com muita divulgação, a contratação de Clark, fez parte de uma grande revolução na TV Bandeirantes, em todos os sentidos.

Para o Jornal do Brasil (1981), Johnny Saad declarou:

“Com o equipamento de vinte e cinco milhões de dólares que acabamos de comprar, a TV Bandeirantes equipou o carro. Faltava o piloto. Walter Clark é o nosso Nelson Piquet. Ele é o melhor profissional do mercado brasileiro”.

A ida de Clark para a Bandeirantes foi apenas um dos itens que a empresa preparou por um ano e meio em segredo total. Outros pontos de transição imediata, foram a mudança de faixa de canal 13, por canal 9; que lhe foi concedida pelo Dentel no início de 1980, e que segundo Saad geraria melhor imagem e a mudança na logomarca da TV, que alongou mais os semi círculos que rodeavam uma esfera, para agora a logo se parecer mais com um olho humano, numa criação de Cyro Del Nero.



Em termos de conteúdo, Saad preparou uma grande revigoração no jornalismo da emissora, que a partir de então, começou contar com a aquisição de vinte novas unidades de externas (câmeras e videotapes), dando mais agilidade e autonomia às equipes de repórteres.

Houve também a compra de vários microondas repetidores de sinal, vindos da França; um aparelho de telecine, vindo da Alemanha para digitalizar todo o material e outros periféricos de última geração.

⁹⁴ Marca utilizada entre 1981 e 1982. Fonte: Arquivo da empresa

Nesta época, a Rede Bandeirantes envolvia 22 empresas de televisão em todo o país, de Criciúma a Manaus; 12 rádios AMs em vários estados e mais 7 FMs em São Paulo, Bahia e Porto Alegre, além de 8 emissoras filiadas em Florianópolis, Ribeirão Preto, Goiânia, Fortaleza, Canindé, Itapipoca, Morada Nova e Quixadá.

Sobre os planos do pai de descentralização da empresa, Johnny afirma ao Jornal do Brasil (1981):

“Está na hora da gente mostrar o Brasil aos brasileiros. Não tem mais sentido um único centro irradiador e, por isso, apenas 65% da nossa programação será feita em São Paulo. Todo o resto será realizado e decidido nas próprias regiões. O Brasil é um país continente e é isso que queremos fazer: mostrar o Brasil para o Brasil”.

Em sua autobiografia -“O Campeão de Audiência”- Walter Clark (1991, p.122) nos expõe que em 1981, o genro de João Saad, Zeca Duailibi, ligou para convidá-lo para uma reunião onde conversariam sobre uma possível contratação.

Ainda segundo Clark, o primeiro encontro foi na Avenida Angélica, na casa de Johnny, filho de João – que com toda a hospitalidade árabe lhe serviram muito pistache e um lauto almoço. Johnny cobria Clark de elogios, dizendo que ele era a pessoa que a Bandeirantes precisava, e seu pai, Saad ao chegar ao encontro, reforça o convite. E assim, começa uma tempestuosa e curta relação profissional, descrita por Clark, como infeliz, que viria a durar apenas oito meses.

Com a contratação de Walter Clark, se realizaria o projeto de Saad: incrementar o jornalismo, depois o segmento esportivo, e por fim, regionalizar ao máximo as programações - nessa ordem.

Segundo o jornal “Folha de São Paulo” (1981), uma das primeiras sugestões de Clark foi a de mudar a programação visual, tomando por base motivos e usando materiais brasileiros. Ponto de

vista este que ia de encontro ao que Johnny e o pai já vinham trabalhando há tempos, desde que a empresa deixou de ser uma emissora única, de produção artesanal, e passou para uma rede nacional, com produção estruturada nos moldes industriais.

Segundo Johnny, em depoimento ao jornal:

“Nós tiramos todo o acrílico do ar, os efeitos eletrônicos, aquele visual asséptico. A nova programação visual, que estará no ar em março (de 1981), será mais tropical, com madeira e formas brasileiras. Já estávamos há tempos procurando nossa identidade, depois de uma crise de personalidade”.

João Saad já era um homem muito rico, com muitas fazendas e imóveis, e uma grande criação de gado; sua personalidade portanto, era um misto de empreendedor, negociante, fazendeiro, comerciante, homem de comunicação e político - contudo, mantinha hábitos modestos, como o de dirigir o próprio carro e morar no mesmo apartamento onde vivia fazia anos, em Higienópolis.

Neste aspecto, os filhos Johnny, vice-presidente da Rede Bandeirantes, na época com 29 anos e na empresa havia 13 anos e seu irmão Ricardo, com 26 anos e ocupando o cargo de Diretor Administrativo, seguiam o perfil do pai de nenhuma ostentação. Ao que Johnny comenta ao mesmo jornal acima:

“Tem gente que pergunta pelo iate de meu pai e no qual passeamos nos fins de semana. Um absurdo! Não temos iate. Trabalhamos duro há muitos anos. Somente agora vamos ter nossas salas com maior conforto no quarto andar do prédio novo e tudo será simples. São 500 metros quadrados de área para toda a diretoria”.

Já contratado, com um salário de CR\$ 3 milhões, mais 5% de faturamento, segundo o "Jornal do Brasil" (1982), e acostumado a ostentação - o modo de agir do diretor carioca Walter Clark, contrastava em muito com o ambiente da Bandeirantes, e mostrava-se bem diferente de Saad - o "seu" João - que conhecia muitos de seus funcionários pelo nome e protegia os mais antigos.

Em uma de suas ações na Bandeirantes, certa vez Clark propôs a Saad que contratasse Osmar Santos para apresentar um programa na TV, o "90 Minutos". Seria um pacote de Rádio e TV, porque Osmar Santos teria também que sair da Rádio Globo, para ficar na emissora. Mas para desalento de Clark, Saad não aceitou, pois não queria mexer com Fiori Gigliotti e Pedro Luís. Segundo Clark (1991, p.125), *"Mais uma vez, Saad raciocinou pelo interesse dos funcionários e não da empresa"*.

Como afirmou Cyro Dell Nero (2006), Saad parecia estar em todos os lugares todo o tempo, e esse era outro ponto que irritava profundamente Clark, pois Saad possuía uma chave-mestra presa ao cinto, junto ao bolso de trás, e entrava a qualquer momento em qualquer sala.

Para Clark, isso era uma agressão; pois vez ou outra era surpreendido pela abrupta entrada do patrão.

Clark que ao chegar à emissora, encomendou móveis italianos para sua sala e chegava à emissora em uma Ferrari preta, estava acostumado com a liberdade, luxo e grande sucesso na Rede Globo – afirmou em sua autobiografia (1991), que João Saad era *"...excessivamente modesto e administrava sua empresa de comunicação em uma sala de escritório antiquada, com uma velha mesa de madeira..."*, sem lhe dar nenhuma liberdade.

Após vários desentendimentos, Clark em consenso com Saad, rescinde o contrato, tendo ficado na empresa somente até o carnaval de 1982, sendo substituído inicialmente por um colegiado composto por representantes de diversas áreas – Superintendências Financeira,

Administrativa, de Produção e Programação, de Engenharia e Técnica e a Comercial, todas sob a orientação geral de João Saad e seu filho Johnny.

22.2 O Satélite

Em 1982 a Band foi buscar na Embratel, tecnologia e know-how para operar por satélite. Nos termos do contrato, a Bandeirantes passou a utilizar-se, desde março de 1982, um dos diversos canais do satélite Intelsat 4-A, situado a 36 mil quilômetros de altura, em órbita geoestacionária.

Segundo noticiou o “Jornal do Brasil” (1981), o empreendimento custou cinco milhões de dólares; com um custo de manutenção anual de cerca de CR\$ 110 milhões. Até então, a Rede Bandeirantes gastava cerca de CR\$ 65 milhões por mês com as transmissões por microondas via Embratel – para aproximadamente 13 horas diárias de transmissão – e com o satélite esse custo operacional cairá para cerca de CR\$ 45 milhões por mês, com a possibilidade de 24 h de transmissão.

O canal da Intelsat, desde então, está a disposição da Rede 24 horas por dia, recebendo o sinal da estação geradora da Bandeirantes em São Paulo e distribuindo para todas as emissoras afiliadas em todo o território nacional simultaneamente, ao vivo em tempo real, e com um sinal de qualidade muito superior. Com isso, a Bandeirantes foi a primeira empresa comercial nas Américas a operar uma Rede de Televisão por satélite, com equipamentos digitais, substituindo o sistema de microondas e barateando os custos.

Segundo Johnny Saad, em depoimento ao jornal “Folha de São Paulo” (1982), a grande vantagem será a possibilidade de imediatismo do departamento de jornalismo, pois “...são produtos perecíveis, que perdem a vida e a atualidade”.

Além das vantagens acima citadas, a nova forma de transmissão de sinal, possibilitou uma maior condição de produção e

cobertura local, integrando ainda mais a rede. Com a ação, as emissoras afiliadas que gastavam tempo e equipamento para a gravação de material gerado por São Paulo, para depois exibi-los, teve então a possibilidade de captar o sinal direto, tendo melhores condições e equipamentos livres para produções locais. Alcançando a descentralização que Saad planejava, e também podendo gerar mais receita.

O sistema de transmissão via satélite marcou uma nova fase na expansão da Rede, pois reduziu substancialmente o custo para a implantação de novas emissoras – pois agora neste sistema, para se criar outras emissoras, só é necessário uma pequena estação receptora para transmissão.



Saad discursa no evento de inauguração do satélite⁹⁵

Nas décadas de 80 e 90, a abertura política traz a globalização e novamente outras mídias entram no mercado para concorrer com o rádio. São elas a Internet e a TV a cabo. Nessas décadas, as notícias informam o “global”, mas se concentram no “local”.

Amparado por este raciocínio, Saad trabalha na expansão da rede, fortalecendo ainda mais as programações regionais.

⁹⁵ Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Leonor Saad

Em entrevista a autora (1998), Saad afirmou suas intenções, com relação à regionalização das empresas de comunicação:

“Gostaria de fazer chegar a educação até o homem do campo, em todas essas áreas que a gente pega com a nossa TV ... Veja, nós estamos com um prefeito à mesa, que é o prefeito aqui da cidade, de Taubaté. É um homem disposto, experiente. Ele deve saber mais do que nós todos, o que é bom para Taubaté. E tem que achar um jeito de ir buscar. Para Taubaté é uma coisa. Para outra cidade, é outra... Ora, por que não pegar um estado, uma região desse tamanho, e não procurar o que há de melhor para ele? Olha, se puser uns homens entendidos, eu te garanto que eles vão arranjar. Enfim, o homem precisa fazer. Se ele passa a sua vida sem fazer, sem tentar, quando ele for ver, passou-se o tempo e ele não fez. Por quê? Ora. Então, não pode. Nós queremos uma coisa: Que esse governo nos deixe trabalhar. Deixe-nos trabalhar, que nós vamos fazer disso um Brasil maravilhoso... Então, quem tem um veículo desses, como nós, tem que tomar consciência do que ele é, do que ele é capaz. Ele tem que levar notícia, tem que levar alegria, ele tem que levar a verdade. Ele tem que levar a educação. Ele pode fazer coisas incríveis”.

23. Saad E Sua Relação Com A Política No País

Saad mostrava-se o tempo todo como uma pessoa equilibrada, sem ostentação, com senso de justiça e intenção de colaborar com a moralização e democracia no país; e sem apoiar um único partido, portava-se valorizando as pessoas, e não a sigla política



Marca utilizada entre 1982 e 1988⁹⁶

Em 1982 são realizadas eleições para Governos estaduais, câmaras municipais, senado e assembleias legislativas, rompendo um ciclo de quase 20 anos de autoritarismo. A eleição foi coberta por denúncia de fraude em vários estados e a vitória de partidos de oposição representados em São Paulo, por Franco Montoro, e no Rio de Janeiro, por Leonel Brizola, criou uma nova configuração de governo.

Quando Brizola, concorreu para o governo do Rio de Janeiro, na primeira escolha direta para governador em vinte anos, a Rede Globo do Rio definiu que usaria como os números totalizados pela Proconsult, empresa contratada pelo Tribunal Regional Eleitoral, na transmissão da apuração dos votos. Fechadas as urnas, a Globo divulgou os números da Proconsult, segundo os quais o candidato do

⁹⁶Fonte: Arquivo da empresa

PDS, Partido Democrático Social, Wellington Moreira Franco, estava vencendo o PDT, Partido Democrático trabalhista, com Leonel Brizola.

Os resultados pareciam impossíveis aos especialistas em pesquisas, pois essas mostravam que Brizola venceria a eleição com facilidade.

Brizola municiou-se da pesquisa de boca de urna, feita pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – o IBOPE, e os resultados parciais da Rádio Jornal do Brasil, e convocou uma entrevista coletiva com correspondentes estrangeiros. Nela acusou a Proconsult de estar mancomunada com a Rede Globo para alterar a vontade popular. Brizola pediu também a João Saad que o ajudasse a denunciar a fraude na contagem dos votos organizada pela Proconsult. Saad colocou o assunto em suas Rádios e TVs, depois constatou surpreso, que a Rede Globo foi à empresa que mais verba obteve na campanha do governo fluminense.



Marca utilizada entre 1989 e 1993⁹⁷

Ainda assim, segundo CONTI (1999, p.525), quando na campanha de 1989, Brizola prometeu acabar com a Globo se fosse eleito, Saad protestou. Apesar de ter apoiado Brizola em várias ações, desta vez disse que a Rede Bandeirantes ficaria contra Brizola, se ele tentasse levar a cabo sua ameaça, pois a seu ver, aquilo não

⁹⁷ Fonte: Arquivo da empresa

era correto. Embora Saad visse na Rede Globo uma forte concorrente, acreditamos que seu senso de cidadania sempre era mais forte.

23.1 A Greve Dos Jornalistas

Talvez todo o investimento em Satélite e novas praças tenha desestruturado um pouco o orçamento da empresa, que mais a frente veio a se recompor. Em 1983, havia em todas as áreas um atraso na folha de pagamento dos funcionários, e sob este fato, houve muita especulação da mídia impressa sobre uma possível venda das emissoras. O jornal “Folha de São Paulo” (1983), chegou a noticiar, o interesse de compra da emissora por Paulo Maluf e Edevaldo Alves da Silva, (da Rede Capital).

De outro lado, Saad afirmava que não tinha interesse em vender suas empresas.

Em outubro do mesmo ano, o jornal Folha de São Paulo (1983), noticiou uma greve de 50 jornalistas da TV Bandeirantes. Segundo a reportagem, o protesto era contra o atraso de salários, que vinham acontecendo desde o começo do ano. Na época, os jornalistas fizeram uma “operação tartaruga” – reduzindo os três noticiários da TV à metade do tempo. Relembrando a época, Nonô Saad (2007)– filha de João Saad, conta à autora sobre a situação e o posicionamento do pai:

“Houve uma greve de jornalistas na época e o papai, simplesmente, ligou para a gente e pediu para a gente vir cobrir, ajudá-lo o máximo possível e a Sílvia (Jafet), – na época, Editora de Jornalismo Internacional - chegou para ele e falou: “Tio, eu sinto muito, mas eu não posso agir como sua sobrinha, eu tenho de agir conforme a minha categoria e eu tenho que ficar do lado deles”. Então, ela ficou liberada para...;eu nem lembro se ela participou da greve, mas ela

ficou liberada e ele pôs os filhos para trabalhar na greve. A gente atendia telefone, pesquisava notícia em agência...”.

A própria Silvia Jafet (2007), também expõe à autora sua visão do fato:

“Meus amigos foram para a assembléia do Sindicato dos Jornalistas, que iria decidir se haveria ou não greve. Eu não fui. Já tarde da noite, eles me telefonam, dizendo que estava decretada a greve, me disseram que entenderiam perfeitamente, caso eu não entrasse, porque seria mesmo muito esquisito eu fazer greve contra a minha família. Passei uma noite de cão, não dormia, não sabia o que ia fazer. Quando cheguei no dia seguinte, estava aqui um piquete e aquela discussão de: “deixa ou não ela entrar”, aquela confusão. Alguém falou: “Não, ela é da família, deixa ela entrar.” Como se quisesse dizer: essa aí não vai fazer greve, qualquer coisa assim. Fui direto ao Sr. João:

“Sr. João, queria falar com o senhor”.

“Fala. O que é que foi?”

“Eu quero avisar que eu não vou fazer greve. Se tiver alguém aqui em São Paulo, eu ponho o jornal no ar e a gente vê o que faz”.

Ele olhou para mim e falou assim: “Você pretende seguir na sua carreira de Jornalismo?”

“Pretendo. É o que eu gosto de fazer”.

“Então vai lá e adere à greve. Porque você jamais será perdoada por nenhum colega seu e você jamais será respeitada e você jamais conseguirá trabalhar em qualquer outro veículo se você não fizer a greve”.

Eu estou falando de um homem com ascendência árabe, com formação patriarcal! Olha o respeito que ele tinha pela profissional e pelo ser humano que eu era. Essas histórias eu vivi, Sr. João era esse tipo de homem”.

23.2 Participações de Marília Gabriela e Ninho Morais

Ainda em 1983, a jornalista Marília Gabriela teve em sua passagem pela TV Bandeirantes oportunidade para experimentar e por no ar muitos projetos. A Bandeirantes foi o primeiro espaço no ar da jornalista, desde quando saiu da TV Globo.

Sua primeira experiência na emissora foi um talk show semanal, com duas horas de duração que misturava política e economia com música e entretenimento. O programa se chamava “Marília Gabriela Entrevista”, dirigida por Ninho Morais.

Outros projetos depois se seguiram a este, como por exemplo, em 1985 com o “Marília Gabi Gabriela”.

Neste projeto, também sob a direção de Ninho Morais e ainda tentando achar um formato próprio, misturavam-se muitas situações, como por exemplo um quadro de karaokê onde vários políticos cantaram, como por exemplo o Sr. Paulo Maluf e Orestes Quécia. O programa tinha entrevistas políticas e, às vezes, cruzava as situações.

Houve certa vez em foi ao ar Jânio Quadros com o grupo de rock nacional “Titãs”, e Jânio dá sua entrevista de forma mais solta, onde inclusive acaba por afirmar que sua esposa Eloá gostava muito de rock. Outra característica marcante deste programa era que Marília Gabriela conduzia a pauta para que se discutisse muito a fase das liberdades democráticas. Em 1985 era ainda o final da ditadura militar no Brasil. Não se pode pensar numa pauta assim, sem que o presidente da empresa João Saad, não desse muita liberdade.

Segundo Morais (2007):

“Ele (Saad) achava que a Bandeirantes deveria servir de voz para todo mundo. Então não havia censura de pauta de forma alguma. Tínhamos muita, mas muita liberdade. Ele não policiava pauta, perguntas, nem edição. Ele sofria algumas certas pressões, mas nunca vetou um nome. Agora, ele tinha uma coisa de sempre receber aquela pessoa antes da entrevista. Então, podia ir o José

Serra que era de oposição ou o Newton Cruz que era aquele General, e ele fazia questão de fazer uma diplomacia. Convidava a pessoa umas duas horas antes, conversavam; mas ele nunca dizia o que devíamos falar, perguntar ou não, fazer 'isso ou aquilo'. Tanto que a Gabi tinha a liberdade de perguntar para o Maluf: 'Vem cá, as pessoas dizem que você é corrupto.', e falou isso para o Quércio também: 'Você é ou não corrupto?' Quer dizer, apesar de ele ter uma relação com o Maluf, ele tinha um respeito dos políticos de oposição, nós percebíamos isso. A oposição gostava desse espaço que a Bandeirantes proporcionava e eu acho que era um pouco da personalidade do Seu João Saad – ele não se dizia nem de esquerda, nem de direita. Agora, ele nunca apoiou as ações do governo militar”.

Ninho Morais também cita outras experiências dos anos 80 na Rede Bandeirantes, que demonstram a abertura cultural e política com que Saad conduzia a empresa. É o caso por exemplo, do programa de Fausto Silva, que na TV Bandeirantes se chamava “Perdidos na Noite”, e tinha um formato mais livre e improvisado, mas que foi o embrião do que se vê na Globo hoje; ou ainda o programa “Casseta & Planeta”, que fez sua primeira experiência de humor na emissora, num especial de final de ano.

A própria Marília Gabriela experimentou no jornalismo uma espécie de ancoragem de jornal, numa tentativa anterior ao Boris Casoy e suas opiniões.

Segundo Morais (2007):

“Eu me lembro de um programa que foi feito com o Pelé de apresentador que era super anarquista e era dirigido pelo Sérgio de Souza, que tinha feito o “Bondinho”, a “Realidade” e que faz hoje essa revista “Caros Amigos”. O Plínio Marcos tinha espaço lá, o Tasso de Castro tinha espaço aberto lá, quer dizer tinha muito isso e o jornal dele tinha esse perfil. Ele tinha um Joelmir Betting falando de economia de uma forma super aberta, gente falando de política sem nenhuma restrição”.

Na visão de Moraes (2007), *"a Rede Bandeirantes foi fundamental para a volta da democracia no Brasil"*.

Ninho Moraes também dirigiu outro importante programa na TV Bandeirantes: o "Crítica e Autocrítica", um programa que ia ao ar aos domingos, às onze horas da noite e focava mais na área da economia.

Segundo Moraes (2007):

"O 'Crítica e Autocrítica' era o 'Gazeta Mercantil' fazendo entrevista; uma parceria deles que era meio maluca porque era feito por jornalistas que não eram televisivos, sabe? Eram perguntas imensas de três, quatro minutos. Às vezes o convidado nem tinha tempo suficiente de responder".

Sobre a não interferência de João Saad, Moraes (2007) aponta:

"O ACM (Antonio Carlos Magalhães) não ia ao programa da Gabi, nunca foi, sempre se negou. Ele era um associado da Rede Globo, mas foi lá no 'Crítica e Autocrítica', conversou com o Seu João, embora parecesse que o Seu João nunca gostou muito dele, do estilo dele. Até porque que a Bandeirantes nunca conseguia entrar direito na Bahia, tinha muitos problemas, mas ele nunca reclamou. 'Tragam o ACM, pode trazer, não tem problema'. Quer dizer, eu acho que ele tinha isso de talvez não gostar do estilo de um ou de outro. Você podia levar caras de centrais sindicais e aí foi no programa o Meneghelli, o Luís Antônio Medeiros e eles eram líderes sindicais, mas iam na boa".

Jafet (2007), afirma ainda complementando o raciocínio de Moraes, quando questionada sobre a liberdade de trabalho que Saad oferecia:

“Sr. João nos dava muita liberdade para trabalhar. A liberdade de imprensa não é do jornalista, é do público. Ele tem o direito de ser corretamente informado. Essa tem sido a nossa filosofia. Errado pensar que a liberdade de imprensa atinge somente o profissional. Não! O profissional é um veículo e quem tem que ter a liberdade de imprensa é o povo, não somos nós. E é assim que a gente pensa e é assim que a gente age”.

23.3 A Campanha das “Diretas Já”

A mobilização popular pró-diretas começou a tomar corpo em meados de 1983, quando da realização de um ato público em Goiânia compareceram aproximadamente cinco mil pessoas. Ulysses Guimarães e Teotônio Vilela foram os promotores do evento, que defendia as eleições “diretas-já” para presidente, a moratória e a convocação da Constituinte.

A Campanha das “Diretas-Já” foi comandada pelo Comitê Nacional Pró-Diretas, órgão suprapartidário que contou com a participação dos partidos de oposição, de associações estudantis e profissionais e das centrais sindicais.

Entre janeiro e abril de 1984, multidões se reuniam em comícios nas capitais e principais cidades em todo o país, sendo a maior concentração deste movimento ocorrida no Anhangabaú, em São Paulo, ao qual compareceram 1,7 milhões de pessoas.

A TV Bandeirantes faz uma cobertura completa dos eventos ligados às “Diretas Já”, dando total apoio ao movimento. A rede Globo, ao contrário, demorou em entrar com transmissões do movimento, e só o fez, depois do movimento já consolidado. O que se viu à partir daí, foi uma espetacularização da campanha. Os

comícios se transformaram em grandes shows, estrelados por artistas populares e políticos.



Manifestação popular pró "Diretas-Já"⁹⁸

Segundo Armando Nogueira, ex-diretor da Central Globo de Jornalismo, em Gonçalves Jr. (2006, p.38), o Palácio do Planalto pressionou todos os veículos de comunicação, mas como na época a Rede Globo era a mais poderosa, essa recebeu pressão maior e cedeu não dando cobertura aos comícios que movimentaram milhares de pessoas em todo o país.

Quando o movimento tomou proporção nacional, Roberto Marinho, segundo Nogueira, ao analisar a situação, chegou à conclusão de que naquele instante o mais importante para a sobrevivência da empresa seria refletir o pensamento da sociedade e não mais do Estado. Não havia mais volta para as eleições diretas, então, a Rede Globo cedeu e começou a cobrir os eventos a partir do comício da Candelária, no Rio de Janeiro.

Segundo Moraes (2007):

"A Rede Globo foi a última a entrar na campanha das "Diretas Já" enquanto a Bandeirantes batia direto, punha no ar e seguia todos os passos. Eu me lembro de assistir na

⁹⁸ Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Leonor Saad

Bandeirantes o comício em Curitiba (que foi um comício teste), depois foi outro em Goiânia (que acho que era o Íris Rezende que era Governador) e aí começou. Vale do Anhangabaú em São Paulo, Candelária no Rio de Janeiro e por aí vai. Tudo sem restrição dele (João Saad).”

23.4 Conteúdo e Concessões

Ainda, sob o comando do Presidente Figueiredo, depois de oito anos de planejamento técnico e estratégico, em treze de março de 1985, mesmo após ter pioneiramente levantado a bandeira do movimento “Diretas Já”, a TV Bandeirantes ganha a concessão de uma canal em Brasília, à época, o último disponível na cidade. Com trinta geradoras e quase setenta repetidoras em todo o país, até então, a rede ainda não estava presente na praça de Brasília.

No final de janeiro do mesmo ano, o Presidente Figueiredo já havia concedido um canal de TV para o Grupo Silvio Santos.

Em entrevista ao jornal Gazeta Mercantil, em 14 de março de 1985, João Carlos Saad afirmou:

“Nós já havíamos tentado entrar em Brasília através de uma acordo com o canal Radiobrás – o que não deu certo em razão do cunho eminentemente independente e crítico do telejornalismo praticado pela Bandeirantes, que sempre incomodou”.

Fernando Mitre (2007), Diretor Nacional de Jornalismo da empresa pontua o ponto de vista político de Saad, no que diz respeito ao compromisso com a imparcialidade e objetividade jornalística:

“Primeiro é a objetividade jornalística. Tudo o que nós estamos falando, inclusive esse pluralismo que existe na Band, isso vem desse pressuposto de que o jornalismo tem que ser

democrático. Isso é fundamental e é um noticiário, estamos falando de noticiário. O senhor João sempre foi a favor de um jornalismo democrático. Agora, opinião é outra coisa. A opinião é da empresa e são expressas em editoriais. Aí é unilateral, é posição da empresa. Um editorial pode falar mal de um político, mas no dia seguinte esse político pode ter um espaço em uma entrevista na Band. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Entendeu? São coisas que não se misturam”.

Quanto ao canal de Brasília, a programação regional inicial foi a produção de um jornal local com meia hora de duração e programas de entrevistas.

Além do canal de TV, com concessão de quinze anos, à Bandeirantes, na mesma data, foi outorgado também um canal de televisão em Rondonópolis, e concessões de rádio em ondas médias em Goiânia - Goiás, Uberaba - em Minas Gerais, e também na cidade de Alexandria, no Rio Grande do Norte.

24. A Transição Política

Em 15 de janeiro de 1985, o Colégio Eleitoral composto majoritariamente por duas faces políticas – PMDB e Frente Liberal – selou uma “aliança democrática”, que serviu para complementar a transição do regime militar para o civil, elegendo o ex-deputado e ex-governador de Minas Tancredo Neves. Acometido de uma sucessão de doenças, Tancredo morre a 21 de abril de 1985, sem tomar posse, assumindo em seu lugar o vice – José Sarney, que governou o país entre 1985 e 1989.

Ao assumir o governo, Sarney lança a “Nova República” e propõe a edição do Plano Cruzado, congelando salários e preços dos gêneros de primeira necessidade. A moeda nacional, deixa de ser o cruzeiro, para tornar-se o cruzado.

Os programas jornalísticos exploraram ao máximo a fiscalização do tal congelamento, acompanhando cada ação da SUNAB (Superintendência Nacional de Abastecimento) em suas perícias para checar alguma possível remarcação de preços em lojas e supermercados. O povo, seguindo a TV, transformou-se em milhares de voluntários “fiscais do Sarney”, denunciando qualquer tentativa de remarcação.

Sarney consegue assim, grande prestígio popular.

Em 1986, durante a cerimônia para anunciar o nome do jornalista Frota Netto como o novo presidente da Radiobrás, Sarney afirmou que a empresa não existia para competir com as empresas privadas do setor, mas sim, para divulgar o governo e a cultura do país, ao que o então Secretário de imprensa da Presidência, Fernando César Mesquita comenta que se as emissoras estatais são mantidas por dinheiro público, não há como manter a imparcialidade dessas. O que se dá, de fato.

Nesse período, o Brasil enfrentava altos índices de inflação combatidos por sucessivos programas econômicos na tentativa de

conter a desvalorização da moeda brasileira e dar fôlego à economia, com os Planos Cruzado I e II.

Na área da radiodifusão, o Ministro das Comunicações Antonio Carlos Magalhães era convocado por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar sua administração, checando possíveis irregularidades, e também com a intenção de discutir os critérios de distribuições de concessões de emissoras, em poucos meses de gestão, ACM havia distribuído ao menos 50 concessões de emissoras na Bahia para correligionários.

Segundo Moreira (1998, p.90), nessa época, o filho mais novo do Presidente, Fernando Sarney, já era o homem forte das Comunicações no Maranhão, controlando quatro emissoras de rádio – duas em ondas médias e duas em frequência modulada - e duas emissoras de televisão, uma geradora do SBT e a outra geradora da rede Globo. Em março de 1987, Fernando Sarney recebe mais uma concessão para outra emissora de rádio em ondas médias na capital.

Ainda em 1987, em Minas Gerais, o deputado e neto do ex-Presidente Tancredo Neves – Aécio Neves da Cunha, também estava construindo sua rede particular de emissoras de rádio, recebendo do Presidente Sarney uma concessão para sua terceira emissora no Estado, para compor uma grande rede que se juntava às outras emissoras já propriedades da família com a direção do pai e tios.

O governo Sarney foi marcado pela maior distribuição de emissoras de rádio e TV de toda a história do Brasil.

Também em 1987, durante o mês de janeiro, a TV Bandeirantes começa a operar com um canal próprio no Distrito Federal. Antes o fazia somente em poucos horários via TV Nacional, empresa ligada à Radiobrás, com quem a TV Bandeirantes já tivera problemas de rompimento de contrato por causa de censura em seu telejornalismo. Desta vez, exatamente o jornalismo foi o foco mais contundente de programação prometido pelo diretor geral da emissora na época – Antonio Carlos Drumond.

Com um investimento de U\$ 2 milhões em equipamentos nacionais e importados, 120 funcionários, quatro ilhas de edição, um estúdio móvel e nove equipes de cinegrafistas, o noticiário local com duração de meia hora, (o mais longo telejornal da cidade, na época), entrou no ar antes do noticiário nacional – o “Jornal Bandeirantes”.

Ao mesmo tempo em que recebe a concessão do canal em Brasília, quando em tese, deveria apoiar claramente o governo pela nova emissora, segundo o jornal “Gazeta Mercantil” (1987), Saad afirma em evento da Associação Brasileira de Propaganda (ABP):

“Menos Estado e mais indivíduo, menos Estado e mais sociedade, menos Estado e mais liberdade...É preciso defender a saudável contradição: quanto mais fraco o Estado, mais forte será a sociedade”.

Segundo Borin, *apud* Chaves e Belfante *in* Reimão (1997, p.57):

“Até 1987, existiam 169 emissoras de TV em operação no Brasil, estando a maioria concentrada nas regiões Sul e Sudeste. Em 1992 já havia 252 emissoras outorgadas, sendo que 50 delas estavam em instalação”.

Segundo Chaves e Belfante *in* Reimão (1997, p.57):

“Essas concessões seguiram critérios políticos, pois o governo pretendia ganhar apoio de parlamentares à ampliação do mandato do Presidente da República, de quatro para cinco anos. Pesquisa realizada pelo Jornal do Brasil, em 1981, sobre os critérios que orientaram as concessões, constatou-se que das 23 emissoras de TV pesquisadas, 21 pertenciam a grupos ligados a partidos políticos”.

No segundo semestre de 1988, o Ministério das Comunicações anunciou que durante o Governo Sarney, 858 concessões para emissoras de rádio e televisão haviam sido distribuídas. Segundo depoimento de Antonio Carlos Magalhães *in* Moreira (2001, p. 87),

“A radiodifusão no Brasil é uma atividade eminentemente privada, que não onera o orçamento público, representando importante fator de integração nacional e garantindo o acesso da população ao entretenimento, à informação e à cultura”.

Independente da exploração comercial ou cultural, no final dos anos 80 as concessões de Rádio e TV eram alvo de disputas políticas acirradas, baseadas no raciocínio exposto por Antonio Carlos Magalhães publicado na revista *Isto É Senhor* de setembro de 1990: “Quem tem televisão, Rádio e Jornal, está sempre no poder.”

Segundo MOREIRA (2001), no total, a administração de Sarney distribuiu 1.028 concessões de emissoras de rádio (AM e FM) e TV. Em apenas um mandato, Sarney superou a soma da distribuição de concessões de todos os presidentes brasileiros entre 1934 e 1979.

Nunca na história do Brasil como durante os cinco anos do Governo Sarney, um número tão elevado de deputados, prefeitos, governadores e até ministros de Estado recebeu tantos canais de rádio e televisão.

Neste panorama, as empresas estatais ainda continuam sendo os maiores anunciantes dos meios de comunicação, dessa forma, fica difícil imaginar nesses meios de comunicação uma linha editorial de jornalismo isenta.

A objetividade que se deseja associar em relação às informações irradiadas, em alguns casos, está longe da neutralidade, imparcialidade, isenção e honestidade desejada. Esta situação criou -

como no título de livro de Ortriwano (1985) – “A Informação no Rádio - Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.”

Ortriwano (1985, p.61), em sua obra cita outro estudioso, Caparelli, que afirma:

“As concessões são, então, ditadas por apadrinhamento político ou por simples desdobramentos do poder econômico e a radiodifusão, na sua condição de novo setor para a aplicação de capitais, muda de mão apenas teoricamente: são concessões públicas a privados, por privados que manobram a coisa pública. As concessões, na maioria das vezes, não extravasam o âmbito restrito dos grupos dominantes, mas circulam internamente, dando a palavra a quem já tem e prosseguindo o bloqueio de quem dela precisa. Além disso, a exploração do novo meio exige capital elevado, que está na mão de poucos, e que serve para mascarar essa circulação interna da concessão dos meios entre os grupos que gravitam em torno do poder”.

Que dizer então das informações jornalísticas transmitidas por essas empresas?

O jornalista Fernando Mitre expõe sua opinião sobre a Bandeirantes, diferenciando-a:

“Por que você que a Bandeirantes se transformou na emissora dos debates? Porque a Bandeirantes sempre abriu espaço para as idéias, para as bandeiras, para os confrontos filosóficos, os confrontos ideológicos. Sempre, entendeu? O *Lula* mesmo, o presidente *Lula*, ele tinha uma presença aqui na Band quando ele era um líder sindical considerado perigoso. Ele tinha uma presença aqui que ele não tinha em nenhum outro lugar”.

Perseu Abramo (2003, p.34) afirma que uma das principais características do jornalismo no Brasil, hoje, praticado pela grande

imprensa, é a manipulação da informação e o principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade.

O autor, em seus estudos, questiona a auto-proclamada "objetividade" da imprensa comercial-burguesa, e diz tratar-se de uma "falsa objetividade", situando o jornalismo praticado pelo mercado como instrumento de controle político das elites, contrário aos interesses maiores do povo brasileiro. No debate sobre a verdadeira motivação da empresa de comunicação em manipular informação e distorcer a realidade, Abramo (2003, p.36) coloca o campo econômico ou a busca do lucro, num segundo plano, já que esse pode ser obtido com melhor resultado em outras atividades empresariais.

Para o autor, a motivação real está no campo político, na lógica do poder. Na propriedade privada em comunicação, muitos são os exemplos que se mostram nas últimas décadas, sob a tutela de grandes grupos empresariais.

Neste cenário de atores políticos, econômicos e culturais, a imprensa é um dos suportes que mais aparece como facilitadora desse discurso de conveniências, enquadrando-se no modo de funcionamento das empresas a que se vinculam.

Kucinski (2005, p.64) pontua que o vazio ético é reforçado por mecanismos diversos como o fim da demarcação entre o jornalismo e a assessoria de imprensa; a fusão mercadológica de notícia, entretenimento e consumo; a concentração de propriedade na indústria de comunicação; a crescente manipulação de informação por grupos de interesse; e, finalmente, a mentalidade pós-moderna - que celebra o individualismo e o sucesso pessoal.

O autor lembra Assis Chateaubriand, que ergueu o seu império dos Diários Associados:

"A corrupção é prática sedutora na indústria de comunicação pelo fato de nela se combinar o poder de

influenciar politicamente a opinião pública com o poder econômico. Nenhuma outra indústria tem essa característica. É uma prática também comum entre os jornalistas, por sua proximidade no jogo de influência dos poderosos".

O autor lembra ainda que na campanha de reeleição de FHC:

"Os barões da imprensa se reuniram com ele em Brasília e fecharam totalmente com sua candidatura. Assim, a corrupção nas empresas jornalísticas voltou à dimensão institucionalizada e compartilhada de um grande projeto de classe".

Casos assim, foram desenvolvidos desde as primeiras eleições pós - ditadura no Brasil. Essas ações não se limitaram ao universo da imprensa formal, mas também se estendeu aos apresentadores de programas populares - como Hebe Camargo e Ratinho – ambos do SBT, que com merchadising das privatizações criadas no governo FHC, buscaram elevar o apoio popular ao então presidente.

Kucinski (2005, p.72) afirma ainda que "Em três campanhas presidenciais pós-ditadura, as de 1989, 1994 e 1998, houve venda de capas e matérias especiais por grandes somas".

Essas trocas de "gentilezas", muitas vezes são as moedas que políticos e empresários dos meios de comunicação encontram para se relacionar: concessões versus divulgação.

Segundo Abramo (2003, p.40),

"Nos governos de Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, a imprensa e os meios de comunicação praticamente substituíram a representação parlamentar, as organizações sociais e as entidades de classe na intermediação com a sociedade. Os veículos foram transformados em reprodutores

e retransmissores do discurso oficial e, até mesmo, das manipulações forjadas nos palácios de Brasília".

O mesmo autor complementa,

"O *oficialismo* que tomou conta dos meios de comunicação de 1994 para cá, reduziu o jornalismo ao procedimento declaratório de um número bem-comportado de fonte "oficiais" e previsíveis, todas naturalmente engajadas no projeto entreguista do governo FHC e na economia de mercado, de tal forma que a relação com o autoritarismo não pudesse mais ser ignorada. É claro que o discurso permanente continuou sendo o da liberdade de expressão, o da "isenção" da imprensa e o da "objetividade jornalística", mas sem espaço para que veículos destoassem da lógica do pensamento único"

24.1 Eleições Estaduais E O Posicionamento Da Bandeirantes

Em 1986, como iniciativa de um segmento que tentasse evitar distorções político-partidária ou facilidades e favores em suas transmissões, a Rádio Bandeirantes de São Paulo, foi a precursora da criação da figura do *ombudsman*, para acompanhar as respectivas programações, dedicando-se a supervisionar o conteúdo e a linha editorial do veículo.

Como situação que comprove esta intenção, José Paulo de Andrade (2007) afirma que como exemplo inicial, nas eleições de 1986, na campanha ao Governo do Estado de São Paulo, as pesquisas apontavam como primeiro lugar Paulo Maluf, e depois Antônio Ermírio começou a ganhar corpo nas pesquisas.

Na época, o próprio Governador Montoro "peemedebista" hesitava em dar apoio ao candidato do partido que era Orestes Quéricia.

Era a época do Plano Cruzado, com a inflação caindo a patamares que os brasileiros não estavam acostumados; nestas

circunstâncias, o PMDB acabou por eleger vinte e dois dos vinte e três Governadores e apenas um Governador de outro partido: o PFL, em Sergipe. Na época, o Brasil tinha apenas vinte e três Estados da Federação.

Segundo Andrade (2007), duas semanas antes das eleições, com as pesquisas apontando que o Quércio era imbatível e que já não havia mais tempo para os outros candidatos se recuperarem, Saad promoveu uma série de editoriais mostrando que São Paulo não estaria bem, se entregue à Orestes Quércio.

Saad então sugeriu que o programa “Canal Livre” abrisse espaço para uma discussão do escândalo da “raspadinha” que envolvia diretamente o então candidato ao governo do Estado de São Paulo Orestes Quércio. Publicamente Saad havia afirmado que se eleito, Quércio não seria bom para São Paulo, com o programa então, haveria a possibilidade de se discutir publicamente o envolvimento do candidato ou não.

Segundo o jornal “Unidade” (1988):

“O trabalho jornalístico não chegou a ser prejudicado – a não ser pela ausência dos políticos do PMDB que foram convidados, mas preferiram não se expor na discussão de um assunto tão constrangedor para o partido”.

Apesar da rejeição nas pesquisas, Quércio se recuperou e obteve a vitória em 15 de novembro de 1986, eleito como governador do Estado de São Paulo pelo PMDB, com 5.578.795 votos sobre os candidatos Antonio Ermírio (PTB) e Maluf (PDS) e Eduardo Suplicy (PT).

Em setembro de 1988, o periódico do Sindicato dos Jornalistas denuncia uma represália do então governador à TV Bandeirantes, que cortou toda a verba de publicidade de seu governo na emissora, e

comenta "...as dificuldades para a realização de um jornalismo direito, objetivo e imparcial"

Segundo Andrade (2007):

"Então isso mostra um viés de oposição que nós sempre tivemos aqui na casa. O nosso programa de opinião que é o das oito horas atualmente e já há algum tempo, também mostra isso. Nós não nos apegamos, não temos preferências partidárias".

24.2 Eleições Diretas Para Presidente

Em 1987, Fernando Mitre foi convidado para trabalhar na TV Bandeirantes uma semana depois de ter participado do programa Canal Livre na emissora.



Fernando Mitre⁹⁹

No final dos anos 80, a posição da Rede Bandeirantes no ranking de audiência em São Paulo oscilava entre o terceiro e o quarto lugares, disputando diretamente com a Rede Manchete.

Em 1989, os jornais *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil* tinham uma tiragem somada de menos de 1 milhão de exemplares diários. Por outro lado, a televisão, já era vista por praticamente a todos os 82 milhões de eleitores.

⁹⁹ Fonte: Site da TV Bandeirantes

Diante dos dados, Mitre propôs à Saad convidar os 21 candidatos à eleição para presidência do Brasil para debates em grupos que deveriam ser transmitidos ao vivo pela emissora. Apesar dos riscos de um programa ao vivo deste porte, devido às diferentes características dos candidatos com relação à cultura e caráter, Saad pensou nas vantagens que também adviriam como as notícias que gerariam na imprensa escrita, os comentários e a audiência politizada e de bom nível, além é claro, de ser uma produção barata. O projeto de Mitre, portanto teve boa aceitação e foi batizado de "*Encontros dos Presidenciáveis*".

Segundo Ninho Morais (2007):

"Os debates foram um marco político da Bandeirantes. Na época teve aquele clássico debate. Quinze debatedores: Aureliano Chaves, Paulo Maluf, Mário Covas, Ulisses Guimarães, Lula e um monte de gente. Seu João foi firme, fez um debate honesto, ao contrário do da Globo".

Houve quatro programas memoráveis, que iam ao ar aos domingos às onze horas da noite. Segundo Conti (1999, p. 247), uma enquete do *Data Folha* apontou que o último dos programas em que foram convidados Mário Covas e Afif Domingos, os dígitos da audiência chegaram à 22 milhões de pessoas.

Saad definia a Rede Bandeirantes de Televisão como apolítica, mas era sua emissora que liderou os debates dos candidatos transmitidos durante o período de redemocratização, abrindo espaço para as oposições se manifestarem, permitindo a convivência democrática das diversas opiniões, evitando a interferência de editoriais ou propagandas do governo disfarçadas de jornalismo.

Todos os presidenciáveis participaram dos debates e enviaram assessores ao *Canal Livre*, exceto Fernando Collor e o *PRN*.

Embora o *PRN* não mandasse representante, os assessores de Collor telefonavam a Mitre para reclamar das ofensas recebidas dos

outros candidatos através dos programas, mas o jornalista insistia que a melhor forma de responder às acusações seria enviar representantes do *PRN* ao *Canal Livre*.

Durante as eleições de 1989, Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello disputariam a vaga para presidente do Brasil. Collor fazia um tipo jovem, atraente, falante, quase um super-homem; ao passo que Lula, fazia o tipo metalúrgico humilde – poucos sorrisos, roupas simples, e um discurso verborrágico que prometia ao Brasil que a classe trabalhadora finalmente teria ascensão se ele fosse eleito.

O PT não fazia nenhuma pesquisa de opinião a respeito da imagem de Lula. Todo mundo na direção do partido dava palpites sobre como ele deveria se vestir e falar, mas Lula não seguia nenhum. Naquela época, detestava tirar fotos para cartazes, por ter que fingir um “sorriso” para a foto parecer melhor.

A estratégia do PT era não levar o candidato aos patrões da imprensa, pois esses representavam o poder e, portanto, seriam inimigos da classe trabalhadora.

Num dos poucos encontros com empresários da imprensa que aconteceram, houve uma iniciativa de João Saad de convidar Lula para almoçar no restaurante da emissora, no Morumbi.

Durante o almoço, além da participação de Lula e Saad, estavam também presentes Johnny Saad, Fernando Mitre, diretor de Jornalismo da emissora, o jornalista esportivo da casa Juarez Soares, vereador do PT em São Paulo e Ricardo Kotscho, assessor de imprensa de Lula.

No almoço, Lula - o candidato à presidência do Brasil desatou a falar efusivamente sobre reforma agrária e a atacar os latifundiários como fonte do problema.

Segundo Conti (1999, p.170), como Lula estava se empolgando com muita veemência nos ataques, Juarez Soares levantou-se de seu lugar à mesa e falou ao ouvido de Kotscho que ele avisasse ao

candidato para manear com esse assunto de reforma agrária, pois a família Saad era dona de grandes e adoradas fazendas no interior de São Paulo.

Nem Lula, nem Kotscho sabiam da situação, e como o assessor de imprensa não teve oportunidade – o candidato não foi avisado e continuou com o assunto até que se achasse satisfeito.

Novamente a personalidade de Saad, se impõe sobre a situação, e ao invés de irritado com o candidato, o Presidente da Bandeirantes distribui elogios à Lula, por sua sinceridade e autenticidade.

Considerando-se o conteúdo das entrevistas presentes neste trabalho¹⁰⁰, parece-nos que Saad apesar de ser um empresário muito rico, tinha uma grande preocupação com o pequeno produtor, com a sociedade, com o indivíduo e com o futuro do Brasil.

Em entrevista à autora (1998), Saad comentou:

“O Brasil precisa rever a distribuição de renda. Precisa trabalhar mais com a educação e saúde. Dar terra para o pequeno trabalhador. Na área da comunicação, o governo deveria propor mudanças na legislação, a fim de garantir a existência de várias redes. E essas emissoras deveriam ser mais regionais. Discutir o problema de cada região”.

24.3 Saad No Governo De Fernando Collor De Mello

Exatamente no dia 17 de dezembro de 1989 Fernando Collor de Mello derrotou Lula nas eleições presidenciais, e tomou posse em 15 de março de 1990.

Desde 1979 a Bandeirantes era transmitida ao Paraná e Santa Catarina, pelas afiliadas. José Carlos Martinez era o dono de quatro afiliadas no Paraná e em Santa Catarina, Saad estava associado à Rede Eldorado de Comunicações com mais três retransmissoras.

¹⁰⁰ Ver em anexo entrevistas integrais

Em 1990, segundo Tondato e Carrara, in Reimão (1997, p.42), a TV Bandeirantes já era campeã em porcentagem de transmissão de telejornalismo, frente às outras emissoras: somava 08 horas de telejornalismo semanais.

Segundo Conti (1999, p.526), em 1991, Saad soube que a Eldorado queria vender suas estações de televisão. Ao procurar a empresa para confirmar seu interesse na compra, caso fosse verdade, descobriu que elas já haviam sido vendidas para o próprio, que acabou por romper o contrato com a transmissão da Bandeirantes e começou a transmitir a Record.

Saad ficou perplexo e chateado, pois tudo acontecera muito rápido, e ao mesmo tempo, questionava-se qual a origem de tanto dinheiro que veio a aparecer nos negócios de Martinez.

José Carlos Martinez era amigo de Paulo César Farias e Fernando Collor de Mello e ajudara-os na campanha presidencial no âmbito paranaense. Um ano depois concorreu pelo PRN ao governo do Paraná, não foi eleito e resolveu entrar nos negócios de televisão. Queria ter a primeira rede nacional fora do eixo Rio - São Paulo.

A expectativa que se criou em torno do governo de Collor, que tentava se mostrar como um super-homem começou a ruir com as várias denúncias da imprensa sobre irregularidades em seu governo e sua parceria com o esquema de corrupção e tráfico de influências de PC Farias.

Contudo, foi em maio de 1992, que começou verdadeiramente o fim do governo de Collor. O irmão do Presidente, Pedro Collor, afastado do comando das empresas da família e profundamente revoltado, havia preparado uma fita de vídeo onde gravou um dossiê no qual fazia sérias denúncias de enriquecimento ilícito e o tráfico de influência contra Paulo César farias. A fita foi cedida à revista Veja e autorizada à publicação de seu conteúdo.

Na edição do dia 13 de maio, a revista publicou a primeira parte do dossiê. Nela, Pedro Collor acusava PC Farias de possuir inúmeras empresas no exterior.

Segundo Conti (1999, p.520), três dias depois o jornal "O Globo" trouxe a público, novas denúncias de Pedro, segundo as quais PC possuía mais empresas no exterior, além de contas bancárias em Miami, Nova York, Genebra, Zurique, Londres e Paris, nas quais movimentava milhões de dólares.

O mesmo autor afirma que no dia 18 do mesmo mês, o Jornal do Brasil publicou uma matéria em que o irmão do presidente incriminava Fernando Collor com a denúncia de que PC Farias havia montado "em nome do Presidente da República, um verdadeiro ministério paralelo para cobrar pedágio, ou participação irregular, sobre a liberação de verbas públicas", conforme constava no dossiê que seria entregue à procuradoria geral da república.

Saad foi pesquisando o ambiente e relacionando fatos, e assim, logo a resposta sobre a origem instantânea de tanto dinheiro de Martinez, logo ficou clara.

Segundo Conti (1999, p.526), vendo as ligações dos fatos, Saad no momento, decidiu não falar nada, pois havia descoberto recentemente que estava com câncer de mama, doença rara entre homens e teria que ir para os Estados unidos se tratar. Quando voltasse decidiria calmamente o que fazer.

Na edição no. 1188 de 08 de julho de 1992, a reportagem de capa da revista Veja mostrou com depoimento exclusivo de Eriberto França, o motorista da secretária particular de Collor Ana Acioli, como várias contas correntes "fantasmas" eram usadas por PC Farias para fazer os depósitos bancários. No entanto, Collor afirmava não ter contato com Farias praticamente desde a posse.

A revista revelou que PC Farias depositava dinheiro na conta de "Maria Gomes", na verdade um "fantasma" de Ana Acioli. Ana dava o

dinheiro para Eriberto pagar os funcionários da Casa da Dinda, residência do presidente em Brasília.

No dia 26 de maio do mesmo ano, por solicitação de parlamentares do PT, o Congresso nacional instaurou uma CPI, para apurar as denúncias de Pedro Collor. A CPI se iniciou efetivamente em 4 de junho, com o depoimento de Pedro Collor. Em outra sessão, desta vez no dia 16 de junho, o empresário paulista Takeshi Imai, ao depor, acusou PC Farias de chefiar um esquema de extorsão de empresários.

Diante das descobertas da CPI, o impeachment do Presidente passou a ser o assunto de quase todos os meios de comunicação no Brasil.

Eriberto divulgou também que quitava as contas de luz, telefone e outras despesas eventuais da Casa da Dinda. Após tantas denúncias, Eriberto foi convocado para depor no Congresso.

Bombardeado pelos parlamentares governistas, confirmou todas as informações publicadas pela revista e saiu-se muito bem. Questionado pelo deputado Roberto Jefferson se estava agindo apenas por patriotismo, respondeu: "E o sr. acha pouco?".

Segundo Conti (1999, p.526), ainda em 1991, Martinez procurou PC Farias para emprestar-lhe dinheiro para concluir um negócio com Silvio Santos, pois havia comprado a TV Corcovado – no Rio de Janeiro por 15 milhões de dólares. PC emprestou-lhe 8,4 milhões de dólares, dando-lhe cheques de correntistas-fantasmas. Interessava à PC e a Fernando Collor que o amigo estivesse à frente de uma rede de TV.

Martinez em 1992 também fechou contrato com a rede Gazeta de São Paulo. Com o nome de Rede OM, sua empresa foi ao ar em março de 1992. Cláudio Vieira assessor de PC fechou dois contratos, no valor de 700 mil dólares, para colocar propaganda governamental na emissora do amigo de PC e Collor.

No dia do depoimento de Eriberto França, João Saad já estava de volta a São Paulo, chegara de Pittsburgh, nos Estados Unidos, onde esteve num centro hospitalar especializado em câncer de mama, e ali lhe foram aplicadas sessões radioterápicas cuidadosamente feitas para não danificar as pontes de safena que anos antes, havia implantado no coração.

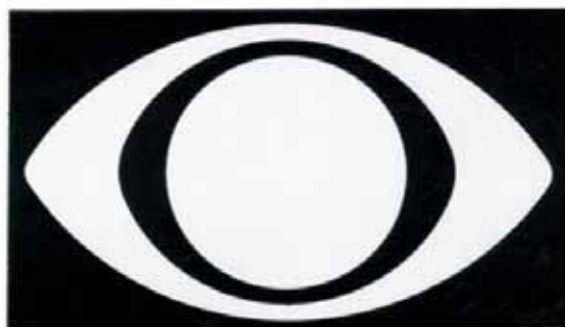
Quanto à situação das denúncias sobre Collor, a análise de Saad constatou que o Presidente não podia contar mais com a mídia impressa que estava toda empenhada em dar visibilidade à crise no governo. Segundo Conti (1999, p.619), lembrando-se do fato ocorrido com José Carlos Martinez e as emissoras de Santa Catarina, agora era a hora de colocar em evidência as trapaças ocorridas. Determinou então que a TV Bandeirantes transmitisse ao vivo, e na íntegra o testemunho do motorista Eriberto França à CPI, acreditando que o depoimento seria muito importante para o entendimento dos fatos e, muito provavelmente, não seria favorável à Collor, conseguindo assim que os telespectadores soubessem das ligações do presidente com Paulo César Farias.

O impeachment do Presidente foi então aprovado, mas Collor renunciou à presidência da República em outubro do mesmo ano.

25. As Últimas Ações De Saad Na Empresa

A partir de 1992, esporte, jornalismo e filmes eram o tripé da programação da emissora, que aumentava continuamente suas afiliadas. Também integravam a programação na década de 90, programas de entrevistas como “Flash” e “Silvia Poppovic”; e games shows como “SuperMarket” e “Melhor de todos”.

Em 1993, a Bandeirantes investe em criatividade e alta tecnologia em transmissão de jogos de futebol, adotando o slogan “O canal do esporte”.



Marca utilizada entre 1993 e 1994¹⁰¹

Na empresa, nomes fortes do segmento esportivo pontuavam o casting – figurando jornalistas especializados e ex-jogadores de futebol.

A emissora de TV alcançou ainda maior popularidade e virou quase sinônimo de esporte no Brasil em termos de transmissões do gênero.

Porém alguns percalços foram aos poucos mudando este perfil.

Em 1995, após 11 anos de trabalhos na emissora, o jornalista Juarez Soares demitiu-se da empresa transferindo-se para o SBT, e saiu acusando a TV Bandeirantes de censurar seu trabalho e de aceitar pressões dos cartolas do futebol. Em matéria no jornal “Unidade” (1995), Soares criticou duramente a emissora pelo fato do

¹⁰¹ Fonte: Arquivo da empresa

Diretor de Esporte da época (Luciano do Valle), tê-lo tirado de uma cobertura de final do campeonato brasileiro, alegando que as causas de tal exclusão derivavam de suas críticas ao então presidente da CBF – Sr. Ricardo Teixeira. Soares afirmou acreditar ainda que suas críticas à seleção brasileira, haviam irritado o dirigente da CBF, que portanto, manipulou as negociações de transmissão dos jogos do campeonato, favorecendo a Rede Globo e prejudicando a TV Bandeirantes.

Na mesma página do periódico citado há um artigo em que o jornalista Walter Silva discorre duras críticas ao Sr. Ricardo Teixeira, afirmando que suas oportunidades de trabalho devem-se ao fato do mesmo ser genro do Sr. João Havelange (Presidente da FIFA - Federação Internacional de Futebol Associação), criando um paralelismo com a situação vivida nos anos 1950, com o ex-patrão Saad e Adhemar de Barros.

Walter Silva, critica duramente o Saad, tratando-o como incompetente, e sugeriu ao Ministro das Comunicações da época, Sérgio Motta, que começasse a rever as concessões de televisão no Brasil.

Lembramos que o jornalista Walter Silva, é o mesmo que neste trabalho, faz referências à Rádio e à TV Bandeirantes e em sua longa entrevista à autora (2005) também afirmou:

“Depois, quando inaugurou a televisão, eu estava com ele (Saad), na suíte, ele falou para mim: “Não entendo nada de televisão. Mas eu vou entender.” E aprendeu tudo.... era um homem bom. Eu não posso dizer que tenho boas recordações dele, mas ele era um homem bom. Ele era. Ele escolheu os seus subordinados de maneira muito familiar, muito árabe... Mas a gente se saiu bem lá”.

Para depois, na mesma entrevista afirmar:

“...Ele não entendia, ele não concordava com idéias novas, ele não concordava com o progresso. Ele tinha mentalidade de dono de lojinha de tecido”.

Entendemos que a TV Bandeirantes e sua equipe de diretores tiveram que procurar saídas para conseguir novamente melhorar as condições das transmissões dos jogos, devido às ações de Teixeira como reação às críticas de Soares. Num mercado competitivo como o de hoje, não se justifica que um jornalista de esportes crie desentendimentos entre transmissoras e dirigentes da categoria fragilizando relações interdependentes.

Respeitando o ponto de vista do jornalista Juarez Soares, mas contrariando suas afirmações no periódico, entende-se que haja divergências entre pessoas diferentes; mas durante a produção deste trabalho, não identificamos alguém que categoricamente afirmasse que a empresa Bandeirantes enquanto gerida por João Saad, época em que se limita nossa pesquisa, se deixasse persuadir por questões unicamente comerciais, desprezando a ética.

Quanto às contraditórias afirmações do Sr. Walter Silva, fica nítida sua falta de empatia com Saad, mas em nenhum momento este se refere ao ex-patrão como anti-ético, ou fiel simpatizante deste ou daquele partido, em detrimento de valores morais, embora o texto que publicou no jornal “Unidade”, tenha sido um equívoco em sua afirmação de que Saad tenha “herdado” a empresa. Esta pesquisa mostra através de fontes primárias e secundárias, como foi a negociação com Adhemar de Barros, e como a visão profissional e o empenho de Saad, foram definitivamente decisivos para a empresa alcançar o sucesso de hoje.

Voltando ao “Canal do esporte”, em 1996, outro fato relacionado ao gênero “esporte”, na TV Bandeirantes, é assunto no jornal “Unidade” (1996).

O periódico cita uma reportagem da revista Placar que discorria sobre quatro jornalistas, Eli Coimbra, Luciano Jr., e Otávio Muniz, da equipe esportiva da TV Bandeirantes; e mais Luiz Orlando – apresentador de um programa na GNT – que sócios de uma empresa de intermediação de compra e venda de jogadores de futebol, estariam se utilizando da mídia em que trabalhavam para se beneficiarem em seus outros empreendimentos, sendo qualificados pela revista Placar de “Piratas”.

A matéria da Placar, segundo o “Unidade” (1996), revoltou os jornalistas, que afirmaram que entrariam com ações cíveis e criminais contra a revista.

Logo após a publicação da matéria na revista Placar, houve a transição na direção de esportes, passando o cargo de Luciano do Valle para Juca Silveira.

A posição da TV Bandeirantes, através da pessoa do então novo diretor de esportes, foi escrever à revista elogiando os três jornalistas e funcionários, e esclarecendo que neste caso, as duas carreiras profissionais eram incompatíveis.

Pela pessoa de Juca Silveira, a direção da TV Bandeirantes pediu então aos jornalistas que escolhessem apenas uma das áreas para atuar, caso lhes interessasse continuar na empresa. Luciano Jr. e Otávio Muniz decidiram continuar na Bandeirantes, ao passo que Eli Coimbra, optou por continuar com a empresa de intermediação na compra e venda de jogadores e se afastou da emissora.

A partir de 1998, a TV Bandeirantes procura desligar-se do slogan “Canal do Esporte” e investe em áreas diversas que incluem a produção de programas femininos, jovens, infantis, sitcoms (comédias de situação) e seriados estrangeiros conhecidos como “enlatados”, além de aprimorar especialmente sua programação jornalística.

O departamento de esportes da emissora foi terceirizado e fica então sob os cuidados da Traffic, uma produtora especialmente

dedicada a transmissão de eventos esportivos. A emissora investe ainda em uma programação alternativa e diversificada.

25.1 Novamente Investimentos No Jornalismo

Em 1989, Saad contratou Alberto Luchetti para realizar o trabalho de colocar no ar 24 h de jornalismo, e em 1992, este resultado é reconhecido publicamente, sendo inclusive citado em matéria no jornal "Unidade" (1992), como sendo referência para outras emissoras e mídias. A matéria do referido jornal, cita várias reportagens em que a Bandeirantes esteve presente, revelando fatos com maior agilidade e imparcialidade.

Para Luchetti, o raciocínio foi: *"...aumentar as equipes de jornalismo e concentrar os esforços na reportagem e no trabalho investigativo.. A apuração se tornou mais ágil e focada na perseguição do furo jornalístico"*.

O Unidade (1992), cita várias reportagens em que a Bandeirantes foi referência para outras mídias, tendo sido citada por essas mídias como fonte. Foram assim os casos do acidente aéreo, em 14 de maio de 1992 com a banda "Os Mamonas Assassinas"; também a venda de documentos falsos em frente a sede da Polícia Federal, em matéria do jornalista Milton Parron – que se utilizou do nome do personagem Zorro – "Diego de La Veja" e a demissão pelo "ar" - do secretário municipal de transportes Walter Coronado, pelo então prefeito Paulo Maluf, em entrevista ao vivo. Para Luchetti o raciocínio era: "Uma ficha telefônica pode se transformar em um repórter ao vivo".

Como veio sendo desde o início de sua carreira de empresário, a política de trabalho de Saad permitia interlocuções. Não que vez ou outra não houvesse imposições, próprias de quem lidera grupos, mas essa característica de ouvidos abertos, sempre foi marcante. Na gestão de Luchetti, chegou-se a criar três comissões que se reuniam periodicamente, na tentativa de se manter um bom nível de trabalho,

coerente com a realidade econômica do momento e o equilíbrio de orçamentos. São estas as comissões formadas por radialistas, outra de jornalistas, e por fim, uma terceira comissão formada por pessoas de diferentes áreas: motoristas, operadores, jornalistas, radialistas e outros.

Nas palavras do próprio Luchetti, em entrevista ao jornal *Unidade* (1996):

“Adoto um comportamento de abertura, contando tudo o que acontece na empresa, onde entram as dificuldades e as alegrias. Com esse procedimento, o funcionário sabe que há transparência e, portanto, critério para uma demissão quando for o caso”.

De fato na época, a Rádio Bandeirantes fez alguns cortes, mas Luchetti garantiu no *“Unidade”* (1996), que as dispensas não provocaram mal-estar entre os funcionários justamente em função da política de diálogo.

Segundo o jornal *Unidade* (1996), o diretor de jornalismo da Rádio Bandeirantes afirma que os patrões (Saad e Johnny) não interferem no trabalho do departamento de jornalismo da emissora. E ainda lembra 1994, como argumento para sua análise, afirmando que este foi justamente o ano em que o Brasil escolheu um novo presidente da República, os novos governadores, senadores e deputados. Luchetti afirma ao jornal que *“...teve toda a liberdade para colocar em prática o planejamento da cobertura que a rádio ia fazer”*.

25.2 O Canal 21

Sempre disposto a inovar, Saad colocou no ar, em 1996, o Canal 21 exibido pelo canal 21UHF em São Paulo, (hoje Rede 21 distribuído via UHF e assinatura pela NET), a primeira emissora de TV no Brasil que se dedicou exclusivamente a uma região metropolitana. O Canal 21 foi fundado no dia 21 de outubro de 96 e teve como pilar

inicial uma programação local que misturava jornalismo com entretenimento – com ênfase na exibição de filmes. Mario Baccei, seu primeiro diretor, quis consolidar o 21 como um canal voltado para o público das faixas A e B. Tempos depois, o canal fez exibiu séries clássicas, como Jornada nas Estrelas, Os Monkees, O Incrível Hulk e Jeannie é um Gênio, entre outras¹⁰².

Segundo MATTOS (2000), em fevereiro de 2000, já existiam três milhões de assinantes de TV paga no Brasil, abrindo-se assim nova fonte de crescimento para a Rede.

Ainda em 1996, João Saad inaugurou na Rua Minas Gerais, em São Paulo, a maior torre de TV da América Latina.



Marca utilizada entre 1995 e 1996¹⁰³

25.3 Saad, Roberto Marinho E A Antena

Embora tenha sido um grande empresário, a personalidade de Saad e sua história de vida sempre nos mostra um homem dotado de grande senso ético.

Em entrevista à revista *Imprensa* (1988), Saad afirmou:

¹⁰² Atualmente, estas séries saíram do ar, devido a parceria de dez anos firmada recentemente entre a *Rede 21* e a empresa *Gamecorp*, que está assumindo gradativamente o controle de grande parte da programação. O nome do canal deverá ser mudado em breve para *PlayTV*. A *Gamecorp*, que tem entre seus sócios Fábio Luís Lula da Silva, filho do presidente Lula, produz basicamente programas sobre video-games e clipes. Fonte: <http://retroty.uol.com.br/noticias/2006>. Acesso em 22/02/2007

¹⁰³ Fonte: Arquivo da empresa

“Sou um liberal. Pela democracia, não pela baderna. Pelo centro, em que o homem trabalha, como acontece na Europa”.

Em evento gravado na Associação dos Dirigentes de Vendas e marketing do Brasil (ADVB), em 28 de julho de 1997, Saad relata a transição das antenas da TV Bandeirantes e a relação do assunto com Roberto Marinho – Presidente das Organizações Globo.

Segundo Saad, na época da instalação da primeira antena da TV Bandeirantes, os engenheiros da empresa o aconselharam a construir a base no Pico do Jaraguá, ao que Saad atendeu, vindo a locar espaço na época também para a Rádio Excelsior. Roberto Marinho, no mesmo ano estava instalando a Rede Globo em São Paulo, e seguindo a orientação de seus engenheiros preferiu instalar sua antena no Hotel Nacional, na Avenida Paulista.

Passado algum tempo, Marinho e seus engenheiros, chegaram à conclusão, de que naquele momento a Avenida Paulista não era o melhor lugar, e então foi pedir auxílio à Saad, que em discurso no evento acima citado, descreve o corrido da seguinte forma:

“O Dr. Roberto Marinho também estava montando a estação dele em São Paulo. ... Um belo dia ele me ligou, foi ao meu escritório e disse que os engenheiros dele tinham errado, que o melhor lugar era o meu. Eu já sabia, e ele disse “preciso que você me ceda”, eu disse “eu vou ceder Roberto”, ai fomos lá, ele olhou a torre, gostou, porque realmente é um monumento para São Paulo, que vai estar sempre lá, você chega de avião e já vê aquilo.”

Passados alguns anos, o perfil técnico das transmissões mudou, e novamente a Avenida Paulista configurou-se como o melhor ponto para a instalação das transmissões de TV. Saad relata em seu discurso acima citado, que foi então procurar Roberto Marinho, para

pedir-lhe espaço na antena que ele ainda tinha na região da Paulista, e a resposta de Marinho transmitida à Saad via José Bonifácio sobrinho, o Boni, foi uma resposta negativa.

Saad questionou Boni do por que na negação, ao que esse responde:

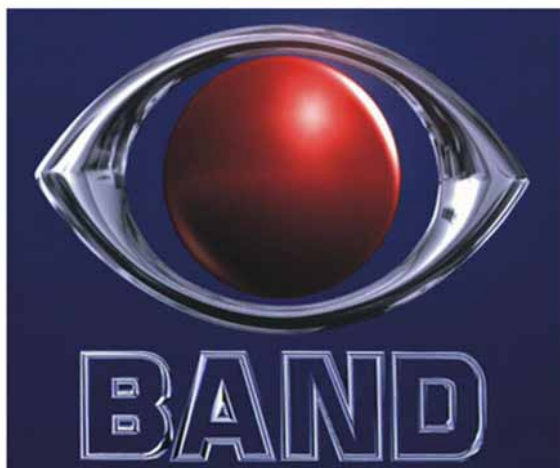
“Pois é, eu falei com o Sr. Roberto e ele falou - “é que o João é bom, eu não sou”.

João Saad manteve essa mágoa por muito tempo, e no evento da ADVB desabafou, contando a todos o ocorrido, mas como em outras vezes em sua vida, não se abalou e foi em frente construindo a maior torre da América Latina. Ainda no discurso da ADVB acrescenta:

“Cada um tem seu jeito, e nós tentamos achar um outro lugar para a torre, porque quase todos vinham pra cá, não foi possível...Não consegui com nenhum colega e montei essa aí, e de raiva eu fiz a maior de todas, é a mais alta da América Latina, tem duas televisões e cabe mais duas. Se algum colega quer, abrimos negociações, é verdade. Era bom que não existisse esse paliteiro que tem em São Paulo, mas às vezes os homens não sabem concorrer, às vezes a garra, a gana impede que você tenha um lugar. Minha criação foi outra, eu vim de uma escola, a Rua 25 de Março, que é uma academia, lá se aprende a correção, modos, coleguismo; mas estamos andando, estamos subindo, estamos crescendo.”

E ainda:

“Somos tema irradiante na Avenida Paulista, composto pela torre de 210 metros, os potentes transmissores do canal 13 e do canal 21, todos de última geração, e mais os transmissores da Band FM, investimos valores superiores a 30 milhões de dólares.”



Marca utilizada entre 1996 e 1997¹⁰⁴

Em 1997, a Rede Bandeirantes de Televisão comemorou seus trinta anos de fundação, com 84 emissoras, sendo 73 afiliadas próprias, que cobriam 94% do território nacional.



Saad em seu escritório¹⁰⁵

Para Saad, foram 51 anos liderando um grande grupo empresarial, enfrentando e vencendo todas as crises que abalaram o Brasil neste período.

¹⁰⁴ Fonte: Arquivo da empresa.

¹⁰⁵ Arquivo Pessoal de Maria Leonor Saad

Em tom de despedida, no discurso de agradecimento da homenagem prestada pela ADVB (Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil), em 1997, Saad pontua talvez seus últimos desejos:

“Imagino, talvez, pretensiosamente, que para os novos empresários recém chegados a esse meio, a palavra de um antigo combatente possa ser o registro de uma experiência, capaz de ajudá-los a construir o seu caminho. Espero que juntos possamos encontrar os melhores caminhos para engrandecer esse país e ampliar a fraternidade entre as pessoas, de modo a construir, para os nossos próximos, uma comunidade feliz. A minha maior esperança é que a nova geração que nos substituirá em um futuro próximo, bombardeada cada segundo por excessiva gama de informações possa vir a ser interprete de uma nova era, e possam exercer suas atividades com as cabeças voltadas para as profundas modificações que a modernidade vai trazer pra nós. Só com educação e informação chegaremos à economia de mercado e a democracia. Vamos ter que alterar conceitos e valores sem perder da vista as ambições do passado que ajudaram a construir as certezas do presente. Desejo a todos um feliz ingresso no novo milênio, e que lá, nesse amanhã tão próximo, possamos encontrar o caminho da felicidade, meta de todos os homens.”



Marca utilizada em 1998¹⁰⁶

¹⁰⁶ Fonte: Arquivo da empresa.

26. A Despedida

João Jorge Saad morreu num domingo, 10 de outubro de 1999, em São Paulo, aos 80 anos, em sua casa, vítima de câncer generalizado.



Marca utilizada em 1999¹⁰⁷

¹⁰⁷ Fonte: Arquivo da empresa.

CONCLUSÃO

Segundo a psicóloga Rejane Maria Gomes Leite Natel (2008), a construção da personalidade de um indivíduo resulta de muitas fontes, que vão desde o Q.I (Quociente de inteligência) nato dessa pessoa, passam por questões sociais; o contexto em que ela está inserida; as questões coletivas que lhe são impingidas; sua história de vida; o meio em que ele vive e também se origina do contato com questões históricas de conhecimento e de desenvolvimento no âmbito familiar.

Saad veio de uma família de cultura árabe, que tem como valores principais a família, a educação e o empreendedorismo. Esses três aspectos de sua cultura familiar, desde cedo, começam a moldar sua personalidade. Segundo a pesquisadora de cultura árabe – Marlise Vaz Bridi (2008), na estrutura familiar básica, o pai é o grande provedor, a ele cabe a fala, o papel de provedor e protetor; à mulher – mãe, destina-se o silêncio, a casa, os filhos. Entre os filhos, estabelecem-se o respeito/temor ao pai, o amor à mãe e a cumplicidade e ou rivalidade dos irmãos.

Tais características relativas aos valores familiares de João Saad ratificam-se nesta pesquisa, que também aponta para sua característica de sempre estar à frente de tudo que ocorria na empresa, ou melhor, numa de suas empresas – a Bandeirantes - nosso foco de estudo. Neste trabalho, Cyro Dell Nero (2006) relatou o fato de o empresário possuir uma chave mestra de todas as portas de salas da TV Bandeirantes, para irritação de Walter Clark.

Como administrador, Saad, de certa forma, também se tornou provedor de seus funcionários, criando vínculos afetivos com muitos, principalmente os do início da história da empresa. Sendo comparado carinhosamente a um “paizão”, por Silvia Jafet (2007). Não se trata aqui de tentar mostrar um homem “santo”, mas, pesquisando,

constatamos casos que exemplificam esse perfil “provedor”, como a não-contratação do já consagrado nacionalmente locutor esportivo Osmar Santos, por sugestão de Walter Clark, na intenção de preservar os antigos locutores da casa, também talentosos - Fiori Gigliotti e Pedro Luis. Pode-se citar ainda a greve dos jornalistas de 1983, ocasião em que Saad libera Silvia Jafet, ou melhor, aconselha a sobrinha e Diretora de Jornalismo a aderir à greve, esclarecendo-a sobre as conseqüências profissionais que se lhe apresentariam, caso ela não aderisse ao movimento de classe.

Nesse sentido, voltando aos valores que constroem uma personalidade, retomamos a passagem da entrevista de Saad (1998), citando o comércio da Rua 25 de Março como uma “escola”, no sentido de não haver uma competitividade agressiva entre os comerciantes da rua. Ao contrário, Saad relata que havia um coleguismo, chegando até a possibilidade da indicação de um lojista para o concorrente, caso o cliente não encontrasse o que procurava em sua loja.

Clark (1991, p.145), em sua obra, afirma que Saad sempre “conviveu bem com os concorrentes”. Assinalamos aqui outra mostra de posicionamento de personalidade: o caso dos incêndios das emissoras de TVs paulistas, em 1969. Quando houve o incêndio da TV Globo, o dono da Bandeirantes logo se propôs a emprestar seus estúdios à emissora incendiada.

Mais uma situação de coleguismo com o concorrente, ocorre na passagem deste trabalho, quando citamos o discurso de Saad na ADVB (Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing de São Paulo, 1997), sobre a instalação da antena da Bandeirantes no Pico do Jaraguá. Sendo Saad o dono da área, a pedido de Roberto Marinho, cedeu esse espaço para a instalação da antena da TV Globo. Anos depois, quando, por motivos técnicos, a maioria das emissoras de comunicação de São Paulo resolvem se transferir para a Avenida Paulista Marinho nega espaço para uma antena da

Bandeirantes em sua área, ao que Saad, ressentido, em seu discurso, tenta compreender e justificar.

Conti (1999, p.520) afirma em sua obra que Saad havia militado no Partido Comunista Brasileiro durante sua juventude e, segundo Ares (2005), numa volta a história, vemos, em 1937, no segundo mandato de Getúlio Vargas, Saad, aos 18 anos de idade, com a atitude de procurar o Presidente da República pessoalmente para discutir e entender melhor o governo e saber qual partido era melhor.

De 1962 a 1978, Saad apoiou Vicente Leporace e o seu programa "O Trabuco", que, com humor, fazia críticas ao sistema de governo em todas as suas esferas – municipal, estadual e federal; Éspér (2007) afirma em sua entrevista que, várias vezes, Leporace teve problemas com a Justiça Federal. Nonô Saad (2007) assegura que acompanhou o pai em algumas idas ao DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), para liberar o radialista.

Em 1964, no apoio à posse de João Goulart, o Saad que se mostra é confiante, participativo, crente de que estava dando sua colaboração para o que era correto para o Brasil, naquele momento. Conti (1999, p.523) afirma em sua obra que a Bandeirantes se conectou à Cadeia da Legalidade, que apoiava Goulart. Essa ação isolada do empresário, em São Paulo, podia causar-lhe grandes danos, desde perseguição política até a perda de concessão da Rádio. A posse de Jango não era apoiada pelos políticos que estavam no poder, mas Saad fez o que achou correto para o país .

Em 1978, quando ocorreu o movimento sindical dos metalúrgicos da região do ABC, em São Paulo, a Rede Bandeirantes deu total cobertura aos eventos e, segundo o Jornalista José Paulo de Andrade (2007), Saad incentivava a total cobertura dos fatos.

Em 1982, nas eleições diretas para o Governo de Estado, no Rio de Janeiro, vemos o apoio de Saad a Leonel Brizola, denunciando, no

jornalismo da Bandeirantes, a constatada fraude da empresa Proconsult, responsável pela contagem oficial de votos.

Temos também o apoio pioneiro da Rede Bandeirantes ao movimento “Diretas Já”, em 1983, quando a democracia no país ainda engatinhava.

Em 1986, nas eleições para o Governo do Estado de São Paulo, quando as pesquisas apontavam a vitória de Orestes Quércia, Saad sugeriu que o programa jornalístico “Canal Livre” abrisse espaço para uma discussão com o provável futuro Governador sobre o escândalo da “raspadinha”, que envolvia diretamente o candidato. Se Quércia fosse eleito, a Bandeirantes poderia ficar fora do pacote publicitário do governo, como de fato ocorreu durante um ano, conforme aponta o Jornal Unidade (1988).

Outro caso que aponta para um senso de cidadania ocorreu em 1992, na queda do governo Collor, quando a Bandeirantes transmitiu com exclusividade e na íntegra o depoimento, no Congresso, da principal testemunha de acusação do caso, o motorista Eriberto França.

Nos 51 anos em que esteve à frente da Rádio Bandeirantes e, posteriormente, do que se transformou em Grupo Bandeirantes de Comunicação, Saad esteve presente em importantes eventos da história recente do Brasil. Todas as suas contribuições diretas ou indiretas, provêm de uma direção que, segundo os entrevistados presentes neste trabalho e tantos outros depoimentos informais de funcionários e ex-funcionários, permitia que fossem produzidos conteúdos jornalísticos isentos de interesse em vantagens pessoais. Importavam, sim, os valores da cidadania, considerando-se o respeito e a participação nas decisões da sociedade, para a melhoria de condições de vida de todos.

Os casos citados aqui, em razão de sua importância, já seriam suficientes para comprovar a visão pluralista de Saad e sua contribuição no processo de crescimento e estabilização da

democracia brasileira. Mas somam-se a isso, também, ações, apoio e liberdade para suas equipes de jornalismo na criação de formatos que marcaram época no gênero, além de influenciarem toda uma geração de ouvintes, como no caso dos programas radiofônicos “Primeira Hora”, “O Trabuco” e “Titulares da Notícia”.

Concordamos com o jornalista Fernando Mitre, para quem Saad tinha uma visão pluralista do jornalismo e da democracia.

Com relação à transmissão televisiva, suas contribuições vão além da experimentação com a TV em cores, o satélite, ou a antena de transmissão de última geração, localizada em São Paulo. Suas cooperações mostram-se também quando ele dá espaço para experimentações de formatos e linguagens novas na área jornalística, como em “Marília Gabriela Entrevista”, “Canal Livre”, “Titulares da Notícia” e os debates com os candidatos à Presidência da República.

Para o problema proposto nesta tese, se Saad interferia no conteúdo jornalístico de suas emissoras, buscando vantagens pessoais, prendendo-se a algum partido, com base nos resultados da pesquisa aqui apresentada, concluímos que a hipótese inicial estava correta: a resposta é não.

Saad exerceu uma gestão politicamente plural e deixou sua contribuição com a transmissão jornalística nacional isenta de partidos políticos e interesses pessoais; mais do que isso, deixou uma marca forte em telecomunicações, construída em cima do capital nacional e coerente com o que se espera de integridade, ética e cidadania.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Perseu. Padrões de Manipulação na Grande Imprensa. São Paulo: Ed. da Fundação Perseu Abramo, 2003.
- AMARAL, Luiz. Técnica de Jornal e Periódico. São Paulo: Ed. Tempo Brasileiro, 1988.
- BAUM, Ana (org.) Vargas, Agosto de 54. A História Contada Pelas Ondas do Rádio. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.
- BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. Jornalismo de TV. Ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.
- BORGES, Vavy Pacheco. Que é História. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000.
- CALDEIRA, Jorge. Mauá – Empresário do Império. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1996.
- CÂNDIDO, Antônio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- CARR, Edward Hallet. Que é História? Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 8ª. ed., 2002.
- CASTRO, Ruy. Estrela Solitária – Um Brasileiro Chamado Garrincha. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1996.
- CERTEAU, Michel DE. A Operação Histórica. São Paulo: Ed. Cidade, 1999.
- Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. Rio de Janeiro: Ed. FGV 2ª ed., 2001.
- CLARK, Walter. O campeão de audiência – Uma autobiografia. São Paulo: Ed. Best Seller, 1991.
- CONTI, Mário Sérgio. Notícias do Planalto. A Imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1999.
- COSSO, João. ANDRADE, Ricardo Antunes; BIANCHINI, Sandra Maria. São Paulo: Cópia Reprográfica, TCC – Universidade Cruzeiro do Sul, 2003.

FERNANDES, Terezinha Fátima Dagé Dias. Sociedade Midiática: Significação, mediações e exclusão. Org. Dirceu Fernandes Lopes, Eugenio Trivinho. Santos: Ed Universitária Leopoldianum, 2000.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: O Veículo, a História e a Técnica. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2000.

FOLHA DE S.PAULO. Ilustrada, edição de 17/10/99, p.08
_____. Ilustrada, edição de 05/12/04, p. 09
_____. Ilustrada, edição de 05/05/05, p.10

FRANCO, Carlos Alberto di Franco. Jornalismo, Ética e Qualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GONÇALO Jr. O País da TV. A História da Televisão Brasileira. São Paulo: Ed. Conrad do Brasil, 2006.

HALL, Stuart. A identidade Cultural na Pós Modernidade. Rio de Janeiro: Ed. Empório do Livro, 2001.

HILLMAN, James. O Código do Ser. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1997.

JUNG, Milton. Jornalismo de Rádio. São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo na Era Virtual - Ensaios sobre o Colapso da Razão Ética. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

LAGE, Nilson. Estrutura da Notícia. São Paulo: Editora Ática, 1999.
_____. A Reportagem – Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa em Jornal. São Paulo: Ed. Record, 2003.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando; CARNEIRO, José Alan Dias; RAMOS, Plínio de Abreu. A Imprensa Faz e Desfaz Um Presidente. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LIMA, Fernando Barbosa. Nossas Câmeras são seus olhos. Rio de Janeiro, Ed. Ediouro, 2007

LIMA, Edvaldo Pereira. O Que É Livro-Reportagem. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

_____ O Livro-Reportagem Como Extensão do Jornalismo Impresso: Realidade e Potencialidade. São Paulo: Dissertação de Doutorado ECA/USP, 1990.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 3ª. Edição, São Paulo, Ed. Atlas, 2000.

MANZANO, Rodrigo. "O Pulo do Gato". Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 02 a 06 de setembro de 2003.

MARTINS, Fábio. Senhores ouvintes, no Ar...A Cidade e o Rádio. Belo Horizonte: Ed. Com Arte, 1999.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. História Da Televisão Brasileira – Uma Visão Econômica, Social E Política. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

MATTELART, Armand. A Globalização da Comunicação. São Paulo: EDUSC. 2a. ed., 2002.

_____. Comunicação – Mundo. História das Idéias e das Estratégias. Petrópolis: Ed. Vozes. 2a. Ed. 1996.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista – O Diálogo Possível. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

_____ Notícia, Um Produto à Venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1978.

MOREIRA, Sonia Virgínia. O Rádio No Brasil. Rio De Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1991.

_____ Rádio Palanque. Rio de Janeiro: Ed. Mil Palavras, 1998.

_____; DEL BIANCO, Nélia (org.) Desafios do Rádio no século XXI. RJ: Ed. Intercom, 2001.

MRAZ, Sandra de Camargo Rosa. Telejornalismo em Manchete: O Mundo em Flashes Descontínuos. Tese de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1989.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A Informação no Rádio: Os Grupos de Poder e a Determinação dos Conteúdos. São Paulo: Ed. Summus, 1985.

PARADA, Marcelo. Rádio: 24 horas de Jornalismo no Ar. São Paulo. Ed. Panda, 2000.

PIRES, Thyrso. Rádio Almanaque Paulistano. São Paulo: Ed. Thyrso Pires, 1951.

REIMÃO, Sandra (org.) Em Instantes. Notas sobre a Programação da TV Brasileira (1965 – 1995). São Paulo: Cabral Ed. Universitária, 1997.

REZENDE, Guilherme Jorge. Telejornalismo no Brasil. Um Perfil Editorial. São Paulo: Ed. Summus, 2000.

ROSSI, Clóvis. O que é Jornalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

SAMPAIO, Mario Ferraz. História do Rádio no Brasil e no Mundo. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1984.

SILVA Jr., Gonçalo. País da TV: A História da TV Brasileira Contada por Gonçalo Silva Jr. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

SOARES, Edileuza. A Bola no Ar, O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

SOBRINHO, José Coelho. Métodos e Técnicas de Pesquisa. São Paulo: ECA/USP, 1999.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Técnica de Reportagem – Notas sobre a Nova Narrativa Jornalística. São Paulo: Ed. Summus, 1986.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. Aprender Telejornalismo. Produção e Técnica. São Paulo: Ed. Brasiliense 2ª. Ed., 1993.

TAVARES, Reynaldo C. Histórias que o Rádio Não Contou. São Paulo. Ed. Harbra, 2ª. ed., 1999.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. A Tribo Jornalística – Uma Comunidade Interpretativa Transnacional. Florianópolis. Ed. Insular, 2005.

VAMPRE, Octavio Augusto. Raízes e Evolução do Rádio e da Televisão. Porto Alegre : Fundação Educativa Padre Landell de Moura, 1979.

VIEIRA, Geraldo Vieira. Complexo de Clark Kent. São Super-Homens os Jornalistas? São Paulo: Ed. Summus, 1991.

VILAS BOAS, Sergio. Páginas da Vida - A arte Biográfica e Perfis. São Paulo: Tese de Doutorado ECA/USP, 2001.

_____ - Perfis – O Que São e Como Escrevê-los. São Paulo: Ed. Summus, 2002.

_____ –Biografias & Biógrafos Jornalismo sobre personagens. São Paulo: Ed. Summus, 2002.

WOLFE, Tom. El Nuevo Periodismo. Barcelona: Editorial Anagrama, 1976.

FITA DE VÍDEO:

Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing de São Paulo – (ADVB), Fórum de Debates, Comunicação Global, São Paulo, 1997

PESQUISAS NA INTERNET (em ordem de acesso):

LIMA, Edvaldo Pereira. Apontamentos Breves Para Uma Futura História do Jornalismo Literário. Jornalite – Portal de Jornalismo Literário no Brasil. São Paulo, 2001. Disponível em

<http://www.jornalite.com.br>, acesso em 11/01/04

<http://www.band.com.br>, acesso em 15/02/2004

<http://www.pernambuco.com>, acesso em 18/09/2004

Narloch, Leandro <http://super.abril.com.br/superarquivo/2005>
acesso em 24/01/2006

http://www.aesp.org.br/historia_aesp.asp, acesso em 24/01/06.

<http://www.suapesquisa.com/vargas>, acesso em 23/01/06.

http://www.abert.org.br/p_abert_historia.cfm, acesso em 15/02/06.

<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/novo/historia>, acesso em 18/08/06.

<http://www.eticanatv.org.br>, acesso em 06/09/2006

<http://www.congressoemfoco.com.br>, acesso em 22/09/2006

<http://www.unb.br/ceam/nemp/deputados.html>, acesso em 20/10/2006

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso Xavier, Perspectivas do Mundo Árabe. <http://www.galizacig.com/index.html> Acesso em 13/02/07

http://pt.wikipedia.org/wiki/Walter_Clark. Acesso em 22/02/2007

<http://retrotv.uol.com.br/noticias/2006>. Acesso em 22/02/2007

SOUZA, Giane Maria de. <http://www.histedbr.fae.unicamp.br> Acesso em 12/03/2007

MONTEIRO, Ana Carla de Castro Alves. Os hotéis da metrópole. Evolução e história dos hotéis na cidade de São Paulo. Em <http://www.vitruvius.com.br/>. Acesso em 16/03/2007

<http://reposcom.portcom.intercom.org.br> BARBOSA FILHO, Prof. Dr. André Os gêneros no rádio paulista. Do pioneirismo ao advento da TV. Acesso em 17/04/2007

<http://www.oscariocas.com.br/criticas>. Acesso em 23/04/2007

<http://www.efem.com.br>. Acesso em 15/08/2007

<http://www.lopes.com.br> Acesso em 22/08/2007

<http://www.projetomemoria.art.br/JK/indice/indice02.html>. Acesso em 01/10/2007

ORDAS, Bianca. O "Veterano" da Radio Bandeirantes. <http://www.fiamfaam.br/boletim>. Acesso em 21/10/2007

CAMPOS, Sarmiento. O Movimento pela Legalidade <http://paginas.terra.com.br/arte/sarmentocampos/RedeLegalidade.htm>. Acesso em 24/10/2007

www.Acervoditadura.rs.gov.br. Acesso em 02/11/2007

<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar>. Acesso em 04/12/2007

<http://ofalacia.net/jango.htm> Acesso em 05/12/2007

<http://www.epoint.com.br> Acesso em 08/05/2008

<http://michaelis.uol.com.br> Acesso em 03/02/2007, 15/05/2008

PARANHOS, Taís. Repórter Esso: O Primeiro a Dar as Últimas
<http://www.folhadesaopaulo.com/2008/01/reprter-esso-o-primeiro-dar-as-ltimas.html> Acesso em 18/05/2008

KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso e a Globalização: A Produção de Sentido no Primeiro Noticiário Radiofônico Mundial*.
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6KLOCKNER.pdf> Acesso em 18/05/2008

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. 1964: O fim da reportagem na Emissora Continental do Rio de Janeiro.

<http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/resumos/R0090-1.pdf>
Acesso em 18/05/2008

BRIDIM Marlize Vaz. http://www.mackenzie.com.br/Pos_Graduação. Acesso em 02/05/2008

Periódicos:

Jornal Unidade. Ano 1, n°.3, outubro de 1975, p.04; p. 5;p.8;p.9.

_____ Ano 1, n°.11, junho de 1976, p.09.

Folha de São Paulo.

Estado de São Paulo.

O Globo.

Jornal da Tarde.

ENTREVISTAS ORAIS (ordem cronológica):

- João Saad. Presidente do Grupo Bandeirantes de Comunicação.
Entrevista concedida em 07/08/1996,
- João Saad. Presidente do Grupo Bandeirantes de Comunicação.
Entrevista concedida em 15/05/1998
- João Saad. Presidente do Grupo Bandeirantes de Comunicação
Entrevista concedida em 10/02/1999
- Dr. Ricardo Ares, assessor da presidência do grupo
Bandeirantes de Comunicação, Entrevista concedida em 17/05/05.
- Walter Silva, jornalista, Diretor de Programas. Entrevista concedida
em 10/11/05.
- Cyro Dell Nero, cenógrafo, Entrevista concedida em 18/05/06.
- Dra. Andréa de Ridder, assessora da presidência do grupo
Bandeirantes de Comunicação. Entrevista concedida em 26/05/06.
- Salomão Éspere, jornalista e locutor do programa "Jornal Gente",
Entrevista concedida em 10/10/2006 e 26/05/2008.
- João Saad, em 1996 – Entrevista concedida ao Prof e Pesquisador
Milton Parron.
- José Paulo de Andrade – radialista, locutor e diretor do programa
"O Pulo do Gato". Entrevista concedida em 04/11/2007
- Ninho Morais – Jornalista e ex diretor do Programa "Marília Gabi
Gabriela"; atual coordenador do curso de graduação de Cinema da
Faculdade Anhembí-Morumbi e Prof de Graduação na Faculdade
Cásper Líbero. Entrevista concedida em 11/11/2007
- Maria Leonor de Barros Saad. Filha de João Saad e atual Diretora
de Documentação e Assuntos Internacionais. Entrevista concedida
em 24/10/2007
- Sílvia Jafet. Diretora de Desenvolvimento do Canal Bandnews.
Entrevista concedida em 21/11/2007
- Fernando Mitre. Diretor Nacional de Jornalismo da TV
Bandeirantes. Entrevista concedida em 13/12/2007

- Mário Chamie. Poeta, Prof. Universitário e ex-Secretário de Cultura da Cidade de São Paulo (1979-1983). Entrevista concedida em 24/04/2008
- Muíbo Cury. Ator, Compositor e Radialista. Entrevista concedida em 26/05/2008
- Rejane Maria Gomes Leite Natel. Graduada em psicologia, especialista em Psicologia Analítica pela USF/SP e Mestre em Ciências da Religião pela PUC/SP. Entrevista concedida em 30/05/2008

Todas as entrevistas foram concedidas à autora deste trabalho, com exceção da entrevista com João Saad em 1996, que é de autoria do Jornalista, Prof. e Pesquisador Milton Parron, e nos foi gentilmente cedida.

APÊNDICE

1

Entrevista - Sr. João Jorge Saad concedida à Milton Parron, 07 de agosto de 1996

Seu João, o Sr. começou num ramo totalmente diverso do rádio, não é isso?

Longe disso ai, ouvia rádio como outro cidadão qualquer, de rádio não sabia nada, eu trabalhava com o meu pai, ele tinha um comércio na Rua 25 de Março, meu pai e meus tios, e eu não queria continuar mais meus estudos, já tava no último ano de ginásio, mas achei que até me formar, até fazer o curso de medicina, de engenharia, de direito, fosse qual atendesse, eu ainda iria demorar uns bons anos, e depois pra ser alguma coisa outros tantos anos, e ia naturalmente depender pra comprar cigarro, pra namorar, pra por gasolina no carro, do dinheiro do meu pai, e eu não queria. Desisti e fui trabalhar, papai também não fez por menos, quis implorar para que eu não desistisse dos estudos, não deixasse de fazer a matrícula, depois disse "ta bem, você quer trabalhar, vai trabalhar", e não pesava mesmo, então eu sai viajando, representando a casa de papai, por esse interior afora, em 1938.

O Sr. exercia aquela função que o brasileiro chama de caixeiro viajante, mascate.

Caixeiro viajante, mascate é outro, o que sai com a mercadoria e vai vendendo, a alguns até batiam com aquele negócio né, não foi o meu caso, mascate era um trabalho muito mais rude, mais difícil, isso foi papai que fez, ele veio em 1910 da Síria, desembarcou em Santos, não sabia falar português, tinha uma libra esterlina no bolso, e de lá tinha uma passagem reservada pra ele, e ele foi dar lá em Bebedouro, que fica perto de Monte Azul, que foi onde ele foi parar, despejou lá na casa de um tio dele. Chegada de quem veio do oriente depois de muitos anos, festa, banquete, três dias depois tiveram uma

conversa, ele disse “eu não vim aqui bem pra fazer banquete, nem vim aqui pra passear, o que eu faço?”, “primeiro você vai aqui no sertão de Rio Preto”, que era Monte Azul, “você não sabe nem falar a língua, então vai treinando, você vai ser mascate”, arrumou um cavalo bom pra ele montar, dois burros com mercadorias que meu tio cedeu pra ele, e ele saiu pelas fazendas vendendo. Trabalhou com um tio meu, irmão dele, trabalharam muito, foram pra guerra, depois da guerra trouxeram a família toda pro Brasil, não mais pra Monte Azul e sim pra São Paulo, e eu nasci lá, vim pra cá também com quatro anos de idade, 1924, com cinco anos aliás, e fui dar um pulo no ginásio, estudei, não quis mais continuar, e eu sai por esse interior afora representando a casa de papai, mas já sai com automóvel, era um Ford 38. Comecei de perto, pelo Sul de Minas, era um sertão danado, você saia de Bragança, em todas as estradas, inclusive a de São Paulo, eram de macadame, asfalto não existia, quando você passava a fronteira de Minas, ai você via que a vida era dura, tempo de seca, cada facção enorme, e você olhava assim e pensava “meu deus, quando começar a chover, como vai ser pra passar por aí, e eu não passo”, mas quando vinha à chuva a gente passava assim mesmo, enxidão no para choque do carro, e a gente passava por aquilo tudo, dormia na estrada, e aquilo pra mim além de ser um trabalho e um meio de vida era uma aventura, eu gostava. Quando encontrava um ou outro colega naqueles hotéis do interior de Minas, eu ouvia as queixas deles, longe da família, não era o meu caso, eu era solteiro, o desconforto, pra mim tendo uma cama limpa estava bom.

O Sr. tinha o costume de ouvir rádio, embora o rádio fosse coisa tão difícil na época?

Não, eu saia de São Paulo, o rádio não pegava, era um radinho pequeno que levava no carro, e não tinha alcance, estamos falando em 1938, isso era antes da guerra, o Brasil já vinha com aquele

equipamento todo, maquinaria de todas essas fábricas, toda obsoleta, não tinha transmissor que tivesse alcance, você só ouvia pipoca, com o barulho do motor, chegava em Santo Amaro você já não ouvia. E também eu não ligava pra rádio.

Não tinha uma emissora predileta?

Não tinha, gostava de música.

Não ouvia a Bandeirantes?

Eu ouvia tudo que pudesse ouvir, não sei se nesse tempo eu ouvia de passagem a Bandeirantes ou não.

Uma vez o Dr. Paulo Machado de Carvalho me disse o seguinte “naqueles tempos o conceito que a população tinha de quem trabalhava em rádio era de que eram pessoas vagabundas, ociosas, que não tinham nada pra fazer na vida, e se mulheres, gozavam de má reputação”. Você estava do outro lado nessa época, o Sr. pensava assim de quem trabalhava em rádio?

Não, eu não tinha mesmo muita adoração pelo rádio, eu não sabia, eu usava o rádio pra procurar uma música boa, não tinha nenhum conceito do rádio, mas quando eu fui pro rádio eu senti que o homem trabalhava em rádio não era bem recebido na sociedade, era tudo isso e até considerado cafajeste, e eu dou a mim o mérito, de quando fiquei com a Bandeirantes, começar a valorizar o radialista, o profissional de rádio. Era passeio, mudei de ramo, passei a ter, e passei a conviver, como todas as classes, tem gente boa e tem gente ruim, tinham excelentes pessoas, de um caráter fantástico, e tinham cafajestes, como tem em toda parte.

A rádio Bandeirantes foi criada em 1937, consta que o Dr. Ademar de Barros comprou em 1947, dez anos depois, e que

nesta primeira fase ela encontrou sérias dificuldades, porque não encontrava patrocinadores, a área comercial negava a Bandeirantes o respaldo necessário, e ela quase atravessa uma situação muito difícil. O Sr. tem conhecimento dessa primeira fase?

Tenho, e não foi 47, foi em 48, foi quando ele adquiriu a emissora e eu trabalhava lá nas minhas coisas, já tinha me mudado pra São Paulo, não viajava mais, de 38 pra 48 passou-se muito tempo, me casei, fiz minha casa, tava começando minha vida de família, e meu sogro me chamou, e disse “comprei uma rádio, com pretensões a Presidência da República, a campanha que vem vindo aí, e eu tenho lá dois homens extraordinários, um é profissional de rádio, conhecido, que é o Rabelo Junior”. Pra mim era desconhecido, não conhecia gente de rádio, “e o outro é o Prof. Antenor da Silva Negrini, que é um economista”, e de fato ele era um economista excelente e competente. Um vem e fala que ela tá na pior, “tá pessimamente administrada, tem gente demais, dá prejuízo e vai quebrar”. Vem o artista e diz que ela “está indo muito bem, tá indo cada vez melhor, e eu não sei o que eu faço, só sei que todo mês eu tenho que desembolsar naquilo que eu comprei, mais o dinheiro pra ela tocar, pelo amor de Deus vá ver aquilo pra mim”. Eu falei “eu vou, só que não é o meu negócio e eu não pretendo ficar, se o Sr. por ventura tiver alguma intenção, eu não vou ficar, não sei o que ganha, acho que não ganha quase nada, e eu volto pros meus negócios, vou dar umas horas lá”. E encontrei de fato isso, o economista revoltado com o artístico, que era quem ficava lá e não providenciava nada, nem a contabilidade, e contratou os melhores artistas que tinham naquela ocasião, Ivanir Ribeiro, Mario Lago, Dias Gomes, Gilberto Martins, uma porção, vários deles, eu não conhecia, era empresário.

Eles haviam saído nessa época da Pan?

Não sei, eu os encontrei lá, não sei de onde eles vieram. Quando eu fui dar uma olhadinha na Bandeirantes, na Rua Paula Souza, em 48. Porque eles alugaram um prédio em 48 e começaram a fazer a reforma, em um lugar, a meu ver, não apropriado, era uma rua de cereais, de atacadistas, você pra por o seu carro lá, não podia, porque tinham aqueles caminhões que carregavam e descarregavam, e pediam pra gente tirar o carro senão eles amassavam, de noite aquilo era um deserto, fechava era um sertão, até hoje, você vai na Rua Paula Souza de noite você não vê ninguém, ninguém te vê, não era lugar para uma rádio. Mas voltando ao que eu estava dizendo, eu disse "como vai isto aí", o economista me disse "tem um gasto enorme e tem uma venda nula", o outro dizia "eu estou com os melhores artistas do Brasil", "mas como é que você paga esse gente?", ele disse "bem, é isso que é o difícil", então precisava buscar do dono todo mês, e isso não era administrar, até que um dia juntei os dois e disse "olha, o Dr. Ademar não quer a estação pra ele, é um político, ele quer ser presidente, ele vai querer usar isso pra esse fim, me pediu pra dar uma olhada, eu vou ajudar no que for possível, se entendam, se acertem, cada dar de si o que tiver de melhor, pra levantar isso, tenho certeza que depois da campanha ele não vai querer, vai dar pra vocês". Mas não havia meio, você sabe que quando há ódio entre os homens é pior do que entre mulheres, não houve meio, até que o economista demitiu-se, o que me obrigava a ir mais horas por dia lá para poder acompanhar, e o artístico não queria acompanhar o lado prático, o lado administrativo, e um dia fiz um teste, era um bom psicólogo, ele disse "eu vou sair", eu pensei "meu deus, se esse camarada sair, eu que sou essa nulidade em rádio, não sei quem é artista, onde eu vou parar?". E um dia ele consumou mesmo, até de uma maneira brutal, e pediu demissão, e me deixou lá, fiquei com um medo desgraçado, mas eu tinha os meus brios, achei que era uma coisa feia que ele havia feito, mais respeitei, pensei "mas ele não volta mais", e procurei pessoas que pudessem

me orientar, fui até a fábrica de transmissores, era brasileira, tinha algumas.

Falei com o Dr. Inácio, que era o presidente, disse "olha, eu estou com esse negócio aqui, não é minha, tudo que eu for fazer ai é de uma responsabilidade danada, você que vende equipamentos para todas as rádios", não existia televisão ainda, ele disse "João, nós estamos saindo da guerra, 1948, fazia quatro anos, "todo esse equipamento que está ai é obsoleto", e era obsoleto, "ficaram todos esses anos sem renovar, se você não puser equipamento bom, e vou ser franco, até eu pra entregar um equipamento dos meus, das encomendas que eu tenho, ainda vai demorar um tempão, porque você não importa equipamentos", e eu importei um dos primeiros transmissores bons estrangeiros que chegaram ao Brasil, comprei um da General Eletric, lindo, que comparado com os fabricados aqui, eram completamente diferentes, os transmissores daqui trabalhavam algumas horas e você precisava parar, e refrigerar as válvulas, eram refrigeradas a água, era um ventilador, tinha que ficar na água, umedecia, esfriava. Esse já era um transmissor novo, que não precisava de água, era a ar mesmo. E eu fui trazendo equipamento, ele disse "se você não tiver um equipamento bom, todos esses grandes artistas que você tem, o Dias Gomes, Mário Lago, podem fazer o melhor programa que não passa da esquina, não passa do quarteirão", e foi o que eu fiz, todo esse pessoal que eu tinha lá que era uma jóia de cast, era o melhor do Brasil mesmo, mas eu não podia usá-los, eu não tinha equipamento, então por falta de dinheiro e de venda nós dispensamos todos eles, foi um andar inteiro com todos os artistas, ficaram alguns, ficou Ivanir Ribeiro, Mário lago um tempo, depois foi, ai começamos a fazer pelo esporte, me cerquei de gente boa, e fomos fazer o esporte, essa era uma das bases; e fui ver uma coisa, que essas rádios vendiam pros anunciantes, dois, três mil textos por mês. Inclusive a Bandeirantes, ai eu fiquei analisando, passava mais tempo lá, não havia tempo pra você por dois, três mil

textos, eu podia por quinhentos, seiscentos no máximo. Eu fui procurar os anunciantes e disse “olha aqui, nós estamos vendendo pra vocês dois mil textos mas eu não estou pondo dois mil textos”, eles disseram “nós sabemos disso, todos vocês do rádio vendem, dois, três mil textos, mas vocês não põe, por isso nós não pagamos, levamos vários meses pra pagar”, eu disse “pois é, eu vou poder te dar só seiscentos textos, quinhentos, quinhentos e cinquenta, mas é tudo anotadinho, e eu não vou vender pelo preço de dois mil, eu quero mais, mas eu vou te dar isso”. Começamos a dar respeitabilidade para a própria rádio, e para o próprio radialista. Até então eles não confiavam na gente, e o procedimento era esse. E eu tinha uma outra atividade, com um sócio meu, muito querido, e eu falei pra ele “não dá pra buscar dinheiro com meu sogro toda hora assim, porque eu não tenho paciência para isso, então eu vou dando do meu e depois eu acerto com ele”, e vinha uma campanha pra Presidência da Republica, nessa altura eu tinha equipado a rádio muito bem, como poucas no Brasil estavam equipadas, naquele tempo os gravadores eram de fio, era uma coisa difícil, e você gravava em disco de acetato, não é essa beleza que tem hoje, então nós mesmos gravávamos em fio, e passamos pra acetato, em disco, a propaganda e a música, fomos tendo conceito, eu não podia pedir dinheiro pros órgãos do governo, “nós não podemos dar verba pra você porque consta que a estação é do Dr. Ademar de Barros, então se nós formos dar é um negócio ilícito, é uma proteção”, então não davam porque ele era o governador, e isso não seria muito ético, e eu fui buscar no comércio, na indústria, onde eu tinha o meu relacionamento, e comecei a vender pra eles e entregar o que de fato eu vendia, não aquela barbaridade de coisas, começamos a importar artistas, trazer temporadas, começamos a fazer muitas coisas, a rádio começou a crescer, a ter seu conceito, aí veio à campanha, que foi uma coisa bonita, nós apoiamos Getúlio, Garcez, apoiamos o César Vergueiro pra senador, foi uma vitória espetacular do líder

Ademar de Barros, foi buscar o Getúlio lá em Itu, no Rio Grande do Sul, o fez presidente, e fez o governador Garcez presidente, e fez o senador.

Eu percebo que o Sr. fala do Dr. Ademar de Barros com muito carinho...

Com muito carinho, muito respeito, e muito amor, um dos grandes homens que eu conheci na minha vida, e meus filhos também adoram o avô, cada um tem na sua sala um retrato do avô, e de fato foi um grande brasileiro. Terminada a campanha eu procurei o meu sogro e disse "agora eu volto pros meus negócios, e ta aqui a tua estação, era uma porcaria quando peguei, me deu uma dor de cabeça, eu não tinha a paciência de ir lá buscar as verbas pro Sr., agora está aqui à estação, ta em ordem", não voltou nenhum daqueles lá, um tentou voltar, eu disse agora não volta mais, e eu me arrumei sozinho, ela já era uma estação conceituada, agora o Sr. pode ficar com ela e me dá essa parte que eu pus, tá aqui". Ele disse "nós vamos fazer um negócio, eu não quero rádio, não preciso de rádio, eu não te pago isso que você pôs, mas em compensação te dou a rádio inteirinha, mas em troca, eu sou político, toda vez que houver campanha você me apóia", eu disse "não, é o pior negócio do mundo fazer isto, o Sr. faria o melhor negócio da sua vida, numa campanha dessa o Sr. tira o valor de duas vezes, não faço". Mas como era meu sogro, eu tinha muito carinho por ele, lhe disse "vai ser o contrário, você vai fazer o melhor negócio da sua vida, eu vou ficar com ela sim", e de fato, com a venda que eu tinha feito, de outras coisas minhas, de meus negócios, eu parti da Bandeirantes e fui comprar outras estações, a primeira foi São José dos Campos, que eu tenho até hoje, comprei Lorena, comprei Jacareí, Minas, pra matar as saudades, que foi lá que eu comecei minha vida, comprei Lavras, Pouso Alegre, Mato Grosso, fui comprando uma porção de estações de rádio, então quando tinha uma campanha eu não dava pro meu

sogro uma campanha de uma estação de rádio, eu dava de uma rede, e dizia “ta vendo, o Sr. fez o melhor negócio da sua vida”. Um tempo depois do Getúlio estar eleito, eu fui ter uma audiência com ele, um bom tempo, ele disse “você sumiu, não pareceu mais desde o tempo da campanha”, ai eu fui, pra nenhum deles eu cobre, nem pro Getúlio, nem pro Dr. Ademar, ele não tinha que pagar o que era dele, eu disse “presidente, estou precisando de umas coisas”, minha estação era de cinco quilowatts, e você brigava aqui em São Paulo com gigantes como a Record, com a Tupi, de 100 quilowatts, não era brincadeira, era um massacre, imagina cem contra cinco? O que valia era o meu equipamento, tudo isso.

E ali era o auge do rádio?

Era o auge, já em 1950, 51. Ai eu pedi a Getulio que me desse às ondas curtas, e aumento de potencia, com isso eu poderia cobrir todo o Brasil com a rádio, e queria também um canal de televisão, já em 1950 tinha sido inaugurada a televisão de Assis Chateaubriand, e eu pedi então o canal. E ele, muito político, disse “vou ver”, e de fato depois de alguns dias foi saindo no Diário Oficial à concessão de uma onda curta, de outra, de outra, e depois da televisão, e com a onda curta nos cobrimos todo o Brasil, estamos falando em rádio, e a rádio cresceu mais ainda porque ela cobria o interior de São Paulo, aumentou sua potencia, eu equipei-a melhor ainda, mudei de local, comecei a pensar em televisão, e construí esse prédio aqui, onde eu abriguei a rádio Bandeirantes e montei a televisão.

O Sr. tinha ido apenas pra fazer uma gentileza para o sogro do ser., de repente expandiu os negócios de uma tal maneira, o que foi, o empresário, a visão do empresário que falou mais alto, ou foi o amor que o Sr. criou pelo veículo quando fincou o pé na Bandeirante na Paula Souza?

Olha meu repórter, o que é o destino, eu lá pensava quando eu estava nesse interior tentando ouvir alguma música, naquele tempo a gente tinha muita música portenha, era o Carlos Gardel, aquele outro substituto dele, depois de muito tempo veio o Lombardi.

O Sr. se lembra que trouxe a São Paulo o Francisco Canário?

Me lembro, se você me desse tempo eu lembraria de mais artistas que eu trouxe, trouxemos aquele mexicano muito bom, trouxemos o Frei Mojica, trouxemos conjuntos paraguaios, lindos, argentinos.

Alfredo Tirado Ortiz.

Exatamente, e era um gentleman, um homem preparadíssimo, era cantor e médico, era uma beleza, eram uns shows que fazíamos aqui, a rádio Nacional também me cedia artistas, aquela Paula Souza, de noite, que era um deserto, nessas temporadas, ficava um espetáculo, enchia de gente.

Tinha um intercambio com a Nacional...

Vinha Chico Alves, era um intercambio.

Tinha um convenio entre as duas?

Existia, o Vitor Costa era muito amigo, e quando eu precisava de um artista, Dircinha Batista, Heleninha Costa, Chico Alves, Orlando Silva.

Em compensação o Sr. cedia Dalva de Oliveira que substituiu o Chico Alves...

Dalva de Oliveira, João dias.

Hebe não?

A Hebe foi depois, ela surgiu já com a TV, canal cinco.

Vitor Costa.

Não era Vitor Costa ainda, era do Nabantino Ramos, da Folha. Essa é a história do rádio, é a história de São Paulo também. Então um dos fatores do nosso salto foi a mudança de equipamento, do velho pro novo, e eu aprendi até hoje que o que vale é a tecnologia, por isso a Bandeirantes é bem equipada, nós somos o primeiro a por satélite, a por cores, a por digital, e você tem resposta, tem uma identificação com o público, que ele sabe que você pôs uma coisa boa, e ele te responde com a audiência.

Tenho uns documentos aqui seu João...

A hora da saudade.

O que o Sr. tem a ver com o Morumbi? Porque eu tenho um documento aqui do Sr. João Jorge Saad assinando o documento de doação do terreno onde hoje está o Morumbi, o que o Sr. teve a ver com essa história?

Muita coisa, e entre outras atividades minhas eu era diretor da Aricanduva, que é esse conjunto imobiliário que vocês estão vendo aqui, houve um do bairro de Aricanduva, onde houve um loteamento nosso, muito bonito, muito bom, fazer lá naquela parte, em 1950, 55, tirar o morro, fazer aquilo plano, com água potável, foi uma revolução da técnica imobiliária, e aqui no Morumbi o São Paulo pleiteava, da diretoria do Morumbi, um terreno pra fazer o seu estádio, e eu como diretor fui um dos que tive a honra de assinar o contrato e a escritura de doação do terreno pra se fazer aqui o maior estádio particular do mundo.

O Sr. é São Paulino?

Corintiano (risadas). Esse destino tem muitas coisas, eu me dou bem com o pessoal de São Paulo, gosto deles, somos vizinhos.

É ai por volta de 1954 que surge a cadeia amarela, a mudança no jornalismo chamada RB 54, tinha isso né?

Exatamente, era RB 58. Tudo que tinha de inovação em rádio nós íamos fazendo, éramos já uma boa equipe, já não precisava tanto da minha presença lá na rádio, eu trouxe o Edson Leite, que é um homem famoso, no fim acabou sendo meu diretor, eu trouxe o Alberto Santos, que era um grande administrador, tínhamos o Murilo Leite, que era um grande diretor comercial, com essa equipe nós fomos fazendo mais filiais, ampliando, fomos fazendo da Bandeirantes a rádio mais ouvida do Brasil, nós chegamos a ter aqui mais de 76% de audiência, nos jogos da copa do mundo em 58 foi quando nós estouramos, quando surgiu o Pelé, nossa seleção ganhando, nós fomos até a Rússia, éramos atrevidos, com uma radinho pequena enfrentávamos todos nossos concorrentes com muito trabalho, com muita garra, no jornalismo, por exemplo, nós estreamos o nosso jornal Primeira Hora e pusemos os milhões de locutores que faziam o horário nobre da noite pra de manhã, as sete horas, e foi o jornal que ganhou de todos, os mais famosos jornais que existiam naquela época, foi por aí, em 58, e fomos buscar até o patrocínio do Bradesco, o jornal tem uns 30 e tantos anos, 34 anos, então nós estreamos e esse foi de fato, e é, um grande jornal, limpo, independente, sem participação. Voltando um pouco atrás, logo depois que eu fiquei com a estação, não tivemos mais nada, alias nunca tivemos, com o Dr. Ademar na parte política, eu só dava no tempo das eleições em que ele participava, eu dava o espaço, e na hora do acerto de conta eu rabiscava a fatura.

Eram aqueles jingles?

Fazíamos todos os jingles dele. Então nós crescemos independentes, politicamente, ele foi governador, foi prefeito, e quando ele fazia alguma coisa errada eu não impedia que o meu jornalismo criticasse,

pra muita estranheza, até dele, mas era assim que o jornal pode ter, e teve, o seu conceito.

Eu li certa vez em algum lugar a seguinte frase, atribuída ao Sr., “eu já paguei dez vezes ao meu sogro aquilo que ele me fez”. É verdadeira essa frase?

Não, eu nunca disse isso, nunca eu pagaria ao meu sogro o que ele fez por mim, um grande homem, um grande amigo, em momentos difíceis da minha vida ele compareceu, só esse gesto faz com que eu nunca pague um gesto amigo, solidário, de um homem como ele.

O seu casamento foi quando?

Em 1947, eu era menino de tudo, tinha 28 anos, Marilena tinha 20 anos.

A rádio Bandeirantes notabilizou-se ao longo dos anos nos vários campos, em especial no esporte e no jornalismo. No contexto do jornalismo, eu gostaria que o Sr. falasse alguma coisa sobre a importância de Alexandre Cadunk.

É uma das coisas que eu mais perseguia na rádio, além do esporte, era o jornalismo, com a vinda da televisão, aí os outros também montaram, a Tupi montou a dela, a Record montou, e eles foram buscar da onde esse pessoal? Do rádio, os locutores os cantores, foi tudo improvisado, e esvaziou o rádio, e disseram que o rádio ia morrer, mas não morreu porque também inventaram o transistor, e uma das coisas que a gente punha um olho gordo, uma atenção danada, era no jornalismo. Então eu fui buscar o Saketa, que era um grande jornalista que nós tínhamos aqui em São Paulo, que a gente respeitava muito, apesar do pessoal dizer na rádio que ele era bolchevique, anarquista, mas era um grande profissional, e fui pedir a ele que olhasse o jornal da Bandeirantes, ele veio e fez do nosso jornal uma formosura, uma perfeição, e foi daí que nós começamos,

mas depois ele disse “seu João, eu não daqui, eu sou de papel, eu quero por a mão no papel, na tinta, mas eu vou deixar pra você esse garoto que eu criei, que é o Alexandre Cadunk, que é um elemento excelente, de quem você vai gostar muito, e o Alexandre veio, e de fato era um talento, um gênio, fantástico, genial mesmo, amante do jornalismo, amante da verdade, preparado, e nós fizemos uma equipe maravilhosa, foi um jornalismo que fez escola, fez academia, de tal forma, sem falsa modéstia, porque o que é bom tem que se aproveitar, o que tiver de bom a gente imita, aproveita. Nós fizemos uma escola de jornalismo, por aqui passaram grandes homens, grandes nomes do jornalismo, e já não era só o jornal da manhã, como era o jornal das sete horas, das oito horas, das doze horas, que depois passou pras treze horas, das dez pras sete, antes da hora do Brasil, e das onze e meia, então em jornalismo nós éramos imbatíveis, uma audiência, tínhamos grandes jornalistas como o Vicente Leporace, que fazia O Trabuco, irreverente, que ocupava uma hora, me dando as vezes dores de cabeça incríveis, mas era autentico, ele era apoiado.

O Leporace chegou mais ou menos quando?

Eu não sou muito bom pra data; 64, ele estava na Record, da Record veio outro grande nome, Osvaldo Monis.

Falando na Record, porque eu entrevistei o Dr. Paulo algumas vezes, me ocorre que o Sr. tanto quanto ele foi empresário nessa área, era grande amigo seu, ele tinha entre todas uma filha preferida, a Panamericana. Qual é a filha preferida do ser.?

É a Bandeirantes, claro. Tenho uma rede de televisão, da qual me orgulho, me empenho muito, mas eu gosto muito é de rádio.

O Sr. continua na marcação cerrada da programação da rádio?

Continuo.

O Sr. é um grande rádio-escuta?

Sou sim, aqui, quando viajo, de madrugada, a noite, e minha mulher também, até mais do que eu, as vezes algumas broncas são oriundas de lá Lucheti, de observações dela.

Mas o produto final do Sr. é algo muito gratificante?

Muito, fui industrial, sou fazendeiro, gosto muito de criação, gosto muito de agricultura, gosto da pecuária, estou sempre pensando em largar e ficar numa fazenda minha, ficar lá numa sala boa pra mim, mas isso já ta há anos, não a meio de eu me decidir a fazer isso, talvez um dia eu faça; tive diversas imobiliárias, hoje eu só tenho uma, gosto, construo, mas o meu negocio mesmo, minha vida, minha estima, é pela rádio e pela televisão, eu estou todo dia aqui, eu só passo na imobiliária e a pessoa que vem conversar comigo aqui, eu fiz aqui um escritório da minha imobiliária, das minhas fazendas também, é em outra parte de um prédio aqui do lado, e eu tenho por telefone, tenho contato com eles, mas onde eu fico, entro de manhã e saio nove, nove e meia, dez, dez e meia, já ta na hora de eu sair mais cedo e chegar mais tarde, mas ainda continuo a fazer isto, meu fraco, meu gosto, minha tendência, minha preferência, é pelo rádio e a televisão.

O Johnny é seu filho mais velho?

E o segundo filho.

Mas é o que herdou o amor pela empresa?

Todos eles gostam, eu tenho aqui na Bandeirantes uma filha minha, a caçula, a Márcia, ela ao meu ver vai ser a diretora aqui da Bandeirantes, não por filhotismo não, ela vai ser porque ela ta aqui todo dia, convive lá embaixo com todos os meus funcionários, alias

todos os meus filhos conviveram com meus funcionários, e convivem. O Johnny começou fazendo rádio, foi fazer estações no interior, conheceu todos, cada um dos seus gerentes, suas esposas, seus filhos, aqui também conhece a todos, pessoalmente, de rádio e depois de televisão, a Márcia a mesma coisa, ela conhece todos, nas reuniões que tem ai o testemunho da Márcia, o parecer dela é recebido com respeito, ela come lá embaixo no bandejão, ela conhece a vida de todos mais do que eu, mais do que todos, eu acho que a Márcia, se continuar aqui comigo, e espero que continue, será uma das diretoras, de fato, aqui da Bandeirantes.

E a Marisa?

A Marisa cuida da parte de agricultura, é a minha veterinária, e foi perdendo assim o pé na veterinária, é uma grande veterinária, mas ta mais como administradora de fazenda.

É a única que ta fora?

Sim, a única que ta fora. E o Ricardo, que me acompanhou aqui todos esses anos, e agora tem uma firma, de telefonia, comunicação, fora daqui, não trabalha mais na Bandeirantes, ta comigo sempre, mas ta com essa firma dele, tocando a vida dele, achando seu caminho.

E algum neto, leva jeito?

Não sei, são muito pequenos. O meu neto José é capaz, o Zé gosta de comunicação, gosta de computador, quando é chamado pra fazer algum serviço aqui nas férias ele vem, com muita seriedade, até demais, ele fica, quer cumprir horário, eu quero que ele divida com os dias de férias, com os horários de férias, mas ele fica, e é apreciado pelos meus funcionários, que me comentam, eu aqui dentro da casa tenho companheiros de vinte, de trinta e até de quarenta anos, com quem eu tenho toda a familiaridade, toda camaradagem, e somos amigos dos novos também, nós nos damos

bem aqui, e eles me dizem “olha, o garoto pegou a coisa séria”. Espero que será uma nova geração, mais aperfeiçoada, melhor, essas gerações que vem vindo tem que ser melhor do que a nossa, mais competentes do que nós, nós fomos feitos de improviso, pra não dizer de outra forma, fomos feitos sem sermos radialistas, sem conhecer o que fosse uma potencia de rádio, uma válvula, o que é um artista, eu não conhecia, e olha que nomes estiveram comigo, e eu não sabia.

Eu queria falar alguns nomes, e queria que o Sr. apreciasse, lembrasse alguma coisa desses nomes, por exemplo, Omar Cardoso.

Foi um belo companheiro, que eu conhecia e queria trabalhar comigo, ele era ambicioso, tremendamente simpático, e quando tinha alguma recepção, alguma coisa assim, de repente ele penetrava, pegava a palavra, fazia as suas profecias, fazia suas coisas, eu sempre tive muito medo desse tipo de programa de adivinhação, de ver sorte, eu tinha um uma vez que me deu muita dor de cabeça, tomou tamanha a fama, tanto prestígio, que no final ele tinha uma clientela maior que os meus ouvintes, me deu muito susto, tive que tira-lo, então eu resisti muito, e trouxe o Omar Cardoso depois, por força, simpatia da insistência dele, com um contrato “aqui, não quero isso, não quero aquilo, quero que você leia, adivinhe, mas não quero coisas...”, e ele cumpriu direitinho. E morreu aqui, meu funcionário, e foi uma perda muito grande, foi um vazio enorme, porque ele angariou uma popularidade enorme, ele era ouvidíssimo, queridíssimo, e as fitas dele eram passadas pra todas as estações que nós, com a cadeia verde amarela, eram mais de cem estações, cento e poucas estações, nós tínhamos que passar pra todos eles fita todos os dias. Nós descobrimos uma máquina no Estados Unidos que tirava aquilo em massa, porque nós tirávamos de um em um, não dava, equipamos bem a estação, pra você ver o que é o artista, o que é o valor, ele

determina que você vá procurar equipamento pra divulgar o seu talento.

Toninho e Tinoco era distribuído assim?

Queridos, muito queridos, tenho muitas saudades, e agora o Tinoco vai fazer um programa aqui conosco. Mas era o homem de todas as madrugadas, Capitão Barduíno, um homem integro, corretíssimo, eu tenho essa sorte sabe, de ter elementos aqui dentro de casa, antigos e novos, corretos, uma coisa que a gente sempre teimou é ter gente decente, gente honesta, que não tem bicos em outros lugares, não tem bicos em governos estaduais, ou municipais ou federais, são pessoas dedicadas aqui.

E o Hélio Ribeiro?

Um grande talento, veio duas vezes pra cá, deixou também marcada sua passagem pela rádio, hoje mora nos Estados Unidos né?

Ta de volta, vai pra Globo.

Uma grande aquisição que a Globo fará, é um talento.

Marcou uma época fantástica aqui, bem naquela transição, a juventude transviada, a Jovem Guarda, Luis Aguiar.

Luis Aguiar, eta! A mulher dele foi minha secretaria, Terezinha. Ele era um talento, um grande homem de esporte, um bom companheiro, durante muitos anos prestou-se com gosto aqui pra casa, e hoje está por ai.

Esta em Uberlândia.

E daqui saíram muitos nomes e homens que estão pontificando em outros lugares, homens de um talento como o Marçal, por exemplo, que quando saiu foi uma comoção muito grande, mas era uma proposta muito boa, tinha que deixar, e lá foi o Marçal, mas sempre

amigo, sempre querido, de vez em quando uma comunicação entre a gente, um telefonema, um aniversário, um Natal.

Clodoaldo.

Clodoaldo José, também foi criado aqui, filho de um amigo meu, veio pra cá e revelou-se um grande nome do rádio.

Na mesma época Enzo também?

Enzo de Almeida Passos, programas maravilhosos com uma audiência fantástica, aquela Vitrola Mágica que ele fazia, Telefone Pedindo Bis, foram programas que marcaram época.

No esporte tinha uma equipe formidável também né?

Sim, Pedro Rizzo, Mário Moraes, Mauro Pinheiro, queridíssimos, excelentes pessoas, grandes profissionais, verdadeiros artistas que hoje você procura por ai e ta difícil de encontrar, esses talentos, eu não sei te dizer se foi a época, ou a concorrência, se bem que a concorrência hoje está até maior hoje, pra dizer a verdade eu não acho, se for ver hoje na radiofonia nossa, na televisão, nós temos pouquíssimos talentos, com todo esse progresso, com todos esses anos, você pode escolher ai entre dez, não tem, um ou dois e olhe lá, e alguns com suas vaidades, é assim.

Seu João, vou usar outro documento aqui agora, a escolinha Dona Olinda, Nhô Totico trabalhou aqui?

Trabalhou, queridíssimo, com que saudade a gente lembra dele, faleceu há poucos meses. Que talento, como fazia humor, como transmitia pela rádio, por isso o rádio é bonito, é fantástico, não é a imagem, não é a mulher bonita, não é o galã, não é a pintura, que ajuda tremendamente a transmitir, é a voz, é o efeito, então Nho Totico, naquele programa todos os dias na rádio América, vai ter talento! Todos os dias, e coisa educativa, bonita, boa, não tinha um

palavrão, não tinha um “enche saco” como dizem agora, palavras aí que foram banalizadas pelo rádio, que são ouvidas no Brasil inteiro, não traz nada de bonito, eu sou contra essas coisas, vulgarizar e ir pros termos baixos, não ajuda, o rádio é uma arma poderosa, a televisão também, eles deviam ser usados melhor, pra transmitir coisa melhor, porque o povo assimila e usa, como o “saco cheio”, é uma coisa usada por qualquer menina, por qualquer moça, e outros termos, que a gente não gosta nem de repetir, que não são próprios de quem tem equipamentos modernos, caríssimos, câmeras, microfones, transmissores, pra transmitir umas porcarias dessas.

Um outro documento que vou usar aqui, ainda na área do humor, me dizia o saudoso homem do rádio, morreu a pouco tempo, “muitas vezes eu dei dor de cabeça pro seu João Saad, mas a gente dava indiretamente, porque a gente fazia brincadeiras, fazia sátiras com o Dr. Ademar de Barros, então a gente cantava Ademar, Ademar, é melhor...” o Sr. sabe de quem eu falo? Alvarenga e Ranchinho, do Ranchinho, ele disse que dava muita dor de cabeça porque ele atingia o Dr. Ademar e o Sr. que tinha que se acertar depois.

(risos). É verdade. E o Alvarenga e Ranchinho não era nosso, era free lancer, e queridíssimo, não tenho nada contra ele, nunca achei ruim não.

Quem achava ruim era o Dr. Ademar...

Não, gostava, Dr. Ademar era um homem muito democrático, gostava. Uma vez ele até disse “o que está acontecendo João, o Estadão parou de falar mal de mim, o que está havendo, estou preocupado” (risos), porque era um hábito do Estadão sempre xingar o Dr. Ademar, sempre atacar, 99% das vezes injustamente, mas ele nunca processou.

Qual foi a história do Juscelino, do caso da televisão? Ele bloqueou, atrasou a rede de televisão dada pelo Getúlio? Podia ter saído antes?

Um belo dia eu abro os jornais e vejo que o canal 13, meu canal, tinha sido tirado de mim pelo presidente Juscelino e sido dado para o Rubens Berardo, foi um susto, eu falei “como? Porque tirou?”. Ele, maior fã de agradar um amigo, deu uma televisão pra ele no Rio, uma outra em Recife, ai viu uma aqui em São Paulo e resolveu dar pra ele, mal informado, deu a minha, e foi um sururu, era um ato do Presidente da República, não se discute. Eu fiquei maluco, até que um dia consegui chegar perto, minha entrada no Palácio foi barrada, porque ele não tinha o que me dizer, não havia meio de eu conseguir chegar perto do presidente Juscelino, até que um dia eu consegui, ele foi ao Palácio do Catete e eu tava lá, consegui entrar, ele disse “mas Saad, você é um cara simpático, te quero bem, e isso, e aquilo”, eu disse “muito obrigado presidente, porque o Sr. tirou o meu canal de televisão?, eu só quero saber por que”, e ele não sabia o que fazer, eu comecei numa maratona contra o prognóstico de inúmeras pessoas, preparadas, cultas, inteligentes, dizendo que eu não conseguiria reaver o canal, era um ato do presidente, naquele tempo tinha o Ministro da Fazenda Sebastião Paes de Almeida, muito amigo do Juscelino, um grande Ministro da Fazenda, me chamou e disse “João, o presidente fez uma burrada, ele errou, e ele não pode voltar atrás”, eu disse “ele pode, se ele errou ele pode voltar atrás”, ele disse “não tente isso, ele ta ruim, ta constrangido, o que você quer, ele mandou compensar, te compenso com qualquer coisa, porque você não fica com uma carta patente de um banco?”, eu disse “eu não sou banqueiro, não sirvo pra banqueiro”, ele disse “até duas João”, eu disse “não sirvo pra banqueiro, eu quebro, não sei emprestar dinheiro, sei emprestar pra mim, dar pros outros eu não sei, eu não quero”, e fui numa caminhada, no governo do Juscelino, veja o que é a persistência, fui buscando um, buscando outro, até

que eu encontrei no Ministro das Relações Exteriores Horácio Lafer, de Juscelino nessa época, e que na época que o Getúlio me deu, ele era Ministro da Fazenda, e como Ministro da Fazenda ele me disse “Saad, você ganhou um canal né?, não monte agora essa canal porque”, e disse uma grande novidade, “o Brasil ta com a caixa baixa, sem dinheiro”, primeira vez que eu ouvi dizer isso (risos). Eu disse “não tava pretendendo mesmo, vou obedecer”, nem podia naquela época, eu quis ter o meu canal. Ai eu fui até o Ministro Horácio Lafer, “você se lembra que quando eu ganhei o canal...”, ele disse “Não me lembro, mas me parece que sim, que eu devo ter dito como Ministro da Fazenda, pra todo mundo dizer que não tinha dinheiro, e é sempre assim, se hoje tem dinheiro também não tem dinheiro”, eu disse “fiquei com o meu canal cassado, o presidente errou, e fez, e agora pra eu reaver isso eu queria o seu testemunho”, olha que coragem dele e que mérito, por isso ele tem uma sala aqui com o nome dele, ele fazendo um negocio desses, uma declaração dessas, no governo do Juscelino, que era a quem ele servia, contra o Juscelino, foi preciso ter muito caráter. Ele disse “ta certo, me faça uma carta”, eu fiz, ele leu, ele aprovou e assinou, e aquela carta serviu pra eu entrar na Justiça, e aquilo atravessando todos os escalões, até chegar um ponto que a Justiça declarou que tinha que me dar o canal.

Ai já estava no governo do Jango?

Não senhor, estava no governo do Juscelino, eu fui até ele e ele estava em plena campanha pra por o General Lott, que era o candidato dele, eu fui procurar o general Lott, que era muito amigo meu, e disse “General, o Sr. é candidato a presidente e não tem riqueza, eu vou lhe dar pela rádio, só posso lhe dar pela rádio, uma cota de apoio pro Sr., gratuitamente, mas fora disso, eu preciso que o Sr. acerte com o presidente Juscelino que faça justiça, aconteceu isso e aquilo, o Tribunal decidiu, ele que assine isto, que é a minha

televisão”, ele disse “ta certo, deixe ai que eu vou falar com ele”. Passou dez dias, ele me chamou, disse “o presidente falou que não deve dar no governo dele isso, deixar pra mim, quando eu for presidente, porque se fizer agora você vai usar a televisão contra mim”, eu disse “Juscelino é um homem muito inteligente mesmo”, dizer isso pro Lott, e ele acreditou coitado, até ele me dar o canal e até eu montar, teria mais duas eleições, e não aquela, não daria tempo, por isso que eu não pedi, ai eu fui pedir pro Jango, que era vice-presidente do Juscelino, e era candidato a vice-presidente da República, não sei com quem, talvez com o próprio Lott, mas com poucas chances de se eleger, porque o Jânio veio com aquela força avassaladora dele, de eleição em eleição, de prefeito pra governador, de governador pra presidente, e tinha como candidato um excelente nome, e um excelente homem, que era o Milton Campos, governador de Minas, de uma reputação inabalável, e disse “olha João, se for o Juscelino agora, ele não vai me dar, mas se você me ajudar na campanha pra vice-presidente, que ta difícil pra mim, principalmente no seu estado, porque eu tenho lá um candidato do meu partido que é dissidente, ele ta concorrendo contra mim e vai me dividir”, era o Ferrari, eu disse “ta bom, eu vou lhe apoiar”, e fiz uma campanha fantástica pro João Goulart, fiz aquela música “Vamos Jangar”, fiz todas as campanhas, até o meu sogro, que era candidato, punha Ademar e punha Jango, tudo que eu punha, punha Jango, fiz uma campanha em toda a minha rede de rádio, não tinha televisão. E ganhou, ele ganhou a eleição, e o meu pessoal, o Edson Leite, mais um parente dele que é da LPM, foram visitá-lo lá na praia, em Santa Catarina, ele estava descansando depois das eleições, ele disse “eu devo a minha vitória a Bandeirantes, foi ela que ajudou a ganhar a eleição pra vice-presidente, e agora eu vou tomar um banho de caco de telha dessa campanha, descansar um pouco, e vou até o Juscelino buscar o canal que eu prometi a vocês”, e de fato ele foi até o Juscelino, e ele assinou, então foi o próprio Juscelino que assinou,

que o presidente já era o Jânio, falei “nossa senhora, o Jânio não vai assinar, Deus me livre, se for ele o presidente”.

Deixa eu mostrar outro documento que eu tenho aqui nos meus arquivos, esse aqui envolve um fato pessoal, certa feita eu levei uma suspensão em uma outra emissora onde eu trabalhava, por culpa indireta do seu João, e eu relato isso 25 anos depois, um quarto de século depois (risadas). O Sr. teve acesso a todos os presidentes, praticamente, a partir de Getúlio, da sua última eleição, em 50, e é por isso que estou citando esse fato e vou mostrar esse documento agora. Estava aqui no Ibirapuera o presidente Artur da Costa e Silva, e eu estava entre os repórteres, faço lá uma pergunta entre tantas pessoas, autoridades, e faço referência a emissora que trabalhava então, a Jovem Pan, ele disse “a Jovem Pan. É do Saad né?”, eu disse “não Sr., não é do Saad”, ele disse “a do Saad é a Bandeirantes né?”, eu disse “Sr. presidente, o Sr. está prestando uma homenagem aqui”, e aquilo foi suficiente para uma suspensão. O Sr. teve amigos praticamente em todos os governos. Inclusive naqueles de 64 a 84?

Tive, em uma ocasião eu estava tirando um descanso, conselho médico, por causa de um problema cardíaco, e fui descansar na praia grande, Dr. Ademar era governador e me disse “João, tá aí na casa do Bittar o Marechal Artur da Costa e Silva, tá descansando aí, vá convidá-lo para um almoço, você tem aquela cozinheira ainda, a Amélia”, porque eu tinha uma cozinheira fantástica, fazia cada prato que era um negócio, e meu sogro apreciava muito, e disse para convidar o Marechal para um almoço. E eu fui, disse “o Sr. se lembra de mim?”, ele disse “mas é claro Saad, você me atendeu muitas vezes”, e ele aceitou almoçar em casa, veio ele e Dona Iolanda, e a nora dele, o filho não veio. Fizemos um almoço em casa, Dr. Ademar, eu, Costa e Silva, minha mulher Marilena, e Dona Iolanda. Ai

começou a dizer “pois é João, a situação está ruim, nós temos uma greve em Santos, a gente segura aquela greve, chega tarde, volta uma nova greve, ou a mesma greve, quer dizer, o país está indo assim de roldão, cada vez pior”, e dando um relato de como estava a situação naquele tempo, com o Jango sendo influenciado assim, pela ala esquerda, fazendo aqueles comícios, esse negócio todo, e o Jango muito amigo meu, saiu da presidência como amigo meu. Ai ele disse “mas o que o Sr. acha governador?”, Dr. Ademar disse “tem que afastar, tem que derrubar”, o general se afastou, puxou a cadeira assim e disse “não, nós nunca ganhamos a constituição”, depois disso meu sogro contornou, disse “fica aqui mais alguns dias, na praia, eu vou mandar o helicóptero, dar um passeio com o Sr. por ai”. Ai eu fui perguntar “Dr. Ademar, o Sr. está conspirando? Ele disse “tem que tirar”, eu disse “Não faça isso, não tire, deixa, daqui a pouco o mandato dele já acaba”, mas nessa brincadeira o Costa e Silva, que morava ali perto e gostava de jogar buraco, ia todo dia na minha casa, toda noite, ficamos amigos, ele vinha pra jogar um buraco, e eu não gosto, jogo uma partida e chega, mas eu tinha um compadre meu, deputado Lesara Rubens, ele e a mulher, que ficavam com a Dona Iolanda jogando buraco, as vezes eu levantava cedo, cinco horas, pra ir no banheiro, já tinha sol, ouvia barulho, eles estavam jogando. Ficamos amigos o tempo todo, quando ele foi pra presidente continuamos amigos, mas só que a gente não se via mais, ele estava na presidência. Foi assim, nós nos demos com diversos deles.

Eu quero botar aqui uma música dos tempos da rádio Bandeirantes, quando o Sr. assumiu. Acha que Silvio Caldas é uma boa opção?

Boa, grande cantor, grande cantor, grande cancionista brasileiro.

O Sr. gosta de seresta?

Muito.

Altemar Dutra.

Muito amigo meu, amigo pessoal, senti tanto a morte dele, sou um admirador dele, tenho todas as fitas dele, e hoje ta saindo Altemar Dutra Junior, Altemar Dutra Filho, um garoto que vem vindo bem, ta afinando a voz, ta começando a tomar jeito a sua voz, e ele já deu dois espetáculos, a mãe dele, Marta Mendonça, é muito minha amiga, os dois já cantaram na minha casa, o Altemar e a Marta, pra mim, eu gosto muito das músicas deles, ela me convidou pra primeira, me convidou pra segunda, e estou aqui, por coincidência, com um convite pra quinta-feira, no show dele, se puder irei, dessa vez não sei se vai dar, mas sou admirador, gosto da música dele.

O Sr. vai ouvir os dois agora, o Altemar o pai, pra matar a saudade, e o filho, pro ouvinte avaliar se há muita similitude ou não. Inclusive uma música que Altemar, o pai, gravou, de tantas que gravou dessa dupla inesquecível, não inesquecível porque estão atuando ainda, o Jair Amorim e o Evaldo Gouvêa, você conheceu ambos também?

Conheci.

Então o Sr. gosta de música desse tipo, seresta, música romântica...

Gosto muito.

E o Sr. fica nos dois ou avança pra outros também?

Não, todos os cantores brasileiros, eu gosto muito, Chico Alves, Orlando Silva, Carlos Galhardo, ainda tenho, no meu carro eu tenho fita dele.

A Bandeirantes 60 anos em 97, é uma sexagenária, senhora respeitável. O Sr. tem alguma frustração, algo que podia ter feito e não fez, ou que quer fazer ainda?

Olha meu caro, o que se apresentou a mim pra fazer, em matéria de programas, de talentos, eu fiz, eu fui buscá-los. Às vezes errei, mas eu fui buscar. De equipamentos eu disse a vocês, de instalações e de progresso também disse, e estou pronto pro que der e vier, esse setor evolui vertiginosamente, o que for preciso pra Bandeirantes, para as outras estações, eu vou buscar. É um compromisso nosso com o público, é uma obrigação nossa, quem tem uma atividade de vida como essa, não é como o de outro, que tem a sua loja, que tem a sua sapataria, que tem a sua butique, ele vende, fecha, nós não, nós temos que estar atentos o tempo todo, e a Bandeirantes também tem esse pormenor, ela foi a primeira estação na América que começou a trabalhar 24hs por dia e não saiu mais, nunca mais saiu. E foi um terror, abriu um novo mercado disso, não existia, pois ainda era do tempo do transmissor movido a água, que acabava a meia-noite, acabava a uma hora, acabava as duas horas da tarde pra recomeçar as cinco, então nós entramos 24hs, chegou a madrugada. Agora, já dei notícias erradas, sei o peso disso ai, tenho muito presente, todos os meus funcionários que trabalham na parte de divulgação sabem disso, a responsabilidade é nossa de transmitir coisas certas, de não transmitir maus programas, de não transmitir coisas perniciosas, esse senso em nós é muito grande. Em uma ocasião eu provoquei uma greve em São Paulo, sem saber, eu deixei a estação, como eu sempre deixo, na mão do meu pessoal, de confiança. No dia seguinte eu pego o carro pra ir pra Bandeirantes, encontrei uma facilidade, levava um tempão pra chegar lá, cheguei em cinco minutos de minha casa pra lá naquele dia, não reparei que a cidade estava vazia, dia de semana. Chegando lá o governador Garcez me disse "Saad, você ocasionou uma greve em São Paulo, você fez a greve dos táxis", eu disse "eu? O que eu fiz?". Na véspera,

na madrugada, uns taxistas, em revolta por um companheiro assassinado, naquele tempo o único ponto era na praça João Mendes, atrás da catedral, não é isso de hoje, hoje mudou. E um foi assassinado, era o segundo, ai eles se reuniram, foram até a Bandeirantes, o locutor acolheu-os, e eles fizeram seus discursos, e sempre tinha um mais agitador no meio, imantou o pessoal, dali convocou o pessoal pra greve, e São Paulo ficou em greve. Ai eu vi como é difícil e como é de responsabilidade você ter um veículo desses, não é uma loja de calçados que você fecha as seis horas, você pode vender um número errado que você troca no dia seguinte, mas um notícia, uma notícia de um produto que faça mal, então essa responsabilidade nós temos, acho que nós sempre zelamos por isso, e nisso eu me dou por satisfeito, quero continuar fazendo dessa rádio uma coisa útil para o meu país, para o meu estado, útil pra toda essa população, levando o prazer, a alegria, a notícia, a informação, cultura, tudo que a gente puder dar de bom, é de fato um ramo, uma atividade, diferente, não é como outro tipo de atividade.

Seu João, o Sr. reuniu ai o prestígio e a popularidade, porque é difícil, as vezes as pessoas ou tem prestígio, ou são populares, o Sr. reuniu essas duas coisas, tem veículos de grande penetração, mais que isso, o Sr. tem amigos na política e principalmente teve, na própria família, uma das maiores lideranças políticas regionais de todos os tempos. Porque o Sr. nunca se envolveu com política?

Nunca quis, nunca gostei, eu via o que é política, pra mim não serve. Você precisa ter várias caras mesmo, precisa ter um estomago de avestruz pra engolir, e eu não tenho. Vivo feliz assim, estou realizado nessa parte. Ontem eu recebi um político aqui, que veio fazer uma queixa, que foi o seu Enéas, veio brigar pra que pusesse a programa dele no ar, eu disse "mas vai ser posto no ar", ele disse "mas eu quero ter certeza, porque é importante". Eu disse "ta bem, o Sr. não

precisava ter vindo por causa disso”, e nós pusemos no ar, eu não sei se algum de vocês viu, o programa dele de ontem, vai dizer por que você usa esse equipamento tão caro? Porque você chama a população, cobre todo o Brasil, que coisa importante, cobrir todo o país como nós cobrimos, em rádio e televisão, e as outras estações que nós acompanhamos, pra ouvir o que?, ele só falou “eu, eu, eu”, do Brasil mesmo não falou nada, da população, quer dizer, Deus me livre, que bom que eu não sou político, toda vez que eu vejo isso eu fico contente, não sou político, e temos que aturar esse pessoal, temos que ajudá-los, quando forem bons políticos, quando forem elementos bons que a gente ache que podem prestar serviço pro Estado e pro país, ajudar e fazer deputados, que as vezes nós fazemos, sente que aquele homem, quando a gente tem medo, tem receio de que não seja bom, a gente não ajuda. Nisso, e por isso, nós nos sentimos úteis, achamos que fazemos uma coisa boa.

O Sr. mora em Higienópolis?

Sim, no mesmo lugar, desde 1950. Lá eu criei meus filhos, casaram-se, saíram todos, estou eu sozinho lá, eu e minha mulher, estão todos aqui.

Seu João, o Sr. falou em Omar Cardoso, e de certa forma era simpático ao trabalho que ele fazia. O número 13, o Sr. não tem nenhuma prevenção contra ele? É o número do canal, afinal.

Não, é um numero como outro qualquer, uns falam que é cabalístico, outros acham que é mau agouro, eu acho que é um número qualquer, inclusive dia 13/12, se Deus quiser, eu quero inaugurar as novas instalações da torre.

E a placa do carro do Sr. é 1313?

É, 1313.

Uma música que ocorra o Sr. agora de ouvir...

É uma que você não vai achar, Altemar Dutra, a que era do cigano. Sabe como eu conheci o Altemar Dutra? Um dia eu estava no meu escritório, e eu ouço na discoteca nossa, meu escritório era lá, uma música que mamãe cantava quando eu era pequeno, do cigano, aí subi, "onde é que tá? De quem é essa música?", do Altemar Dutra. Eu disse "me grava essa música", e meses depois eu o conheci o Altemar, e ele cantou essa música, e eu tenho ela no meio de tantas, pra eu achar é uma porcaria, o meu rapaz da discoteca talvez saiba.

Ou o Altemarzinho e a Marta Mendonça.

Não sabe, tenho certeza, era uma música rara dele, a música do cigano.

Certamente foi a entrevista mais longa do Sr., espero que não tenha sido enfadonha.

Eu quero agradecer a vocês todos, a paciência, a maneira, a elegância, a camaradagem desses momentos de entrevista, espero que seja boa, que agrade, realmente estou muito grato pelo carinho e atenção de vocês.

Muito obrigado Seu João.

ENTREVISTA

JOÃO SAAD

50 ANOS DE RÁDIO E TV

Homenageado pela Câmara Municipal de Vereadores de São José dos Campos, esteve presente em nossa região o Sr. João Jorge Saad, presidente do REDE BANDEIRANTES DE RÁDIO E TELEVISÃO.

Em festa realizada no Restaurante SPACE GRILL, JOÃO SAAD recebeu o título de CIDADÃO JOSEENSE, homenagens prestadas por todos os funcionários ligados à rede, e concedeu então entrevista à ROSE FIGUEIREDO em matéria transmitida pela TV Band Vale, e aqui transcrita na íntegra:

RF- Eu gostaria que o senhor fizesse um comentário sobre estas homenagens prestadas...

JS- Estou aqui passando momentos felizes. Há pouco tempo, nesta vida atribulada que a gente vive, para reuniões calmas, gostosas. Todos aqui estão cheios de carinho, de amor; fui o alvo de muitas atenções. São momentos que a gente guarda no coração e não esquece.

RF- O que o senhor fazia antes de entrar para a área de comunicação? Quando começou esta paixão pelo Rádio e a TV?

JS- Eu era homem de comércio, e ainda sou. Sou plantador de cana, sou produtor de leite. Tenho fazenda em São Luiz do Paraitinga. É difícil plantar cana, produzir leite e viver. Fico às vezes pensando que vou fechar; e me preocupo com meus vizinhos que não tem as opções que eu tenho. Outro dia estava falando com um amigo meu Deputado, líder aqui na região, e perguntei à ele: "Por que você não estuda alguma coisa 'prá' se fazer com estas terras, com estes homens? Vamos plantar outra coisa, fazer estudos de terra, de curva de nível; eu estou disposto com a minha organização - o Rádio e a Televisão - a ajudar,

se trouxerem professores e instrutores para mudar". Esta é uma das funções que o Rádio e a TV tem. Não é só música, não é só esporte, são os problemas da nossa região, de onde a gente vive.

Nós que temos uma rede que cobre todo o território nacional, sempre estivemos preocupados em proporcionar espaços regionais. Eu acho que só com instrução é que nós podemos marchar para frente. Que este Brasil pode evoluir. E um dos instrumentos mais importantes hoje são o Rádio e a Televisão.

RF- Eu fico impressionada com o jeito simples do senhor falar todas estas coisas, com sua preocupação social, mas o senhor não respondeu a minha pergunta, como começou sua paixão pelo Rádio e pela Televisão?

JS- Você acha que tem carretel para esta história? É longa, viu!!

RF- Tem!! Muita gente quer saber desta história.

JS- Bem foi em, 1948, 50 anos! Eu não entendia nada de Rádio e um belo dia eu fui ajudar uma pessoa muito querida, que precisava de alguém para olhar uma Rádio dela que estava muito mal dirigida. As pessoas que administravam haviam se desentendido, então cada um foi prá um lado e me deixaram na mão.

RF- Em que cidade foi isto?

JS- Na cidade de São Paulo, e a Rádio era a Rádio Bandeirantes. Eu fiquei desesperado, não entendia nada, e como ia me virar com os artistas? Naquela época não havia a Televisão. A Rádio estava cheia de artistas, estavam lá o Mário Lago, o Dias Gomes, um mundo de gente; ele contratou esse pessoal a esmo, foi embora, e eu não sabia o que fazer com eles.

Então eu comecei a aprender

Cruzeiro



alguma coisa no chute, com muito medo; mas tive sorte, Deus sempre foi muito bom para mim e me deu muitos conselheiros. E um dos primeiros conselhos que eu recebi foi: "Ao montar uma estação de rádio coloque um equipamento bom".

Em 1948, havia três anos que tinha acabado a guerra, não havia equipamentos; todos pararam de produzir tudo para fazer canhão, avião e produtos para a guerra. Não havia transmissores novos e modernos, naquele tempo o transmissor que eu tinha era refrigerado à água. Ele funcionava três horas e precisava parar por uma hora e meia pra poder refrigerar; à noite precisava ficar desligado.

Então eu fui buscar um transmissor novo, refrigerado à ar, que era uma revolução. Aquilo me permitia funcionar o tempo todo, eu fiquei de tal maneira entusiasmado, que não desliguei mais o transmissor. Foi a primeira vez, creio eu, no mundo que uma Rádio não parava nunca. A BANDEIRANTES está desde 1951 sem sair do ar!

Hoje muitas outras fazem isto, mais foi difícil fazer isto naquela época. Como eu ia achar um cliente que comprasse horário à noite? Quase nem de dia eu tinha! Mas fomos procurar o homem e a mulher da noite e acabamos descobrindo um mundo novo, interessante.

RF- Isto explica o fato das Rádios do Sistema Bandeirantes aqui no Vale serem totalmente digitais e estarem entre as mais modernas do mundo. Mas voltando no tempo, naquela época tudo era ao vivo, não é?

JS- Ah! Sim, tudo ao vivo. Foi uma luta bonita. Eu acabei me apaixonando e ficando com esta estação, então vendi uma empresa minha e com o dinheiro resolvi só fazer Rádio. Da Rede, a primeira Rádio que eu comprei foi aqui em São José dos Campos.

RF- Seus filhos também seguiram a área de comunicação?

JS- Três deles: o Johnny, o Ricardo e a Márcia - comunicação; a Maria Leonor trabalha com o setor comercial da empresa. Só minha quinta filha não mexe com isso, a Marisa, ela é agrônoma.

RF- Eu era bailarina do Corpo de Baile da TV Bandeirantes em 1983 quando, numa nova fase da TV Brasileira da época, onde tudo era gravado, a TV Bandeirantes inovou novamente, voltando com programas ao vivo, com grandes shows e orquestras. Portanto eu acompanhei este estágio bem de perto. O que o senhor acha

desta outra época, deste mix da tecnologia com o conceito de improviso do tempo do "ao vivo"?

JS- Era tudo muito bonito. Tecnicamente tudo muito difícil, afinal "ao vivo" obviamente não se podia gravar, era a TV do profissional que tinha talento.

RF- O Sr. fala com um certo tom de saudosis-mo. Há saudade daquele tempo?

JS- Sim. Mas nós temos que estar felizes onde estamos, e irradiar muito amor. Eu estou muito feliz hoje aqui nesta noite.

RF- Obrigado por sua entrevista.

JS- Obrigado à todos vocês pelo carinho.

"Esta é uma das funções que o Rádio e a TV têm. Não é só música, não é só esporte, mas também são os problemas da nossa região, de onde a gente vive."

FLAGRANTES DE JOÃO SAAD NO VALE



Sendo entrevistado por Rose Figueiredo.



Recebendo homenagem dos funcionários da Band Vale nas mãos de Rodrigo Neves.

ENTREVISTA 3

Sr. João Jorge Saad concedida a autora, 10 de fevereiro de 1999

Estamos aqui com o João Jorge Saad, para falar da inauguração da Torre da Band em Taubaté. Quando o senhor começou na área da comunicação, alguém falou para o senhor que o negócio era sempre investir em equipamento?

Equipamento bom, mulher bonita, é só isso. Sempre coisa boa.

O Sr. poderia explicar ao nosso público o que é uma torre?

Hoje nós estamos muito felizes. Conseguimos concluir um projeto que já vinha atrasado. Atrasado devido à situação que todo mundo conhece e não dava para fazer com mais pressa. O que tinha de torre aí não era suficiente. Abrangia, cobria, uma parte pequena. E a nossa idéia, o nosso projeto, o nosso desejo era cobrir todo o estado e dividi-lo em regiões (seccional, regional). Tem a zona açucareira, que não tem nada nessa zona. Lá tem problemas sérios, tem crises profundas. E são patrícios nossos, são nossos companheiros, brasileiros. Aqui nós temos uma pecuária que arrebentou com esse vale. Um vale tão bonito. Terras tão boas... acidentadas. Mas férteis, não sei a tecnologia, hoje faz com que você invente coisas. Até aquele remédio lá, Viafra, como é que chama, fizeram...

Viagra! O Sr. sempre de bom humor...

Há uns anos não existia isso. Hoje existe. Você vê muita gente rindo aí. Ainda mais em tecnologia, em eletrônica. Fazem-se coisas maravilhosas. E devem ser feitas também na agricultura. Eles fazem a clonagem. Ora, por que não pegar um estado, uma região desse tamanho, e não procurar o que há de melhor para ele? Olha, se puser uns homens entendidos, eu te garanto que eles vão arranjar. Enfim, o homem precisa fazer. Se ele passa a sua vida sem fazer, sem

tentar, quando ele for ver, passou-se o tempo e ele não fez. Por quê? Ora. Então, não pode. Nós queremos uma coisa: Que esse governo nos deixe trabalhar. Deixe-nos trabalhar, que nós vamos fazer disso um Brasil maravilhoso.

Com certeza!

É um país de todas as possibilidades, de um clima maravilhoso. Tivemos umas chuvaradas há pouco tempo, que foi motivo de pavor, mas realmente não há nada. É um país pacífico, bom, clima ameno, eu não sei, querida, eu acho que eu... eu olho com muita seriedade para isso... olho com muito amor. Não gosto de ver pobreza. E você está vendo a pobreza aumentar. E ir para a miséria. Isso não pode. Estar se divertindo aqui, sabendo que na outra esquina há uma pessoa passando fome, passando dor, não tendo uma farmácia. Você não se sente feliz. Então, quem tem um veículo desses, como nós, tem que tomar consciência do que ele é, do que ele é capaz. Ele tem que levar notícia, tem que levar alegria, ele tem que levar a verdade. Ele tem que levar a educação. Ele pode fazer coisas incríveis. Você não era nascida, mas eu me lembro em 1930, 32, 33, 35, o Hitler só com um microfone, um negocinho desse aqui (pega o microfone e segura na mão), não tinha televisão, ele fazia uma população como a da Alemanha (cultura, toda ela preparada, formada) se curvar diante dele. Então, olha o que é a comunicação. Temos que achar um jeito de usar melhor a comunicação. Seja na parte escrita, seja na parte eletrônica, seja na TV, seja no cinema. São grandes veículos de educação, de formação de opinião.

Na outra entrevista que o senhor me deu, o senhor tinha falado que estava disposto a investir na educação pela TV, a fazer chegar a educação até o homem do campo, em todas essas áreas que a gente pega com a nossa TV (particularmente, a nossa TV Band Vale). Em que o senhor

acha que os políticos, de fato, poderiam ajudar, em termos práticos?

Veja, nós estamos com um prefeito à mesa, que é o prefeito aqui da cidade, de Taubaté. Que é um homem culto, já o conheço há muito tempo. É um homem disposto, experiente. Ele deve saber mais do que nós todos, o que é bom para Taubaté. E achar um jeito de ir buscar. Para Taubaté é uma coisa. Para... talvez para outra cidade...

Caraguatatuba é outra coisa...

Isso. Nos Estados Unidos é assim, nos outros países é assim. Na Europa é assim. Por que não dedicar à educação técnicos excelentes, bons, que vão se dedicar ao dinheiro, porque dinheiro para isso tem. Eles têm vontade de dar. Eles não querem dar para escoar rio aqui, tirar uma areia aqui, jogar outra lá... Eles não querem ser feitos de palhaços, de bobos. Mas hoje essas grandes nações estão vendo o aumento da população e a miséria, a crise, os conflitos, os assassinatos, a guerra, e não querem. Hoje não se fala tanto em vender arma, como se vendia há cinco anos . Era o melhor negócio do mundo. Olha, vamos vender banana, vamos vender café, vamos vender fruta. Vamos fazer outra coisa. Vamos tornar essa terra um paraíso. Já é povoado de gente boa, povoado de mulheres bonitas, e seria um paraíso.

A gente tem lido nos jornais que a TV Bandeirantes está agora investindo mais numa programação jovem, pegou um diretor da MTV, está investindo bastante na Tiazinha... O Luciano Hulck teve um sucesso estrondoso, eu queria que o senhor fizesse um comentário a respeito disso.

Com muito gosto. É o poder da comunicação. É o poder da oportunidade. De encontrar uma garota assim, que ela de fato é, cheia de simpatia. É uma menina, não é? Parece um bocadinho, assim, com você, hein? A Tiazinha é uma garota exuberante. Um

corpo exuberante, e essa exuberância, é engraçado... caiu no gosto de todo mundo. Eu tenho um neto de nove anos que estava que nem louco atrás da revista. Outros netos meus, maiores de 18, 19, eu falei: "Eu vou dar um jantar aqui, e a Tiazinha vai vir". "Vem mesmo, vô?" Eu disse: "Vem". Então, ela atraiu. E não foi só com sexo, não. Se você olhar, foi um monte de simpatia.

Pela leveza dela, não é?

É, leveza. Não desceu à baixeza. Há um pouco de exuberância, e tal. Mas isso está bom, não mata. E é muito melhor que certos programas em que você vê a mulher se rebaixar. Não é direito. O que uma moça certinha depois vai querer fazer? Então, nós queremos buscar, é um dos deveres da televisão, a comunicação e da boa. Podemos fazer isso, arrumar mais meninas, quantas garotas! A Xuxa, a Xuxa não foi um sucesso? Bom, acabou o tempo dela...

E esse interesse da TV em trabalhar mais com o público jovem?

É muito melhor, mais agradável...

Mais gostoso?

É mais bonito, é mais gostoso. Se você pegar o programa do Luciano, não é a menina só. São todos aqueles rapazes. Há moços bonitos, rapazes bonitos, fortes. Tem meninas lindas, não é? É uma juventude bonita, é a nossa juventude. Eu acho que nós devemos procurar fazer mais vezes isso aí. Eu acho melhor um programa desse aí do que uma novela.

Sim.

É a anti-cultura. E que não ensina nada. Até na política a novela é ruim, quando ela é usada. Então, eu acho que essas coisas, essas brincadeiras, esses shows, são muito mais agradáveis... Atrai! Está

dando uma audiência fantástica! E não é assim, o maior talento do mundo. É dona de uma simpatia...

É o cultivo da alegria?

No carnaval, foi um sucesso. Parou uma escola de samba. Atrasou uma escola de samba. E é uma garota. E quando eu converso com ela, eu vejo uma menininha. Ela não é uma mulher feita. Menina, inexperiente. Tem uma simpatia, e foi bem usada. E o Luciano, que também é um menino brincalhão, alegre, fez desse produto, hoje, um negócio que vende. As coisas dela vendem. E tomara que vendam, que ela seja muito feliz! A função nossa é essa: dar essas oportunidades. Então, eu acho que esse tipo de programa é bom. É positivo. É melhor do que tragédia. Já chega o jornal, que nós temos que mostrar tudo o que acontece. E não tem um dia que não haja crime, assassinato. Pessoas sendo mortas... que coisa triste. Numa terra tão bonita, tão boa como a nossa. Não sei, eu acho que nós temos que pensar em reformas sérias. Na justiça, principalmente. Terminar com o crime. Terminar de vez! E pode. Claro que pode.

Bom, se depender do senhor...

Eu gosto. Há programas para os quais eu dou sempre o meu apoio. Dou com gosto. Faço. Eu acho que é bom. Eu fico em paz comigo mesmo. Eu olho para os meus netos com alegria, quando eu faço isso.

Seu João, eu agradeço muita pela entrevista, boa noite.

ANEXO 1

Durante o governo de Arthur da Costa e Silva - 15 de março de 1967 à 31 de agosto de 1969 - o país conheceu o mais cruel de seus Atos Institucionais. O Ato Institucional Nº 5, ou simplesmente AI 5, que entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, era o mais abrangente e autoritário de todos os outros atos institucionais, e na prática revogou os dispositivos constitucionais de 67, além de reforçar os poderes discricionários do regime militar. O Ato vigorou até 31 de dezembro de 1978.

O AI-5 na íntegra:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL , ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e

CONSIDERANDO que a Revolução brasileira de 31 de março de 1964 teve, conforme decorre dos Atos com os quais se institucionalizou, fundamentos e propósitos que visavam a dar ao País um regime que, atendendo às exigências de um sistema jurídico e político, assegurasse autêntica ordem democrática, baseada na liberdade, no respeito à dignidade da pessoa humana, no combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições de nosso povo, na luta contra a corrupção, buscando, deste modo, "os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil, de maneira a poder enfrentar, de modo direito e imediato, os graves e urgentes problemas de que depende a restauração da ordem interna e do prestígio internacional da nossa pátria" (Preâmbulo do Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964);

CONSIDERANDO que o Governo da República, responsável pela execução daqueles objetivos e pela ordem e segurança internas, não só não pode permitir que pessoas ou grupos anti-revolucionários contra ela trabalhem, tramem ou ajam, sob pena de estar faltando a compromissos que assumiu com o povo brasileiro, bem como porque o Poder Revolucionário, ao editar o Ato Institucional nº 2, afirmou, categoricamente, que "não se disse que a Resolução foi, mas que é e continuará" e, portanto, o processo revolucionário em desenvolvimento não pode ser detido;

CONSIDERANDO que esse mesmo Poder Revolucionário, exercido pelo Presidente da República, ao convocar o Congresso Nacional para discutir, votar e promulgar a nova Constituição, estabeleceu que esta, além de representar "a institucionalização dos ideais e princípios da Revolução", deveria "assegurar a continuidade da obra revolucionária" (Ato Institucional nº 4, de 7 de dezembro de 1966);

CONSIDERANDO, no entanto, que atos nitidamente subversivos, oriundos dos mais distintos setores políticos e culturais, comprovam

que os instrumentos jurídicos, que a Revolução vitoriosa outorgou à Nação para sua defesa, desenvolvimento e bem-estar de seu povo, estão servindo de meios para combatê-la e destruí-la;

CONSIDERANDO que, assim, se torna imperiosa a adoção de medidas que impeçam sejam frustrados os ideais superiores da Revolução, preservando a ordem, a segurança, a tranqüilidade, o desenvolvimento econômico e cultural e a harmonia política e social do País comprometidos por processos subversivos e de guerra revolucionária;

CONSIDERANDO que todos esses fatos perturbadores, da ordem são contrários aos ideais e à consolidação do Movimento de março de 1964, obrigando os que por ele se responsabilizaram e juraram defendê-lo, a adotarem as providências necessárias, que evitem sua destruição,

Resolve editar o seguinte

ATO INSTITUCIONAL

Art 1º - São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições estaduais, com as modificações constantes deste Ato Institucional.

Art 2º - O Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar, em estado de sitio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República.

§ 1º - Decretado o recesso parlamentar, o Poder Executivo correspondente fica autorizado a legislar em todas as matérias e exercer as atribuições previstas nas Constituições ou na Lei Orgânica dos Municípios.

§ 2º - Durante o período de recesso, os Senadores, os Deputados federais, estaduais e os Vereadores só perceberão a parte fixa de seus subsídios.

§ 3º - Em caso de recesso da Câmara Municipal, a fiscalização financeira e orçamentária dos Municípios que não possuam Tribunal de Contas, será exercida pelo do respectivo Estado, estendendo sua ação às funções de auditoria, julgamento das contas dos administradores e demais responsáveis por bens e valores públicos.

Art 3º - O Presidente da República, no interesse nacional, poderá decretar a intervenção nos Estados e Municípios, sem as limitações previstas na Constituição.

Parágrafo único - Os interventores nos Estados e Municípios serão nomeados pelo Presidente da República e exercerão todas as funções e atribuições que caibam, respectivamente, aos Governadores ou Prefeitos, e gozarão das prerrogativas, vencimentos e vantagens fixados em lei.

Art 4º - No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais.

Parágrafo único - Aos membros dos Legislativos federal, estaduais e municipais, que tiverem seus mandatos cassados, não serão dados substitutos, determinando-se o quorum parlamentar em função dos lugares efetivamente preenchidos.

Art 5º - A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em:

I - cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;

II - suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;

III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;

IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

a) liberdade vigiada;

b) proibição de freqüentar determinados lugares;

c) domicílio determinado,

§ 1º - o ato que decretar a suspensão dos direitos políticos poderá fixar restrições ou proibições relativamente ao exercício de quaisquer outros direitos públicos ou privados.

§ 2º - As medidas de segurança de que trata o item IV deste artigo serão aplicadas pelo Ministro de Estado da Justiça, defesa a apreciação de seu ato pelo Poder Judiciário.

Art 6º - Ficam suspensas as garantias constitucionais ou legais de: vitaliciedade, mamovibilidade e estabilidade, bem como a de exercício em funções por prazo certo.

§ 1º - O Presidente da República poderá mediante decreto, demitir, remover, aposentar ou pôr em disponibilidade quaisquer titulares das garantias referidas neste artigo, assim como empregado de autarquias, empresas públicas ou sociedades de economia mista, e demitir, transferir para a reserva ou reformar militares ou membros das polícias militares, assegurados, quando for o caso, os vencimentos e vantagens proporcionais ao tempo de serviço.

§ 2º - O disposto neste artigo e seu § 1º aplica-se, também, nos Estados, Municípios, Distrito Federal e Territórios.

Art 7º - O Presidente da República, em qualquer dos casos previstos na Constituição, poderá decretar o estado de sítio e prorrogá-lo, fixando o respectivo prazo.

Art 8º - O Presidente da República poderá, após investigação, decretar o confisco de bens de todos quantos tenham enriquecido, ilicitamente, no exercício de cargo ou função pública, inclusive de autarquias, empresas públicas e sociedades de economia mista, sem prejuízo das sanções penais cabíveis.

Parágrafo único - Provada a legitimidade da aquisição dos bens, far-se-á sua restituição.

Art 9º - O Presidente da República poderá baixar Atos Complementares para a execução deste Ato Institucional, bem como adotar, se necessário à defesa da Revolução, as medidas previstas nas alíneas d e e do § 2º do art. 152 da Constituição.

Art 10 - Fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular.

Art 11 - Excluem-se de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com este Ato institucional e seus Atos Complementares, bem como os respectivos efeitos.

Art 12 - O presente Ato Institucional entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 13 de dezembro de 1968; 147º da Independência e 80º da República.

A. COSTA E SILVA

Luís Antônio da Gama e Silva

Augusto Hamann Rademaker Grünewald

Aurélio de Lyra Tavares

José de Magalhães Pinto

Antônio Delfim Netto

Mário David Andreazza

Ivo Arzua Pereira

Tarso Dutra

Jarbas G. Passarinho

Márcio de Souza e Mello

Leonel Miranda

José Costa Cavalcanti

Edmundo de Macedo Soares

Hélio Beltrão

Afonso A. Lima

Carlos F. de Simas

Fonte: www.Acervoditadura.rs.gov.br



Doc 11

1.ª AUDITORIA

2.ª Região Militar - 1.º Distrito Naval - 4.ª Zona Aérea

*Arquivo.
2-11-69
K*

OFÍCIO Nº 315

SP., em 27 de março de 1969.

Zeroto

*Vip vs Jure Político
- Jurel 28-III-69
6-7-7*

Ilmo. Sr. Dr. Diretor

Comunico a V. Sa. que, por despacho de 25 do corrente, recebi denúncia oferecida pelo Dr. Procurador Militar junto a esta Auditoria, contra o civil VICENTE FIDERICI LEPORACE brasileiro, casado, radialista, filho de Guerino Leporace e Mariana Gramani, residente à Rua Germaine Bouchard nº 208, nesta Capital, como incurso no art. 14 da Lei de Segurança Nacional.

Em consequência, solicito se digne V. Sa. determinar providências no sentido da remessa a esta Auditoria, com a possível urgência, dos antecedentes políticos do referido acusado, a fim de serem anexados ao processo que responde / perante a Justiça Militar.

Na oportunidade, renovo a V. Sa. meus protestos de elevada consideração e apreço.

*autógrafa.
- Original
- made e rest-
- tudo.*

José Victor Marques dos Santos

Dr. José Victor Marques dos Santos
Juiz Auditor

*- Zeroto ao
S.S. e Org. 2.ª
H. 21 III/69
2.ª Z. A.*

Ao Ilmo. Sr. Dr. Diretor do
Departamento de Ordem Política e Social
N/CAPITAL

PROTOCOLO

582 LIVRO 14 FLS 28

DEPARTAMENTO DE ORDEM
POLÍTICA E SOCIAL

28/03/69

502 9 7017

ANEXO 3



S. G. - SSP. - Mod. 8

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

DIVISÃO DE INFORMAÇÕES - CPI - DOPS.

V I C E N T E F I D E R I C E L E P O R A C E

Qualificação: Filho de Guarrino Leporace e Mariana Gramani, casado brasileiro, residente a Rua Germaine Bouchard, nº 208

Doc-4

Em 1955, seu nome figura numa relação de destinatários da revista "El Periodista Democrata", editado em Praga.-

Em 1957, foi eleito diretor de Assistência Social do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo para o biênio 1957/1959.-

Em 18-12-1967, segundo informe reservado, o radialista VICENTE LEPORACE, vem abordando com insistência em seus jornais falado na Radio Bandeirantes, sobre a permanência de mais de 1.000 - agentes da C.I.A. no Brasil. Segundo o repórter, estes agentes estão atuantes nos Sindicatos de Classes. Diz ainda que um deputado federal, teria feito denúncia sobre a atuação desses agentes estrangeiros, e que considera desnecessário, porque "todo mundo sabe".-

Em 05-04-1968, em seu programa "O Trabuco", levado ao ar, às 20,30 horas pelo Canal 13, VICENTE LEPORACE teceu considerações desairosas sobre a possibilidade de decretação do "Estado de Sítio", pelo Sr. Presidente da República. Em certo trecho do referido programa disse o seguinte: "Então ele vai comprar um sítio... Ele se pessoal que está aqui de capacete, montado nos cavalos, são plantadores de azeitonas....".-

Em 15-08-1968, segundo nota divulgada pela imprensa desta Capital, um advogado pediu que o radialista responsável pelo programa "O Trabuco", seja submetido a exame de sanidade mental, no processo contra ele movido por Nelson Fernandes, por injúria, calúnia e difamação.-

Em 20-08-1968, consta-nos tópico extraído do programa "O Trabuco", de responsabilidade do epígrafe: "Governador, acreditamos na sua coragem cívica e física, acreditamos nos seus propósi-

* * * * *



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

DIVISÃO DE INFORMAÇÕES - DEI - DOPS.

Doc 4

- Fls. 02 -

propósito, acreditamos que esteja indignado com os acontecimentos, mas cuida com expressões como estas "Ai daquele que eu pegar" - porque nós nos lembramos perfeitamente que, ainda há pouco tempo, ocorreu com acesso de rampagem do Comandante do II Exército, o Gal Lisch, e; então ele faz declarações a todos os jornais que, onde vão, não estejam em vou procurar, porque não há porta que se fecha, - porque isto, porque aquilo, é ad dizer que eu vou, porque sei e - que e tal; peitudo e os terroristas acabaram botando um bomba no - Quartel dele..."

Ainda em 20-08-1968, consta-nos, do Ministério da Guerra, que o programa "O Trabalho" da Radio Bandeirantes, sob a responsabilidade de epigrafado, continua atacando o governo e as Forças Armadas. No dia 13 de agosto p.p. pela manhã, declarou que é - um erro as Forças Armadas, saírem às ruas para enfrentarem passeatas e outros movimentos, em vez de combaterem a corrupção que existe em todos os setores, roubos de bancos, trem, etc.-

Em 19-12-1968, conforme declarações prestadas à imprensa desta Capital, o Gal. Silvio Carneira de Andrade, informou que o jornalista VICENTE LEFORAGE, fora chamado ontem para depor - em sindicância aberta pelo setor de Ordem Política e Social do DFF para prestar esclarecimentos, sobre afirmações que fizera em seu programa. Segundo o chefe do DFF, a sindicância poderá transformar-se em inquérito, caso o radialista vier a ser enquadrado na L.S.N.

Através do Ofício nº 9, de 08-01-1969, o Ministério da Justiça, solicita a este Departamento, informação sobre os antecedentes políticos de Sr. VICENTE FIDELICUS LEFORAGE, a fim de atender a inquérito nº 2/69, desta Dops.-

Conforme Relatório da Delegacia Especializada de Ordem Política, de 25-02-1969, consta-nos que achavam-se concluídos todos os atos necessários do inquérito, inclusive seu relatório, - quando novamente o indiciado Henry Wilson Young, volta pelas mesmas vias a praticar um fato idêntico a outro que dá ensejo a este procedimento, isto é, através de uma carta dirigida e lida pelo segredo.



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

DIVISÃO DE INFORMAÇÕES - OFI - DOPS.

Doc 4

- Fla. 03 -

diarista VICENTE LEPORACE, na qual insiste em suas invectivas contra a vacina anti-varicelosa.-

Boletim Informativo nº 53, do ONI, datado de 04-3-69 nos informa que o epígrafado, em virtude de injunções dos médicos, vai ser hospitalizado, para tratamento de emergência. Durante seu impedimento, estará dirigindo o seu programa, Salomão Hester. "Quero apenas que saibam, que por imperativo de ordem de saúde, não vou preso, não vou ser engadado, não estou sendo perseguido, aboglutamento".-

Conforme Ofício nº 315, de dia 27/03 1969, o Juiz Auditor da 1ª Auditoria da 2ª R.M. comunica a este Departamento, ter recebido denúncia oferecida pelo Dr. Procurador Militar, junto à qual Auditoria, contra o civil em referência, como incursos no art 14 da Lei de Segurança Nacional. Solicita também, informá-lo dos antecedentes políticos do referido acusado, a fim de serem anexados ao processo.-

Conforme publicação no jornal "Correio da Manhã" em sua edição de 08-10-1969, consta em nosso arquivo, que o radialista VICENTE LEPORACE, pela 3ª Voz, foi intimado a comparecer ao Departamento de Polícia Federal, em razão de noticiário por ele divulgado no seu jornal falado, na Rádio Bandeirantes. Depois de permanecer algumas horas no DFP, foi o jornalista notificado de que estava terminantemente proibido de fazer comentários desairosos em torno da polícia civil e da força pública do Estado. Consta que nas primeiras horas da noite, teria sido liberado.-

Inf. 52-Z-C-133

Conforme publicação no jornal "Última Hora", datado de 27-01-1970, consta-nos que o radialista VICENTE LEPORACE foi absolvido no processo que respondia na 1ª Auditoria de Guerra, por delito capitulado no art. 14 da Lei de Segurança Nacional. Segundo os autos, o referido homem de rádio, no dia 11-06-1968, proferiu pelo seu jornal falado "O Trabalho", conceito sobre a alta do dólar que a polícia federal considerou falso e tendencioso, constituin



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

Doc 4

DIVISÃO DE INFORMAÇÕES - CEX - DOPS.

-Fls. 04 -

constituindo deturpação da verdade com grandes danos para a economia nacional.-
50-Z-9-11398 - 20-C-43-1384

Em 03-03-1972, seu nome consta na chapa verde (oposição), como integrante do Conselho Fiscal, para concorrer às eleições no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo.-
30-B-38-457/456

Em 23-08-1972, consta nos pronunciamentos de VICENTE LE FERRE, em seu programa "O Embudo" da Rádio Bandeirantes: "O que está acontecendo com um cidadão brasileiro, paulista, chamado Benedito José Correa. Tomaram os filhos do Benedito, tomaram a mulher dele, a qual está metida em prisão de cárcere privado, os dois filhos dele não sabe onde estão. Deve existir algum negócio muito importante que não chegou ao conhecimento da imprensa. O fato é que o Benedito está desesperado e publicou no Diário da Noite, uma página inteira com suas declarações. Não houve contestação, a polícia não pode fazer nada e o Benedito José Correa continua desesperado atrás da esposa e dos filhos. Com advogado, com mandato de Segurança e não acha. A gente não pode arrearçar por esse candidato que é muito perigoso."

50-Z-0-12813

Em 1975, seu nome figura como membro da colenda congregação, por ocasião das solenidades de formatura da turma de 1975 de -
propedontes análikes da Escola Superior de Policialisa de São Paulo.

Arquivos não utilizados: 50-J-0-3840/3838
20-c-43-904 - 50-D-18-1945 - 50-R-67-650 - 50-Z-9-12467/12556
50-D-18-1945 - 50-H-57-650 - 50-Z-9-28610 - 50-Z-128-1636 - 50-J-0-4175
50-Z-376-468 - 50-Z-220-3540 50-D-26-4201 - 50-Z-9-41053/ 30-B-3-596
50-Z-0-3451/13541/13190/13177 - 50-Z-218-5381/5382 - Ordem 10-01-77



Doc 13

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL - SÃO PAULO

Delegacia de Ordem Política e Social

Of. n° 9/69/DOPS/C.

Em 8 de janeiro de 1969.

Do: Delegado Chefe da Delegacia de Ordem Política e Social
Ao: Ilmo. Sr. Diretor do Dept° de Ordem Política e Social/SSP/SP.
Assunto: Solicitação (faz)

AO Sr. Dir. de O.P. e O.S. de 1969
9 de Janeiro de 1969
SENHOR DIRETOR
DELEGACIA REGIONAL DE O.P. e O.S. SÃO PAULO

A fim de atender a inquérito, n° 2/69, desta DOPS/SP., solicito a V. Sa. mandar informar-nos sobre os antecedentes políticos do Sr. VICENTE FIDELICE LEPORACE, radialista.

Aproveito o ensejo para renovar a V. Sa. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

Dr. LUIZ DE OLIVEIRA LIMA

Delegado de Polícia

LOL/scn,

DEPT. DE O.P. e O.S.	DELEGACIA REGIONAL
S. Paulo	9
13	69
PROT. 9	7331

149 J. 14 10
C. P. 1 69
São Paulo, 14 de Janeiro de 1969

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)